

UM DOS MELHORES THRILLERS DE SEMPRE
O FENÓMENO INTERNACIONAL



N.º 1
TOP DE
VENDAS

Ela guarda
o bebé deles...

... e também
os seus segredos.

BARRIGA DE ALUGUER

FREIDA McFADDEN

AUTORA DO BESTSELLER MUNDIAL A CRIADA

alma
dos livros

BARRIGA DE ALUGUER

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt

© 2026

Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros

Copyright © Freida McFadden, 2018

Primeiramente publicado nos Estados Unidos em 2018 por Hollywood Upstairs Press.

Título: *Barriga de Aluguer*

Título original: *The Surrogate Mother*

Autora: Freida McFadden

Tradução: Carla Ribeiro

Revisão: Mariana Félix

Paginação: Pedro Panarra

Capa: Bernardo Torres/Alma dos Livros

Imagens de capa: Shutterstock

Impressão e acabamento: Cafilesa – Soluções Gráficas, Lda.

Depósito legal: 559240/26

1.^a edição: Março de 2026

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida
em qualquer forma sem permissão por escrito do proprietário legal,
salvo as exceções devidamente previstas na lei.

Este livro é uma obra de ficção.

Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares e acontecimentos
são produto da imaginação do autor ou usados ficticiamente.

Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas,
acontecimentos ou locais é mera coincidência.

Publicação apoiada no âmbito do PRR e UE - NextGenerationEU



FREIDA McFADDEN

BARRIGA DE ALUGUER

Tradução de
Carla Ribeiro

alma
dos
livros

Para a minha família.

Prólogo

Nas próximas vinte e quatro horas, serei presa por homicídio qualificado. Não sei como pode isto estar a acontecer. Não sou o tipo de pessoa que é presa por homicídio. *Não* sou. Nunca tive sequer uma multa por excesso de velocidade. Que raio, nunca atravessei sequer a estrada fora da passadeira. Sou a cidadã mais cumpridora da lei que alguma vez existiu.

– Têm um caso bastante sólido contra si, Abby.

O meu advogado, o Robert Frisch, não doura a pílula. Conheço-o há pouco tempo, mas já sei que não é do tipo de nos segurar na mão e se pôr com paninhos quentes. Honestamente, passou os últimos vinte minutos a enumerar todas as provas que a polícia tem contra mim, e, ao ouvi-las todas assim expostas, parece mau. Se eu estivesse a ouvir tudo o que o Frisch está a dizer no lugar de um terceiro imparcial, estaria a pensar para comigo: *Aquela mulher é decididamente culpada. Tranquem-na e deem fora a chave.*

Enquanto ouvia o meu advogado, o meu coração passou o tempo todo a palpitarme desvairadamente no peito. Na verdade, fez com que fosse um pouco difícil ouvi-lo em certos momentos. À minha direita, o meu marido, o Sam, está afundado na sua cadeira, com os olhos vidrados. Foi o Sam que contratou o Frisch. «É a tua melhor hipótese, Abby», disse-me.

Portanto, se não me pode ajudar, isso quer dizer que não tenho qualquer hipótese.

– É tudo circunstancial – digo, apesar de não estar certa de que seja esse o caso, ou do que são sequer ao certo provas circunstanciais. Mas uma coisa eu sei. – Não fui eu.

O meu advogado exala um longo suspiro e cruza os braços sobre o peito.

– Tem de compreender que, se isto for a tribunal, vai ser condenada.

– Se for a tribunal?

– Eu recomendaria um acordo – sugere. – Quando a prenderem...

Imagino a polícia a aparecer-me à porta, a pôr-me umas algemas de metal nos pulsos e a ler-me os meus direitos. *Tem o direito a permanecer em silêncio.* Será que dizem mesmo isso na vida real? Não quero descobrir.

– Se me prenderem – corrijo.

O Frisch olha para mim como se eu fosse louca. Há quase trinta anos que é advogado de direito penal; um dos melhores. Dá para ver como é bem-sucedido pelo

sofá de cabedal encostado à parede e pela secretária de mogno, onde tem uma foto em que aparece a dar um aperto de mão ao Barack Obama. Tenho dinheiro, contudo, a duração de um julgamento completo pode deixar-nos na penúria.

– Homicídio simples dá quinze anos a perpétua – explica-me. – Ao passo que, por homicídio qualificado, pode apanhar prisão perpétua sem possibilidade de liberdade condicional. Se se declarar culpada de homicídio simples...

– Quinze anos! – exclamo.

Não quero ir quinze anos para a prisão. Isso é uma vida. Não quero ir nem um dia para a prisão, mas quinze anos é impensável. Não consigo conceber isso. Não posso fazer um acordo que me garantirá quinze anos de prisão. *Não posso.*

Olho para o Sam, esperando ver-lhe uma expressão igualmente indignada no rosto. Em vez disso, continua com o mesmo olhar vítreo. Olha fixamente para a parede atrás do Frisch e, ainda que eu lhe tente capturar o olhar, o meu marido recusa-se a encarar-me.

Achará que fui eu?

Será que o meu próprio marido julga que sou uma assassina? Conhece-me melhor do que ninguém no mundo, portanto, se acredita que sou culpada, que hipóteses tenho com um júri?

Mas não sou culpada. Não fui eu. Eu não matei ninguém...

Pois não?

UM ANO ANTES

Neste momento, a minha vida é basicamente perfeita. Há um par de anos, não poderia dizer isso. Há um par de anos, teria preferido cortar os pulsos a plantar-me diante de uma sala cheia de executivos da Cuddles, «o nome acabado de chegar ao mundo das fraldas», para lhes apresentar uma nova campanha publicitária, cheia de dúzias de fotos de bebés angelicais com auréolas na cabeça e o *slogan*: «Porque o seu anjinho merece.» Teria feito a apresentação, claro, contudo, o sorriso no meu rosto não seria genuíno, como o é hoje.

No entanto, neste momento, tudo está exatamente como quero que esteja. Bem, não *exatamente*, mas muito perto disso: tenho o emprego que sempre desejei, sou casada com um homem maravilhoso, e, dentro de algumas breves semanas (dependendo dos caprichos dos Deuses do Parto), vou ser mãe pela primeiríssima vez.

Pode-se dizer que tenho um brilho à minha volta.

– Esta nova campanha – digo, apontando para a imagem projetada no ecrã – tem o potencial para lançar a Cuddles para o mesmo nível da *Huggies* e da *Pampers*.

Volto o olhar para o Jed Cofield, vice-presidente executivo de *marketing* da Cuddles. É um homem na casa dos quarenta, com um basto cabelo castanho-escuro, uns olhos negros penetrantes e um fato *Hugo Boss*. Apesar de ter uma aliança de ouro na mão esquerda, desde que trabalho com este sujeito, há dois anos, posta-se sempre um pouco mais perto do que o necessário ao falarmos – tão perto que consigo identificar com precisão o que comeu na sua última refeição. Mesmo agora – com a minha iminente maternidade – vejo-o descer os olhos pela extensão do meu corpo.

Antes de ser promovida ao meu atual cargo de diretora de estratégia de conteúdo na Stewart Advertising, aprendi muito sobre como parecer confiante. O contacto visual é fulcral. Posto isto, fixo o olhar no do Jed, endireito a minha postura e recuo os ombros.

Tenho todas as razões para estar confiante. Sei que a minha campanha é fantástica. Matei-me a trabalhar para me assegurar disso.

– Como se saiu esta campanha junto do público feminino entre os vinte e cinco e os trinta e quatro anos? – pergunta-me o Cofield.

É uma excelente pergunta. No que à Cuddles diz respeito, no mercado das fraldas, as mulheres entre os vinte e cinco e os trinta e quatro anos são basicamente o público-alvo. Poucos homens de sessenta anos compram fraldas para bebés, por mais convincentes que sejam os nossos anúncios. Claro que eu já passei da idade desse público principal e, não obstante, tenho uma embalagem de fraldas para recém-nascido guardada no roupeiro, contudo, não há necessidade de salientar isso.

A Denise Holt, a diretora de *marketing* e também minha chefe, abre a boca para responder à pergunta. Há três anos, talvez a deixasse, mas parte de sermos confiantes é não deixarmos o nosso chefe responder às perguntas por nós.

– Adoram a campanha, Jed – revelo, antes de a Denise poder dizer uma palavra que seja. Primo um botão no meu controlo remoto, abrindo um painel de dados. – Depois de verem a nossa campanha, a probabilidade de escolherem a Cuddles em vez das outras principais marcas era 53% superior. – Vejo-o arquear as sobrancelhas e prossigo. – E, além do nosso grupo-alvo original, esta campanha teve também um impacto profundo nas mulheres entre os trinta e cinco e os quarenta e quatro anos. Como sabe, as mães mais velhas constituem pelo menos 30% do mercado de compra de fraldas.

O Cofield assente, impressionado.

– Efetivamente, é verdade.

Volto a estabelecer contacto visual com o Jed.

– Vamos arrasar.

Está a sorrir, mas a Denise não. Conheço a minha chefe há muito tempo, e sei que não gosta que lhe façam sombra. Foi ela quem me contratou, há já muito tempo – há já mais de uma década. Ainda me lembro de entrar desajeitadamente no seu gabinete e de ficar aterrorizada com os seus olhos azul-gelo e o seu cabelo louro, apanhado num impecável coque francês. Remexi na gola do meu casaco enquanto balbuciava a minha ensaiada lista de razões para querer trabalhar na Stewart Advertising e, mais especificamente, para a infame Denise Holt.

Contratou-me, e então ensinou-me tudo o que sei, incluindo como apanhar o meu cabelo preto esverdeado num coque francês, que aparentemente se chama um «*chignon*». (Quem diria?) Só quando soube que eu estava a tentar ter um bebé é que a nossa relação se deteriorou.

– Adoram-na, hã? – pergunta o Cofield.

– Sim – assinto.

O seu sorriso expande-se.

– Bem, eu também adoro. É brilhante.

Exteriormente, mantenho a calma, mas, por dentro, estou aos pulos de alegria. *O vice-presidente da Cuddles adora a minha ideia. Adora-a! Diz que é brilhante!*

Não consigo evitar lançar um sorriso triunfante na direção da Denise, que não foi mais nada senão pessimista durante todo o tempo que passei a trabalhar nesta campanha. Ainda ontem tentou convencer-me a adiar esta reunião, porque «está longe de estar pronta». Quando insisti em ir avante, acusou-me de estar com «cérebro de bebé».

A minha chefe optou por se manter livre de obrigações maternas. Quando comecei a trabalhar para ela, incutiu-me, uma e outra vez, que nada destruíra uma carreira tão depressa como parir uns quantos fedelhos. A carreira da Denise é tudo para ela, e a verdade é que é extremamente bem-sucedida. Naquela altura, eu também achava que a minha carreira era tudo para mim, mas então o Sam apareceu e convenceu-me do contrário.

Não me arrependo de nada. Está tudo a correr às mil maravilhas para mim.

– Diga-me, Abby. – O Jed arqueia-me as sobrancelhas. – Vai comprar Cuddles para o seu bebé?

– Claro – minto. – Quero o melhor.

Pois, nem pensar que vou pôr essas fraldas manhosas no meu filho.

Acertamos mais alguns pormenores e, por fim, trocamos apertos de mão. O Jed Cofield pisca-me o olho enquanto isso, e eu aperto-lhe firmemente os dedos, tal como a Denise me ensinou há anos. Os seus dedos quentes demoram-se nos meus por um instante a mais do que o necessário. Este tipo tem sido o meu maior fã desde que comecei a trabalhar na campanha da Cuddles, por isso não lhe vou guardar rancor por causa de um aperto de mão um ou dois segundos mais longo do que eu gostaria.

No entanto, se acha que vai conseguir algo mais de mim, está redondamente enganado.

– Parabéns – diz-me o Jed.

Não sei se se refere ao sucesso da minha apresentação ou à minha iminente maternidade, contudo, limito-me a sorrir.

– Obrigada – respondo.

Quando o Cofield e os seus associados deixam a sala, eu e a minha chefe ficamos a sós. Tempos houve em que ficava empolgada com qualquer oportunidade de ficar a sós com a minha inspiração, mas, hoje em dia, evito-a como à peste. Dado que correu tudo tão bem na apresentação, seria apropriado que a Denise dissesse algo positivo ou até *elogioso*, contudo, esta tem uma expressão azeda no rosto que me diz que não vou receber elogios.

– Queria falar consigo, Abigail – anuncia.

A minha chefe é a única pessoa no trabalho que me trata por «Abigail» em vez de por «Abby». Costumava gostar disso – o nome fazia-me parecer uma executiva, em vez de uma rapariga sardenta e com totós no recreio. (Costumava ter sardas e totós.)

Durante algum tempo, tentei convencer toda a gente no trabalho a tratar-me por «Abigail», mas não colou. Agora, o som desse nome nos seus lábios faz-me calafrios.

– Sobre o quê? – pergunto. Esboço o sorriso falso, aquele que agora utilizo sempre ao falar com a minha chefe, apesar de se tornar cada vez mais difícil. Um dia, estarei a falar com a Denise e serei simplesmente incapaz de sorrir; será fisicamente impossível.

Estuda o meu visual; o meu casaco e a minha saia são *Armani*. No mês em que os comprei, o Sam procurou-me com o extrato do cartão de crédito e uma expressão de horror no rosto.

– Alguém roubou o nosso cartão de crédito, certo? – perguntou. – Não gastámos *realmente* isto tudo, pois não?

Tive de lhe dizer que sim, que tínhamos gastado. Gastei decididamente assim tanto num único fato, e *valeu a pena*. O meu marido diz que os seus fatos da *Men's Wearhouse* parecem idênticos a qualquer coisa que pudesse comprar na *Armani* ou na *Prada*, mas está errado. Talvez não haja diferença do fundo de um auditório, que é tudo o que lhe interessa – no entanto, de perto, qualquer pessoa minimamente competente sabe distinguir um fato caro de uma imitação barata. E os executivos a quem apresento campanhas respeitam quem se veste bem – nesse sentido, a minha roupa paga-se sozinha.

Outra lição que aprendi com a Denise.

– Como está? – pergunta-me a minha chefe.

– Bem – respondo cautelosamente, porque qualquer coisa mais otimista do que isso é uma deixa para a mulher me dificultar a vida.

– Maravilhoso, maravilhoso. – Bate com uma unha pintada de vermelho-escuro no queixo. – Lembre-me lá: quanto tempo tenciona tirar de licença de maternidade? Oito semanas?

Um músculo contrai-se no meu maxilar.

– Doze semanas.

– Doze? – Arregala os olhos de espanto, apesar de já termos tido esta exata conversa quase uma dúzia de vezes. – Tanto tempo?

O músculo volta a contrair-se. Tive a minha primeira enxaqueca mais no início deste ano, após uma discussão particularmente tensa com a minha chefe – não posso deixar que me afete.

– Doze semanas é admissível como licença de maternidade – observo.

– Eu sei. – Os seus olhos azul-gelo semicerram-se na minha direção. – Mas isso não quer dizer que *tenha* de tirar doze semanas, pois não? Parece imenso tempo. Os seus clientes vão ficar desiludidos.

– Posso fazer parte do meu trabalho a partir de casa durante o último mês – digo. Foi um acordo a que chegámos. – Vão todos ficar com parte da minha carga de trabalho. E, claro, a minha assistente, a Monica, estará cá para ajudar.

– *A Monica estará cá para ajudar* – repete, num tom vagamente trocista. Pestaneja algumas vezes. – Bem, talvez devêssemos dar o seu cargo à *Monica*, nesse caso?

Se lhe partisse a cara, despediam-me. Tenho de lembrar isso a mim mesma. Uma e outra vez.

– Estou só a brincar – diz a Denise, apesar de não estar a sorrir. – É claro que tem direito às suas doze semanas, Abigail. Esperava apenas que pudesse reconsiderar.

Não vou reconsiderar. Adoro a minha carreira, contudo, pensei longa e seriamente nas minhas prioridades. Não vou ter pressa em regressar ao trabalho. Não me interessa se a minha chefe me odeia por isso. E sejamos realistas – não me odiaria menos se tirasse só quatro semanas.

– Enfim – diz, dando uma palmadinha no seu *chignon* perfeito, o que me faz erguer automaticamente a mão para o meu próprio coque francês. Sinto que uma madeixa se soltou e apresso-me a enfiá-la atrás da orelha. A Denise deve gastar uma lata de laca por dia para manter o seu intacto, apesar de não parecer. A verdade é que o cabelo dela parece sedoso e perfeito. – Julgo que a Shelley planeou uma espécie de... *festa* para si na sala de descanso.

Estou bem ciente de que a minha melhor amiga, a Shelley, marcou um chá de bebé para mim a seguir a esta reunião – teria preferido fazer-me uma surpresa, no entanto, dado o meu calendário apertado, era impossível. É querido da sua parte, mas, ao fim de quinze minutos, terei decididamente de inventar uma desculpa e de me escapular. Tenho a tarde cheia – dadas as circunstâncias, não vou chegar a casa até às oito ou nove desta noite.

– Temo não poder ir – informa-me a Denise, o que não me surpreende. Não guardou segredo de que não aprova eventos que são um «desperdício do tempo de todos», como chás de bebé. – Mas, por favor, assegure-se de que limpa o lixo todo da sala no final.

Mordo a língua para me impedir de lhe lembrar que já não sou sua assistente e que já não me pode mandar limpar o lixo. Seja como for, mantenho a boca fechada, porque estou feliz. Consegui impressionar o pessoal da Cuddles e estou prestes a ir a um chá de bebé em minha honra. Um *chá de bebé*. Para *mim*.

Desde que trabalho na Stewart Advertising, fui a sensivelmente dois milhões de chás de bebé. Bem, talvez esteja a exagerar um pouco. É possível que só tenha ido a um milhão de chás de bebé. Ou talvez setecentos e cinquenta mil. De certeza que não menos de meio milhão.

Mas agora, pela primeira vez, o chá é para mim. Não para a Elsa da recepção, que teve pelo menos uma dúzia de filhos desde que aqui trabalha. Nem para a Shelley, que tem uns mais respeitáveis dois. Este chá é para *mim*. As mini sanduíches que estarão empilhadas ao canto terão sido trazidas em *minha* honra. Os presentes cuidadosamente dispostos ao canto da sala serão para *mim*. A primeira fatia de bolo de chocolate e avelã será entregue a *mim*.

Só há uma coisa que diferencia este chá de bebé de todos os outros dados para as mulheres da minha empresa: eu não estou grávida.

— **A**qui tens o teu biberão, Abby.
A Shelley mete-me um biberão na mão. Está cheio de... bem, não de leite, mas sim de um líquido âmbar.

— Mais um minuto e começamos.

Ergo o biberão para a luz.

— O que tem dentro?

— Sumo de maçã — responde a minha melhor amiga, piscando-me o olho, o que me deixa preocupada.

— Não vou beber *whisky* no trabalho, Shelley — silvo-lhe.

— É *sumo de maçã*.

Já jogámos a este jogo... bem, pelo menos meio milhão de vezes. Toda a gente recebe um biberão de líquido, bebendo pela tetina, e vence quem acabar primeiro. É apenas um dos vários jogos patetas para chás de bebé que concebemos e aperfeiçoámos ao longo dos anos.

Quando comecei a trabalhar na Stewart, achava os jogos genuinamente hilariantes. Algures entre o terceiro e o décimo teste de gravidez negativo, deixaram de ter tanta graça. Por volta do vigésimo teste negativo, tornaram-se uma forma de tortura. Sempre que via aquelas grandes barrigas volumosas, apetecia-me esconder-me num dos cubículos da casa de banho, soluçar e não celebrar fazendo pequenos *Frankenbebés* a partir de recortes de revistas. Geralmente, ficava cerca de cinco minutos antes de me retirar com a desculpa da minha pesada carga de trabalho — era verdade que tinha montes de trabalho, contudo, não era essa a principal razão pela qual fugia da sala como se estivesse em chamas.

Seja como for, hoje estou a divertir-me, porque, após anos de sofrimento, estou no limiar da maternidade. Daqui a cerca de três semanas, vou tornar-me na orgulhosa mãe de um rapaz recém-nascido, cuja mãe biológica de dezasseis anos vive atualmente em Tucson, no Arizona. Disse à Shelley que não tinha a certeza de que uma adoção justificasse um chá de bebé, mas ela insistiu para que eu recebesse o mesmo tratamento que todas as senhoras de barriga grande.

A porta da sala de reuniões abre-se e a minha assistente, a Monica, entra com um bolo de fraldas comicamente grande. Está enfeitado com uma fita azul e tem um

ursinho de peluche, também azul, agarrado à lateral. Os braços da pobre Monica tremem-lhe do esforço de o segurar, e apresso-me a ir pegar na outra ponta antes que deixe cair tudo ao chão.

– Um bolo de fraldas da Cuddles – anuncia, arquejante, enquanto baixamos a monstruosidade para a mesa de banquete. – É um pouco... grande.

Sorrio para comigo, imaginando o Jed Cofield a dizer à sua secretária para enviar este bolo gigantesco. É terrível que tenha a secreta esperança de que as fraldas no bolo sejam de qualquer *outra* marca que não Cuddles?

Reviro os olhos à Monica.

– Da próxima vez, peço um queque de fraldas.

A rapariga tapa a boca com a mão enquanto se ri. Há seis meses que está comigo, desde que a minha antiga assistente, a Gertie, caiu e partiu a anca, após o que foi não muito ligeiramente pressionada pelas instâncias superiores a pedir a reforma antecipada. E tem sido incrível ter a Monica. Não que não gostasse da Gertie, que fazia umas bolachas com pepitas de chocolate mesmo incríveis, mas era tão *lenta* em tudo. Tipo, até vê-la atravessar a sala era doloroso. E, além disso, não sabia como enviar documentos para a impressora a partir do seu computador. Até o *fax* era um pouco complicado para ela – acho que ainda não tinha sido inventado quando começou a trabalhar na Stewart. Honestamente, nem sequer sei se os telefones já teriam sido inventados naquela altura. No entanto, provavelmente, já tinham sido criados o fogo e a roda.

Portanto, sim, a Monica é uma verdadeira lufada de ar fresco. Está em inícios dos vinte, recém-licenciada em Artes e Matemática, e é esperta como um alho. Absorve tudo como uma esponja. Ter esta rapariga a trabalhar para mim aumentou a minha eficiência em pelo menos... 68%.

Soube logo durante a nossa entrevista que ia ser a minha nova assistente. A sua aparência lembrava-me tanto a minha, desde o cabelo preto esverdeado, desajeitadamente apanhado num puxo atrás da cabeça, ao fato mal ajustado e ao sorriso demasiado ávido. E então, em vez de me elogiar pela campanha da Cuddles, como todos os outros candidatos que entrevistei, a Monica falou efusivamente e ao pormenor de uma campanha que fiz há anos para uma empresa de iogurtes – uma que não era tão conhecida, mas da qual me orgulhava particularmente. Isso mostrava que a rapariga tinha feito a sua pesquisa.

E quando lhe perguntei o que queria obter do cargo, respondeu:

– Quero aprender tudo o que sabe.

Contratei-a na hora.

Depois de ajeitar o bolo de fraldas em cima da mesa, a Monica franze o sobrolho perante uma pilha de bonés dos Yankees de tamanho para bebés ao lado. Rio-me da expressão de perplexidade no seu rosto.

– A Shelley queria que os usássemos, mas não conseguiu convencer ninguém. Fazia-a ganhar o dia se pusesse um.

A Monica sorri.

– Oh, não. Cresci fã dos Red Sox. Ia a todos os jogos em pequena. Seria incapaz de pôr um boné dos Yankees. Nunca mais me deixariam voltar a casa!

– Bem, eu sou fã dos Yankees – revelo – e, mesmo assim, não quero pôr o boné.

Nesse momento, a Shelley aproxima-se a correr e enfia um biberão nas mãos da Monica.

– Dez minutos até à hora de emborcar – avisa.

– Oh. – A rapariga cora e lança-me um olhar. – Ainda tenho de redigir as minutas da reunião desta manhã e de tirar cópias para a...

– Não, não tem. – Ponho uma mão no ombro dela. – Tem vindo a esforçar-se tanto, e a Cuddles adorou a nossa apresentação de hoje. Pode fazer uma pausa para um chá de bebé.

– Bem, deixe-me ao menos limpar a...

– *Não*. – Lanço-lhe um olhar acutilante. – Quero que relaxe. Divirta-se um pouco. Merece-o tanto como qualquer um de nós.

A minha melhor amiga pisca-lhe o olho.

– Tem sorte, Monica. A Abby é demasiado simpática para a equipa dela. Se fosse *minha* assistente, punha-a imediatamente a apanhar copos de plástico do chão.

Estudo a sala e... uau, de facto, há muitos copos de plástico no chão. Os funcionários da Stewart são um bando de desmazelados. A Denise estava certa ao referir a situação do lixo. Seja como for, temos uma equipa de limpeza aqui – a Monica é a minha *assistente* pessoal.

– Suponho que podia... – Lança um olhar à sala com os seus olhos castanho-escuros. Às vezes, quando a olho nos olhos, sinto-me como se me estivesse a ver ao espelho. O seu cabelo preto esverdeado é igual ao meu, apesar de o ter perfeitamente liso, ao passo que o meu me cai em ondas aleatórias à volta do rosto. Eu e a Monica somos realmente um pouco parecidas, apesar de ela ser mais de uma década mais nova do que eu. Às vezes, gosto quando as pessoas comentam as semelhanças entre nós, ainda que não tanto quando o Jack do departamento criativo lhe chama «Abby Dois Ponto Zero». – Eu fico, mas só alguns minutos. Depois, devia mesmo voltar ao trabalho!

Sinceramente, se as coisas não resultarem com este bebé, talvez me limite a adotar a Monica.

– É tão simpático da parte da Cuddles enviar todas estas fraldas – comenta. – Ouvi dizer que as fraldas são muito caras, na verdade.

– Oh, a Abby não tem de se preocupar com isso – diz a Shelley, com um risinho.

– A família é muito rica. O avô dela fez um investimento numa empresa muito

grande, logo no início.

Suspiro. Detesto quando fala no dinheiro da minha família – é embaraçoso e de mau gosto.

– Shelley...

– A Abby não quer que lhe diga qual é a empresa – prossegue. – Mas vou dar-lhe uma pista: é possível que tenha agora mesmo um produto dessa empresa na sua bolsa.

– Shelley...

– Eis outra pista: não é uma laranja...

– Shelley!

Ela ri-se.

– Não te preocupes, Abby, não vou contar o teu segredo. – Sorri à Monica. – Mas, enfim, tem um grande fundo fiduciário, por isso não tem de se preocupar com o preço das fraldas, acredite.

Não está inteiramente errada. É certo que tenho um pequeno fundo fiduciário, que me ajudou a ultrapassar alguns períodos difíceis, no entanto, não é dinheiro infinito. Vivo bem, mas não sou rica. Dito isto, o preço das fraldas não é decididamente algo com que precise de me stressar.

A Monica afasta-se para ir buscar uma sanduiche, mas a Shelley deixa-se ficar ao meu lado. Tem uma expressão imperscrutável no rosto. Há dez anos que a conheço, desde que éramos as duas humildes assistentes, mas ainda me custa adivinhar em que está a pensar.

– Estás a ficar nervosa, Abby? – pergunta-me a minha melhor amiga.

Lanço-lhe um olhar.

– Estás a falar de quê? Arrasei na apresentação da Cuddles.

– Não é a isso que me refiro. Estás nervosa em relação ao B-E-B-É?

Abano a cabeça.

– Não. Vamos ficar bem.

– E quanto ao Sam? Como se está a aguentar?

Não consigo evitar um sorriso.

– Está *muito* entusiasmado. É adorável. Passou todo o dia de ontem a montar o berço.

– Oh, certo, tinha-me esquecido. O Sam é perfeito.

– Não é nada perfeito...

– É, sim. – A Shelley bebe um gole do seu biberão. O que raio *está* nestas coisas?

– Põe o lixo na rua, limpa, lava a roupa... presumo que até troque o rolo do papel higiénico mais do que uma vez por milénio. Agora até cozinha...

– Eu não iria tão longe – respondo. Nos últimos meses, motivado pela emoção da chegada do novo bebé, o meu marido decidiu que ia aprender a cozinhar. Os

resultados têm sido variados. Não, isso é ser simpática – ele é péssimo nisso. Seria de esperar que, ao limitar-se a seguir uma receita, conseguisse atingir algum nível de competência, mas não.

– Bem, que importa que não saiba cozinhar? – questiona-me. – O mais importante é que continua desesperadamente apaixonado por ti, apesar de serem casados há *séculos*. E o melhor de tudo é que continua super jeitoso. Não lhe caiu nem um cabelo da cabeça, ao passo que o Rick está praticamente *careca*.

Quase me rio da expressão no rosto da minha melhor amiga.

– O Rick não está careca.

– Não, eu disse *praticamente* careca. Careca seria melhor! Em vez disso, agarra-se pateticamente àqueles últimos fios. – Cerra os maxilares. – Um dia, juro que lhos rapo enquanto dorme.

– Continuaria a achar o Sam igualmente bonito mesmo que ficasse careca.

– Por favor, pára, Abby. Vais fazer-me vomitar.

– Bem, desculpa.

A Shelley finge sempre ter inveja de mim, mas a verdade é que o marido dela, o Rick, também é um homem muito bom. E um excelente pai, tanto quanto consigo perceber. Mas sim, tenho de admitir, o Sam é mais atraente e menos careca. Seja como for, isso não é tão bom como o pintam. Gosto de ter um marido atraente, contudo, não é assim tão maravilhoso quando esse marido atraente é um professor de Matemática que trabalha com jovens estudantes universitárias.

Não que ache que o Sam seria capaz de me trair ou assim, mas...

Bem, não seria. No entanto, às vezes, gostava que trabalhasse numa universidade exclusivamente masculina.

Sinto os meus ombros relaxar enquanto converso com a minha melhor amiga. Talvez possa passar mais de quinze minutos aqui. Nos últimos três meses, não fiz mais nada a não ser matar-me a trabalhar na campanha da Cuddles – tenho direito a pelo menos vinte minutos para desfrutar de uma festa dada em minha honra. Quantas vezes vou ter um chá de bebé?

Ergo o biberão na minha mão e bebo um longo gole da tetina. E... raios. É *mesmo* sumo de maçã. Bem, suponho que não vou desfrutar assim *tanto* desta festa.

Estou prestes a sugerir à Shelley irmos beber um copo depois do trabalho quando a porta da sala de reuniões se entreabre. Fico boquiaberta quando o rosto familiar do meu marido surge à porta. Uma cálida sensação de alegria enche-me o peito, como sempre que vejo inesperadamente o Sam. Não posso acreditar que a Shelley o convidou! É a melhor.

– Ei, é o pai! – exclama, ao vê-lo à porta. – Sam! Vem beber um biberão!

O meu marido esboça-lhe um sorriso torto. Sempre que aparece subitamente, sinto um sobressalto ao reparar em como é bonito. Um homem como ele facilmente se podia ter tornado um mulherengo, mas a verdade é que é um pouco tímido e parece muitas vezes embaraçado com o impacto que tem no sexo oposto – como quando as suas alunas se referem a ele como «Professor McJeitoso». Usa óculos, porque as lentes de contacto são «inúteis», nunca comprou um frasco de gel para o cabelo na vida e nunca pôs sequer os pés numa loja *Armani*, e, ainda assim, consegue virar cabeças com frequência.

– Olá – digo. Tenho agora um sorriso tão grande que começa a doer. – Não acredito que pudeste vir. Não tinhas uma palestra esta tarde?

– Hã, sim. – O Sam coça a barba no queixo, pois só se barbeia dia sim, dia não, apesar de precisar mesmo de o fazer todos os dias. Fica ridiculamente *sexy* nos dias em que não faz a barba. – Ei, hã, Abby...

Ergue os olhos castanhos para os meus. O meu marido tem uns olhos muito afáveis. Dizem que os olhos são o espelho da alma e, se assim for, o meu homem tem a melhor alma que alguma vez conheci. Tem muitas qualidades, contudo, foram os seus olhos doces que me fizeram apaixonar por ele.

E, só de olhar para esses olhos, sei que algo horrível se passou.

– Está tudo bem? – pergunto, no entanto, apostava tudo em como não está.

O Sam olha para a sala, com as orelhas a ficar vermelhas.

– Abby, podemos falar? Lá fora?

Faz-se instantaneamente silêncio. Isto é muito mau. Não sei o que me vai dizer, e não quero saber. Quero viver em há cinco minutos – quando estava a passar um (relativo) bom bocado no meu primeiro e único chá de bebé. Antes de o meu marido aparecer e tudo desabar.

O Sam pega-me na mão assim que me junto a ele à porta. A sua mão grande e quente envolve a minha, puxando-me pelo corredor, para lá de uma grande e frondosa planta e do dispensador de água.

– Sam – digo. – O que se passa?

– Vamos conversar no teu gabinete.

Solto a mão da dele e agarro-o pelo cotovelo, arrastando-o para o nicho junto à fotocopiadora.

– Não, vamos conversar *aqui*.

– Está bem, mas... – Os seus olhos dardejам em volta. – Talvez te devêssemos ir buscar uma cadeira...

Quer que me sente. Oh, meu Deus. Acho que vou vomitar.

– Sam – insisto, o mais pacientemente que posso. – Queres fazer o favor de me dizer que diabos se passa?

O meu marido foca novamente os olhos castanhos no meu rosto. Uma ruga profunda forma-se entre as suas sobrancelhas.

– A Janelle desistiu.

– O quê?

– Acabei de receber a chamada do Steve. – Passa uma mão pelo cabelo castanho-claro. Tem os dedos a tremer. – Disse que a Janelle mudou de ideias. Quer ficar com o bebé.

– O quê?

As minhas pernas parecem borracha. O Sam tinha razão – devíamos ter ido para o meu gabinete. Ou devia ter esperado por uma cadeira.

– Algo sobre a mãe dela ir ajudar ou... não sei. – Suspira. – Tanto faz. Vai ficar com ele.

– Ela... pode fazer isso? – gaguejo. – O nosso contrato diz...

– Tem o direito a voltar atrás. – Por um momento, o meu marido fecha os olhos, e então, quando os volta a abrir, vejo pela primeira vez que estão ligeiramente raiados de sangue. – Não podemos lutar com ela em tribunal pelo bebé. Jamais ganharíamos.

A minha visão começa a afunilar. O mundo inteiro está a desaparecer e tudo o que consigo ver é o rosto do Sam à minha frente. Forma-se-me um nó na garganta, e sei que estou a segundos de desatar a chorar.

– Abby? – A sua voz soa distante. – Estás... estás bem?

– Não – sussurro. – Não estou.

Caio-lhe nos braços e, embora ainda haja algumas pessoas nos seus cubículos que, provavelmente, nos podem ver, deixo as lágrimas cair. Talvez «deixo» seja a palavra errada. Sou impotente para parar estas lágrimas.

Pelo menos o Sam está aqui. Quando recebeu a notícia, estava sozinho. Não posso imaginar como deve ter sido para ele. Queria este bebé tanto quanto eu. Vejo-lhe nos olhos como está devastado.

– Vou levar-te para casa, está bem? – diz. – Trouxe o carro.

Casa. Onde o quarto de bebé está preparado para o bebé que não vamos receber. Como podemos voltar para lá? Não aguento. Além disso...

– O chá de bebé... – A ideia de voltar à sala com o enorme bolo de fraldas é como uma punhalada no peito. – Tenho de lhes dizer.

– Eu digo-lhes – responde. – Espera aqui.

O Sam é um marido tão maravilhoso.

É por minha culpa que não podemos engravidar. *Ele* é normal. Esperma perfeito. Esperma de primeira. Eu é que sou defeituosa.

– Não tens de... – murmuro.

– Eu digo-lhes – repete, desta vez com mais firmeza. – Mas não saias sem mim. Prometes?

Assinto mudamente. Não vou discutir com ele.

– Vai ficar tudo bem – garante-me. – A sério.

Só que não sei quem está a tentar vencer – a mim ou a si mesmo.

Não dizemos uma palavra um ao outro no caminho para casa. Até o carro do Sam é uma lembrança deprimente do que perdemos. Desde que o conheci que conduzia um *Honda Civic* de mil novecentos e noventa e sete. Já era velho quando o comprou usado, e chegou a tal ponto que tinha de dizer uma oração de cada vez que rodava a chave na ignição. Implorei-lhe que o trocasse por algo mais seguro e fiável, insistindo em que tínhamos dinheiro para lhe comprar qualquer carro que quisesse, contudo, o meu marido agarrava-se àquele como se fosse o seu primeiro filho.

Então, quando soubemos que de certeza que tínhamos um bebé a caminho, o Sam livrou-se do seu velho *Civic*, sem que fosse preciso pedir-lhe, e comprou um *Toyota Highlander* novinho em folha. É um SUV grande e seguro, com uma cadeirinha

automóvel presa atrás que, provavelmente, nunca iremos utilizar. Só de olhar para essa cadeirinha, apetece-me desatar a chorar.

Devia ter apanhado o metro para casa.

Quando chegamos ao nosso apartamento, tenho os olhos inchados e as faces pegajosas das lágrimas. O Sam deixa-me à entrada para poder ir estacionar o carro. Recusa-se a deixar-me desembolsar a taxa exorbitante da garagem por baixo do nosso prédio, por isso passa metade do seu tempo a esquadrihar o bairro em busca de lugares de estacionamento vazios. No seu dia de folga, arrasta-se da cama às seis da manhã para ir mudar o carro de lugar a fim de evitar uma multa. Tencionava insistir em pagar pela garagem quando o bebé chegasse, mas isso já não vai ser um problema.

Enquanto subo sozinha até ao nosso apartamento, sinto uma vaga de ressentimento pela teimosia do meu marido. Não quero enfrentar sozinha a porta aberta do que teria sido o quarto do bebé. Capto um vislumbre da madeira castanho-clara do berço e da tinta amarela na parede, antes de fechar a porta com um sonoro estalo.

O meu telemóvel vibra dentro da minha bolsa. Não há ninguém com quem queira falar neste momento, mas presumo que seja a Shelley a tentar dizer algo reconfortante. Tiro o aparelho e vejo a mensagem de texto que enche o ecrã. É nada menos do que a minha chefe favorita, a Denise:

Lamento saber da sua situação. Presumo que posso cancelar as suas doze semanas de licença de maternidade, certo? Além disso, por favor, avise-me o mais rápido possível se precisar de tirar o dia amanhã.

Por amor de Deus, não me podia deixar fazer o luto por uma hora? A Denise costumava ser a mulher que mais respeitava em todo o universo, contudo, neste momento, odeio-a. *Odeio* a minha chefe. Não, «odeio» não é uma palavra suficientemente forte para o que sinto por ela. «Detesto-a» ou «abomino-a» também não servem. Alguém tem de inventar uma nova palavra para descrever o que sinto neste momento pela Denise Holt.

Só que nada disto é culpa da Denise, e, há uma hora, ela era só mais uma irritação na minha vida, em vez de o objeto do meu ódio fervilhante. Por isso, talvez devesse evitar responder imediatamente à sua mensagem, porque não me posso dar ao luxo de dar uma descasca à minha chefe. O meu emprego é tudo o que me resta.

Olho para o relógio. Quanto tempo leva o Sam a estacionar um maldito carro?

O telefone fixo junto ao sofá começa a tocar. Nem sei por que raio temos esta maldita coisa, visto que todas as chamadas importantes vão para os nossos telemóveis. Tudo o que recebemos na linha fixa são operadores de *telemarketing*, no

entanto, por outro lado, não me importava nada de gritar com um operador de *telemarketing* neste preciso instante. Talvez me fizesse sentir melhor.

Atravesso a sala de estar para atender a chamada, mas, antes que o possa fazer, tropeço em algo e bato com o joelho na mesa de centro. A nossa mesa de centro é uma daquelas pesadas mesas de mármore maciças, e *caraças*, isto dói. Esfrego o meu joelho vermelho, procurando o objeto que me fez tropeçar.

É uma alcofa. A que chegou esta manhã.

Claro.

Puxo o auscultador do gancho, pronta para gritar com a voz que surgir do outro lado da linha. *AT&T? Verizon? Progressive Auto Insurance?* Não sou picuinhas – grito com seja quem for neste momento.

Só que a voz do outro lado da linha não parece de um operador de *telemarketing*. É uma voz jovem, feminina e ligeiramente hesitante.

– Estou?

– Sim? – respondo, impacientemente. O meu joelho começa a latejar a sério. Provavelmente, devia ir buscar um saco de gelo ao congelador para evitar que inche demasiado. Se conseguir andar, quero dizer. – O que é?

– Fala da... residência do doutor Sam Adler?

Franzo o sobrolho.

– Sim...

– Oh, ótimo – diz a rapariga. Deixa escapar um risinho. – Hã, chamo-me April e estou na turma de Cálculo do doutor Adler. Tinha algumas perguntas sobre o exame de sexta-feira. Ele está... *disponível?*

Não devia ficar surpreendida. Há alguns anos, tirámos o nosso número da lista telefónica, porque isto acontecia constantemente. Raparigas das turmas do Sam procuravam o número de telefone do seu bem-parecido professor e ligavam-lhe, na esperança de... bem, não sei o que esperavam ao certo. Usa aliança, por isso suponho que esperavam qualquer coisinha por fora. Mas, por outro lado, se era isso que queriam, por que motivo haveriam de lhe ligar para *casa*? As raparigas universitárias são parvas.

Se as chamadas que recebe aqui servem de indicador, odeio pensar no que se passa quando está no *campus*. Ainda bem que confio no meu marido.

– Não, não está disponível – respondo rigidamente.

– Oh, que pena... – Volta a rir-se. – Bem, podia encontrar-me com ele algures para falarmos mais. Tipo, talvez no sábado à noite...

Esta rapariga está a gozar comigo? Não é nem de longe a primeira vez que atendo uma chamada de uma aluna apaixonada, e, geralmente, tem graça. Eu e o Sam rimo-nos disso, aliás. Mas, neste momento, não me apetece rir.

– Escute, *April* – silvo para o telefone. – Daqui fala a *mulher* do doutor Adler, e agradecia que nunca mais lhe voltasse a ligar para casa.

– Oh. – O tom brincalhão dela desaparece. – Desculpe, não me apercebi...

A fechadura da porta da frente roda. O meu marido conseguiu finalmente estacionar o maldito carro.

– E – acrescento, antes que ele possa entrar e deter-me – nunca mais vai voltar a incomodar o doutor Adler. Se souber que o contactou, seja aqui ou no *campus*, vou assegurar-me de que é feita uma queixa de si ao reitor por assédio. Entendido?

O Sam entra no apartamento a meio desta frase. Não sei quanto ouviu do meu pequeno aviso, mas está com os olhos castanhos arregalados. Ouviu que chegue, suponho.

– Está bem – responde a miúda, baixinho. – Desculpe.

– Ótimo – concluo. E bato com o auscultador.

É essa a melhor parte de ter um telefone fixo: podemos bater com ele. Não temos a alegria de pousar um telefone com força quando estamos ao telemóvel. O que podemos fazer? Premir o botão de desligar com muita fúria?

O meu marido passa uma mão pelo cabelo, contudo, tal como faz sempre, pára a meio do couro cabeludo, deixando o cabelo espetado.

– Hã, quem era?

– Uma das tuas alunas.

Fica boquiaberto.

– Falaste assim com a minha aluna?

– Sim.

Olho-o fixamente, desafiando-o a repreender-me mais. Não quero discutir com o Sam neste momento, no entanto, fá-lo-ei. Seria demasiado fácil.

Mas ele não morde o isco. Em vez disso, atravessa a sala e deixa-se cair ao meu lado no sofá. Pega-me na mão e, de forma assim tão simples, toda a raiva se esvai de dentro de mim. E tudo o que resta é tristeza. E vazio.

Não posso acreditar que não vamos ter o nosso bebé. Queria-o tanto. Mais do que posso expressar por palavras.

Ironicamente, foi o Sam quem inicialmente insistiu em que tivéssemos um filho, enquanto eu resistia. Não que não quisesse ter filhos – queria certamente, mas não até ter pelo menos trinta e quatro anos e a minha carreira ter uma base sólida. A Denise tinha barafustado longa e intensamente sobre o que a maternidade faria às minhas perspectivas na Stewart, e isso deixara uma marca. Queria esperar. «Trinta e cinco», disse ao meu marido, quando casámos. «Talvez trinta e quatro, dependendo de como estiverem a correr as coisas.»

O Sam sentia algo diferente em relação a isso. O pai dele tinha quarenta anos quando ele nascera, e morrera subitamente de ataque cardíaco quando o filho andava

no secundário. Nunca o pudera ver terminar o secundário ou a universidade, nunca o pudera ver tornar-se professor, e muito menos pudera estar presente no seu casamento. Apesar de estar em muito melhor forma física do que o pai alguma vez estivera, o meu marido tinha pavor de ser um «pai velho» e de perder grande parte da vida dos seus filhos.

– Não quero morrer com os meus filhos ainda na escola – confessou, falhando-lhe a voz.

Assim, logo depois de casarmos, começou a pressionar-me delicadamente para que tentássemos ter um bebé. Eu tinha apenas vinte e sete anos na altura, e parecia-me inconcebível. No entanto, quando chegou aos trinta, os apelos do Sam tornaram-se mais insistentes. E então a Shelley e o Rick decidiram começar a tentar, portanto, cedi finalmente.

Quando deixei de tomar a pílula anticoncepcional, estava uma combinação de nervosa e empolgada. A brincar, disse ao meu marido que esperava que levasse mais de um mês ou dois a conceber. Ainda assim, fiquei surpreendida quando o meu primeiro teste de gravidez deu negativo. Enquanto mulher saudável de vinte e nove anos, sempre partira do princípio de que, assim que falhasse uma única pílula, engravidaria instantaneamente. Era uma trégua, ainda assim – um mês extra sem me preocupar com a responsabilidade da maternidade iminente. Eu e o Sam rimo-nos disso, dizendo que assim nos podíamos divertir mais a tentar.

Seis meses depois, tínhamos deixado de rir.

O meu marido foi fazer análises ao esperma. Os seus rapazes estavam em perfeitas condições, e, devido à nossa relativa juventude, a minha ginecologista encorajou-nos a continuar a tentar durante outros seis meses, antes de nos preocuparmos demasiado. Passaram esses seis meses. A Shelley deu à luz o seu primeiro filho, e eu continuava a não ter um teste de gravidez positivo. Era tempo de investigar mais a fundo.

E foi aí que tudo descambou.

A minha médica disse-me que, provavelmente, tinha tido algum tipo de infeção que deixou cicatrizes profundas no meu útero e, sobretudo, nas minhas trompas de Falópio. A concepção natural, disse-me ela, seria impossível. Fomos diretos à fertilização *in vitro*, apesar de eu ter sido avisada de que até isso tinha poucas probabilidades de sucesso, dado o meu «útero hostil». O Sam deu-me injeções de hormonas em casa para estimular a produção de óvulos, contudo, quando os recolheram, também esses foram considerados de «má qualidade».

Sentia-me um absoluto fracasso como mulher. O meu útero estava danificado, os meus óvulos eram de má qualidade e todas as nossas tentativas de fertilização *in vitro* eram desastres caros. Sentia-me atormentada pela culpa de o meu marido «normal» não poder ter o filho que queria graças a mim, apesar de ele jurar uma e outra vez

que não me culpava. Entretanto, a minha chefe, a Denise, não se mostrava de todo compreensiva com a minha necessidade de sair a correr para consultas com o especialista em fertilidade, nem com a reunião que tive de reagendar quando a minha única gravidez de sucesso culminou num aborto espontâneo ao fim de três breves semanas.

Durante algum tempo, fiquei obcecada por tentar conceber. Atirei-me a isso com a mesma intensidade que me tinha tornado tão bem-sucedida no meu trabalho. Por algum tempo, tornei-me *vegan*. Bebi algo chamado «chá de fertilidade», que sabia ao pó da nossa mesa de centro. Visitei todos os fóruns sobre infertilidade do país e tornei-me experiente na gíria técnica: «ATC» significava «a tentar conceber», como em «Há três anos que ando ATC, mas não tive sorte». «TM» queria dizer «Tia Maria» – o temido sangue menstrual que significava outro fracasso. «DAP» significava «dias após transferência», isto é, após um embrião ter sido transferido para o meu útero – uma contagem decrescente até à próxima vez que podia FCNP («Fazer chichi num pau»).

E então, de cada vez que uma mulher no fórum anunciava a sua gravidez, todas a felicitávamos, contudo, eu tinha um pressentimento terrível de que nunca seria a minha vez.

Se de mim dependesse, teria continuado a tentar a fertilização *in vitro* até ficarmos na penúria, mas foi o Sam quem deu a ideia da adoção. Continuar a ser nosso filho, explicou-me. Eu resisti, tendo ouvido histórias de terror de outras mulheres nos fóruns sobre adoções que tinham corrido mal, no entanto, o meu marido voltou a insistir até eu ceder. Tinha razão – queríamos ser pais e aquela era a nossa única opção.

Quando nos embrenhámos no processo de adoção, comecei a ficar cautelosamente otimista. Queria um filho desde há o que me pareciam agora séculos – era um sonho que, em breve, se ia tornar realidade. Infelizmente, nada no processo de ação foi rápido. Após escolhermos cuidadosamente uma agência, tivemos de completar um estudo do lar, que era a revista corporal completa do processo de adoção – a assistente social da agência visitou-nos repetidamente, pedindo todos os documentos legais que nos tinham sido passados na vida. Não compreendia por que raio não podiam olhar simplesmente para mim e para o Sam e perceber que seríamos bons pais, contudo, suponho que há regras.

Após a nossa aprovação, começou a busca por uma criança para nós. O meu marido estava recetivo a crianças mais velhas, mas eu fui inflexível quanto a querer um recém-nascido. Durante todos aqueles anos a tentar conceber, sonhara com um bebezinho minúsculo, e a verdade é que não podia abdicar disso. Às vezes, sentia-me culpada por isso, pois sabia que havia crianças mais velhas a precisar de um lar, portanto, combinámos que a nossa segunda adoção (e, possivelmente, a terceira, se

chegássemos a esse ponto) seria uma criança mais velha. No entanto, eu queria a experiência de ter um recém-nascido. Só uma vez. E foi preciso um ano de rejeições de múltiplas mulheres grávidas até que a Janelle realizasse finalmente os nossos sonhos.

Bem, quase.

E agora, após termos tudo por um muito breve período de tempo, ficámos outra vez sem nada.

– E agora? – sussurro ao meu marido.

O Sam deixa descair a cabeça contra o sofá, olhando para o teto, de olhos vidrados. Às vezes, fico tão absorta na minha própria infelicidade que me esqueço de que isto significa tanto para ele quanto para mim. Quis um filho ainda antes de eu querer. Isto está a matá-lo – vejo-lho nos olhos.

– Acho que devíamos pensar em adotar uma criança mais velha – conclui, por fim.

Inspiro fundo.

– Sam...

– Eu sei – continua, rigidamente. – Sei que esperavas um recém-nascido. Eu *sei*. Mas, Abby, há tantos miúdos por aí a precisar de um lar.

Olho para a pequena alcofa que quase me partiu o joelho. Está decorada com uma fita amarela com florzinhas cor-de-rosa. Ontem, quando ainda acreditávamos que íamos ser pais, pus um fatinho lá dentro. Um macacão azul, pouco maior do que a minha mão, combinado com umas meinhas amarelas. Lembro-me de pôr uma dessas meinhas na palma, admirando como era pequena. Como podia o pé de um *ser humano* ser minúsculo ao ponto de caber naquela meia? Beijei-a suavemente, sabendo que, em breve, iria aquecer o pezinho do meu filho bebé.

Sei que parece tolo, mas tinha o coração entregue a um recém-nascido. Não me sinto preparada para abdicar do meu sonho de ter um bebé nos braços – de enfiar um pezinho naquela meinha.

– Só comprámos coisas para recém-nascidos – saliento. – A roupa... o berço... a alcofa... a cadeirinha automóvel.

– E então? – O Sam roda a cabeça para olhar para mim. – Podemos comprar coisas novas. São só *coisas*, Abby.

Sim, são só coisas, e não são as coisas que me deixam hesitante em relação a isto.

– Toda a gente quer recém-nascidos – explica-me. – Mas as crianças nos orfanatos... precisam tanto de uns pais. Quero fazer isso, Abby. Estou farto de esperar por um recém-nascido. Só quero que sejamos pais de uma criança que precisa de nós.

Tem razão, claro. Tenho de renunciar às minhas estúpidas fantasias dos meus dias ATC. E também não me escapa que, se o Sam quisesse muito ter filhos, me podia

deixar por alguém como a April. *O esperma dele é normal*. Eu é que sou o problema.

Mas o meu marido jamais faria tal coisa.

– Está bem – assinto. – Vamos a isso.

O pior de ir trabalhar na manhã seguinte é ver as outras pessoas. Se me pudesse transportar por magia para o meu gabinete, sem ter de falar com ninguém, ficaria muito mais feliz.

São dois minutos de caminhada entre a estação de metro e o prédio de escritórios, e, durante esse período, passo por sensivelmente cinco mil mulheres a empurrar carrinhos de bebé. Não sei o que fazem todas na rua tão cedo. Tento não olhar, mas é difícil não o fazer. Um dos bebés não pode ter mais de um ou dois meses – ainda tem aquele ar fetal, com os olhinhos muito fechados e as mãos minúsculas cerradas em punhos vermelhos. Caiu-lhe o chapéu da cabeça, e apetece-me estender a mão para lho voltar a pôr. Se fosse o meu bebé, jamais deixaria que o chapéu lhe caísse ou que a sua cabecinha passasse um único instante de frio. Jamais negligenciaria os meus deveres para com o chapéu.

Por que motivo haveria o universo de me tirar o meu bebé?

Quando entro no escritório, toda a divisão mergulha num silêncio sepulcral. Se houvesse música a tocar, teria parado abruptamente. Todos os olhares se fixam em mim enquanto tento correr para o meu gabinete. É quanto basta para me fazer desejar ter tirado o dia.

Estou quase em segurança quando não esbarro contra a Shelley por pouco. Está com outras duas mulheres do escritório. Nos últimos cinco anos, fui a chás de bebé para as três, nenhum dos quais acabou abruptamente em tragédia.

– Estás bem, Abby? – pergunta a minha melhor amiga.

– Ótima. – Forço um sorriso. – Estou bem. A sério.

E estou mesmo. Bom, parcialmente bem. Ontem à noite, eu e o Sam contactámos a assistente social da agência e dissemos-lhe que queríamos ampliar as nossas opções para a adoção. O meu marido achou que não servia de nada ficarmos sentados com pena de nós mesmos – sentir-nos-íamos melhor se iniciássemos o processo de procurar outra criança para adotarmos. Sou estúpido enquanto o dizia, no entanto, afinal, tinha razão.

Não que me sinta muito melhor, mas a dor lancinante no coração transforma-se numa dor surda.

Ainda assim, a Shelley dá-me um abraço, tal como as outras duas mulheres, apesar de mal as conhecer.

– Vais ter o teu bebé, um dia – promete-me.

Evito-lhe o olhar. Não estou com disposição para discursos motivacionais condescendentes.

– Sim.

– Sinceramente, devia dar-se por sortuda – diz-me uma mulher chamada Jan. – Os filhos só dão trabalho. Quero dizer, neste momento, pode ir jantar fora sempre que quiser e nem tem de pensar em arranjar uma ama.

– E *nunca* dormimos quando temos um bebé – acrescenta a outra mulher, a Sidney. – Passamos um ano a andar por aí como mortas-vivas. Na verdade, são mais cinco!

– Ou dezoito! – completa a Jan, rindo.

A Sidney pisca-me o olho.

– Pode ficar com os meus filhos, se quiser, Abby.

Olho para a minha melhor amiga, que vê o quanto estes comentários me estão a afetar. Se não fosse a aparição da Denise Holt em pessoa, sabe Deus por quanto tempo estas mulheres bem-intencionadas me teriam mantido aqui, a dizer-me como sou afortunada por a adoção me ter sido tirada inesperadamente. Os saltos dos seus *Christian Louboutin* matraqueiam sonoramente contra o chão a cada passo.

Vem direta a nós, sem rasto de compaixão nos seus olhos azuis. Pergunto-me se estará feliz por a minha adoção ter falhado. Seja como for, de certo modo, estou grata pelo seu olhar gélido. Pelo menos uma pessoa continua a tratar-me como sempre.

– Abigail – chama-me, mordazmente, cruzando os braços esguios sobre o peito. – Informei-a de que podia tirar o dia. Mas, se vai estar no trabalho, por favor, não atrapalhe o resto do pessoal.

– A Abby está perturbada! – exclama a Jan. – Estávamos a tentar animá-la.

– Na verdade, não é preciso – apresso-me a dizer. – Estou perfeitamente bem. Desculpe, Denise. Vou só... para o meu gabinete.

Graças à minha chefe, consigo escapar sem mais olhares compassivos ou abraços. Entro no meu gabinete, fechando a porta atrás de mim. Finalmente, estou no meu porto seguro.

Não há um canto desta sala que não esteja lotado de presentes do chá de bebé.

Tiveram pelo menos o bom senso de não me dar o bolo de fraldas. Mas por que raio haveriam de achar que quero olhar para este gigantesco monte de presentes, todos embrulhados em diferentes tons pastel? Não preciso de os abrir para saber que contêm roupas minúsculas, babetes e guizos... para um bebé que não vamos receber.

Pego no presente no topo da pilha. Está embrulhado em papel azul, com pequenos ursinhos de peluche, tacos de baseball e bolas de basquetebol intercalados

com as palavras «É UM RAPAZ». Olho para o cartão e vejo que é da minha antiga assistente, a Gertie, que não pôde vir ao chá ontem porque ia ser operada uma segunda vez à sua anca partida. Estou certa de que a caixa contém algo pequeno e fofo que me vai partir o coração.

Na altura, achei tão querido que tivesse enviado um presente – agora, oxalá não se tivesse incomodado. Oxalá ninguém se tivesse incomodado.

E agora tenho de descobrir como vender *fraldas*. Maravilhoso.

Instalo-me no meu cadeirão ergonómico de cabedal. Fiquei tão entusiasmada no dia em que recebi o meu próprio gabinete – a luxuosa cadeira foi só a cereja no topo do bolo. Agora? Nada disto importa. Estaria disposta a abdicar de tudo se a Janelle voltasse a mudar de ideias.

Tento pôr esses pensamentos de parte enquanto verifico as mensagens no meu telefone. A minha mãe ligou-me para o escritório ontem à noite, depois de eu ter mandado a chamada que fez para o meu telemóvel para o correio de voz. Liga-me sempre à quarta-feira à noite – fica entre a noite do seu clube de leitura e a das danças de salão. Mas não suportava a ideia de falar com ela. A minha mãe não é do tipo reconfortante, e, além disso, nunca foi a favor da adoção. Na sua opinião, se eu e o Sam não podíamos conceber, ficávamos melhor sem filhos. «Os filhos dos outros são problema dos outros.» Não queria que me dissesse que era melhor assim.

Quando a Monica entra no meu gabinete com uma chávena de café para mim, já acabei de tratar da maioria das minhas mensagens e sinto-me mais perto de um mínimo de normalidade. Traz a mesma ruga profunda entre as sobrancelhas que todos os outros. Devem achar que estou a cinco minutos de ser internada numa ala psiquiátrica.

– Como está? – pergunta a rapariga, pousando cuidadosamente a caneca de café na minha secretária.

– Estou bem – respondo. – Mas, hã, pode tirar todos estes presentes do meu gabinete?

– Oh! – Vira-se para olhar para a pilha de prendas. – Desculpe lá isso! Não sabia o que lhes fazer. Ninguém quis levar os presentes de volta, por isso pu-los só...

– Não faz mal. – Forço um sorriso. – Eu só... não quero olhar para eles.

– Claro. Vou já tirá-los daqui.

Estendo a mão para a caneca, pensando que um pouco de café me fará bem; mas então vejo que é a caneca que a Shelley me comprou, na semana passada, como presente de chá de bebé antecipado, a que diz: «Combustível para Mamãs». E a dor intensifica-se novamente numa facada.

A Monica vê-me a olhar fixamente para a caneca e arregala os olhos. Depois, cobre a boca com a mão.

– Oh, meu Deus, peço imensa desculpa!

– Não faz mal – digo, numa voz estrangulada.
– Faz, sim. – Ergue a caneca da minha secretária, com as faces a ficarem coradas. – Não posso acreditar que fiz isto. Nem *reparei*. Sou tão idiota.

É tanta a força com que morde o lábio que temo que vá fazer sangue. Não é culpa dela – pegou numa de entre a minha dúzia de canecas sem verificar. Devia ter partido esta coisa ontem.

– Não faz mal – volto a dizer, apesar de o meu estado de espírito se ter ensombrado consideravelmente nos últimos sessenta segundos. – Estou bem. Mas... por favor, livre-se da caneca.

– Claro. – A Monica franze o sobrolho. – Se precisar de ir para casa, de certeza que todos iriam compreender.

– Não, prefiro estar aqui.

– Bem, enviei-lhe o seu programa para hoje por *e-mail*, se se sente capaz. – Um sorriso toca-lhe os lábios. – Há muito para fazer.

Não está a exagerar. Agora que a Cuddles nos deu luz verde para a nova campanha, tenho imenso trabalho em mãos. Não há a menor hipótese de poder fazer uma pausa para almoço – provavelmente, vou pedir à Monica para ir buscar saladas para as duas à *Chopt* (pela terceira vez esta semana), e, por fim, comeremos juntas no meu gabinete.

Geralmente, adoro os dias atarefados. Adoro ser produtiva e sentir que estou a impressionar os meus clientes. Hoje, porém, é difícil invocar o menor entusiasmo.

– Não é como se tivesse mais alguma coisa na vida – murmuro.

– Abby... – A rapariga olha para o chão. – Lamento muito o... bem, o que aconteceu.

Assinto.

– É a vida.

Ela muda nervosamente o seu peso entre os seus sapatos de salto alto pretos, os seus olhos negros a dardejar pela sala. Céus, lembra-me tanto de mim com a mesma idade. Naquele tempo, era tão jovem e ansiosa por agradar – desdobrando-me em esforços para tentar fazer a Denise feliz e, depois, martirizando-me se lhe levasse café numa caneca insensível. (Não que houvesse alguma caneca capaz de perturbar a Denise Holt.) Parte de mim sente um grande alívio por ter ultrapassado essa fase da sua vida.

E parte de mim tem tanta inveja da Monica jovem e despreocupada que lhe apetece cuspir.

– Mas é tão maravilhoso que esteja a tentar adotar – continua. – Há tantas crianças por aí que precisam de um lar. Sei que vai encontrar a certa para si. Para quê pôr mais crianças no mundo quando podemos acolher uma que precisa de nós, certo?

– Certo – concordo. Hesito, perguntando-me se alguém partilhou este mexerico

com a Monica ou se a devo informar. Oh, que se lixe. – Mas a verdade é que eu e o Sam tentámos ter um filho nosso, só que... não conseguimos.

– Oh. – Inspira fundo. – Não sabia. Tentaram a fertilização *in vitro*? Foi o que a minha prima fez.

Assinto, não querendo revisitar toda a história dolorosa.

– Não... não resultou.

– Isso é horrível...

Encolho os ombros, como se não me pudesse importar menos. Como se não tivesse chorado com cada teste de gravidez negativo.

– Não há mulheres que podiam levar a gravidez a termo por si? – questiona a rapariga. – Ouvi falar em casos de, enfim, uma irmã engravidar por outra. Não podia fazer isso?

Abano a cabeça.

– Não tenho nenhuma irmã para assumir essa tarefa.

– Sim, mas... e outra pessoa?

Uma barriga de aluguer foi algo que considere por um breve período. Foi o Sam quem vetou essa ideia.

– É muito para pedir a alguém... quero dizer, iríamos usar o óvulo e o útero dessa pessoa, portanto, estaríamos a pedir-lhe que engravidasse do próprio filho só para o dar. – Pigarreio. – Estamos muito entusiasmados com a adoção. Ultrapassámos isso.

Não, nunca terei um recém-nascido, no entanto, o Sam tem razão – isso não importa. Queremos ser pais. Sei que vou amar qualquer criança que acolhamos no nosso lar.

– Enfim. – Viro-me novamente para o meu computador. – Deixe-me preparar-me para a reunião das dez. Não quero estar desarmada. Tem fotocópias da maquete que lhe enviei?

– Sim, quinze cópias.

– O projetor está montado?

– Sim, e a sua apresentação está carregada.

Permito-me o meu primeiro sorriso genuíno do dia. A Monica é incrível. Sinceramente, acho que é capaz de ser até um pouco melhor do que eu era com a mesma idade. É a Rainha da Eficiência. Nada escapa a esta rapariga, juro. Tenho muita sorte em tê-la.

E tenho sorte em ter o Sam. E este emprego.

Há muito na minha vida que é bom, e, em breve, também teremos um filho.

– É a melhor, Monica – digo-lhe.

– Oh, e deixe-me ir buscar-lhe uma nova chávena de café!

Quase lhe digo para esquecer – que bebo o café da maldita caneca «Combustível para Mamãs». Mas não. Quero uma caneca nova. Não quero ver qualquer lembrança

de tudo o que perdi ontem. Todos os carinhos, os arrotos, as noites sem dormir, os dentes a nascer, as primeiras palavras, os primeiros passos, o jardim de infância e...

Não posso pensar mais nisto.

Quando regressa com uma nova caneca branca a deitar vapor, traz uma expressão estranha no rosto. Pousa a caneca na minha secretária e endireita-se, mas não sai. Fica apenas... ali parada.

Arqueio-lhe as sobrancelhas enquanto bebo um gole cauteloso do café quente. Fê-lo exatamente da forma como o tomo sempre – simples e amargo.

– Sim?

Morde o lábio.

– Eu estaria disposta a fazê-lo.

– A fazer o quê?

– Ser sua barriga de aluguer.

Engasgo-me com o café. É muito dramático. Gotas de café voam-me da boca, salpicando os papéis brancos à minha frente. Ainda bem que não estava a comer um bife, porque, se estivesse, a Monica provavelmente teria de me fazer a manobra de Heimlich; algo que, de certeza, faria com habilidade.

– O... o quê? – consigo finalmente perguntar.

As suas faces pálidas coram.

– Desculpe, é só que... estava a pensar e... acho que nos podíamos ajudar uma à outra.

– Monica. – Constrangida, limpo o café que cuspi para a superfície da secretária. – É, hã... simpático da sua parte oferecer-se, mas seria *muito* inapropriado que fizesse algo assim por mim. Quero dizer, *trabalhamos* juntas.

A rapariga junta os punhos e, nesse momento, parece-se muito com como eu costumava ser com a sua idade. É como se estivesse a olhar para uma máquina do tempo.

– Escute – começa ela. – Há algum tempo que quero voltar a estudar e tirar o mestrado em Artes Gráficas, porque o que realmente quero ser é diretora criativa. Sempre foi esse o meu sonho.

Arqueio uma sobrancelha.

– E quanto à escrita para publicidade?

– Gosto, mas são as artes gráficas que adoro desde sempre.

Por alguma razão, não me surpreende. A Monica fez esboços para alguns dos nossos anúncios, e é óbvio que tem talento artístico.

– Por que motivo não tira o seu mestrado à noite, então?

– É caro, e já estou profundamente endividada por culpa da universidade. – Abana a cabeça. – E *sabe* como são os horários aqui. Jamais teria tempo para as duas coisas.

Tem uma certa razão.

– Não vê, Abby? – Brilham-lhe os olhos. – Isto é perfeito! Posso dar-lhe o bebé que quer e a senhora pode ajudar-me a tirar o meu curso avançado, o que seria uma gota de água no oceano para alguém na sua posição, com um fundo fiduciário e tudo. Seria benéfico para ambas.

Tecnicamente, tudo o que diz faz sentido, contudo, na realidade, é de loucos.

– Não quer fazer isto, Monica – insisto. – Pense no que está a oferecer. Seria, para todos os efeitos, o seu bebé. Estaria disposta a entregar simplesmente o seu bebé?

– Não estou preparada para ser mãe. – O seu olhar torna-se distante. – Há tantas coisas que quero fazer na vida antes de ficar presa a um filho. Mas a Abby... seria uma mãe fabulosa. Qualquer bebé teria sorte em tê-la como mãe.

– Meu Deus. – Esfrego os olhos. – Sei que tem boas intenções, mas... é má ideia. Trabalhamos juntas...

– Eu despedia-me.

Fico boquiaberta.

– O quê?

– Assim que se começar a notar – prossegue –, vou-me embora, para que a situação não se torne desconfortável. Isto é... se puder pagar a minha renda.

– Mas pensava que queria ser diretora criativa...

– Certo – assente. – Mas não tem de ser aqui. Com o meu mestrado e uma boa carta de recomendação sua, de certeza que consigo arranjar um bom emprego noutra agência.

Não. Isto é de loucos. Não vou sequer ponderar esta oferta. Eu e o Sam vamos adotar uma criança. Por mais incrível que isto pudesse ser, é uma péssima ideia.

– E somos parecidas – acrescenta. – O bebé seria igualzinho a si.

– Isso não me interessa.

– Não?

Mudo de posição na cadeira, que range sonoramente sob o meu peso.

– Apenas acho que não está a pensar bem nisto. Só se está a oferecer porque tem pena de mim.

– Não – responde firmemente. – Estou-me a oferecer porque gosto de resolver problemas. E encontrei uma forma de realizarmos as duas os nossos sonhos.

Tem razão. Seria uma maneira de eu ter o recém-nascido com que tenho vindo a sonhar. O sonho que julgava estar perdido para sempre.

Estou sinceramente a pensar nisto? Oh, meu Deus, não acredito que estou mesmo a pensar nisto.

– Teríamos de ter um contrato redigido por um advogado – digo cuidadosamente. – E iria precisar de ter acesso a todo o seu historial médico. Estaria de acordo com isso?

Os seus olhos iluminam-se.

– Claro. Pode ter acesso a tudo aquilo de que precisar.

Rodo o café simples na minha caneca.

– Tenho de discutir isto com o Sam.

A Monica mostra-me os dentes. Tem uns belos dentes. Brancos e retos. Pergunto-me se foi ao ortodontista. Seria inapropriado perguntar?

Sim. Sim, seria.

— Não. Nem pensar. De modo algum. Estás louca?
O Sam não parece entusiasmado com a ideia de a Monica nos servir de barriga de aluguer.

Puxei o assunto da melhor forma que podia. Fiz-lhe o seu prato favorito para o jantar — frango frito com creme de espinafres. Pareceu chocado com a comida, atendendo ao estado em que eu estava ontem à noite. Mas via-se que a atribuía ao meu entusiasmo com as nossas futuras perspectivas de adoção, e eu não o corrigi. Então, esperei até ter limpado o prato e estar a embalar uma barriga cheia para referir a proposta da minha assistente.

— Nem vais pensar nisso? — pergunto.

O meu marido empurra os óculos para cima sobre a ponte do nariz.

— Se me perguntasses se queria saltar de uma ponte e eu dissesse não, perguntavas-me se precisava de pensar nisso?

— Pára de ser melodramático.

— Melodramático? Sou o único que está a ser lúcido.

Apesar das minhas reservas iniciais, fui ficando mais recetiva à ideia da Monica ao longo das últimas cerca de dez horas. Quanto mais penso nela, mais me apercebo de que é a resposta às nossas preces.

— Já conhecestes a Monica — insisto. — É realmente fantástica. Não consigo imaginar melhor pessoa para doar óvulos.

O Sam semicerra-me os olhos.

— Qual delas era a Monica? A loura sardenta?

— Não, tem cabelo preto e olhos escuros. É, hã... na verdade, parece-se um pouco comigo.

— Não sei. — Abana a cabeça. — Não me lembro de a conhecer. Seja como for, não importa, até porque é uma péssima ideia na mesma.

— Dá-me uma boa razão.

— Uma! — explode, com as orelhas a ficar vermelhas. Apesar de tudo, não posso deixar de pensar que fica *sexy* quando se zanga. Não é de admirar que as suas alunas estejam sempre a ligar para cá. — Vou dar-te cinco boas razões.

— Tudo bem. Dá-me cinco razões então.

– Primeira. – Ergue um dedo. Não o do meio, felizmente. – Não será constrangedor trabalhar com a mulher que está grávida do teu bebé?

– Disse que se despedia quando se começasse a notar.

Ele ignora-me.

– Segunda: pagar um mestrado não é propriamente barato.

– É mais barato do que uma adoção. E podemos pagá-lo.

– *Tu* podes pagá-lo.

– Não, *nós* podemos.

Revira os olhos, mas não tece mais comentários.

– Terceira – prossegue. – E se ela mudar de ideias?

– Não seria um contrato de adoção normal – saliento. – Quero dizer, iria usar o teu esperma, pelo que terias direitos legais sobre o bebé.

O vermelho das suas orelhas invade-lhe o pescoço.

– Pois, essa é outra questão. Não me agrada muito a ideia de usar o meu esperma.

– Não é como se fosses obrigado a fazer sexo com ela...

– Oh, não tenho?

– Olha – digo. – Não era isto que querias? Ter um filho biológico?

O meu marido olha para o chão.

– Queria um filho biológico *contigo*, Abby. Isto é... é *estranho*. Não o quero fazer.

– Bem, *não podes* ter um filho biológico comigo. – Cruzo os braços sobre o peito. – Porque sou *defeituosa*.

– Pára com isso. Não és nada defeituosa.

– Sou, *sim*. – Pestanejo para conter as lágrimas. – Portanto, se queres um filho biológico, esta é a única maneira de isso acontecer.

– Jesus. – O Sam passa uma mão pelo cabelo até ficar espetado. – Isto é má ideia. Íamos adotar. Vamos só cingir-nos ao plano.

– Não aguento mais desilusões, Sam. – As lágrimas transbordam, descendo-me pelas faces. – A Monica... é uma excelente rapariga. Não nos vai desiludir. Eu *sei* disso.

Continua a abanar a cabeça.

– Abby...

– Podíamos ter o nosso bebé daqui a um ano. Nunca demorará menos do que isso com a agência.

Foi a primeira coisa que disse que abalou o meu marido. Está outra vez a pensar em ser um «pai velho». Embora tivesse trinta anos quando começámos, está agora a apenas alguns breves anos dos quarenta. Vai ser um «pai velho», quer queira, quer não. A questão é: *quão* velho?

– Não sei, Abby. – Suspira. Recolhe os nossos pratos da mesa, para os levar para à máquina de lavar loiça. Fá-lo todas as noites sem eu lhe pedir. – Continuo a achar que é má ideia.

– Podes pelo menos conhecer a Monica? – imploro-lhe. – Ouvi-la?

O Sam hesita.

E, nesse momento, sei que lhe dei a volta.

A Monica parece que está numa entrevista de emprego. Traz um casaco cinzento, com uma saia a condizer, e a sua blusa é tão branca que brilha. Está maquilhada, mas de forma tão hábil que parece ter o rosto limpo. O seu cabelo escuro está apanhado num puxo apertado atrás da cabeça. Tem os dedos entrelaçados sobre a mesa do restaurante, tão apertados que empalideceram.

O Sam, por sua vez, tem ar de quem está a fazer uma entrevista de emprego. Veste também uma imaculada camisa branca, com uma gravata verde. Os óculos escorregam-lhe pelo nariz enquanto estuda o bloco de notas amarelo à sua frente. Ao que parece, vai tirar apontamentos durante esta refeição. Lá se vai a ideia de pôr a rapariga à vontade.

Se toda a minha vida não dependesse disto, seria uma situação engraçada.

É típico do meu marido – leva tudo *tão* a sério. É adorável, exceto quando é irritante, como agora. Faz-me lembrar o dia em que nos conhecemos, na verdade. Eu ainda era a assistente pessoal da Denise na Stewart Advertising, e estávamos a montar uma campanha para a universidade onde o Sam era estudante de pós-graduação no Departamento de Matemática. O meu trabalho era encontrar-me com estudantes de pós-graduação de todos os departamentos e recolher destaques que pudéssemos utilizar no material publicitário.

Foi maioritariamente divertido. O estudante de Artes mostrou-me alguns quadros incríveis pintados pelos seus colegas. O de Química mostrou-me uma experiência no laboratório. E o de Inglês levou-me a dar uma volta por todo o *campus* e, depois, ofereceu-me um charro no seu gabinete.

O Sam apareceu para a nossa reunião de camisa e gravata. Passou a meia hora seguinte a ensinar-me Matemática. Qualquer coisa sobre soluções em série de equações diferenciais – quem diabos sabe o que isso é? Teria adormecido por completo se ele não ficasse tão incrivelmente giro com a sua camisa e gravata. Ainda me lembro de o ver apontar para uma fila de letras gregas no seu quadro, dizendo enfaticamente:

– Isto devia entrar no seu panfleto.

– Sim – concordei, e fingi tomar nota. – Sem dúvida.

À primeiríssima oportunidade que tive de o fazer sem ser mal-educada, levantei-me e espetei a mão na sua direção.

– Muito obrigada, senhor Adler. Isto foi muito... útil.

E então, enquanto dávamos o nosso aperto de mão, dei-me conta de que o gesto estava a demorar mais do que esperava. Os seus afáveis olhos castanhos procuraram os meus e um sorriso nervoso aflorou-lhe aos lábios.

– Então, hã... estaria interessada em... talvez jantar comigo?

Hesitei. Já tinha rejeitado o estudante de Inglês, que se tinha posto aos apalhões depois de fumar aquele charro. Mas esse tinha uma barba enorme e, além disso, cheirava a suor. O Sam cheirava bem. Ainda adoro o seu *aftershave*, que usa todos os dias sem exceção.

– Tenho de acabar de a ensinar a resolver equações diferenciais – acrescentou.

– Fazemos assim – comecei. – Vou jantar consigo, mas tem de prometer não voltar a falar em equações diferenciais durante o resto da noite. Nem de qualquer outro tipo de equação.

Quase estava à espera de que ele se agarrasse ao peito, horrorizado, e exclamasse: «E que mais podemos discutir?!» No entanto, em vez disso, sorriu e respondeu:

– Combinado.

E, no fim de contas, tivemos muito para falar naquela noite; tanto que não saímos do restaurante até bem depois da meia-noite e eu ia a meio de uma frase quando o Sam se inclinou e me beijou pela primeira vez.

E agora aqui estamos nós, mais de dez anos depois, a entrevistar uma mulher para carregar o nosso filho no ventre durante nove meses. Seria impossível prever isto.

O meu marido deixou muito claro que não está entusiasmado por fazer isto, contudo, aceitou encontrar-se com a Monica e discutir o assunto. Se ficar satisfeito com os termos, então... bem, recusou-se a fazer promessas. O Sam pode ser muito teimoso, às vezes.

Escolhemos um restaurante italiano ao qual nunca viemos, pois não quero que o pessoal de um dos nossos estabelecimentos habituais nos oiça a pedir a uma mulher que nos alugue o seu útero. É um restaurante pequeno e escuro, e o meu marido tem de semicerrar os olhos para ver as suas notas no bloco, à luz da vela que está na nossa mesa.

– Sei que isto é um pouco desconfortável – começo, para quebrar o gelo. – Mas acho que seria ótimo se nos conhecêssemos melhor.

– Ahã, sem dúvida – assente o Sam, batendo no bloco com a sua caneta. – Monica, vive em Manhattan?

Ela assente avidamente.

– Sim. Vivo na baixa com uma colega de casa.

– E como se chama a sua colega de casa?

– Chelsea Williams.

Ele toma nota e, depois, fá-la dizer-lhe o número de telefone da colega, que aponta também. Quero arrancar-lhe a caneta da mão.

– Sam – murmuro. – Estás a ser mal-educado.

– Não, tudo bem – apressa-se a Monica a dizer. – Quero dizer, eu sei que esta é uma decisão muito importante para vocês. Estou disposta a dizer-vos tudo aquilo que quiserem saber... sou um livro aberto.

Puxa o botão de cima da sua blusa branca. Tem-na abotoada até à garganta, ainda que tenha reparado que isso é algo que faz com frequência. A Monica não é uma rapariga pouco atraente, contudo, parece relutante em mostrar a sua sensualidade no trabalho. Geralmente, usa calças ou saias abaixo do joelho. Presumo que tenha seios algures ali debaixo, mas ninguém diria. É algo que respeito nela. Há demasiadas raparigas dispostas a mostrar um pouco de pele para conseguirem o que querem, no entanto, a Monica não vai por esse caminho. Tem integridade.

Um empregado aproxima-se de nós para recolher os nossos pedidos de bebidas. Eu peço um copo de tinto, porque, raios me partam, estou mesmo a precisar. O Sam cinge-se a água e, então, o empregado vira-se para a Monica.

– E para si, menina?

Ela olha para o *menu*. Tento enviar-lhe mensagens telepáticas: *Não peça álcool. Não peça!*

– Pode ser uma água também, obrigada – responde a minha assistente.

O Sam assente em aprovação tácita. Não que não beba, mas a verdade é que, esta noite, a miúda tem de ser uma santa.

– Importa-se que lhe faça algumas perguntas sobre a sua família? – questiona o meu marido, depois de o empregado se afastar para ir buscar as nossas bebidas.

– É claro que não – diz a Monica. – Como disse, sou um livro aberto. Quero muito que isto resulte.

O Sam pousa a caneta na mesa e olha por cima dela.

– Porquê?

A rapariga pestaneja algumas vezes.

– Como assim?

– Compreendo que respeite a Abby e que queira que ela tenha um bebé – começa –, mas, se não se importa que lhe diga, parece muito ansiosa por fazer isto acontecer. Esse entusiasmo não faz sentido para mim.

Por baixo da mesa, dou um pontapé na perna dele.

– Sam...

– Não, acho que é uma pergunta justa. – Não desvia o olhar do rosto dela. – Não concorda, Monica?

Os olhos dela dardejaram fugazmente na minha direção, e então anui.

– Sim, é uma pergunta justa.

Nesse momento, o empregado aproxima-se para deixar as nossas bebidas. Água para o Sam e para a Monica, vinho para mim. Bebo um grande gole.

– Doutor Adler, a Abby disse-me que é professor de Matemática – diz a rapariga. Ele hesita e assente.

– Presumo, portanto, que goste muito de matemática – acrescenta a jovem.

– Sim – concorda.

Resfolego. Isso é um eufemismo.

– Então, imagine que terminava a faculdade e que não lhe era permitido continuar a estudar para aprender Matemática. – Bebe um gole da sua água. – E que o custo de estudar para aprender mais Matemática era mais do que alguma vez poderia esperar poupar num período razoável de tempo. O que faria se estivesse nessa situação?

– Pedia empréstimos.

– Bem, e se as prestações dos seus empréstimos *já* fossem mais do que a sua renda?

Por um momento, o Sam fica calado.

– Há sempre uma maneira.

– Certo – assente a Monica, olhando-o nos olhos. – Há sempre uma maneira.

O meu marido franze-lhe o sobrolho. Pega na palhinha do seu copo de água e mexe os cubos de gelo que estão dentro dele. Após um minuto de silêncio, volta a pegar na caneta.

– Então, quando foi a última vez que fez uma avaliação física?

Sorrio para comigo. A Monica pode não se aperceber, mas a verdade é que consegui abalá-lo.

Estamos cada vez mais perto de ter o nosso bebé.

— **N**uma escala de um a dez — pergunta a Shelley —, até que ponto odeias a Denise?
— Doze — respondo.

— Permite-me que te recorde que é numa escala de um a dez.

— Cem.

— Sinto que não estás a levar a sério os parâmetros desta pergunta.

Faço sinal ao empregado de que estamos prontas para pedir. Não nos podemos demorar muito tempo no almoço hoje, pois a Denise viu-nos sair, e, como se não bastasse, perguntou muito mordazmente onde íamos, parecendo ficar horrorizada quando a minha melhor amiga respondeu «almoçar». Não sei se alguma vez tinha usado a palavra «horrorizada», no entanto, a expressão no rosto da minha chefe, quando a informámos de que íamos deixar as instalações para almoçar, era a personificação perfeita do termo.

O empregado dirige-se à nossa mesa com um copo de vinho cheio de líquido vermelho-escuro, pousando-o à minha frente. Reprimo a vontade de revirar os olhos — o mau atendimento é algo para o qual tenho pouca tolerância.

— Eu não pedi isso — informo-o.

— Eu sei — diz o nosso empregado, apontando com a cabeça na direção do balcão. — Aquele cavalheiro além pediu-me para lhe trazer um copo de *pinot noir*.

Lanço um olhar ao balcão, onde um homem de cabelo louro ergue um copo e pisca o olho na nossa direção. Tem um sorriso arrogante e veste um fato cinzento. *Brooks Brothers*, quase de certeza.

A Shelley ri-se.

— Parece que tens outro pretendente, Abby.

Afasto o copo de mim.

— Provavelmente, é para ti.

— Não — insiste o empregado, um jovem de rosto inocente. — O homem disse que era para a mulher de cabelo preto e vestido branco. Disse que esperava que se juntasse a ele depois do seu almoço.

A minha melhor amiga ri-se ainda mais.

— Eu disse-te que tinhas um pretendente.

Sinto a cara a arder enquanto empurro o copo com mais firmeza.

– Também tenho um marido. Leve a bebida, por favor.

– E o marido dela é muito jeitoso – diz a Shelley ao empregado, que se importa seguramente imenso com isso.

Por mais confrangedor que este encontro tenha sido, não posso dizer que não tenha sido um reforço de autoestima. Às vezes, acho que o Sam só fica mais atraente à medida que envelhece, ao passo que a minha aparência vai derrapando. Não tenho, nem de longe, tanta gente a atirar-se a mim como costumava ter. É bom saber que um sedutor desconhecido me viu do outro lado da sala, num restaurante mexicano, e me achou desejável.

Olho para o relógio, amaldiçoando o facto de não ter feito o empregado recolher o nosso pedido enquanto aqui estava. A minha melhor amiga arqueia-me as sobancelhas.

– A que horas é aquela reunião para que precisas de voltar?

– É às 13h30. Mas está tudo bem. A Monica está a preparar tudo.

A Shelley assente em aprovação.

– Boa. É muito eficiente.

– Na verdade, é incrível. Gosto muito dela.

– Eu também.

– Gosto tanto dela – começo, observando o rosto da minha melhor amiga – que lhe vou pedir para ser barriga de aluguer para que eu e o Sam possamos ter um bebé.

A Shelley ri-se. Acha que estou a brincar. Depois da tentativa de adoção falhada, disse-lhe que eu e o Sam íamos tentar adotar uma criança mais velha. De facto, o que acabei de dizer parece uma piada, e é certo que, mesmo ao saírem-me da boca, as palavras pareceram cómicas. Quem é que, no seu perfeito juízo, pede à sua assistente que carregue um feto por ela no útero? No mês passado, recebemos um comunicado interno a dizer que não podíamos pôr os nossos assistentes a *lavar a roupa* por nós.

Pigarreio.

– Não era uma piada.

– Sim, pois – responde-me, com um risinho.

Eu fico calada.

A Shelley fica boquiaberta.

– Espera. Estás a falar a sério?

– Estou.

Olha para mim, abanando a cabeça.

– Eu... não compreendo...

Concisamente, descrevo-lhe tudo o que aconteceu até agora. A oferta da Monica. Quais seriam os termos do nosso contrato. O assentimento relutante do Sam em «pensar nisso».

– Não posso acreditar que o Sam vai alinhar nisso – murmura a minha melhor amiga. – Pensava que era mais sensato do que isso.

– Achas que *eu* não sou sensata, então?

– É óbvio que não!

Sinto o rosto a arder. A Shelley não percebe. Quando começámos a trabalhar aqui, éramos solteiras e felizes com isso. Então, eu encontrei o Sam e ela encontrou o Rick, e tudo mudou. Depois de o meu marido me convencer a tentarmos ter um bebé, a minha amiga começou a tentar também. Em tom de gracejo, falávamos sobre como seriam da mesma idade e poderiam brincar juntos. Quando a Shelley engravidou antes de mim, brincámos com a ideia de que a filha dela seria uma irmã mais velha para o meu filho. E então ela voltou a engravidar e eu fui informada de que os meus óvulos eram inúteis.

Apesar de continuarmos a ser melhores amigas, a Shelley evita escrupulosamente falar dos filhos diante de mim. Falamos do trabalho, dos nossos maridos e até dos filmes mais recentes –, mas nunca dos filhos. Não até à promessa desta adoção – a que agora falhou. A Shelley sabe o quanto quero isto; sabe o quanto isto significa para mim.

– Tu não percebes – digo, por fim.

Ela suspira e bebe um gole da sua *Coca-Cola Light*.

– Sei que queres isto, Abby. Compreendo isso. Mas... a sério que não vês por que razão é má ideia?

– A sério que não.

– Vão usar o esperma do Sam, certo?

– Hã, sim.

– Portanto – diz –, esta bonita assistente, que é mais de dez anos mais nova do que tu, vai estar grávida do filho do teu marido. Isso não te incomoda?

– Será o nosso filho. Meu e do Sam.

– A não ser que a Monica mude de ideias e decida que o quer. – Lança-me um olhar penetrante. – E, se tal acontecer, o Sam é obrigado a pagar pensão de alimentos. Ou pior.

– Não. – Abano enfaticamente a cabeça. – Não assinamos o contrato se ela puder mudar de ideias.

– Podem fazer isso?

– Claro, porque não?

A Shelley continua a abanar a cabeça. Sei que não aprova isto, mas oxalá me apoiasse de qualquer forma. Teve os seus dois bebés; agora é a minha vez.

– Pára de olhar assim para mim – peço. – *Não* é má ideia.

– Ouve bem, Abby. – Cruza os braços sobre o peito. – Vou tentar explicar-te isto da melhor forma possível. – Hesita. – Estou certa de que já reparaste que o Sam tem

alguns atributos físicos que as mulheres acham... desejáveis.

Pois, deveras. Há alguns anos, quando o Departamento de Matemática estava a tentar atrair mais alunas, a grande ideia que tiveram foi pôr uma foto do Sam na brochura e referir que era um dos professores. O meu marido achou toda a situação desconcertante, contudo, deixou-se levar. E a parte absurda é que *resultou*. As candidaturas de mulheres triplicaram graças a ele.

E não é apenas um mimo para os olhos. Li algumas das críticas que recebe dos alunos, e é óbvio que acham o seu entusiasmo pela disciplina tão atraente como as suas qualidades mais superficiais. Fica tão empolgado por ensinar Cálculo aos caloiros como com as suas disciplinas de pós-graduação. E isso nota-se. «Nunca tive um professor tão entusiasmado por me ensinar Matemática como o Dr. Adler», escreveu uma aluna. E pode ter referido ou não o seu rabo.

Honra lhe seja feita, o meu marido tem *realmente* um belo rabo.

– Bem sei – respondo.

– E achas que a Monica não reparou?

Retraio-me.

– Ela não é assim.

– É *mulher*, não é? A não ser que seja lésbica, reparou. Acredita.

– E então?

– E então... – A minha melhor amiga lança-me um olhar. – E se ela decidir que o quer?

– Shelley...

– Ouve. – Ergue um dedo. – Partamos do princípio de que ela tem boas intenções ao entrar nisto...

– E tem.

Revira os olhos.

– Tudo bem, concedamos-lhe isso. Mas, mesmo que seja verdade, pensa em como se vai sentir ao fim de alguns meses de gravidez. Ali está ela, com as hormonas aos saltos e um parasita a crescer-lhe no útero, a engordar... e sabe que o Sam é o pai desse bebé. Estão ligados pelo *sangue*. E, claro, vai ver o excelente homem que ele é, que lava a loiça, a roupa, e que, como se não bastasse, é ótimo a beijar...

Não posso contestar nada disso. O meu marido lava a loiça e a roupa. E é ótimo a beijar.

– Eu confio no Sam – digo obstinadamente. – E na Monica.

– No Sam, tudo bem. Ele não te ia trair. Mas até que ponto conheces essa rapariga?

– Muito bem – insisto. – Há quase seis meses que trabalha comigo.

– Certo. Conhece-la há seis meses, então. O que não é de todo muito tempo.

– Confio nela. – É difícil explicar o bom pressentimento que tive da primeira vez que me sentei diante da Monica. Como vi tanto de mim nela e a quis tomar sob a minha proteção. Confio tanto naquela miúda como em mim mesma.

A Shelley perscruta-me por cima do rebordo da sua *Coca-Cola Light*. Por um momento, fica pensativa.

– Já a vi à escuta à porta do teu gabinete, sabias?

Sinto um aperto no peito.

– O quê?

– Vi-a. Põe-se à porta do teu gabinete quando está fechada e acho que tenta ouvir as tuas conversas.

– Eu... – Subitamente, sinto a boca seca. A Monica é de confiança. Sei que sim. Não preciso de ouvir esta ridicularia da minha suposta melhor amiga. – Talvez estivesse só a ver se eu estava ocupada antes de bater à porta.

– Mas não é para isso que se bate? Para ver se alguém está ocupado?

Fulmino-a com o olhar.

– E... então? Estás a dizer que a Monica me anda a espiar? É isso que pensas?

– Não! – A Shelley fica com as faces coradas. – Olha, tudo o que te estou a dizer, Abby, é para teres cuidado. Não se pode confiar em ninguém a 100%. Muito menos no que toca a algo assim.

– Pois – murmuro.

Tem razão. É por isso que tenciono investigar todas as referências dela antes de mergulhar nisto. Não estou a cometer um erro. Não me interessa o que a Shelley diz – eu *conheço* a Monica. Posso confiar nela. Vai correr tudo bem.

— **S**im, daqui Jean Johnson. Quem fala?
 — Olá. — É tal a força com que aperto o meu telemóvel na mão que os meus dedos começam a formigar. — Chamo-me Abigail Adler. A sua filha Monica...

Nem sei como completar esta frase. *A sua filha Monica aceitou deixar que o meu marido a engravidasse e depois dar-me o bebé.* Dito assim, soa um pouco estranho, de facto.

Felizmente, o Jean Johnson sabe exatamente do que estou a falar.

— Senhora Adler! Sim, a Monica contou-me tudo sobre isso...

E então faz-se um silêncio desconfortável.

Ouve-se um silvo em pano de fundo.

— Desculpe lá isto — diz a Sra. Johnson. Tem uma agradável voz rouca que a faz soar como uma estrela de cinema de outra era. — Tinha posto a chaleira ao lume há poucos minutos. Vou só apagar o fogão. Desculpe lá, senhora Adler.

— Abby — corrijo-a.

— Abby — repete. Ouve-se um rumorejar do outro lado da linha, o som de água a ferver a ser vertida numa chávena. — Quer dizer então que trabalha com a Monica em Nova Iorque, não é verdade?

— Sim. — Pigarreio. — E a senhora é... de Indianápolis?

— Sim, sou. Nascida e criada.

— Deve ter sido difícil quando a Monica se mudou.

— Sim, bem... — Oiço-a fungar. — Os filhos fazem o que querem. Vai descobrir isso, um dia.

Analiso o seu tom, tentando perceber se foi uma farpa. Não creio que tenha sido.

— Quero que saiba — digo, baixinho — que o que a Monica está a fazer... significa o mundo para mim.

Por um momento, a mulher fica calada.

— Bem, a Monica é assim. Quer sempre ajudar as pessoas.

— A sério?

— Oh, sim. Até demais. — Suspira. — Quando alguém lhe conta os seus problemas, e tem o tipo de rosto aberto que leva as pessoas a fazerem-lhe confidências, tem

sempre de arranjar uma forma de os resolver por elas.

Sinto uma ligeira pontada no peito. A Monica está a dar-me o que mais quero no mundo e aqui estou eu, a investigá-la. No entanto, esta é uma condição inegociável do Sam – não vai alinhar nisto a menos que tenhamos toda a informação. Está a analisar os registos médicos da rapariga enquanto faço estas chamadas. Queria contratar um detetive privado, mas foi aí que eu tracei o limite.

– Vamos compensá-la – digo, desesperada por não dar a ideia de que nos estamos a aproveitar dela. – Vamos pagar-lhe a pós-graduação em Artes Gráficas.

– Talvez. Mas tem de saber que ela o faria mesmo que não lhe pagassem um cêntimo.

– Sim – concordo. – Também acho que sim.

– Bem, enfim – responde a Sra. Johnson, com um suspiro. – De que informações precisa sobre a minha Monica?

Olho para a lista que o Sam rabiscou para mim na sua letra quase ilegível.

– Suponho que... Perguntava-me se há alguma doença grave na família.

– A minha mãe tem diabetes – informa-me, pensativa. – Mas ainda está viva. O pai da Monica é saudável... bem, não, tem a tensão arterial ligeiramente alta. A minha filha sempre foi sã como um pero.

– Algum... – Olho para a pergunta seguinte e estremeço. – Algum historial de doença mental?

– Doença mental? – repete a Sra. Johnson. – Quer dizer «loucura»? Não, é claro que não! Por que tipo de família nos toma?

– Eu, hã...

– Olhe, a minha Monica é uma boa menina – garante a mulher. – Sempre se saiu bem na escola e, além disso, sempre foi boa para todos. Tenho de ser sincera consigo, senhora Adler. Disse à Monica para não fazer isto; que iríamos arranjar outra maneira de juntar o dinheiro para ela voltar a estudar. No entanto, a minha filha quis fazê-lo. E agora parece que está... como é o ditado? A olhar o dente a cavalo dado.

Dobro as notas do meu marido ao meio e faço-as deslizar sobre a minha secretária.

– Tem razão, senhora Johnson. Desculpe ter ocupado tanto do seu tempo.

Volto a agradecer-lhe, mas, quando pouso o telemóvel, sinto um puxão de algo no fundo da minha mente; algo que não está inteiramente certo. Mas não faz sentido. A Sra. Johnson foi incrivelmente simpática, sobretudo tendo em conta o que estamos a propor à filha. Nada do que disse suscitou qualquer tipo de sinal de alarme.

Que sensação incómoda é esta de que me está a escapar alguma coisa?

Está um bebé num assento elevatório na mesa ao lado da minha. Uma menina adorável com uns lindos caracóis louros. Tem um punhado de *Cheerios* espalhados

pelo seu tabuleiro e está a apanhá-los desajeitadamente, metendo-os à boca. Observo-a, tentando ignorar a dor crescente no meu peito. Quase tive um bebé. Estive tão perto.

– *Chiu-os* – informa-me a menina.

Sorrio-lhe. Por que razão os miúdos são tão giros? A Denise não acha as crianças giras. Podia olhar para uma menina como esta, encolher os ombros e continuar a enviar mensagens no seu telemóvel.

– *Chiu-os!* – repete a bebé, e desta vez estende-me um *Cheerio* numa mãozinha gorducha a escorrer saliva. Está a partilhar a comida. Que menina tão amável e generosa. A mãe dela tem tanta sorte. Tem tanta sorte e não faz ideia. Está a tagarelar com a amiga, sem sequer *olhar* para a sua preciosa filha. É tão *injusto*.

Oh, meu Deus. Acho que tenho de mudar de lugar.

– Abby?

Ergo o olhar. A rapariga diante de mim irradia uma aura da «rapariga simpática». Tem um bonito rosto redondo, com o cabelo louro apanhado atrás num rabo de cavalo alto. Traz uma blusa preta de manga curta, que explicou à pressa que faz parte do seu uniforme de empregada de mesa. Tem um ar aseado e respeitável de miúda americana – é o tipo de rapariga que alguém poderia contratar para cuidar dos filhos.

– Chelsea? – pergunto.

Ela assente.

A Chelsea Williams é a colega de casa da Monica. Vivem juntas há vários anos, e é a última pessoa com quem tenho previsto falar antes de voltar para o meu marido, para lhe assegurar que a Monica está de facto «limpinha, limpinha». No entanto, pelo agradável sorriso brando no rosto da rapariga, sei que este encontro vai correr exatamente como eu pensava.

– Sente-se, por favor – digo-lhe.

A Chelsea desliza para uma cadeira do outro lado da mesa, à minha frente.

– Não estou atrasada, pois não?

Abano a cabeça.

– Eu é que cheguei cedo.

– Como a Monica – comenta a jovem, rindo. – Aquela miúda chega sempre cedo.

Já conheço esse facto sobre a minha assistente. A pontualidade é algo que valorizo numa funcionária, e é outro dos aspetos em que a rapariga me conseguiu impressionar.

– Então, há quanto tempo vive com a Monica? – pergunto.

– Conhecemo-nos na universidade – responde a Chelsea, abrindo o *menu* à sua frente. – Portanto, vivemos dois anos juntas nesse tempo e agora mais um na cidade. É, provavelmente, a minha melhor amiga.

– Conhece-a muito bem, então?

Assente avidamente.

– Sem dúvida. O que gostaria de saber sobre ela?

Desta vez, não tenho nenhuma nota do Sam. A verdade é que só há uma coisa que quero saber sobre a Monica: se é provável que mude de ideias e lute para ficar com o bebé.

Mas não posso perguntar isso diretamente.

– É responsável? – interrogo.

– Bem, sim! – responde a amiga, com um risinho. – Sinceramente, se não fosse por ela, já teríamos sido despejadas da nossa casa há séculos, visto que estou sempre a esquecer-me de pagar a renda.

Hesito.

– Tem namorado?

– De momento, não. – Arqueia uma sobrancelha. – Acha que um namorado estaria de acordo com algo assim?

– Provavelmente não.

– Muito bem.

Olho para a minha chávena de café. Pedi apenas um café simples – sem natas nem açúcar. Quando andava na universidade, costumava juntar cerca de um quarto de chávena de natas ao meu café, contudo, quando vi que a Denise o bebia simples todos os dias, mudei. Agora, é só isso que bebo. E, tal como a minha chefe, perco o respeito por quem junta natas ao café.

– A Monica cuida bem de si mesma? – pergunto.

A Chelsea franze o sobrolho.

– Como assim? Tipo, toma duche todos os dias e tudo isso.

– Refiro-me a se consome drogas ou bebe muito, ou...

Isso fá-la rir.

– A Monica? Nem pensar. É completamente quadrada. Tipo, é a condutora de serviço e todas essas merdas.

Pois claro. Devia ter adivinhado. Todas as pessoas com quem falei, sem exceção, confirmaram que a Monica Johnson tem um perfil imaculado. Só lhe falta uma auréola para ser santa.

– Oiça – diz a rapariga, limpando um pouco de espuma branca dos lábios. – Queria só dizer que acho que o acordo que têm com a Monica é muito fixe.

Arqueio as sobrancelhas.

– Acha?

– Sim! – Assente vigorosamente. – Lá porque são demasiado velhos para ter filhos sozinhos, não quer dizer que não vão ser ótimos pais, não é?

Demasiado velhos para ter filhos sozinhos? Tenho trinta e seis anos! Ainda me falta muito tempo para a menopausa. Se não fossem os meus ovários imprestáveis, não teria problema algum em ter filhos com a minha idade.

Mas aqui a Chelsea tem um total de vinte e três anos. Odeio pensar que idade julga que tenho. Nem vou perguntar – para quê tornar este encontro mais deprimente?

– Obrigada – digo.

Ela sorri-me.

– Vão fazê-lo, então?

– Sim – respondo, lentamente. – Acho que sim.

Quando chego a casa do trabalho, o Sam recebe-me com um jantar. Sai da cozinha com o rosto corado do calor do forno, manchas de vinho tinto na *T-shirt* e, por alguma razão, farinha branca a polvilhar-lhe o cabelo, portanto, não faço a mais pálida ideia do que fez. Biscoitos de vinho tinto?

Lanço um olhar à cozinha, retraindo-me face à confusão no interior. Pelo menos, sei que a vai limpar sozinho – posso sempre contar com o meu marido para limpar os seus desastres na cozinha sem ter de dizer para o fazer.

– Posso ajudar com alguma coisa?

– Nem pensar – responde-me. – Passaste o dia todo a trabalhar no duro. Quero que relaxes e tenhas uma refeição deliciosa. Queres vinho?

Olho para as manchas de vinho na *T-shirt* dele e sorrio.

– Devo espremê-lo da tua roupa?

– Ahah, que engraçadinha.

Serve-me um copo de vinho tinto, o que sabe realmente muito bem, pois tive um longo dia no trabalho. O Sam nunca se queixa dos meus horários – diz sempre que acha fixe que a sua mulher seja uma poderosa executiva da publicidade. (Não sou propriamente executiva, mas não o corrijo.) Já o ouvi gabar-se de mim, por isso suponho que está a falar a sério.

Alguns minutos depois, o meu marido emerge da cozinha com dois pratos de comida. Põe um deles à minha frente.

– Tcharã! – exclama. – É Frango Tikka Masala com arroz.

Olho para o frango no meu prato. Mordo o lábio.

– É suposto o frango ser vermelho?

– Bem, usei vinho tinto.

– É só que é... terrivelmente vermelho.

O Sam encara o próprio frango, pensativo.

– Bem, não é o aspeto que importa, certo? É o sabor.

É esse o meu medo.

Vê-me cortar um pequeno pedaço da ponta do frango. Bem, pelo menos parece estar cozinhado. Ainda que, a julgar pelo tempo que levei a cortá-lo, tema que o possa estar um pouco em demasia.

– Não está cor-de-rosa, desta vez – salienta o meu marido. – Já é um sucesso.

Esboço-lhe um sorriso ténue.

– É maravilhoso.

Bem, cá vai disto.

Digo uma rápida prece e meto o pedaço de frango à boca. O sabor a vinho tinto e a farinha queimada, misturado com frango, ataca-me as papilas gustativas. O Sam continua a observar-me, com uma expressão expectante no rosto. Quero engolir esta maldita coisa, mas está tão dura que não consigo. Vou passar o resto da noite a mastigar este frango.

– Está delicioso – comento, entre bocados de frango.

O meu marido franze-me o sobrolho.

– Então por que motivo estás a fazer essa cara?

– Não estou a fazer cara nenhuma.

O Sam fita-me por um momento. Finalmente, corta um bocado de frango e mete-o à boca. Mantém-no lá durante cerca de dois segundos antes de começar a tossir e o cuspir para um guardanapo.

– Oh, Cristo! – exclama. – Está *horrrível*! Por que razão não me disseste?

Encolho os ombros.

– Estava apenas feliz por não estar outra vez cru.

Ele abre-me um sorriso torto.

– Obrigado por fingires que gostavas.

– Obrigada por não me obrigares a comê-lo.

Inclina-se para me beijar.

– Obrigado por compreenderes que ainda estou a aprender.

– E obrigada, desde já, por limpares a cozinha.

O meu marido ri-se e volta a beijar-me. Provavelmente, pretendia que fosse só mais um toque de lábios, no entanto, torna-se em algo mais intenso do que isso. O Sam põe-me a mão nas costas e puxa-me mais para si até toda eu começar a formigar. Ele é realmente muito bom a beijar. Quando namorávamos, costumava fazer-me fraquejar os joelhos sempre que me beijava. Sei que é *cliché*, mas a verdade é que fazia mesmo.

Agora, há já algum tempo que somos casados, por isso já não me fraquejam os joelhos todos os dias, contudo, continuo a achar que os nossos beijos são muito mais sensuais do que a média. Continuam a ser muito melhores do que quaisquer dos beijos que dei antes de o Sam aparecer.

– De qualquer modo, não tenho assim tanta fome – murmura-me ao ouvido.

– Nem eu.

E então está a puxar-me para cima e, de início, cambaleamos em direção ao quarto, mas, no final, acabamos por só chegar ao sofá.

É uma das coisas boas de não termos filhos: sexo no sofá.

Só depois de terminarmos e de estarmos os dois deitados seminus (bem, quase nus) no sofá é que a minha mente vagueia para a oferta da Monica. Entrevistei todas as pessoas na minha lista e não encontrei absolutamente nada de preocupante acerca da minha assistente. Não há absolutamente nenhuma razão para não irmos avante com isto.

O Sam brinca com uma madeixa do meu cabelo preto enquanto eu me aninho no seu peito nu. Há alguns anos, inscreveu-se no ginásio da sua universidade porque «baixa o prémio do seguro de saúde», contudo, começou realmente a utilizá-lo. Quase todos os dias vai lá correr, e julgo que levanta pesos duas vezes por semana. Tenho orgulho da sua determinação em cuidar melhor de si, mas também adoro aquilo que levantar esses pesos fez aos músculos da parte superior do seu corpo.

– Como pões o teu cabelo tão macio? – pergunta-me.

– É macio?

– Sim. É inesperadamente macio, na verdade.

– Ainda bem que gostas.

– Não disse que gostava. Estava só a comentar as propriedades físicas dele.

Dou-lhe uma palmada no braço. O meu marido ri-se e abraça-me com mais força contra si. Talvez os meus ovários me tenham traído, mas pelo menos tive sorte no amor. Não há melhor homem no mundo.

– Amo-te, Abby – murmura-me para o cabelo.

Sorrio-lhe.

– Eu também te amo.

– Estava aqui a pensar... – Brinca novamente com o meu cabelo, com os seus olhos castanhos fixos nos meus. – Acho que devíamos pedir uma criança pequena.

Estado de espírito: arruinado.

Ergo a cabeça do peito dele e olho-o fixamente.

– *O quê?*

O Sam endireita-se no sofá.

– Olha, Abby, disse que ia pensar... nisso da barriga de aluguer, e... não me sinto confortável com a ideia. Prefiro adotar.

Não sei como consigo passar da beatitude pós-coital às lágrimas em cinco segundos, contudo, de algum modo, faço-o acontecer. Não consigo parar. Toda a dor que pus de parte depois daquele dia em que o Sam invadiu o meu chá de bebé e me disse que a Janelle nos tinha deixado pendurados regressa em força. Apesar de o meu marido ter enfiado a alcofa no roupeiro e fechado a porta do que seria o quarto do bebé, a dor continua lá. O bebé que quase tivemos. Estivemos tão perto.

E agora parecemos estar mais longe do que nunca.

– Abby? – Claramente chocado com as minhas lágrimas, o Sam franze o sobrolho.
– Por que razão estás a chorar?

– Queres saber por que razão estou a chorar? – Por que raio me faz perguntas estúpidas? – Estou a chorar porque... – Limpo água salgada do rosto. – Isto nunca vai acontecer para nós, Sam. Sinto-o. A próxima adoção vai demorar uma eternidade e, depois, algo vai correr mal, e... e... quando tivermos um filho, teremos cinquenta anos!

Não consigo falar mais, pois estou a chorar demasiado. Uma bolha de ranho brota-me da narina esquerda e nem me dou ao trabalho de a limpar.

– Abby – diz, delicadamente. – Sabes que quero isto tanto quanto tu...

– É óbvio que não. – Fulmino-o com o olhar. – Porque, se quisesses, estarias disposto a agarrar esta oportunidade que está mesmo à nossa frente, em vez de a recusares porque te deixa «desconfortável».

O meu marido olha para as mãos. Provavelmente, não foi justo da minha parte dizer isto; afinal de contas, sei o quanto quer ser pai. Quere-o tanto que, às vezes, me surpreende que não me tenha deixado por uma mulher com dois ovários funcionais. Sim, sei que não é esse tipo de homem que tenho ao meu lado, no entanto, acredito que se sinta tentado, às vezes.

– Desculpa – murmuro. – Apenas fiquei... perturbada. Tens o direito a vetar algo com o qual não te sentes confortável. – Limpo os olhos inchados e pego-lhe na mão.
– Vamos tentar outra vez a adoção. Está tudo bem.

O Sam continua a olhar para as mãos, de sobrolho franzido.

– Sam? – chamo.

Não me responde de imediato, e não sei o que é que essa reação significa. Às vezes, fica assim, calado, e, geralmente, parto do princípio de que é porque está a pensar em algo relacionado com a matemática. Não é nisso que está a pensar agora. Bem, suponho que podia ser, mas é improvável.

– Acho que devíamos usar a Monica como nossa barriga de aluguer – afirma, por fim.

Inspiro fundo.

– Sam, não tens de...

– Eu sei que não. – Ergue o olhar. – No entanto, tens razão. Há tanto tempo que queremos isto. Odeio que não possamos abrir a porta do segundo quarto por ser demasiado doloroso. Já nem consigo ver um anúncio a fraldas sem me sentir péssimo. Nem posso imaginar como é para ti teres de as publicitar. – Suspira. – Talvez não seja o ideal, mas a verdade é que quero ser pai. E quero que tu sejas mãe. Estamos prontos *agora*.

Estende o braço e aperta-me a mão. Enquanto me sorri e o meu peito se dilata de felicidade, ocorre-me um pensamento:

A Sra. Johnson vive no Indiana. O seu número de telefone tinha um indicativo de lá, e disse-me que tinha sido «nascida e criada» em Indianápolis.

Cresci fã dos Red Sox. Ia a todos os jogos em pequena. Seria incapaz de pôr um boné dos Yankees. Nunca mais me deixariam voltar a casa!

Foi isso que a Monica disse no chá de bebé, quando lhe tentei dar aquele boné de bebé dos Yankees, contudo, os Red Sox são uma equipa de Boston. Todos os fãs dos Yankees sabem disso. Suspeito que ninguém no Indiana daria assim *tantos* problemas a alguém por ser fã dos Yankees. Mas talvez sim. Não é como se alguma vez tivesse lá estado.

Se é do Indiana, por que razão será a Monica uma adepta ferrenha dos Red Sox?
Não faz sentido.

Viro-me para o Sam, prestes a dizer-lhe aquilo de que acabo de me aperceber, no entanto, fecho a boca. O meu marido tem reservas, portanto, se lhe disser que temo que a Monica me tenha mentido, isso encerrará o assunto de vez. Além disso, talvez me esteja a lembrar mal. Talvez tenha sido outra pessoa a fazer esse comentário sobre os Red Sox. Poderá ter sido a Lily, da contabilidade?

É algo tão insignificante. Não deve ter importância.

TRÊS MESES DEPOIS

Tenho cinco embalagens de plástico de comida para bebés dispostas na minha secretária: de maçã, de pera, de torta de pêssego, de batata-doce e de peru com vegetais de outono.

Recentemente, a Cuddles decidiu expandir-se para o mercado da comida para bebés. Supostamente, devia estar a escrever conteúdos para o *site* que estão a desenvolver para apresentar e vender os seus produtos. Mais especificamente, querem um *slogan* apelativo. Tendo em conta que tenho pouca experiência com comida para bebés, e na esperança de que isso me inspirasse, achei que devia comprar algumas embalagens dela.

E, de facto, aprendi algo importante sobre a comida para bebés: tem um sabor horrível.

Não posso acreditar que as pessoas dão esta porcaria a bebés indefesos. Bem, a de maçã e a de pera eram decentes. Toleráveis, aliás. A de torta de pêssego até sabia bem, no entanto, era demasiado doce. A de batata-doce deu-me vontade de vomitar, mas consegui engolir uma colherada. Contudo, a de peru com vegetais de outono... não uso muitas vezes a palavra «deplorável», mas uau. É capaz de ter sido a pior coisa que alguma vez meti à boca.

Oh, e houve outra coisa importante que aprendi sobre a comida para bebés: é um laxante muito poderoso.

E nem sequer provei a de *ameixa*.

Talvez haja um *slogan* por aí algures. *Comida para bebés Cuddles – tão boa para os intestinos como para a alma.*

Talvez não.

Alguém bate à porta do meu gabinete. A Monica está à entrada, com o seu traje modesto de calças pretas e a imaculada blusa branca abotoada até à garganta. Sorri ao ver-me.

Há um mês, finalizámos o nosso contrato com a Monica para nos servir de barriga de aluguer. O Sam passou uma eternidade a estudá-lo com o nosso advogado, e os termos são muito rigorosos: pagaremos a totalidade das propinas da pós-graduação da Monica, mas ela abdica de todos os direitos do bebé no momento da concepção.

Não tem a opção de mudar de ideias em nenhum momento depois disso. Temia que os termos a pudessem assustar, mas não. A verdade é que até assinou com um floreado.

Depois, há algumas semanas, o Sam foi ao consultório e deu uma amostra do seu esperma. Visto que conheço tão bem a Monica, não tínhamos certamente de ter ido pela via do médico – podíamos ter recolhido uma amostra sozinhos para lhe dar. Seja como for, o meu marido insistiu em fazê-lo assim.

E agora... estamos à espera. Obviamente, é apenas a nossa primeira tentativa, pelo que a probabilidade de uma gravidez não é enorme, contudo, não consigo deixar de me sentir entusiasmada. Se não resultar este mês, será no próximo ou no seguinte. A rapariga tem apenas vinte e três anos, e, além disso, o médico dela afirmou que tem uma saúde excelente, como tal, não há razões para isto não funcionar.

– Alguma vez provou comida para bebés? – pergunto-lhe.

A Monica faz uma careta.

– Não. Devia?

– Não, certamente que não. – Vejo que tem a bolsa apertada debaixo do braço. – Está tudo bem?

– Bem – responde, pensativa. – Mais ou menos.

– Mais ou menos?

Leva a mão à bolsa e passa algum tempo a vasculhá-la. Quando volta a tirar a mão, segura uma barra de plástico branca dentro de um saco de plástico transparente com fecho. Pousa-a na minha secretária para que eu a possa ver claramente.

Há duas linhas azuis na barra.

– Está grávida? – murmuro.

A jovem assente, com os olhos a brilhar.

– Não há falsos positivos.

A Monica está grávida.

O esperma do Sam engravidou a Monica à primeiríssima tentativa. Passámos tantos anos a tentar em vão. Não é como se alguma vez tivesse duvidado de que era eu a responsável pela nossa infertilidade, mas nunca tinha visto a prova assim, mesmo à vista dos olhos.

Grávida. À primeira tentativa.

Após um segundo de autodepreciação silenciosa, o impacto da notícia atinge-me. A Monica está grávida. O que significa que, daqui a menos de nove meses, vai dar à luz. Vou ser mãe. Ao fim de tanto tempo à espera, a tentar e a desejar, isto vai finalmente acontecer.

Não posso acreditar.

– Isto é incrível! – exclamo.

Ela assente, feliz.

– Não pensava que fosse acontecer tão depressa. Suponho que sou mesmo fértil, hã?

As suas palavras parecem uma facada no meu estômago, contudo, desvalorizo-as. Está a fazer isto por mim – está apenas entusiasmada com a rapidez com que tudo aconteceu.

– Suponho que sim. Ei, vou enviar uma mensagem ao Sam, está bem?

– Claro.

Pego no meu *iPhone*, que não reconhece a minha impressão digital, claro, porque tenho os dedos todos pegajosos de comida para bebés. Introduzo o meu código, que é o meu aniversário. Sim, eu sei – não é muito seguro. Seja como for, não acho que ande alguém a conspirar para roubar informação do meu telemóvel. Metade do que lá está são trocas de mensagens com os meus colegas de trabalho. (Sobretudo com a Shelley, a queixar-nos da Denise.)

Escrevo uma rápida mensagem para o Sam: *A Monica está grávida!*

Depois de digitar as palavras, o *iPhone* sugere um *emoji* de uma senhora grávida, que acrescento, apesar de o meu marido não ser muito fã de *emojis* aleatórios.

– O que disse ele? – pergunta a Monica, debruçando-se casualmente sobre a minha secretária para ver o ecrã do meu telemóvel.

A resposta do Sam chega um segundo depois: *Maravilhoso*.

É difícil não imaginar um toque de sarcasmo na sua réplica. Apesar de ter alinhado neste processo, mostrou-se visivelmente relutante durante todo o caminho. Quando saiu para dar a amostra de esperma, lançou-me um olhar e disse:

– Aqui vou eu. – E então esperou, como que na esperança de que eu lhe pudesse dizer para esquecer tudo. Não o disse.

– Disse «Maravilhoso!» – respondo.

Ela sorri. Não precisa de saber que fui eu a inserir o ponto de exclamação.

Olho-lhe para a barriga, lisa como uma tábua. Combinámos que ia trabalhar até que se começasse a notar, mas não parece que isso vá acontecer em breve.

– Como se sente?

– Bem!

– Algumas náuseas?

– Nenhumas.

– Cansada?

– Só um bocadinho. – Ergue o polegar e o indicador, separados por um centímetro. – Mas nada de muito mau.

Não parece cansada ou com náuseas. Parece... ótima, na verdade. Como se tivesse um brilho.

– Está a tomar as vitaminas pré-natais, certo? – pergunto.

Ela assente.

– Duas por dia – recordo-lhe. – A dose recomendada é de dois comprimidos por dia.

Sorri.

– Eu sei.

Junto as mãos.

– E tem de evitar as carnes frias. E o *sushi*. E, bem... supostamente, o álcool não faz mal, se for em moderação, mas...

– Não se preocupe, Abby – responde a Monica, naquele seu tom calmo. – Não vou beber de todo. Prometo.

Oiço bater à porta e, antes que possa dizer algo, a Denise aparece à entrada. Nunca espera que lhe respondam antes de entrar. Olha para mim, com uma visível falta de sorriso nos lábios, no entanto, isso não é nada de novo. Lança um breve olhar à minha assistente, contudo, opta por nem reconhecer a sua presença com um cumprimento.

– Abigail – diz. – Já arranjou um *slogan* para a Cuddles? Acabaram de me ligar.

– Hã...

Comida para bebés Cuddles – cinquenta por cento menos repugnante do que as outras principais marcas.

– Ainda não – respondo.

A minha chefe lança um olhar às embalagens de comida para bebés na minha secretária. A seguir, vejo que o teste de gravidez da Monica ainda lá está, apesar de já ser tarde demais. Ponho-lhe o cotovelo à frente, esperando que a Denise não repare. Tirando a Shelley, não falei com ninguém acerca do meu acordo com a Monica, e a verdade é que não tenciono fazê-lo. Nada de bom poderia resultar disso. Ela vai deixar a empresa antes que se note, como tal, ninguém tem nada que ver com isso.

– Temos uma reunião com eles amanhã – lembra-me a minha chefe. – Espero que tenha algo até lá.

– Com certeza.

– Não me desiluda, Abigail. – Franze-me o cenho. – Isto é algo muito importante.

Sim, eu *sei* que é importante. Apesar do meu sucesso com a campanha das fraldas, só somos tão bons como a última coisa que fizemos. Se fizer asneira aqui, estou acabada. Por que outra razão haveria eu de estar aqui sentada, a comer esta comida para bebés nojenta?

– Não se preocupe – respondo. – Estou a tratar disso.

Exalo um suspiro quando a minha chefe sai do meu gabinete. Tenho medo da conversa em que terei de lhe dizer que, afinal, vou precisar das doze semanas de

licença de maternidade. Mas o que posso fazer?

Uau, isto do bebé vai mesmo acontecer.

Vou ter um bebé.

Não posso acreditar.

– É melhor preparar-me para a tal reunião – digo à Monica, que manteve a cabeça baixa durante todo o tempo que a Denise passou a repreender-me. – Bem... sei que já disse isto antes, mas não me canso de o dizer: obrigada. Isto é... incrível.

Ela sorri, mostrando uma fila de dentes imaculados.

– Faço-o de bom grado por si.

Olha para o teste de gravidez positivo pousado na mesa à minha frente. Mostra vontade de lhe pegar, no entanto, eu abano a cabeça.

– Posso deitar isto ao lixo por si.

– Oh, *não*. – Recolhe-o da minha secretária e ergue-o, admirando as duas linhas azuis. – Quero guardá-lo. Enfim, como recordação.

Quer *guardá-lo*? Quer uma recordação de uma gravidez pela qual vai passar só para conseguir um bilhete para a Escola de Artes? É impressão minha ou isso é estranho?

Se há alguém que devia querer guardar o teste de gravidez, devia ser eu. E não quero. Quero dizer, tem *urina*. Seja como for, não quero dar demasiada importância a isto, portanto, não digo nada enquanto a Monica volta a guardar cuidadosamente o teste de gravidez na bolsa.

Faz hoje oito anos que eu e o Sam somos casados. Esta noite, vamos sair para celebrar num simpático restaurante espanhol no centro da cidade, que serve uma *paella* muito boa. Na maioria das noites, ficamos em casa e cozinhamos, ou encomendamos comida, visto que estou sempre tão ocupada, no entanto, saímos sempre no nosso aniversário de casamento.

O meu marido encontra um lugar de estacionamento a poucos quarteirões do restaurante, o que é uma espécie de milagre. A grande vantagem da sua recusa em arrendar um lugar numa garagem é que se tornou incrível a estacionar em paralelo. Tenho a certeza de que jamais vai conseguir enfiar o *Highlander* naquele espacinho minúsculo, mas ele insiste em que é capaz. Enquanto tenta manobrar o carro para o lugar, um pequeno grupo de peões junta-se para assistir.

– Não vai conseguir, companheiro! – grita um homem.

– Veja só! – grita o Sam, em resposta.

Quando ocupa o lugar (como se houvesse alguma dúvida), recebe alguns aplausos dispersos. Ainda não sei bem como o fez. Há apenas alguns centímetros de folga em cada extremo do veículo. O meu marido diz sempre que o eterno objetivo é ter zero espaço em ambas as pontas do carro.

Enquanto percorremos a curta distância até ao restaurante, procura-me a mão. Pega-me sempre na mão enquanto caminhamos – fazia-o quando namorávamos e continua a fazê-lo agora, depois de oito anos de casamento. É querido.

– Sinto-me feliz por sermos casados – revela, apertando-me a mão.

Rio-me.

– É bom saber.

Não o diz apenas por ser o nosso aniversário – é óbvio que o Sam se sente mesmo feliz por sermos casados. Nos primeiros anos que passámos juntos, antes de a situação da fertilidade descarrilar, dizia constantemente: «Alegro-me tanto por sermos casados.» Ou: «Estou tão feliz por ter uma mulher!» Ou, às vezes: «Graças a Deus que somos finalmente casados.» Acho que não gostava muito de namorar. Dizia que era esgotante.

Provavelmente, foi por isso que casámos relativamente depressa depois de começarmos a namorar. A Shelley começou a namorar com o marido, o Rick, por

volta da mesma altura em que conheci o Sam, mas o Rick sempre foi melindroso em relação ao compromisso. O Sam era precisamente o contrário. Rapidamente entrámos numa relação exclusiva, com um encontro implícito todos os sábados à noite, bem como várias noites ao longo da semana. Enquanto o Rick se passou quando a minha melhor amiga deixou uma escova de dentes no seu apartamento, o Sam – por iniciativa própria – esvaziou uma gaveta para mim no quarto dele e fez-me uma cópia da chave.

– Não seria mais fácil se viesses simplesmente viver comigo? – perguntou, pouco depois. Eu e a Shelley andávamos ambas em finais dos vinte e com o casamento na cabeça, como tal, ela estava a morrer de inveja.

Então, quando já vivíamos juntos, o Sam começou a fazer comentários começados por «Depois de casarmos». «Depois de casarmos, podemos declarar os nossos impostos em conjunto», por exemplo. Ou: «Depois de casarmos, devíamos arranjar um T2.» É certo que não eram afirmações muito românticas (como «Depois de casarmos, devíamos ir a Paris em lua de mel» ou «Depois de casarmos, devíamos comprar uma *villa* em Milão»), contudo, havia algo de querido na sua presunção de que íamos ficar juntos. Com o tempo, também comecei a fazer afirmações do tipo «Depois de casarmos».

Um dia, íamos a passar por uma *Zales*, de mão dada, e comentei:

– Quando me pedires em casamento, é melhor que me compres um anel da *Tiffany*.

O Sam ficou com uma expressão estranha no rosto, e senti um aperto no coração. Tinha vindo a fazer tantas declarações sobre o casamento que pensei que não fazia mal. Era tudo culpa dele!

Finalmente, quando estava prestes a gaguejar uma desculpa desajeitada, inclinou-se para mim e murmurou-me ao ouvido:

– E se o tiver comprado na *Kay*?

Franzi-lhe o sobrolho.

– Hã?

Foi então que levou a mão ao bolso e tirou a caixinha azul. Fiquei boquiaberta. Só namorávamos há um ano e meio e, apesar de vivermos juntos, não estava à espera daquilo.

– Oh – murmurei. – Não estava à espera...

Ele pestanejou.

– Bem, eu amo-te. Porquê esperar?

Bom...

– Espera, deixa-me pôr-me de joelhos – disse. E então fê-lo, como se estivesse a seguir algum procedimento adequado para pedir a namorada em casamento, tirado

de um manual de relações. Abriu a caixa azul e o anel era... bem, não vou mentir; era minúsculo. O Sam só tinha terminado recentemente o seu doutoramento, e não ganhava propriamente uma fortuna no programa de pós-doutoramento. Mas, mesmo assim, era perfeito. – Queres casar comigo, Abby?

Disse-lhe que não.

Estou a brincar. É óbvio que disse sim. Um «sim» muito entusiasta. Porque, caso contrário, por que motivo haveríamos de estar sentados à mesa, à espera de saborear uma *paella*, no início do nosso nono ano como marido e mulher? Nunca, nem por um momento, me arrependi da minha decisão de casar com o Sam Adler.

Ainda que às vezes me pergunte se sente o mesmo.

Seja como for, não há nem rasto de arrependimento no rosto dele enquanto vê a nossa empregada pôr a grande frigideira de arroz e marisco, a escaldar, à nossa frente. Sorri-me sobre o vapor que se ergue da nossa comida.

– O que acham? – pergunta-nos a empregada.

– Tem ótimo aspeto – respondo.

– E o que lhe parece a *si, cariño*? – Pousa uma mão branca com unhas vermelhas no ombro do meu marido.

A nossa empregada tem estado a namoriscar desavergonhadamente com o Sam desde que chegámos. É algo que acontece sempre – já nem noto. E ele *nunca* repara. Seria de esperar que a sua aliança e o facto de *estar aqui com a mulher* fossem suficientemente dissuasivos, no entanto, parece que não.

– Sim, tem bom aspeto – diz, mas o seu sorriso é dirigido só a mim. É divertido ver mulheres a tentar namoriscar com o meu marido enquanto ele as ignora por completo. Nunca me vou cansar disso.

A empregada desiste e deixa-nos com a nossa *paella*. Está muito boa. Vai custar-nos uma fortuna, mas o dinheiro nunca foi algo com o qual me preocupasse. Sempre senti a necessidade de me lançar por minha conta, mesmo com o meu fundo fiduciário no banco, contudo, entre o meu salário e o do Sam, seria difícil viver em Manhattan sem esse pé-de-meia.

– Isto está muito bom – comento, metendo um pedaço de salsicha à boca.

– Não sei – responde o Sam. – Acho que a *paella* que fiz no mês passado também não estava nada má.

Estava. Estava mesmo. O meu marido não se está a tornar melhor a cozinhar.

– Bem, tecnicamente, isso não era uma *paella* – observo. – Era arroz espanhol com pedaços de salsicha e camarão.

– Sim, e o que é *isto*? – Tira algum do *socarrat* da frigideira. – É igual. Arroz com salsicha e camarão.

– Não tens a parte crocante no fundo.

– Tenho, pois.

Sorrio-lhe.

– Queimado no fundo não é a mesma coisa.

– Só estava um *bocadinho* queimado.

– Estava preto.

– Hum. Eu acho que estava castanho.

Reviro os olhos.

– Mas admito que gosto que tenhas usado tomates frescos no teu. Os tomates são o meu vegetal favorito de todos os tempos.

Ele arqueja.

– Abby! Os tomates não são vegetais! São frutos.

– Não pode ser.

– Pode, pois – afirma, com firmeza. – Têm sementes por dentro, o que faz deles um fruto. – Pisca-me o olho. – É um fruto *salgado*.

– Isso não parece certo.

– Está certo. Acredita.

Não... Está?

Agarro no meu telemóvel para pesquisar no *Google* e... uau, os tomates são mesmo um fruto, afinal. Raios.

– Não posso acreditar! Como podem os tomates ser *frutos*?

– No que eu não posso acreditar é que não *sabias* que os tomates são frutos.

– Sim, bem. – Dou-lhe um pontapé ao de leve no sapato por baixo da mesa, o que o faz sorrir. – *Tu* nem sabias que o Brad Pitt e a Jennifer Aniston se separaram.

– Não sigo as últimas notícias dos tabloides, e depois?

– Isso não são últimas notícias. O divórcio foi há mais de uma década! Desde então, ele casou com a Angelina Jolie, adotaram um monte de bebés e *depois* separaram-se! Estás um casamento inteiro atrasado.

– Sabes certamente muito sobre a vida amorosa do Brad Pitt – conclui, devolvendo-me o pontapé por baixo da mesa.

E então começamos a fazer como que um jogo de pés por baixo da mesa. Descalço o sapato e subo o pé pela perna das suas calças, o que o faz baixar o braço para me agarrar a barriga da perna nua. Os nossos olhares cruzam-se sobre a mesa, e o sorriso que me lança faz todo o meu corpo formigar. A Shelley está sempre a falar em como o marido já não a «excita», contudo, não me consigo identificar com isso. O Sam continua a deixar-me toda alvoroçada. Não consigo imaginar que isso vá mudar algum dia. Até estou expectante por que envelheça, porque acho que vai ficar *sexy* com rugas à volta dos olhos e com o cabelo grisalho.

Mal acabamos de comer, o meu marido quer trocar presentes. Está mais entusiasmado com isto do que qualquer adulto devia estar. Tenho o seu presente guardado na bolsa, e o meu está, teoricamente, no bolso do seu casaco. O que significa que é algo pequeno. Talvez uma joia.

Espero que seja uma joia.

Efetivamente, tira uma caixa retangular do casaco e fá-la deslizar sobre a mesa na minha direção. Sorri ao ver a caixa quadrada que lhe estendo. Ergue-a, avaliando o seu peso.

– Não parece um aparelho eletrónico – comenta.

– Não é.

– São... meias? – Sorri. – Sabes como adoro meias.

Está a brincar – refere-se a uma vez em que fomos passar o Natal a casa dos meus pais, e em que o presente deles para o Sam foi um par de meias finas. Foi, suspeito, a forma não muito subtil da minha mãe de dizer que não estava entusiasmada com as nossas iminentes núpcias. Fiquei horrorizada com isso, mas ele achou graça. Ainda as usa. Chama-lhes «as suas meias natalícias».

– Sim, mas são meias boas – afirmo. – Meias *Prada*.

– Oh, meias *Prada*. Tenho de ver isso.

Rasga o papel de embrulho e tira a tampa da caixa. Arregala os olhos ao ver o que tem dentro.

– É... uma camisola de alças?

– É um avental!

– Oh... – Tira-o, erguendo-o para a luz. O avental contém um monte de símbolos matemáticos, incluindo a raiz quadrada de i negativo, dois ao cubo, um símbolo de somatório e o π . Jamais saberia isto, mas o *site* garantiu-me que se lê como... – *I ate some pie?*

– Certo. – Sorrio-lhe. – Fixe, não é? Para todos os teus... enfim, cozinhados.

Não que o queira encorajar a cozinhar ou assim, mas, visto que não o consigo desencorajar, mais vale comprar-lhe um avental para que não ponha nódoas em todas as peças de roupa no seu roupeiro.

– Sim, é ótimo – responde, embora seja difícil perceber se o diz a sério. – Serei uma mistura de Euclides com Martha Stewart.

– Odeias.

– Não odeio nada.

– É óbvio que sim.

– Não, não odeio. *Adoro*.

– É claro que não adoras.

– Adoro, sim!

– Mentiroso.

– Adoro-o tanto – insiste – que o vou pôr agora mesmo, porque mal posso esperar para o usar.

– Está bem, está bem...

– Não, olha... – E então levanta-se, e, diante de todo o restaurante, passa os atilhos do avental por cima da cabeça. Arma um grande espalhafato ao experimentá-lo, até eu me desmanchar a rir. As pessoas começam a olhar para nós, mas não quero saber. – Que tal estou?

– *Sexy* como tudo.

– Bem, isso nem é preciso dizer. – Sorri-me. – Muito bem, agora abre o teu.

Tiro a tampa da caixa do que é claramente uma joia. O meu marido não me compra muitas joias, contudo, quando o faz, até é decente a escolher. Para um homem, isto é.

Mas isto não é uma joia; é um longo objeto prateado com diamantes no cabo e o nome «ABBY» gravado na lâmina.

– É um abre-cartas – explica. – Fartei-me de te ouvir a queixar de todos os teus cortes de papel.

É certo que me queixo muito de cortes de papel.

– É lindo – digo; e digo-o a sério. O cabo é absolutamente magnífico. Não posso dizer que não teria gostado de um colar, mas isto é atencioso. É algo que não tenho e de que preciso, e, sempre que o usar no trabalho, vou pensar no Sam. Compra-me sempre presentes muito atenciosos.

– Fico muito feliz por gostares – responde. – Não vais impressionar o pessoal da Cuddles se tiveres as mãos cobertas de cortes, pois não?

Tiro-o da caixa, admirando o *design*. É realmente lindo. A lâmina capta a luz do teto, e reparo em como é afiada. Bem, não devo voltar a ter problemas a abrir cartas.

Uma hora depois, estamos a caminhar de mão dada de regresso ao *Toyota*. O Sam tirou o avental e está muito bonito com camisa e calças. Só bebeu um pequeno copo de vinho, porque vai conduzir, mas eu bebi dois e, por alguma razão, é quanto basta para me deixar alegre. O que posso dizer? Sou um peso-leve. Este facto sobre a minha pessoa explica a razão pela qual o nosso andar de mão dada rapidamente degenera em eu agarrar-me ao braço do meu marido. Ele passa-mo pelos ombros, puxando-me para si enquanto andamos.

Tropeço numa racha no passeio, o que é mais um sintoma dos meus saltos altos do que do que bebi, no entanto, o Sam acha hilariante.

– Ficaste bêbeda com dois copos de vinho, Abby?

– *Não*.

– Quer-me parecer que sim.

– Ouve lá, meu menino. – Agarro-o pelo braço. Oh, belos bíceps. Obrigada, inscrição no ginásio. – Porta-te bem.

Paramos de andar e, por um momento, ficamos só a olhar um para o outro. Ele inclina-se para a frente até eu poder sentir o cheiro a vinho e *paella* no seu hálito. Quase de certeza que me teria beijado, mas uma voz do meu lado esquerdo chama:

– Abby!

Raios.

Viro a cabeça para o lado. Fico chocada ao ver nada menos do que a Monica Johnson a poucos metros de nós. Não estamos nem perto do trabalho. O que *faz* ela aqui?

– Hã, olá, Monica – digo, afastando-me do meu marido, que, por seu lado, parece devidamente desiludido.

A minha assistente não parece ter de todo consciência de que nos interrompeu enquanto aperta a bolsa contra o peito e se aproxima de nós.

– Estou tão surpreendida por vos ver aqui!

O Sam mal reconhece a sua presença, olhando para o relógio e depois para um candeeiro de rua. Não é o homem mais social do mundo nem nas melhores circunstâncias, mas não guardou segredo de como esta situação o deixa desconfortável. A Monica está grávida de uma criança que tem metade do seu ADN. É, de facto, uma situação estranha.

– É o nosso aniversário de casamento – explico. – Acabámos de jantar.

– Oh, isso é maravilhoso! – exclama, juntando as mãos. Continua com a mesma blusa que tinha no trabalho esta manhã, e não posso deixar de notar que, ainda que a sua barriga não tenha crescido, os seus peitos fizeram-no certamente. Tinha uns seios bastante banais antes disto, mas agora são enormes.

Lanço um olhar ao meu marido para ver se reparou, contudo, este tem as mãos enfiadas nos bolsos e está a olhar para todo o lado menos para a rapariga. Pelo menos, não pegou no telemóvel.

– O que faz por aqui? – pergunto.

A jovem encolhe os ombros.

– Vim só jantar com uns amigos. E agora, enfim, estou a tentar apanhar um táxi a uma sexta-feira à noite. Ouvi dizer que ajuda mostrar um pouco de perna, mas não está a resultar.

– Oh. – Olho para o fundo da rua, onde o *Highlander* do Sam está estacionado. – Podemos dar-lhe boleia para casa, se quiser.

O meu marido arregala os olhos, mas mantém a boca fechada, felizmente. Esta mulher está grávida do nosso filho – não a vou deixar vagar pela cidade a altas horas da noite.

A Monica fica com as faces coradas.

– Oh, não vos quero desviar do caminho.
– Não, fazemos questão – insisto. – Não vive assim tão longe de nós. Não é incómodo nenhum.

Olho para o Sam em busca de confirmação e este assente com relutância.

E assim, em vez de dar uns amassos com o meu marido nas ruas de Manhattan na noite do nosso aniversário de casamento, arrastamo-nos todos até ao *Toyota* para voltar para casa. O que não tem mal, suponho.

Mas eis a parte estranha: quando o meu marido destranca as portas do carro com o seu comando da chave, a Monica salta imediatamente para o lugar do passageiro. Tendo em conta que lhe vamos dar boleia, parece-me estranho. Sou eu a mulher do Sam – *eu* é que devia ir sentada ao seu lado. Tecnicamente, o carro é dele, visto que está em seu nome, no entanto, comprou-o com dinheiro da nossa conta conjunta. E, visto que ganho muito mais do que ele, isso quer dizer, de certo modo, que este carro é mais meu do que dele. Em todo o caso, é mais meu do que da *Monica*, de certeza.

Como foi capaz de se sentar no banco da frente?

Passo um minuto furiosa com isso, contudo, não há nada que possa fazer. É o meu marido que vai conduzir, por isso não tenho escolha a não ser entrar para o banco de trás. Sei que é algo pequeno, mas deixa-me desconfortável. Quando olho para o Sam e para a Monica sentados à frente, parece-me que podiam ser um casal. Além disso, ela está grávida do filho dele. Em muitos aspetos, fazem mais sentido do que o Sam e eu. Sim, é mais de dez anos mais nova do que ele, mas e então? Os homens passam a vida a casar com mulheres muito mais novas.

Começo a sentir que estou a fazer de vela aqui atrás. Espero que o meu marido conduza depressa.

Durante cerca de cinco minutos, viajamos num silêncio desconfortável. Sou boa a fazer conversa de circunstância, mas que tipo de conversa se faz com a mulher que tem o nosso filho no útero? *Já pensou em alguns nomes para o filho que nos vai dar?* Não me ocorre nada de brilhante. Só quando paramos num sinal vermelho em frente a um cinema é que a Monica exclama:

– Oh, meu Deus! O novo filme do Quentin Tarantino já saiu!

As sobranceiras do Sam disparam. O Quentin Tarantino é um dos seus realizadores favoritos, e já fizemos planos para ver o filme este fim de semana.

– Gosta do Quentin Tarantino?

– Ahã – assente avidamente. – O meu favorito é o *Pulp Fiction*.

Pulp Fiction é o favorito do meu marido de entre todos os filmes do Tarantino. Diria, sem exagerar, que o viu, provavelmente, dez mil vezes, e isso só a contar as vezes em que o vimos juntos.

Resfolega.

– Provavelmente, ainda nem tinha nascido quando esse filme saiu.

Incomoda-me que ela não o contradiga nesse ponto.

– Não deixa de ser um ótimo filme. Samuel L. Jackson? Clássico. – Sorri. – Sabe o que chamam a um quarto de libra com queijo em Paris?

Um sorriso repuxa-lhe os lábios.

– Um Royale com Queijo.

– Certo – responde a rapariga, rindo. – Por causa do sistema métrico.

E então passam o resto da viagem a citar frases de *Pulp Fiction*. Vi-o quase tantas vezes como o Sam, por isso podia juntar-me à diversão, mas, visto que vou no banco de trás, é difícil. Perto do fim, o sorriso do meu marido torna-se genuíno. Quando encosta à berma junto ao prédio da Monica, parece desiludido por a diversão ter terminado.

– Então, vai ver o novo filme do Tarantino este fim de semana? – pergunta ela.

– Sim – responde o Sam, olhando para mim em busca de confirmação. Anuo.

Faz-se um longo silêncio e, por um assustador segundo, penso que o meu marido a vai convidar para vir connosco. Não que fosse horrível, mas... bem, não quero que vá. Em todo o caso, ele não o sugere e a Monica sai do carro sem mais alarido.

Depois de a rapariga sair, desaperto o cinto e vou sentar-me no banco da frente, ao lado do Sam. Este lança-me um olhar estranho.

– Não tinhas de mudar de lugar – afirma.

– Não quero ir sentada no banco de trás, como se fosses o meu motorista.

– Porque não? Podia ser um daqueles jogos de papéis, em que eu sou um taxista e tu és a bela e misteriosa mulher que fui buscar ao aeroporto.

Rio-me.

– É isso que queres?

– Na verdade, só quero ir para casa para podermos... enfim, *celebrar*.

– Parece-me bem.

O Sam liga o carro e vira para a Third Avenue, rumando ao nosso apartamento. Observo o seu perfil à luz da lua. Neste momento, tem o rosto liso, o que significa que se barbeou mesmo antes de sairmos. Por mim.

– Ei – digo. – Não achaste estranho a Monica ter-se sentado à frente?

O meu marido empurra os óculos para cima sobre a ponte do nariz.

– Sim. Um pouco.

– Quero dizer, era a passageira. Devia ter-se sentado atrás.

– Sim, suponho que sim.

Não parece muito incomodado com isso, por isso talvez seja melhor não insistir na questão. Sim, foi estranho. De certeza que a Shelley concordaria comigo. Mas o Sam não fica incomodado com esse tipo de coisas. E, seja como for, parece ter-se divertido muito a falar sobre *Pulp Fiction* com a Monica.

Só quando já vamos há vários minutos em marcha é que me lembro de uma conversa que tivemos a uma mesa de reuniões há alguns meses.

– Vi outra vez o *Django Unchained* na *Netflix* ontem à noite – comentei.

A Monica, que estava a pôr café na mesa, estremeceu e disse:

– Oh, meu Deus, o Tarantino é tão violento.

Ri-me.

– Sim, mas o meu marido adora os filmes dele, especialmente o *Pulp Fiction*. Já perdi a conta do número de vezes que vimos esse filme.

Fecho os olhos, tentando recordar o que a Monica respondeu a isso. Disse que tinha visto o filme? Não me lembro. Seja como for... dizer que Tarantino é «tão violento» é muito diferente de lhe chamar «o seu favorito».

Mas, de algum modo, não só é esse o seu filme favorito como decorou cada frase.

Mordo o lábio com tanta força que dói. O Sam continua a conduzir, assobiando para consigo. Teve uma boa noite hoje – não faz ideia do que estou a pensar.

Provavelmente, estou a ser irracional. Talvez me esteja a lembrar mal da conversa com a Monica. Sim, disse que os filmes eram violentos, mas não disse que não gostava deles. Talvez o quisesse dizer num sentido elogioso, como «O Tarantino é o único realizador que satisfaz a minha sede de violência!» E nunca disse que não tinha visto *Pulp Fiction*. A maioria das pessoas já viu esse filme – é um filme muito popular. Um clássico, como a própria disse.

Ei, talvez a nossa conversa a tenha inspirado a visitar os filmes.

Estou decididamente a dar demasiada importância a isto. Que importa que a Monica se tenha sentado no banco da frente? Que importa que tenha o mesmo gosto por filmes que o meu marido? Eu é que estou casada com o Sam. E em breve, graças à generosidade dela, vamos ser pais.

Não sei por que motivo estou a ficar tão paranoica.

Esta é a primeira consulta de obstetrícia da Monica desde o teste de gravidez positivo.

A julgar pela sua última menstruação, está de dez semanas, quase onze. Continua com a barriga lisa como uma tábua, no entanto, os seus peitos estão enormes. Tem uma bata de hospital vestida, mas nada da cintura para baixo. Entrei com ela na sala de exame e ofereci-me para esperar à porta enquanto trocava de roupa, mas a rapariga insistiu em que não era «nada de especial».

Virei costas enquanto se despia, contudo, não pude evitar dar uma espreitadela. E então desejei não o ter feito. Nunca olhei para a Monica como sendo particularmente atraente, mas não posso ignorar que tem vinte e três anos e que o seu corpo é absolutamente perfeito. Não que o meu seja terrível ou assim, no entanto, tudo nela é tão firme e... bem, como disse, perfeito.

– Isto é emocionante – comenta.

– Sim – concordo. – Pois é.

A Monica aperta as mãos brancas.

– Disseram-me por telefone que talvez consigamos ouvir o coração do bebé hoje.

Só de pensar nisso, sobem-me lágrimas aos olhos. Sim, eu e o Sam quase tivemos um bebé antes, mas a Janelle vivia do outro lado do país e nunca pude ir a nenhuma consulta com ela. Nunca pude experienciar nada assim.

A Monica tem sido verdadeiramente maravilhosa, para ser sincera. A noite em que a levámos a casa foi um pouco estranha, mas tem sido muito querida desde então. Faz-me atualizações diárias sobre como se sente, ajudou-me a pensar em nomes para o bebé (todos prontamente rejeitados pelo Sam... Qual é o mal de Worthington?) e ofereceu-se para me deixar vir a esta consulta. Jamais lhe teria pedido tal coisa, no entanto, fiquei encantada com a oferta. «É o seu bebé, Abby. Devia estar lá.»

Não posso acreditar que fui tão mesquinha por ela se ter sentado no banco da frente do nosso carro. Que importância tem isso? Talvez estivesse enjoada e precisasse de ir à frente. Provavelmente, foi mesmo algo desse género.

– A propósito – digo-lhe. – Eu e o Sam queremos que vá jantar connosco na semana que vem. Está livre na quarta-feira à noite?

– Sim, estou. – A rapariga anima-se. – Isso seria ótimo. Obrigada!

– O prazer é nosso. É a nossa heroína, afinal.

Pousa cautelosamente uma mão na barriga.

– É uma pena o Sam não ter podido vir à consulta hoje.

Está bem, sejamos transparentes: a Monica convidou-me *e* ao meu marido para a consulta de hoje. E eu disse que lhe ia perguntar se queria vir, mas acabei por não o fazer. Estou certa de que teria querido vir. Teria sido muito desconfortável comigo e com o Sam aqui. É simplesmente mais fácil assim.

– Talvez venha à próxima consulta – conclui a jovem.

– Talvez – respondo, vagamente.

Ou não.

A Dra. Selena Wong foi altamente recomendada, ainda que a Monica não precise propriamente de uma obstetra de alto risco, como eu precisaria se alguma vez tivesse conseguido engravidar. Mas, mesmo assim, sinto-me mais calma quando a Dra. Wong entra na sala, com o seu grande sorriso e os seus olhos inteligentes. Tem uma aura que me faz confiar nela instantaneamente.

– Olá. – Estende uma mão para que a rapariga a aperte. – Sou a doutora Wong. E a senhora deve ser a Monica Johnson.

Ela assente e aperta a mão da médica.

A mulher vira-se então para mim.

– E a senhora é... a mãe da Monica?

Oh, meu Deus. Ela *não* acabou de me dizer isso. A *mãe* da Monica? A sério? Sim, sou treze anos mais velha do que ela, mas não tenho idade suficiente para... bem, suponho que, tecnicamente, *podia* ser mãe dela. Não é como se tivéssemos um ano de diferença. Seja como for, visto que as pessoas deste país não costumam ter bebés aos treze anos, é altamente ofensivo.

– A Abby vai adotar o bebé – explica a rapariga, dado o facto de eu estar demasiado agitada para falar. – Estou a servir-lhe de barriga de aluguer para a gravidez.

– Oh. – A Dra. Wong arregala os olhos. – Desculpem... Pareceu-me ver uma semelhança familiar.

– Tudo bem – resmungo. Se viu uma semelhança familiar, não podia ter arriscado a dizer «irmã»?

Bem, não vou ficar obcecada com isto.

– É o óvulo da Abby, então? – pergunta a médica.

A minha assistente abana a cabeça.

– Não, os óvulos da Abby não prestam. Usámos os meus e o espermatozóide do marido dela.

– Oh! – A Dra. Wong lança-me um olhar estranho, que provavelmente mereço. A

Monica vai basicamente ter um bebê com o meu marido. É óbvio que não teria ponderado sequer esta opção se não estivesse tão desesperada por ser mãe. – Bem, isso é fantástico.

Dedica-se então a recolher o historial médico da jovem, que é bastante banal. Pouco mais teve na vida do que uma constipação. Claro que eu sempre achei que era perfeitamente saudável até que não consegui engravidar.

Depois das perguntas, faz-lhe um exame pélvico, para o qual faço questão de sair, apesar de a Monica não se parecer importar. Então, a Dra. Wong sai para me chamar de novo para a sala.

– Vamos tentar ouvir o batimento cardíaco com um Doppler – explica. – A Monica pensou que queria ouvir.

O meu próprio coração palpita-me dentro do peito.

– Sim, isso seria ótimo.

A minha assistente tem novamente as calças vestidas, para poder erguer a bata sem expor as suas partes baixas. Tem a barriga completamente lisa. Não fazia ideia que era possível uma pessoa estar grávida de quase três meses e ainda ter uma barriga assim tão lisa. *Eu* pareço mais grávida do que ela.

A Dra. Wong espalha gel na sua sonda Doppler, pousando-a cuidadosamente na barriga da rapariga. A jovem estremece e ri-se.

– Está fria!

– Desculpe lá isso – diz a mulher, sorrindo-lhe. – Muito bem, agora vamos ver se conseguimos encontrar esse batimento cardíaco. Lembrem-se de que ainda é cedo, portanto, eu não entraria em pânico se não o conseguirmos ouvir. Fazemos uma ecografia transvaginal, nesse caso.

Mas então a médica move a sonda e ouvimo-lo:

Shh, shh, shh, shh...

É muito rápido, contudo, ouvi dizer que os corações dos fetos batem mais depressa do que os corações adultos. Parece... bem, parece-me normal, mas o que sei eu? Na verdade, parece-me perfeito.

É o coração do meu bebê.

– Perfeito. – A Dra. Wong sorri-nos. – Cento e oitenta batimentos por minuto, o que é normal para dez semanas. Vai abrandar um pouco no segundo trimestre.

Sinto um nó na garganta e os meus olhos a lacrimejar. Subitamente, arrependo-me de não ter convidado o Sam para vir connosco. Oxalá pudesse estar aqui para ouvir isto comigo. O nosso bebê.

A Monica olha fixamente para a sua barriga, boquiaberta.

– É incrível – murmura.

E então os seus olhos começam a marejar-se. Limpa-os rapidamente, antes que as lágrimas possam cair, mas está decididamente quase a chorar. Mas por que motivo

está a chorar?

– Podemos ficar com uma gravação disto? – pergunta.

A *Monica* quer uma gravação disto? Que raio.

– Bem, pode gravar com o seu telemóvel – diz-lhe a Dra. Wong.

E ela assim faz. Pega no telemóvel e grava o som do batimento cardíaco durante muito mais tempo do que me parece necessário. Tipo por um minuto. Um minuto não parece muito tempo, no entanto, ao fim de dez segundos, é um pouco repetitivo, não é?

Faz-me lembrar de quando fez o teste de gravidez que deu positivo e de como quis guardar o pau urinado. Pergunto-me se ainda o terá. Não o guardou mesmo, pois não?

– Tenciona fazer o rastreio do primeiro trimestre? – pergunta a médica, depois de a gravação (finalmente) terminar. – É uma análise ao sangue para procurar sinais de anomalias cromossómicas e uma ecografia para ver a translucidez nuchal, que é o fluido por baixo da pele atrás do pescoço do bebé. É bastante preciso a detetar malformações congénitas. Podíamos fazê-lo dentro de algumas semanas.

– Oh. – A rapariga ri-se. – Bem, só tenho vinte e três anos. De certeza que o bebé está bem. Não é como se tivéssemos usado os óvulos da Abby.

Bem, obrigadinha.

– O risco é mais baixo – admite a mulher –, mas não é nulo. Eu recomendo o exame. Além disso, tem uma ecografia, por isso pode ver o seu bebé.

A *Monica* arregala os olhos. Inicialmente, penso que me vai perguntar o que penso, mas, em vez disso, responde precipitadamente:

– Sim, parece-me ótimo.

Devia ter-me perguntado. *Eu* é que vou ser a mãe desta criança. Seja como for, suponho que é ela quem carrega o bebé. Enfim, não vou dar demasiada importância a isso. *Quero* que faça o rastreio, por isso não há necessidade de intervir. Vai fazer exatamente o que quero que faça.

Então, por que razão tenho um mau pressentimento a revolver-me o estômago?

— **E**ntão, como está *aquela mulher*?
A minha mãe recusa-se obstinadamente a lembrar-se do nome da Monica. Só se refere a ela como «aquela mulher». Escusado será dizer que não está inteiramente de acordo com usarmo-la como barriga de aluguer. Creio que as suas palavras foram: «Abby, perdeste por completo todo o bom senso que tinhas?» Ou algo nessa linha de raciocínio.

— Está ótima! — digo para o telemóvel, com um entusiasmo que espero que não soe forçado. — A gravidez está a ir muito bem. E está tudo a correr de acordo com o plano.

— Sendo o plano que uma jovem bonita está grávida de um filho do teu marido.

— Sim — respondo, entredentes. — *Esse* plano.

— Hum.

Cerro a mão direita num punho. É algo que parece acontecer sempre que falo com a minha mãe.

— Disseste-me que não ias ser crítica.

— E não estou a ser! Só disse «hum». Tu é que interpretaste isso como uma crítica. Deve ser porque te sentes insegura por uma jovem bonita estar grávida de um filho do teu marido.

O punho aperta-se. Um dia destes, quando estiver a falar com a minha mãe, vou esmurrar uma parede e partir a mão.

— Sabes que eu e o Sam não podemos ter um filho sozinhos e as adoções continuam a falhar. É a única maneira.

— Sim, é o que tu dizes — murmura. — E como está o Sam, a propósito?

— Está bem.

— Sim, aposto que sim.

A antipatia da minha mãe pelo meu marido foi quase instantânea quando se conheceram. Quando namorávamos há cerca de três meses, o Sam aceitou rapidamente viajar até Long Island para a conhecer e ao meu pai, o que me pareceu um excelente sinal do seu compromisso comigo. Estava adoravelmente nervoso com toda a situação — vestiu fato e gravata e, além disso, comprou flores e uma caixa de

chocolates. Passou dez minutos ao espelho, a tentar que o nó da gravata ficasse perfeito.

Diria que o momento em que tudo correu mal foi quando a empregada dos meus pais, a Imelda, abriu a porta e o meu marido a confundiu com a minha mãe. Ainda me desconcerta como se conseguiu baralhar nisso, dado que a Imelda é uma mexicana de pele morena e a minha tez é do mais pálido que há. Quando lhe perguntei por isso mais tarde, murmurou: «Desculpa, Abby, não venho de uma casa onde temos criados a abrir a porta às pessoas.»

A partir daí, foi sempre a descer. Disse que o golfe era «aborrecido», antes de ser informado de que era o desporto favorito de todos os tempos do meu pai. Ofereceu-se para levar as cenouras para a mesa de jantar e deixou-as cair ao chão. O seu grande final foi bater na caixa do correio ao sair do caminho de acesso e derrubá-la. «Vá lá... ao menos é bonito», disse-me a minha mãe ao telefone no dia seguinte.

Acabou por se afeiçoar a ele, ainda assim. Bem, mais ou menos. Basicamente, tento evitar que estejam muitas vezes juntos, uma estratégia com a qual todos parecem felizes.

– Escuta – começo. – O Sam tem sido ótimo ao longo de tudo isto, sabias? Nem todos os homens seriam tão compreensivos em relação a... tudo.

– Devo ficar encantada por ele não te ter deixado quando não te conseguiu engravidar?

Deixo escapar um resfôlego.

– Não é isso que estou a dizer, mãe.

– Ouve bem, Abby – diz-me, num tom subitamente muito sério. – Lição de vida: não podes confiar nos homens. Em nenhum.

– Posso confiar no Sam.

– Muito menos no Sam.

– Mãe!

– Tudo bem – resmunga. – O teu marido não é menos de confiança do que os outros homens. Feliz?

Nem por isso, contudo, não vou insistir na questão.

– Estou só a dizer – continua – que não o queres deixar sozinho com *aquela mulher*. É um homem e não se vai conseguir controlar.

– Oh, meu *Deus*.

– É simplesmente assim que os homens são.

– Ele não é um *animal* – atiro. – É uma pessoa decente. Não me vai trair por a oportunidade surgir. Seria incapaz.

– Seria?

– Sim! Seria!

E acredito nisso. A sério que sim.

– Tudo bem, o Sam é um santo – conclui a minha mãe, com um resfôlego. – Mas... estou só a dizer para teres cuidado, Abby. Não tentes a sorte.

Talvez seja melhor não lhe dizer que convidámos a Monica para jantar connosco. Tenho um pressentimento de que não ia aprovar.

— **T**emos mesmo de fazer isto?
 O Sam está a ser o seu habitual antissocial e a armar alvoroço por irmos receber a Monica para jantar esta noite. Liguei-lhe para o lembrar de meter a lasanha que fiz no forno, e o meu marido está a aproveitar a oportunidade para se queixar de como não quer fazer isto. De certeza que deve compreender que é inútil, ainda assim — a rapariga vem, quer ele queira, quer não.

— Sim, temos — respondo.

— Tenho de vestir roupas boas?

— Sim.

— E com roupas boas, referes-te a...?

— Se abrires a porta em calças de fato de treino e com aquela *T-shirt* com o rasgão na manga, mato-te. É a isso que me refiro.

— Certo. Calções de ginásio, então. Entendido.

Reviro os olhos ao telemóvel.

— Vou acreditar que estás a brincar.

— Relaxa, Abby. Estou agora mesmo a pôr a lasanha no forno com o meu *smoking* vestido.

— Sam...

— Só não compreendo por que raio temos de fazer isto — confessa, com um suspiro.

— Vamos pagar-lhe a pós-graduação. Vamos cobrir-lhe as despesas quando se despedir da tua empresa. Por que razão temos de *jantar* com ela?

— Tu não gostas de jantar com ninguém.

— Gosto de jantar *contigo*.

Bem, isso é verdade, contudo, é averso à maioria das interações sociais, exceto com os amigos mais próximos. Não se importa de jantar com a mãe, mas adora o entendimento de só nos encontrarmos com os meus pais um par de vezes por ano.

— Chego a casa às 17h45, está bem? — informo. — Só... por favor, tenta portar-te bem.

— Tentarei tentar.

Não sei porque está tão perturbado. Pareceu gostar razoavelmente da Monica quando lhe demos boleia para casa naquela outra noite. Ainda que deva admitir que

há uma pequena parte de mim que se alegra por ele não estar todo empolgado por ir jantar com a rapariga de vinte e três anos que está grávida do seu filho.

Tenho algumas cartas na minha secretária que a Monica me trouxe esta manhã e que ainda não abri. Pego no abre-cartas ABBY que o Sam me ofereceu e rasgo a primeira. No entanto, antes que a possa abrir, o abre-cartas corta-me o dedo, que começa imediatamente a sangrar.

Raios. A coisa é afiada. É suposto abrir cartas, não fazer cirurgias.

– Abby?

Ergo o olhar do meu dedo ferido e vejo a Monica à porta do meu gabinete. Veste outro dos seus figurinos de calças pretas combinadas com uma blusa branca larga, apertada até à garganta. Na última semana, sensivelmente, notei uma pequena protuberância na sua zona abdominal, contudo, provavelmente, ainda tem uma cintura mais pequena do que a minha.

– Olá. – Sorri-me. – Estou tão entusiasmada por esta noite. Às seis em ponto, certo?

Puxo um lenço de papel da minha secretária para estancar o fluxo de sangue do meu dedo.

– Isso mesmo.

– Tem a certeza de que não posso levar nada?

– Só a sua pessoa.

A rapariga assente alegremente.

– Não faz mal se sair agora? Tenho de ir a casa primeiro.

Olho para o relógio – são cinco horas.

– Claro, parece-me bem! Vemo-nos às seis.

A Monica junta as mãos.

– Vai ser tão divertido! Mal posso esperar!

Enquanto desce a correr pelo corredor, sorrio para comigo. Desde que o Sam não esteja demasiado rabugento, deverá ser uma noite agradável. Ainda bem que a convidei.

O meu dedo parece ter parado de sangrar – suponho que não preciso de pontos ou sequer de um penso rápido. Passo os quinze minutos seguintes a responder a *e-mails* e, por fim, desligo o meu computador. Estou prestes a sair do gabinete quando quase esbarro na Denise. Apesar de estarmos mesmo no fim do dia, o seu fato está tão impecável como esta manhã e, como se não bastasse, não tem um fio de cabelo que seja fora do lugar. Como é que faz isto? Deve cobrir-se com algum tipo de verniz todas as manhãs.

– Abigail. – Varre-me com os seus frios e calculistas olhos azuis. De certeza que pareço tão amarrotada como me sinto. – Não me chegou a enviar o novo texto para o *site* da Cuddles.

– Oh. – Franzo o sobrolho. – Desculpe, pensava que tinha enviado.
– Não, não enviou. – Franze-me também o cenho. – Gostaria de o ver agora. Uma cópia impressa, se puder.

– Hã... – Lanço um olhar ao meu computador desligado. – Pode esperar até de manhã? Eu a modos que... tenho um compromisso...

– É claro que *não posso* esperar até de manhã. – Cruza os braços sobre o peito. – A nossa reunião com os executivos da Cuddles é amanhã às oito!

É?

Geralmente, estou muito em cima dessas reuniões, no entanto, tenho tido muito em que pensar ultimamente. Como pude não me aperceber de que tenho uma reunião amanhã de manhã?

– Hoje, se possível, Abigail – diz a minha chefe, com um suspiro.

– Certo. – Dirijo-me ao computador para o voltar a ligar. Olho para o relógio: são 17h20. Tenho tempo de sobra para voltar a horas do jantar com a Monica. – Deixe-me imprimir-lhe isto.

Enquanto espero que o computador arranque, tiro o telemóvel da minha bolsa e consulto o meu calendário. E lá está a reunião: às oito da manhã, tal como a Denise disse. Como é que isto me escapou?

O computador demora vários minutos a arrancar e a carregar o documento que a minha chefe quer. Mando-o para a minha impressora, sentindo uma veia a latejar-me na têmpora.

– Não está a imprimir – observa a Denise.

Raios. A Monica é que sabe como resolver os problemas da impressora. Não sei o que fazer agora. Tento novamente imprimir, mas nada acontece. Lanço um olhar apologetico à minha chefe, que se limita a suspirar alto.

– Posso enviar-lho só por *e-mail*?

Volta a suspirar.

– Suponho que sim.

Olho outra vez para o relógio – são 17h30. Levo vinte minutos a chegar a casa de táxi, se o trânsito não estiver muito mau. Devo ficar bem. Bom, a não ser que o trânsito esteja terrível. Mas, mesmo assim, o Sam entretém a Monica até eu chegar a casa.

A Denise posta-se diante da minha secretária, com o telemóvel erguido para o rosto. Toca no ecrã, obviamente a abrir o meu *e-mail*. Sustenho a respiração, estudando-lhe o rosto.

– Tudo bem? – pergunto.

A minha chefe abana a cabeça.

– É mesmo isto que vai apresentar à Cuddles na reunião de amanhã?

– Hã... – Admito que não está inteiramente concluído, até porque não me tinha

dado conta de que a reunião era amanhã de manhã. Seja como for, não achava que estivesse assim *tão* mau. Amanhã de manhã, podia chegar mais cedo e dar alguns retoques finais...

– Pensava que íamos enfatizar o valor nutritivo da comida para bebés – argumenta a minha chefe.

– Foi o que eu fiz.

– Não o vejo.

– Está mesmo aqui. – Leio do ecrã. – A comida para bebés Cuddles é feita só com os ingredientes mais saudáveis e equilibrados.

– Sim, mas é o único lugar. – Franze-me o sobrolho. – Disse *enfatizar*. Referi-lo *uma vez* não é enfatizar, Abigail.

– Então... devo referi-lo duas?

– Devia estar em todo o lado! – Coram-lhe as faces. – O puré de maçã devia ser feito de maçãs colhidas de um pomar livre de pesticidas! A papa de ervilhas devia ser criada a partir de ervilhas apanhadas num rancho de ervilhas naturais!

Um rancho de ervilhas? Que diabos é um rancho de ervilhas?

– Tem de resolver isto, Abigail.

– Resolvo-o amanhã de manhã – prometo. – Venho ao romper da aurora.

– Inaceitável. – Arqueia-me uma sobrancelha. – Amanhã de manhã não pode ser, pois o tempo estará a contar. Isto tem de ser resolvido antes de sair daqui hoje.

Fantástico. Se tivesse sabido disto há algumas horas, estaria tudo bem. Não posso acreditar que me esqueci de que tinha uma reunião amanhã de manhã. O que se passa com o meu cérebro?

– Estarei no meu gabinete – informa-me. – Por favor, envie-me uma versão mais apropriada assim que a tiver terminado, e então discutiremos se é preciso fazer mudanças adicionais.

Lanço-lhe um olhar fulminante, no entanto, ressalta-lhe inofensivamente nas costas enquanto sai do meu gabinete. Tudo bem. Posso refazer este projeto em quinze minutos e, depois disso, apanho um táxi para casa. Chegarei atrasada, mas não muito.

Envio uma mensagem ao Sam: *A Denise mandou-me resolver uma coisa. Devo sair daqui a quinze minutos.*

O meu marido responde quase instantaneamente: *O quê????? Ela vai chegar em breve! Despacha-te!*

Pobre Sam. Quase o consigo ver a passar-se. *Peço imensa desculpa*, respondo. *Comecem a jantar sem mim. Devo estar de volta em breve. Prometo.*

Espero bem que sim.

E, nesse momento, acredito realmente que estarei.

Quando entro em casa, mais de duas horas depois, tenho uma dor de cabeça latejante na têmpora esquerda. Corrigi o projeto para a reunião em quinze minutos e enviei-o à Denise, no entanto, a minha chefe continuava a achá-lo inaceitável. Tal como achou da versão seguinte. A dada altura, lançou-me um olhar exasperado e disse:

– Sinceramente, Abigail, parece que estou a falar com uma *estagiária*.

Se tivesse levado mais cinco minutos que fossem a corrigir o documento, juro que a teria estrangulado com as minhas próprias mãos. Nunca me tratara assim até eu ter começado a tentar ter um bebé.

Enquanto vasculho a minha bolsa em busca das chaves, sinto-me como se tivesse um picador de gelo espetado na lateral da cabeça. Sempre que tenho dores de cabeça, são na têmpora esquerda. Porque será? Será sinal de um tumor? Cristo, onde estão as minhas chaves? O Sam vai matar-me por estar tão atrasada.

E então oiço-os: risos. Vindos do interior do apartamento.

Os meus dedos estabelecem contacto com o porta-chaves. Puxo-o e, ao abrir a porta, vejo o meu marido e a Monica sentados juntos na sala de estar. Têm dois pratos vazios em cima da mesa de centro, o que significa que comeram na sala, algo que o Sam sabe que odeio, pois tenho medo de pôr nódoas no sofá. Está uma garrafa de vinho branco meio cheia aberta em cima da mesa, e o meu homem tem aquele ar ruborizado com que fica sempre quando bebeu um pouco demais.

E a Monica...

Desde que a conheço, sempre a vi como um tanto ou quanto banal. Tem alguns traços bonitos, contudo, não usa maquilhagem e veste-se como uma menina do coro, o que a faz parecer bastante mediana. Mas esta noite está muito diferente: pôs rímel, o que faz sobressair os seus olhos negros, um batom vermelho-escuro, que realça o seu cabelo preto esverdeado, e uma blusa de gola cavada que exhibe o seu agora impressionante decote.

A rapariga não é apenas atraente – é muito *sexy*. Muito mais atraente do que eu, para ser absolutamente sincera. Sobretudo agora que estou amarrotada e exausta das minhas doze horas de trabalho.

– Abby! – exclama o Sam, ao ver-me a olhar para eles há, provavelmente, demasiado tempo. – Chegaste!

Levanta-se do sofá e cambaleia na minha direção, quase tropeçando na alcatifa. Oh, meu Deus, quanto terá bebido? Planta-me um beijo húmido e desastrado no rosto.

– Sentimos a tua falta. O resto da lasanha está na cozinha.

Inicialmente, penso que me vai buscar um pouco, mas, em vez disso, volta para junto da Monica no sofá, deixando-se cair com estrondo.

– Estás bêbedo? – pergunto-lhe, lançando um olhar à garrafa de vinho meio cheia. O Sam raramente bebe mais do que um copo, pelo que é mais do que o suficiente para o levar para lá do limite. E presumo que a Monica não o tenha ajudado a esvaziar a garrafa.

– Não! – Pestaneja algumas vezes, empurrando os óculos para cima sobre a ponte do nariz. – Não bebi quase nada. Estávamos só a divertir-nos. Não é verdade, Mon?

– Abby. – A Monica sorri-me. Ainda não consigo lidar com a quantidade de maquilhagem que pôs. – Não me tinha dito como o seu marido é divertido.

Não o disse porque, efetivamente, *não* é. Bem, às vezes sim. Mas não certamente mais do que a média. Nada digno de menção.

– Oh. – É só isso que consigo responder.

– Esteve a contar-me um monte de piadas sobre matemática – revela a jovem. – São *muito* engraçadas.

Bem, já ouvi as piadas matemáticas do Sam e *não* são engraçadas. A única coisa que têm de engraçado é a *pouca* graça que têm. Como é que algo que é tão mau se torna bom? Ainda que ache que as piadas sobre matemática podem ter dado a volta e perdido de novo a graça.

– A Monica fez um curso de Matemática durante a faculdade – informa-me o meu marido. – Não é incrível?

Sim. Incrível.

Ela sorri-lhe.

– Tens mais piadas, Sammy?

Sammy? Trata-o por «Sammy»? E, ao que parece, ele trata-a por «Mon». Quando é que arranjam diminutivos um para o outro? Quanto tempo estive no escritório?

O Sam coça o queixo, refletindo por um momento.

– Hã... por que motivo a galinha atravessou a fita de Möbius? – Quando ela não responde, continua. – Para chegar ao mesmo lado.

A Monica ri-se mais alto do que qualquer pessoa se devia rir de uma piada sobre fitas de Möbius. E, enquanto se ri, agarra-lhe no braço.

– Oh, meu Deus, és *tão* engraçado.

O meu marido vê-me a olhar com perplexidade para eles.

– Abby, uma fita de Möbius é uma superfície com um lado contínuo que...

– Deixa estar – apresso-me a interromper. – Não precisas de me explicar.

Faz-se um silêncio desconfortável. Os olhos da Monica dardejaram em redor e acabam por pousar nos dois pratos em cima da mesa de centro. Demonstra vontade de lhes pegar.

– Deixem-me levar isto para a cozinha.

– Ei, nem pensar – diz o Sam, afastando-a. – És nossa convidada e, além disso, estás grávida. Deixa-me tratar disso.

Está a ser um cavalheiro, tal como eu lhe disse. Oxalá parasse.

Parece mais estável enquanto leva os pratos para a cozinha. A minha assistente levanta-se do sofá para o seguir, contudo, eu ponho-me à frente dela.

– Ei, Monica – digo. – Sabia que há uma reunião amanhã de manhã às oito?

– Ahã – assente. – Está no calendário. Com o pessoal da Cuddles, certo?

Raios, até a miúda sabia da reunião. O que se passa comigo?

– O que me lembra de uma coisa – diz-me. – Vou precisar de tirar algumas horas na semana que vem para fazer aquela ecografia e as análises ao sangue. Pode ser?

O Sam larga os pratos na máquina de lavar loiça e levanta a cabeça.

– Ecografia?

A Monica arqueia uma sobrancelha.

– A Abby não te disse? Vou fazer uma ecografia de rastreio na semana que vem.

Ele franze o sobrolho.

– Há algum problema?

– De modo algum! – Agarra-se ao peito. – Se houvesse, dizia-vos. É algo que toda a gente faz. Mas é uma oportunidade de ver o bebé. Queres vir?

– Hã... – O meu marido lança um olhar na minha direção e, por fim, olha de novo para a rapariga. Parece estar a olhar-lhe para a barriga, contudo, também pode ser para os peitos. Não que o fosse culpar, até porque estão bastante espetaculares neste momento. – Sim, é claro que quero. Seria incrível.

A jovem anima-se.

– Ei, gravei o batimento cardíaco na minha consulta da semana passada. Queres ouvir?

O meu marido assente vigorosamente.

– Sim, claro.

Voltam os dois para a sala de estar e sentam-se juntos no sofá, enquanto eu ocupo a poltrona de dois lugares. Pegando no telemóvel, a Monica abre a gravação que fez na semana passada. E então prime o botão de reprodução.

Shh! Shh! Shh! Shh!

O Sam arregala os olhos.

– Isso é o batimento cardíaco?

Ela anui.

Não esperava isto do Sam, porque não é um homem do tipo emotivo, no entanto, os olhos dele começam a ficar toldados, tal como aconteceu com os meus e os da Monica na sala de exame. Ouve a gravação toda e, então, fá-la reproduzi-la uma segunda vez.

– É incrível – murmura.

A rapariga sorri-lhe.

– É o nosso bebé.

As suas palavras atingem-me como um murro no estômago. *Nosso* bebé. Não, não é o *nosso* bebé. O feto dentro dela é o *meu* bebé. Meu e do Sam. Ainda que estivesse a usar um «nosso» geral para me incluir também a mim, não deixa de estar incorreto. Este bebé *não* é dela. Temos um contrato. Que diabos se passa com ela?

E por que raio está sentada tão perto do meu marido? O sofá é muito grande. Tem todo um sofá por onde se esticar, contudo, por alguma razão, está tão perto do Sam que os joelhos de ambos quase se tocam.

Quero esta rapariga fora de minha casa.

– Enfim – digo. – Lamento muito não ter conseguido chegar mais cedo, Monica, mas foi ótimo recebê-la.

– Bem, obrigada por me convidar – responde-me. – A lasanha estava deliciosa, Abby.

Terei de acreditar na sua palavra. Perdi o apetite.

– Não tão boa como a minha, ainda assim – informa o meu marido, com um sorriso.

A minha assistente arregala os olhos.

– Sabes cozinhar?

– Hã... – responde o Sam, com um sorriso torto. – Estou... a aprender.

A Monica junta as mãos.

– Adoraria provar algo feito por ti, um dia destes.

– Claro – assente. – Parece-me bem.

Fantástico, agora estão a combinar *outro* jantar? Tenho de a tirar daqui o mais rápido possível... antes que se mude para cá.

Mas, antes que possa dizer mais alguma coisa, o Sam levanta-se.

– Bem, é tarde. Provavelmente, devias ir andando.

Os meus ombros relaxam. Está a mandá-la embora. Graças a Deus. No entanto, nem tenho oportunidade de celebrar antes de ele acrescentar:

– Deixa-me dar-te boleia para casa.

Na outra noite, não a queria perto do seu carro, mas agora está aparentemente disposto a levá-la a casa *bêbedo*. Nunca o tinha visto tentar conduzir tendo bebido mais do que um copo. *Nunca*. O que lhe fez ela ao cérebro?

– Não vais entrar no carro – ordeno, entredentes. – Estás muito para lá do limite, Sam.

O meu marido fica com as orelhas vermelhas quando se apercebe do que estava prestes a fazer.

– Sim, a Abby tem razão – murmura. – Não devia conduzir. Deixa-me chamar-te um táxi.

– Obrigada. – A Monica recolhe a sua bolsa da ponta do sofá. – E, Sammy, envia-te a hora da ecografia por mensagem, está bem?

Ele ergue-lhe um polegar e a única coisa em que consigo pensar é: *Quando foi que trocaram números de telefone?*

E: *Por que raio não pára de o tratar por «Sammy»?*

Respiro fundo. Tenho de me acalmar. A Monica não tem culpa de que a Miss Oxford me tenha atrasado no trabalho. Não tem culpa de que o Sam tenha bebido demasiado e esteja a agir como um idiota. E não tem culpa de ser mais atraente do que eu julgava. Também não tem culpa de estar grávida da semente do meu marido.

Esta última coisa é inteiramente culpa minha.

Céus, mal posso esperar que esta gravidez acabe para que as coisas possam voltar ao normal.

Se houvesse justiça no mundo, o Sam teria uma ressaca monumental na manhã seguinte. Mas talvez não tenha bebido tanto como eu pensava, pois parece estar bem. Tão bem, na verdade, que o apanho a assobiar na casa de banho enquanto se barbeia.

Que diabos o faz estar tão feliz?

Pergunto-lhe isso mesmo enquanto põe a gravata, uma questão que o faz pestanejar algumas vezes, surpreendido.

– Hã, não sei. Está uma bela manhã.

– Pensei que poderias estar de ressaca.

Revira os olhos.

– Eu disse-te que não tinha bebido assim tanto.

– Estavas a agir como se tivesses.

Não responde a isso, no entanto, enquanto calça os sapatos, começa outra vez a assobiar. Nunca me dei conta de que sabia assobiar, mas, aparentemente, basta-lhe uma noite com a Monica para se tornar uma maldita chaleira. Costumava assobiar assim quando namorávamos?

– Achas que a Monica é bonita? – pergunto, de súbito.

– Bonita?

– Sim.

– Nem pensar. – Abre-me um sorriso torto. – Não é nada bonita. Muito pelo contrário. É horrível de se ver, na verdade. Não queria ser mau nem nada, mas tive de passar a noite inteira com os olhos fechados, assim. – Fecha os olhos com força para demonstrar. – Espero que não tenha reparado.

– Ahah, que engraçadinho.

– Não sei muito sobre mulheres, contudo, sei que só há uma resposta certa quando a nossa esposa nos pergunta se outra rapariga é bonita.

Tem uma certa razão.

– Pareceu-me que te estavas a divertir muito com ela ontem à noite.

Deixa escapar um suspiro exasperado.

– Abby, tu é que quiseste que a miúda viesse jantar connosco ontem à noite. E foste tu quem chegou duas horas atrasada. Fizeste-me prometer ser «bem-

comportado». Ou seja, a tua assistente aparece e eu sou simpático para ela, mas, mesmo assim, estou em apuros?

– Bem, há simpático e *simpático*.

– Não é como se estivéssemos aos amassos, Abby. Estávamos só a conversar.

Os seus argumentos são bastante razoáveis, na verdade. Portanto, por que raio não me consigo livrar deste aperto horrível que sinto no peito?

– Tratou-te por «Sammy» – comento.

– E então?

– Pareceu-me um pouco... familiar. Além disso, odeias que te tratem por «Sammy».

– Não odeio nada.

– Disseste-me que odiavas.

– Está bem, odeio. – Recolhe as chaves da cómoda. – Odeio, odeio-o a ela e quero que nunca mais a convides a vir cá. Está bem? Satisfeita?

Olho para o chão. Parte de mim apercebe-se de que estou a ser ridícula, contudo, não consigo evitar. Algo não está certo.

– Vais àquela ecografia?

O meu marido não hesita.

– Sim, vou.

Mordo o lábio.

– Olha, isto não é sobre a Monica – explica-me. – Quero ver o bebé. Também é meu filho e, como tal, acho que me devia ser permitido ir. – Franze-me o cenho. – Não disse nada sobre o facto de *nunca me teres falado sequer* da outra consulta, mas, a partir de agora, quero ir.

Temia que dissesse isto. E tem razão – merece tanto estar lá quanto eu. Ou mais do que eu, admitamos. Eu vou adotar este bebé, mas a verdade é que é filho biológico *dele*. Além disso, quero partilhar isto com o meu marido porque o amo. Só gostaria que *ela* não tivesse de estar lá.

Claro que isso é impossível, visto que o bebé está literalmente dentro dela.

– Abby. – O seu tom suaviza-se. – Compreendo o porquê de estares perturbada, no entanto, não devias sentir-te assim. É como disseste: isto é o que sempre quisemos. Devias estar feliz.

As suas palavras amáveis ajudam, mas não por completo. Respiro fundo, tentando identificar a exata fonte da minha infelicidade.

– Ela disse que era o «nosso bebé».

O Sam franze o sobrolho.

– O quê?

– Foi o que a Monica disse quando estava a falar nele. Chamou-lhe «nosso bebé».

- Certo. E é o nosso bebé.
- Sim, mas não disse «nosso» querendo dizer teu e meu. Disse «nosso» querendo dizer, provavelmente, dela.
- O que estás a dizer, então? – Abana a cabeça.
- Estou a dizer... e se ela quiser ficar com o bebé?
- É para isso que o nosso contrato serve, não é? Podemos levá-la a tribunal.
Mas e se quiser ficar também contigo?

Mas o Sam nem está a pensar assim. Não o preocupa cair no feitiço da Monica. E eu também não me preocuparia, se não tivesse visto a expressão no seu rosto enquanto ouvia aquele batimento cardíaco. O filho dele está no útero *dela*. Isso é uma coisa que tem de lhe mexer com a cabeça.

– Vem cá, Abby. – Estende os braços e eu caio neles, aninhando a cabeça no seu ombro. Apesar de tudo, estar nos braços do meu marido faz-me sentir quente e segura. – Não te preocupes tanto. Vai correr tudo bem.

Não sei o que faria se algum dia o perdesse.

A Monica vai fazer a ecografia hoje às duas da tarde. Também tinha de tirar sangue e de fazer mais algumas coisas, por isso acabou por tirar o dia. O Sam também vai, como é óbvio, mas vamos chegar os três separadamente e encontramo-nos lá. É uma situação desconfortável, contudo, não há muito que possamos fazer quanto a isso. Quero estar lá para a ecografia, especialmente se o meu marido também lá estiver.

Almoço à minha secretária, só para garantir que chego a tempo. Às 13h30, pego na minha bolsa e dirijo-me à porta. Mas juro por Deus que a Denise deve ter câmaras no meu gabinete para saber quando vou tentar sair, pois interceta-me antes de eu poder chegar ao elevador.

– Abigail. – Semicerra-me os seus olhos azul-gelo. É a única pessoa aqui que tem a capacidade de me fazer sentir péssima só com um olhar. – Onde vai? Não está de *saída*, pois não?

– Tenho... – Engulo em seco. – Tenho uma consulta no médico. Volto já.

Vou ficar aqui até às dez esta noite. Sei que sim.

– Está doente? – A minha chefe diz estas palavras com absoluto desprezo.

– Não. – Desvio o olhar. – É só uma consulta.

É suficientemente vago. Ela não pode fazer ideia do meu acordo com a Monica. Mais algumas semanas e vai despedir-se, antes que se comece a notar a barriga. Se a Denise soubesse o que andamos a tramar... bem, nem quero pensar nisso. Não ia ser bom.

Graças a Deus, parece aceitar esta explicação. Em todo o caso, não me impede fisicamente de sair... que é o que teria de fazer para me impedir de ir a esta ecografia.

– A propósito – começa. – Quando voltar, gostaria que pusesse a sua correspondência em dia. Quando a Cuddles lhe envia um *e-mail*, espero que responda em vinte e quatro horas, se não no espaço de uma hora.

– É o que faço. – Lanço um olhar ao relógio na parede. São 13h35.

– Disseram-me que vários dos *e-mails* ficaram sem resposta.

O quê? Isso não pode estar certo. Sou obsessiva a responder aos meus *e-mails*. Seria possível falhar um, mas vários?

Terei de verificar a minha pasta de *spam* enquanto estiver no consultório.

– Vou tratar disso – asseguro à Denise, passando por ela para chegar ao elevador. Não vou perder mais nada por sua causa. Ainda estou perturbada com aquele jantar que perdi na semana passada.

Apanho rapidamente um táxi à porta do prédio e chego ao hospital em tempo recorde. São 13h50, o que significa que tenho tempo de sobra.

A sala de espera da Medicina Materno-Fetal está povoada por várias mulheres em diferentes fases da gravidez. No passado, ver um bando de mulheres grávidas como estas far-me-ia arder de inveja. Provavelmente, teria ido para casa e soluçado para a minha almofada, pensando em como era tudo tão injusto. Mas agora está tudo bem. Faço parte do grupo.

A Monica e o Sam não se veem em lado nenhum – suponho que fui a primeira a chegar. Instalo-me numa das cadeiras de plástico para esperar. Uma das rececionistas lança-me um olhar estranho.

– Posso ajudá-la, minha senhora?

Sorrio, no entanto, parece-me torto.

– Eu, hã... vim encontrar-me com uma pessoa aqui.

A mulher arqueia-me uma sobancelha.

– Encontrar-se com uma pessoa?

– Sim, é a minha... – Céus, não quero explicar isto a uma desconhecida. – É a Monica Johnson.

– Oh! – O rosto da rececionista relaxa. – Sim, está quase a terminar.

Quase a... terminar?

Antes que eu tenha um minuto para remoer no assunto, o Sam e a Monica aparecem. Ela traz uma série de imagens a preto e branco e um sorriso de orelha a orelha. Fico boquiaberta. Que... raio?

– Abby! – chama o meu marido, acenando-me. – Perdeste a ecografia, mas temos fotos.

Salto da cadeira e corro para eles. Não quero perder a calma nesta sala de espera, mas estou furiosa. Como posso tê-la perdido? Cheguei a horas! Cheguei *cedo*! O que se passa aqui?

– Como podem já ter acabado? – silvo. – A consulta é às duas!

– Não – responde pacientemente o Sam. – A consulta era à uma.

Olho para a Monica, que já não está a sorrir.

– Disse-me que era às duas – acuso.

A rapariga franze o sobrolho.

– Disse-lhe uma, Abby.

– Disse-me *duas*. – Raios.

– Sei que lhe disse uma. – Abana a cabeça. – Pu-la no seu calendário. Vi-a.

Treta. Levo a mão à bolsa e tiro o meu telemóvel. Abro o calendário e...

Ecografia da Monica – 13h00.

Oh, meu Deus, como posso ter-me enganado? Passei o dia inteiro a pensar que era às duas. Consegui realmente fazer asneira em relação a isto? O que se passa comigo?

– Por que motivo não me enviaste uma mensagem? – pergunto ao Sam, desesperada para que isto seja culpa de outra pessoa que não eu.

O meu marido encolhe os ombros, impotente.

– Tens andado tão ocupada ultimamente com aquilo da comida para bebés da Cuddles. Não te quis incomodar. Calculei que não pudesses vir.

Apetece-me desatar a chorar. Não posso acreditar que perdi a ecografia. Queria tanto estar lá. E o pior é que o Sam e a Monica não se parecem importar minimamente. Não seria propriamente de esperar que ela se importasse, mas o meu marido também não se parece sentir assim tão mal com isso.

– Parecia tudo bem, segundo disseram – acrescenta o Sam.

Suponho que é só isso que importa. O objetivo desta ecografia era garantir que o bebé está bem, não servir de entretenimento.

– Bem, isso é bom.

Ergue a série de imagens.

– Queres ver?

Arranco-lhe as fotos da mão. A minha raiva esbate-se ligeiramente ao vê-las. As imagens são maioritariamente a negro, contudo, há um contorno a branco do rosto do bebé – um narizinho, um queixo minúsculo e a curva do seu crânio.

O Sam sorri-me.

– Fantástico, não é?

– Podemos... – Olho para elas. – Podemos ficar com isto?

Ele e a Monica trocam um olhar.

– Essas são minhas, na verdade – diz-me a rapariga. – Mas estão a imprimir uma segunda cópia. Tiveram só um problema com a impressora.

– Oh. – Não digo o que estou a pensar, que é que, se só há uma cópia, por que raio é a *Monica* a ficar com ela? Afinal, é o *nosso* bebé. Querendo «nosso» dizer «meu e do Sam».

– Senhora Johnson? – chama a rececionista, antes que me possa exaltar.

A minha assistente sorri-nos e dirige-se à mesa da receção, onde a mulher estende outro conjunto de imagens. Entrega-as à Monica.

– Aqui tem uma cópia extra para o seu marido.

– Obrigada – responde.

– Bom proveito! E parabéns aos dois!

Maravilhoso. Esta mulher acaba de se referir ao Sam como marido da Monica e, como se isso não bastasse, ninguém sentiu a necessidade de a corrigir. O melhor que

posso dizer sobre o Sam é que está a olhar para as fotos do bebé e não está realmente a prestar atenção. Provavelmente, não ouviu a rececionista chamar-lhe «marido da Monica».

A rapariga abre-nos um grande sorriso. Está outra vez a usar batom. Ultimamente, começou a usar muito mais maquilhagem e a vestir-se menos como uma freira. Hoje, traz uma blusa preta de decote cavado que se lhe cola aos seios. E, claro, a barriga continua a mal se notar.

– Devíamos celebrar – sugere a jovem. – E se fôssemos tomar um café?

– Tenho de voltar para o trabalho – resmungo.

A minha recusa não a parece surpreender nem perturbar.

– Então e tu, Sammy?

Não. Não acaba de convidar o meu marido para um café sem mim. Isso não acaba realmente de acontecer. *E por que raio continua a tratá-lo por «Sammy»?*

– Hã – responde o Sam, olhando na minha direção. – Na verdade, também tenho de voltar para o trabalho.

A jovem arqueia as sobrancelhas.

– Pensava que tinhas dito que estavas despachado por hoje.

– Despachado com as aulas. – Esboça um sorriso desconfortável. – Mas tenho, enfim, a investigação.

– Oh, a sério? Que tipo de investigação? – pergunta, com o que parece ser interesse genuíno.

O meu marido anima-se, como sempre que alguém lhe pergunta pela sua investigação, o que não acontece muitas vezes em situações sociais.

– Estou a estudar matrizes integrais aleatórias e a universalidade da função sobrejetiva e do conúcleo.

A Monica parece pensativa. Terá realmente entendido aquilo?

– Podes ser mais específico em relação ao conúcleo?

– Bem – começa –, estou a estudar a probabilidade de o conúcleo ser isomórfico num determinado grupo abeliano finito.

– Então e quando é cíclico?

– Sim! – Assente avidamente. – Isso também.

– Uau, parece fascinante – conclui a rapariga. – *Adoraria* ouvir mais sobre isso.

O Sam lança-me outro olhar. Dá para perceber que está mortinho por falar mais sobre isso com ela, contudo, não me quer perturbar.

– Abby – pergunta –, tens a certeza de que não tens tempo para um café rápido?

O nó na minha garganta regressa.

– Não, não tenho. Mas, se queres mesmo ir, Sam, é contigo.

– Oh. – Olha de uma para a outra, sem saber o que fazer. Não é óbvio o que devia fazer? Devia dizer «não» à atraente mulher de vinte e três anos que o está a convidar

para um café! Qualquer idiota saberia isso! Gostaria de lho dizer, contudo, não quero que a Monica me veja a obrigá-lo a recusar o que seria, provavelmente, um café perfeitamente inocente.

Provavelmente.

– Talvez só vinte minutos – cede o meu marido. – Depois, tenho mesmo de voltar para o trabalho.

– Maravilhoso! – A rapariga sorri-lhe. – Conheço o sítio ideal.

Saímos juntos para o átrio, e então o Sam e a Monica vão os dois para o café enquanto eu chamo um táxi. Vejo-os descer a rua juntos, afastando-se cada vez mais de mim. Parecem ir horrivelmente perto um do outro. Não há uma regra qualquer que diz que é suposto mantermos, pelo menos, trinta centímetros de distância das pessoas com quem vamos a andar? Ou será que acabei de inventar isso?

Muito bem, tenho de parar de dar comigo em doida. Confio no Sam. E é só isso que importa.

Se não tivesse de regressar ao trabalho depois deste almoço, estaria decididamente a embebedar-me agora mesmo.

Ainda assim, sinto-me seriamente tentada. Eu e a Shelley arranjámos maneira de nos escapulirmos para o restaurante mexicano ao fundo do quarteirão, para almoçar, e este sítio tem as *melhores* margaritas. No entanto, já estou numa posição delicada com a Denise, ou seja, não me posso dar ao luxo de me apresentar abaixo do meu melhor. Além disso, se a minha chefe cheirar álcool no meu hálito, não vai ser nada bom para mim.

– Não pareces lá muito bem, Abby – comenta a minha melhor amiga. – Sem ofensa.

A Shelley é a rainha dos comentários «sem ofensa». O jogo consiste em dizer algo super ofensivo e depois mitigá-lo, aditando um «sem ofensa» (mas não propriamente). «Sem ofensa, mas esse vestido dá a ideia de que devias estar a saltar para apanhar peixe no SeaWorld», por exemplo. Ou: «Sem ofensa, mas parece que tens idade para ser mãe da Monica.» Desta vez, porém, é difícil ficar ofendida.

– Não me sinto lá muito bem – murmuro. Olho fixamente para a minha *Coca-Cola Light*, desejando que se transformasse por magia numa margarita.

– Julgava que as coisas estavam a correr bem. – Tira uma batata frita da nossa tigela comum. – A Monica engravidou à primeira tentativa e disseste que a ecografia estava normal. Portanto... bem?

Mordo o lábio. Não expressei nenhuma das minhas preocupações à minha amiga, em parte porque não tive um momento livre para falar pessoalmente com ela, e era um pouco pesado para mensagens de texto, mas também porque sei que me vai dizer «Eu avisei-te». E a verdade é que não preciso de um «Eu avisei-te» neste momento.

Mas, por outro lado, preciso de falar com alguém sobre isto.

– As coisas têm estado estranhas ultimamente – admito.

– Estranhas em que sentido?

– Tipo... – Passo uma batata frita pelo molho, apesar de não estar com muita fome. – O Sam e a Monica tornaram-se... amigos.

A Shelley arqueia uma sobrancelha.

– Amigos?

E, de forma assim tão simples, dou por mim a contar toda a história de uma só vez: a noite em que demos boleia à Monica e ela roubou o lugar do passageiro; o jantar para o qual me atrasei, em que a Monica e o Sam criaram grandes laços em torno de piadas sobre matemática; a forma como ela o trata por «Sammy»; a ecografia que perdi, seguida do café que foram tomar juntos...

– Disse que ia só por vinte minutos – revelo. – Mas enviei-lhe uma mensagem e só me respondeu passadas duas horas. Portanto...

– Uau – murmura a minha melhor amiga. – Isso é intenso.

– E já reparaste em como, ultimamente, ela começou a usar mais maquilhagem e a vestir-se de forma mais sedutora? – acrescento. – Costumava vestir-se sempre como se estivesse na igreja, mas agora parece... enfim, *sexy*.

– A Monica é muito atraente – concorda. – Sempre achei isso. E é o tipo do Sam. Franço o sobrolho.

– O *tipo* do Sam?

Ela abre-me um sorriso de esguelha.

– Bem, é parecida contigo, portanto, presumo que seja o tipo dele.

Bem visto. Nunca pensei no meu marido como tendo um «tipo», porque raramente faz comentários sobre outras mulheres ou fala das antigas namoradas. Nunca vi sequer fotos das mulheres com quem namorou antes de mim. Seja como for, convidou-me para sair tão depressa depois de nos conhecermos que deve ter havido algo que o atraiu imediatamente para mim.

E sim, a Monica parece-se comigo. Só que é mais nova. E mais curvilínea. E está grávida do filho dele.

– Além disso – prossigo –, andam a trocar mensagens.

– Andam?

Anuo.

– Vi uma mensagem dela aparecer no ecrã dele esta manhã.

– O que dizia?

– Hum. – Penso por um minuto. – Acho que era a agradecer por lhe ter enviado um artigo sobre matemática e do qual gostou.

– Bem, isso é bastante inocente.

– Mas por que raio gosta tanto de matemática subitamente? – Apaticamente, mexo o gelo na minha *Coca-Cola Light*. – Queria estudar Artes Gráficas para se tornar diretora criativa, mas agora, de algum modo, sabe tudo sobre matrizes e núcleos, ou seja lá o que isso for.

– Não acho que o Sam vá ficar possuído de paixão a falar sobre *matemática*. – Resfolega. – Na verdade, retiro o que disse. Talvez fosse capaz.

– Ahah.

– Não sei, Abby. – Encolhe os ombros. – Parece que as mensagens são bastante inocentes. No entanto, se não tens a certeza...

Franzo o sobrolho.

– O quê?

– Tens o código do telemóvel do teu marido?

Fico de boca aberta.

– *Não* vou espiar o meu marido!

– Não é espiar. É bisbilhotar.

É certo que tenho o código do telemóvel do Sam, contudo, não tenciono fazer nada com ele.

– Não vou fazer isso, Shelley.

– Bem, nesse caso, não sabes realmente quão inocentes são, pois não?

Não me agrada o rumo que esta conversa está a tomar.

– Quero dizer, na verdade, a Monica não fez realmente nada de errado, pois não? – Trinco tristemente uma batata. – Afinal, fui eu que tive a culpa de me ter baralhado com a hora da ecografia.

– Talvez... ou talvez não.

– O que queres dizer com isso?

– Bem – começa, pensativa. – A Monica não tem acesso ao teu calendário? Não pode ter-te dito a hora errada, esperando que a pusesses no calendário, para depois a trocar pela hora certa, fazendo-te fazer figura de idiota quando aparecesses?

Fico boquiaberta.

– Achas... achas mesmo que seria capaz de fazer isso?

A Shelley encolhe os ombros.

– Talvez... ou talvez não.

E depois há aquela reunião matinal que era suposto eu ter com o pessoal da Cuddles e da qual não sabia. Poderá ter sido a Monica a responsável por isso?

– Não sei, Shel – respondo. – É um pouco diabólico demais. Não consigo imaginar aquela rapariga a fazer isso. – Hesito. – Tu consegues?

A minha melhor amiga fica calada durante vários segundos enquanto sustenho a respiração.

– Suponho que não – responde, finalmente.

Deixo sair o ar. Alegro-me por não pensar isso, porque não posso tirar o acesso ao meu calendário à Monica. É a minha assistente – grande parte do seu trabalho consiste em garantir que o meu calendário está atualizado e correto. Tenho de confiar nela.

E confio. A sério que confio nela.

Mas talvez vá mudar o código do meu telemóvel. O meu aniversário não é lá muito seguro.

– Mesmo assim... – diz a Shelley. – É uma situação sensível para todos. A Monica está grávida, por isso tem todas aquelas hormonas. E depois há o Sam. Há muito tempo que queria um bebé, e agora há uma mulher que está grávida do filho dele, mas que não é a mulher dele. Isso deve estar a mexer-lhe com a cabeça.

– Sim – murmuro. – Devíamos ter adotado uma criança. Isto foi um erro.

A minha amiga fica calada.

Suspiro.

– Vá lá. Di-lo.

– Digo o quê?

– Tu sabes o quê.

– O quê?

– Diz-me que me avisaste. Disseste que isto era um erro antes de começarmos sequer.

– Não te vou dizer «Eu avisei-te» quando estás um caco. – Abana a cabeça. – Que tipo de amiga achas que sou?

O tipo que me diz que estou um caco? Mas não interessa.

– Enfim – concluo. – A Monica vai deixar o trabalho em breve, por isso é provável que mal a vá ver até o bebé chegar. Se tudo correr bem, só a irei ver nas consultas. E, por fim, daqui a menos de cinco meses, teremos o bebé.

A Shelley sorri.

– E prometo: nada de chás de bebé, desta vez.

– Por favor, não – peço. – Não consigo imaginar nada pior.

Só que isso não é verdade. *Consigo*, sim, imaginar algo pior.

O Sam está sentado à minha frente no sofá, a trabalhar silenciosamente no seu computador. É algo que fazemos – sentarmo-nos lado a lado na sala de estar, a trabalhar juntos. Às vezes, não dizemos uma palavra durante uma hora ou mais, no entanto, não deixa de me fazer sentir próxima dele; o que mais adoro é quando ponho as pernas em cima do sofá e ele pousa a mão na minha barriga da perna, acariciando-a distraidamente. Além disso, sempre que olho para o meu marido, sorri-me.

O telemóvel dele quebra o silêncio ao vibrar com uma mensagem de texto. O Sam pega-lhe e sorri para o ecrã.

– Quem te está a enviar mensagens? – pergunto o mais casualmente possível.

– A Monica.

Pois claro. Antes desta rapariga entrar nas nossas vidas, o meu marido só recebia mensagens minhas e do trabalho. Agora, é ela a sua nova correspondente.

Dá-me uma cotovelada.

– Descobriu o género do bebé.

– Oh. – Tiro o meu portátil do colo. – Pensava que tínhamos decidido esperar até ao parto para descobrir.

– Tínhamos? – pergunta, franzindo o sobrolho.

– Sim! Tínhamos!

– Hã... – Baixa os olhos para o telemóvel e ergue-os de novo para mim. – Então... ela a modos que... já me disse.

Fico de boca aberta.

– *Disse-te?*

– Bem, não sabia que íamos esperar para descobrir!

Abano a cabeça.

– Sabias que queria que fosse surpresa.

– Não, não sabia. – Digita qualquer coisa no telemóvel enquanto fala, o que é incrivelmente irritante. O que lhe está a dizer? Que a mulher está a ser uma cabra? – Ver o aspeto do bebé será surpresa suficiente, não achas?

Não sei o que dizer. É demasiado tarde para alterar o facto de que a Monica lhe contou. Além disso, por que raio haveria de lhe dizer a *ele* e não a mim? É *comigo* que trabalha. Conhecia-a antes dele. É por minha causa que tudo isto está a acontecer.

– O que é, então? – acabo por perguntar.

– Pensava que não querias saber.

Solto um resfôlego irritado.

– Se *tu* sabes, então quero saber.

– Tens a certeza?

– Sim!

Abre-me um sorriso torto.

– É um menino.

– Oh.

– Vamos ter um filho! – Os seus olhos castanhos arregalam-se de emoção. – Não é incrível?

O seu entusiasmo é contagiante. Estava perturbada por a Monica ter estragado o segredo, mas ele tem razão – o importante é que vamos ter um bebé saudável. Um menino saudável! Isto está mesmo a acontecer – vamos ser pais em breve.

– Amo-te tanto, Abby – diz o Sam, pousando o computador na mesa de centro e trepando para cima de mim. Beija-me o pescoço até o meu corpo começar a formigar. – Alegro-me tanto por seres minha mulher.

Sorrio para comigo, cedendo à maravilhosa sensação dos lábios do meu marido no meu corpo. Tento ignorar a vibração das mensagens de texto que continuam a chegar ao telemóvel dele.

Hoje é o dia da nossa grande reunião com a Cuddles, e estou tão nervosa que estou capaz de vomitar.

Da última vez que nos reunimos com a Cuddles, estava nervosa, mas entusiasmada, ainda assim. Sabia que a minha campanha era incrível e sentia-me 100% confiante. Hoje, não sinto nenhuma dessa confiança. A minha única esperança é conseguir fingi-la.

No entanto, por alguma razão, não tenho estado no meu melhor ultimamente. Desde a noite daquele jantar que perdi há dois meses, é como se não conseguisse reter nada na cabeça. No início da semana, faltei a uma reunião importante, apesar de estar no meu calendário. Perdi toda uma pasta de fotos de bebés e tive de pedir à Cuddles que mas voltasse a enviar por *fax*. A Denise teve de me vir repreender duas vezes por não responder aos *e-mails* da Cuddles. E, além disso, fiquei violentamente doente devido a uma comida para bebés de pudim de banana que provei.

Dava-me jeito mais uma semana para esta reunião, contudo, isso não vai acontecer. É hoje – quer queira, quer não.

A Monica carregou a minha apresentação no portátil ligado ao projetor da sala de reuniões. Devo dizer que tem sido uma estrela nos últimos tempos. Dado o quanto ando desmiolada ultimamente, tem feito um trabalho incrível a compensar isso. Desde que faltei àquela reunião na segunda-feira, começou a imprimir itinerários diários para deixar na minha secretária de manhã, e, como se isso não bastasse, tem vindo a realçar os *e-mails* importantes na minha caixa de entrada e providenciou um almoço *gourmet* para os executivos da Cuddles na reunião.

Sim, continua a ser amiga do Sam. O meu marido jura que não voltaram a ir tomar café juntos, no entanto, continuo a ver as mensagens de texto dela a aparecerem-lhe no telemóvel. Além disso, a última consulta de obstetrícia coincidiu com uma reunião que não podia de todo perder, pelo que o Sam acabou por a acompanhar sozinho. Tentei não deixar que me incomodasse o quanto parecia feliz depois dessa consulta. É pelo bebé – não pela Monica.

Estou sentada na sala de reuniões, a beber café enquanto roo as unhas, quando o Jed Cofield e os seus lacaios entram. Temo que o Cofield vá ser frio comigo após ter deixado vários dos seus *e-mails* sem resposta, contudo, vem direto a mim e dá-me um

aperto de mão; ainda que note que não me segura a mão por mais tempo do que o necessário.

– Que bom voltar a vê-la, Abby – diz. Mostra-me os dentes. – Espero que me vá deixar outra vez deslumbrado.

Esforço-me ao máximo para lhe retribuir o sorriso.

– Naturalmente.

Confiante. Mostra-te confiante.

Geralmente, nem tenho de dizer isso a mim mesma. Tornou-se automático seguir as lições da Denise para projetar uma imagem de absoluta confiança. Mesmo quando começo a suspeitar de que estou errada sobre algo, sigo em frente, de ombros direitos, e ficariam espantados com a frequência com que isso é eficaz. No entanto, não acho que seja capaz de fazê-lo hoje.

– Digo sempre a todos – começa o Cofield – que a Abby Adler... é a melhor. Se quer vender o seu produto, é a pessoa certa para si.

– Agradeço isso, Jed – respondo.

E sorrio com confiança. Devia estar confiante – tenho um histórico excelente. Não há razões para duvidar de mim mesma.

A minha confiança não volta a vacilar até que a minha chefe entra na sala. Vem direta a mim, com os seus olhos azul-gelo a observarem-me com mal reprimido desdém. Assistiu a todas e cada uma das minhas trapalhadas recentes e não está impressionada.

– Abigail – chama a minha chefe. – Estarei lá atrás para contribuir com a minha experiência, se for necessário.

A mensagem subliminar é dolorosamente óbvia: «Vou ficar na sala para o caso de fazer asneira.»

A última pessoa a entrar na sala é a Monica, com um prato de sanduíches *gourmet*. Traz uma blusa vermelho-vivo, combinada com uma saia preta que deixa ver umas belas pernas. Entre os peitos e as pernas, todos os machos saudáveis na sala se viram para a observar. O Cofield fica boquiaberto. Pergunto se, caso o Sam estivesse aqui, estaria também a olhar fixamente.

A Monica está agora quase nos seis meses de gravidez, contudo, ainda a consegue esconder com combinações criativas de roupa. A blusa vermelha, por exemplo, abraça-lhe os seios, mas é solta na zona do abdómen. Mais um par de semanas e imagino que deixará de a poder esconder de todo. O que significa que, por mais doloroso que vá ser, terei de prescindir da sua ajuda. Ninguém no trabalho pode saber do nosso acordo.

Depois de se terem todos sentado e escolhido uma sanduíche, posso começar com a minha apresentação. Com as informações do produto e as fotos de bebés, projetámos um *site*, e escrevemos o seu conteúdo, para divulgar a comida para bebés.

Há meses que andamos para a frente e para trás com isto, e agora vou mostrar-lhes a versão quase final. Ainda ontem à noite eu e a Monica estivemos a analisar uma lista de *slogans* para encontrar o melhor.

– Como é óbvio, o *site* verdadeiro será interativo, e estamos a trabalhar com os nossos técnicos nesse sentido – informo. – Mas queria só mostrar-vos como esperamos que fique.

Dou a todos na sala uma oportunidade de ver a imagem que projetei no ecrã. Apesar dos meus problemas recentes, trabalhei muito neste *site*. Espero que gostem.

O primeiro a falar é o Jed Cofield. Esperava que dissesse algo entusiástico, no entanto, em vez disso, franze-me o sobrolho.

– Hã, Abby?

– Sim?

– Isto não é de todo o que discutimos.

Todos os olhares na sala se fixam em mim, subitamente. «Isto não é de todo o que discutimos.» O que quer o Jedd dizer com isso? Incorporarei absolutamente tudo o que me disse. Como pode ser capaz de dizer algo assim?

– Como assim? – pergunto, cautelosamente.

O Cofield abana a cabeça.

– Não são estes os bebés que discutimos usar. Lembre-se: disse que precisávamos de uma seleção mais diversa. Além disso, disse-lhe que queria a comida para crianças pequenas no topo e a comida de fase um no fundo.

Tem razão. É certo que me disse tudo isso. E eu fiz as mudanças. Só que, ao olhar para o ecrã instalado no alto, dou-me conta de que a imagem não reflete nada disso. Vejo que o primeiro bebé na imagem é o miúdo de cabelo ruivo espetado de que me lembro especificamente, porque o Cofield disse que era um «bebé feio», coisa que me ofendeu, pois achei que ele não estava no direito de chamar «feio» a qualquer bebé. Mas eis ali o «bebé feio» do Jed, a olhar diretamente para mim.

Oh, meu Deus, terei posto as imagens *antigas* na minha apresentação?

Oh, não.

Não posso acreditar que fiz isso. Que erro estúpido. E nem sequer verifiquei nada antes de uma grande apresentação perante os executivos da Cuddles... o que se *passa* comigo? Devo estar a enlouquecer.

– Hã... – Mudo o meu peso de um pé para o outro, tentando perceber como dar a ideia de que isto não foi um erro enorme. Não estou certa de que haja uma maneira.

– Certo, então, estas são as primeiras imagens que usei, para vos poder mostrar como é muito melhor o nosso novo *design*.

– Certo... – responde o Cofield.

E agora estão todos à espera de que lhes mostre o novo *design*.

– Preciso de alguns segundos para o carregar – informo. – Desculpem.

Não estou a enganar ninguém. A Monica tem de vir à frente da sala para me ajudar a carregar as imagens certas, e é um verdadeiro caos. Consigo sentir a raiva a irradiar da Denise, que está a fazer todos os possíveis para aplacar o pessoal da Cuddles enquanto tento salvar a reunião.

Leva vinte minutos, mas consigo finalmente pôr a imagem certa no ecrã. Está bem, pronto – foi uma ligeira trapalhada, mas o importante é que tenho um excelente *site* para os seus produtos. É só isso que importa.

– Não sei, Abby... – diz o Jed.

Jesus Cristo, o que foi agora?

– Sim? – respondo, o mais calmamente possível.

– Não adoro esse *slogan*. – Abana a cabeça. – «Comida para bebés Cuddles: nada é mais importante do que a barriguinha do seu bebé.»

– O que tem de mal? – Tirando o facto de ser terrível. Não me consegui lembrar de nada melhor.

– É pesado – conclui.

– Pesado?

– Quero algo que fique na ponta da língua – explica. – Percebe?

A minha chefe lança-me um olhar venenoso do outro lado da sala. Puxo pela cabeça, tentando lembrar-me da lista de *slogans* que guardei no meu computador. Há outros de que talvez gostem mais. Se ao menos me conseguisse lembrar...

– Que tal isto? – diz, subitamente, a Monica. – «Comida para bebés Cuddles: porque o seu bebé merece o melhor.»

O *slogan* soa-me familiar. É da lista de rejeitados de ontem à noite.

O Cofield vira-se para olhar para a mulher que tem estado a servir-lhe o café e a ajudar com o projetor. Um sorriso lento curva-lhe os lábios.

– Na verdade, gosto disso.

A Monica sorri.

– A sério?

– Sim! – Assente vigorosamente. – É limpo, simples... e induz os pais a pagarem um pouco mais pela nossa comida para bebés. – Inclina-se para sorrir à Denise. – Esta rapariga aqui é uma joia.

– Bem, não posso ficar com o mérito – apressa-se a Monica a dizer. – Estava na lista da Abby. Foi ela quem o inventou, na verdade.

– Sim, mas foi você que soube que era o certo para nós – responde o Jed. – Isso é meio caminho andado.

– É um facto. – A Denise sorri calorosamente à minha assistente. – A Monica é uma das nossas estrelas em ascensão aqui na Stewart, sabia?

É?

A reunião é salva, mas não me sinto bem com isso. Era suposto que o Cofield adorasse a minha apresentação. Em vez disso, de algum modo, a Monica roubou-me as atenções com o *meu slogan*. Quando a reunião termina, o pessoal da Cuddles põe-se a conversar com a miúda como se fosse *ela* a mandar. Entretanto, a Denise agarra-me pelo braço com tanta força que parece capaz de mo arrancar da articulação.

– O que foi *aquilo*, Abigail? – silva-me ao ouvido, para que o pessoal da Cuddles não nos possa ouvir. – Quase estragou tudo. Anda a *drogar-se* ou assim?

– Foi um erro inocente – murmuro.

Os seus olhos azul-gelo procuram os meus.

– Há gente que é despedida por erros inocentes.

– Acabou por correr tudo bem.

– Sim, graças à sua *assistente* – diz a minha chefe, com um abanar de cabeça. – Não sei o que se passa consigo ultimamente, Abigail. Talvez esteja a acontecer alguma coisa na sua vida pessoal. – Isso é um eufemismo. – Mas, seja o que for, tem de lhe dar a volta. E depressa.

– Não voltará a acontecer.

– Não. Pois não.

Com um último olhar gélido na minha direção, roda nos calcanhares para ir falar com o Cofield, com um sorriso radioso agora a transfigurar-lhe o rosto. Não me lembro da última vez que a Denise me sorriu assim. Tem razão ao dizer que fiz asneira hoje, mas não é como se estivesse a facilitar as coisas.

A Monica dirige-se ao fundo da sala para recolher os cafés e eu junto-me a ela. Se as coisas continuarem como estão agora, não tardará a que a minha única responsabilidade seja trazer café para estas reuniões.

Não. Não é verdade. Seria despedida antes disso.

– Espero não ter sido incorreta ao falar – diz, limpando uma nódoa de café da mesa.

– É claro que não. – Forço um sorriso. – Salvou a reunião.

A Monica sorri também.

– Acha que sim?

– Claro – respondo, ainda que me mate dizê-lo.

– Monica! – chama a Denise. Está junto ao Cofield e aos outros homens da Cuddles. – Venha juntar-se a nós por um momento!

– Hã... – Olha para a cafeteira a vazar e para as chávenas dispersas por todo o lado. – Deixe-me só limpar isto.

– Que disparate – diz a Denise. – A Abigail limpa. Gostaríamos de falar consigo.

Incrédula, vejo a minha assistente ir falar com os executivos enquanto recolho o café. Sinto-me doente. Estava grata à Monica por me ter salvado durante a reunião, mas agora preferia que me tivesse simplesmente deixado enterrar.

Não consigo dormir.

Tentei ler. Descarreguei três livros diferentes para o meu *Kindle*, mas nenhum me prendeu a atenção. Fiz chichi duas vezes. Vi alguns vídeos no *YouTube*, no entanto, ouvi dizer que os ecrãs são maus para o sono, por isso fechei-o.

E foi então que saí da cama e comecei a andar de um lado para o outro.

Como era de prever, isto acorda o Sam. O meu marido senta-se na cama, esfregando os olhos e bocejando. Acende o candeeiro junto à cama e olha para mim, incrédulo.

– Abby, são duas da manhã.

– Não consigo dormir.

– Pois, eu deduzi.

Há quatro anos, tive um período stressante no trabalho que coincidiu exatamente com o pico dos nossos problemas de fertilidade. Também tinha muita dificuldade em dormir. Era habitual estar acordada às duas da manhã, a deambular pelo nosso quarto.

Honra seja feita ao Sam – foi fantástico em relação a isso. Costumava levantar-se comigo e íamos os dois sentar-nos na cozinha, a conversar e a beber leite quente. Foi assim que soube que seria um ótimo pai para um recém-nascido. Não se importava de se levantar a meio da noite para me fazer leite. E, de algum modo, isso tornava tudo ainda pior: porque queria um filho não só por mim, mas também por ele.

– Fiz asneira numa reunião no trabalho hoje – admito, sentando-me na beira da cama. – Numa reunião muito importante. Mostrei as imagens erradas. Foi um desastre.

– Oh. – O meu marido volta a esfregar os olhos. – Então... o que aconteceu? Estás desempregada?

– Não.

– Então, vais corrigir isso. É o que fazes sempre.

– E se não conseguir?

Encolhe os ombros.

– Bem, vamos ter um bebé em breve. Podes ficar em casa, se quiseres.

– Sabes que não quero isso! Trabalhei muito para chegar onde estou! – Ponho as mãos nas ancas. – E, seja como for, não ganhas dinheiro que chegue sozinho. Teríamos de começar a mexer nas minhas poupanças.

– Ganho o suficiente para nos desenrascarmos.

– Nem por isso.

O meu marido lança-me um olhar. É raro parecer ressentido com o facto de eu ganhar o dobro do que ele ganha, ou até mesmo de termos tido de usar as minhas poupanças para pagar a entrada do nosso apartamento. Contudo, às vezes, tenho a sensação de que o incomoda mais do que deixa transparecer.

Em todo o caso, isto não me está a fazer sentir melhor. Deambulo pelo nosso pequeno quarto, com o coração a palpar-me no peito. Por que raio não consigo desligar os meus pensamentos? Qual é o meu *problema*?

– Não tens aqueles comprimidos para dormir? – pergunta o Sam. – Os que tomavas quando estavas com este tipo de problemas?

– Talvez... – Acho que ainda estão no armário dos medicamentos. – Mas têm quatro anos. Provavelmente, já passaram do prazo de validade.

Ele boceja.

– Talvez amanhã devesse ligar ao teu médico para lhe pedir outra receita.

– Não quero depender de comprimidos para dormir.

– Pois, queres só passar a noite a deambular pelo apartamento.

Tem uma certa razão.

– Está bem, ligo ao meu médico amanhã.

Volta a esfregar os olhos. Parece tão *sexy* neste momento, com o cabelo escuro despenteado, a barba no queixo – além de que dorme em tronco nu.

Consigo lembrar-me de *uma* coisa que talvez me fizesse relaxar...

– Ei. – Volto a subir para a cama, mas desta vez para o lado do meu marido. – Apetece-te dar umas cambalhotas...?

– Hã...

Franzo-lhe o sobrolho. A resposta não é sim?

Parece um pouco desconfortável.

– Quero dizer, sim, claro que sim. Mas... bem, tenho uma palestra amanhã às oito da manhã e...

Oh, meu Deus, o meu homem está a rejeitar-me? *Nunca* fez isso antes! Em todos os nossos anos de namoro e de casamento, nunca recusou um pedido de sexo. Nunca. Fazia-me sentir culpada, no passado, porque houve alturas em que ele quis e eu o rejeitei por causa (ironicamente) de uma reunião logo de manhã. Mas o Sam diz sempre sim. Mesmo que tivesse uma palestra cedo, estava sempre disposto a trocar sono por sexo. *Sempre*.

Por que razão já não está interessado? Terá algo que ver com as mensagens que continua a receber regularmente no telemóvel?

– Está bem, pronto – cedo, rebolando de cima dele. – Como queiras.

– Desculpa, Abby.

Agora está a pedir desculpa por me ter rejeitado. Se havia algo capaz de me fazer sentir pior, era isto.

– Não te preocupes – respondo.

– Amanhã à noite – promete.

– Pois.

Por um momento, olha para mim, e, por fim, abana a cabeça e apaga a luz. Depois, vira-se para o outro lado, tentando voltar a adormecer, e, passados alguns minutos, o som do seu ressonar baixinho enche o quarto.

O telemóvel dele está a carregar, pousado no parapeito da janela. Sei o código de cor. Seria muito fácil ir lá e consultar as mensagens de texto; ver o que o meu marido e a Monica têm andado a discutir tão entusiasticamente ao longo destas últimas semanas. Mas isso seria trair gravemente a sua confiança.

Seria incapaz de tal coisa.

Não seria?

O Sam não está interessado em fazer sexo com a mulher. Isso não é um sinal de que há outra mulher na sua vida? Tenho aqui uma possível hipótese.

Seja como for, não posso fazer isto ao meu marido. Confio nele. Seria incapaz de me trair. *Incapaz*.

Continuo a olhar fixamente para o telemóvel dele até finalmente adormecer.

A Monica tem uma consulta de obstetrícia hoje, e a esta eu vou. De algum modo, conseguiu marcar todas as suas consultas para alturas em que eu não podia ir, contudo, esta é logo de manhã, e eu e o Sam vamos fazer a viagem até lá juntos, só para garantir que não anotei misteriosamente a hora errada.

– Ainda bem que pudeste vir hoje – comenta o meu marido, enquanto conduz rumo ao centro da cidade e ao consultório da Dra. Wong. – Foi uma treta que as duas últimas consultas não fossem compatíveis com a tua agenda.

– Pois – murmuro. – Pena a Monica não ter acesso ao meu calendário. Oh, espera.

– O que queres dizer com isso? – Lança-me um olhar de soslaio.

– Estou só a dizer que é uma certa coincidência, mais nada.

Pára num sinal vermelho.

– Estás a dizer que achas que a Monica está a marcar deliberadamente as consultas para horas a que não podes ir?

– Não. – Mas estou a sugeri-lo vivamente. – É fantástico que *tu* tenhas podido ir a todas as consultas, ainda assim.

– Bem, o meu horário é um pouco mais flexível do que o teu.

É verdade, ainda que tenha um pressentimento de que a rapariga o consulta antes de marcar seja o que for. Por alguma razão, a Monica quer o Sam nestas consultas. Até a levou à última e, no trabalho, não conseguia parar de gabar como foi incrível a estacionar o carro num espaço minúsculo. Ele deve ter adorado.

– Sobre o que te está sempre a enviar mensagens, afinal? – questiono.

– Coisas de matemática, essencialmente – responde, empurrando os óculos para cima sobre a ponte do nariz.

– *Matemática?*

– Sim. – Assente energicamente. – A Monica percebe mesmo do assunto, sabes? Tem cabeça para isso. Sei que está decidida a estudar Artes Gráficas, no entanto, estou a tentar convencê-la a tirar um curso de Matemática. Seria capaz de o fazer.

– E o que diz ela sobre isso?

– Vai pensar. – Um homem atravessa-se à frente do Sam e ele pragueja baixinho, mas não buzina. – Quer candidatar-se ao nosso programa, mas pareceu-me que podia ser constrangedor, por causa de... enfim, tu sabes.

– Bem, achas?

O meu marido deixa escapar um suspiro.

– Olha, não vamos falar mais sobre a Monica, está bem?

– Claro. Queres falar de quê?

– Não sei. – Sorri-me. – Que tal de nomes para o bebé? Já não temos muito tempo para decidir.

Não consigo evitar retribuir-lhe o sorriso.

– Não vou ceder quanto a Adam.

– Qual é o mal de Adam? É um ótimo nome. É bíblico.

– Adam Adler? É um pouco de aliteração a mais. Parece a identidade civil de um super-herói da *Marvel*.

– E quanto a Jacob?

– Não. Namorei com um tipo chamado Jake.

– E então?

– Seria estranho!

– Tudo bem. – Revira os olhos. – Então e Richard?

– Também namorei com um tipo chamado Richard.

– Matthew?

– Também namorei com um Matthew.

O meu marido resfolega.

– Talvez precisemos de procurar nomes mais internacionais para encontrar um com o qual não tenhas namorado.

– Está bem, mas tem em mente que passei um semestre em Itália.

– Pois, não quero saber.

É um pouco estranho, de certo modo, que eu e o Sam não tenhamos discutido muito as nossas relações anteriores. Sei que teve namoradas antes de mim – seria estranho se não as tivesse tido, visto que só começámos a namorar em meados dos vinte. Mas, se lhe perguntasse por isso, dizia algo vago sobre ser passado e perguntava-me por que motivo queria tanto saber. Ou fazia algum comentário sobre elas, como: «Foi uma relação que não teve importância.» O que me irritava, pois temia que um dia fosse falar a uma futura namorada sobre mim e dizer: «A Abby não teve importância.»

Claro que depois, quando ficámos noivos, reconheci que a nossa relação *tinha* importância para ele, por isso tirei essa preocupação específica da cabeça. No entanto, continuava curiosa acerca das suas namoradas anteriores. Talvez porque não conseguia imaginar nenhuma rapariga a acabar tudo com um homem fantástico como o Sam, contudo, ao mesmo tempo, era difícil imaginá-lo a deixar alguém. Não o consigo visualizar a ter uma conversa dessas.

Chegamos ao consultório da Dra. Wong com tempo suficiente para o meu marido arranjar estacionamento e, por fim, entramos juntos. Não posso deixar de reparar que, enquanto nos dirigimos ao consultório da médica, não me pega na mão, como habitual. Suponho que este não é propriamente um ambiente para se andar de mão dada.

Quando entramos na sala de espera, a Monica já lá está. Levanta-se ao ver-nos, e fico de queixo caído. Geralmente, faz um esforço para esconder a sua barriga de grávida quando está no trabalho, mas hoje traz uma blusa de maternidade azul, com um cordão que aperta logo abaixo dos seus grandes seios, e... meu Deus, parece *tão* grávida. Não me devia surpreender, pois está quase de sete meses, mas uau, está grande. Não há dúvida de que há um bebé lá dentro.

O bebé do Sam.

O seu rosto ilumina-se ao ver-nos. Quando nos aproximamos, corre para nós e abraça-se aos ombros do meu marido. Se não estivesse já boquiaberta, isso ter-me-ia feito ficar. Não fazia ideia de que o Sam e a Monica tinham uma relação do tipo de dar abraços. O meu homem, sobretudo, não é muito de abraços. É muito afetuoso comigo, contudo, já o ouvi barafustar sobre como detesta demonstrações de afeto fortuitas de familiares ou amigos. «A única pessoa que quero abraçar ou beijar é a minha mulher. E talvez a minha mãe.»

E a Monica, ao que parece. Porque *não* está decididamente a afastá-la.

A rapariga acena-me – eu não justifico um abraço. Não consigo parar de lhe olhar para a barriga. Não consigo assimilar como está grande. O que quer que tenha andado a fazer para a esconder no trabalho é admirável, no entanto, não vai obviamente resultar por muito mais tempo.

O Sam parece igualmente hipnotizado pela sua barriga. Não pára de olhar para ela e, finalmente, sente-se impelido a comentar:

– O bebé está a ficar grande.

A jovem assente avidamente.

– E ativo! Não pára de dar pontapés hoje.

O meu marido sorri.

– Ah, sim? Deve ser qualquer coisa.

– É mesmo. – Retribui-lhe o sorriso. – Olha, sente.

E então pega-lhe na mão e pousa-a firmemente na saliência do abdómen. Honra lhe seja feita, o Sam parece envergonhado, contudo, não se afasta, continuando a deixar que lhe segure a mão sobre a barriga. Ao fim de alguns instantes, arregala os olhos.

– Oh, uau! Isto é incrível!

– É, não é? – pergunta, rindo. – É como se me estivesse sempre a fazer companhia.

A Monica tira a mão, mas o meu marido não faz o mesmo. Mantém a palma encostada à barriga da miúda, sentindo os movimentos do bebé. Tem um sorriso tolo no rosto.

– Abby – chama-me. – Tens de sentir isto!

Quero tanto tocar na sua barriga como ela quer que eu lhe toque. Felizmente, somos salvas por uma enfermeira a chamar o seu nome.

Encaminhamo-nos os três, mas a enfermeira detém-nos.

– Lamento muito – diz –, mas só permitimos mais uma pessoa na sala durante as consultas de gravidez. É uma regra que temos.

Que tipo de regra estúpida é esta? Os olhos da Monica voltam-se imediatamente para o Sam, e é óbvio quem prefere, no entanto, o meu marido apressa-se a dizer:

– Abby, devias ir tu. Eu já estive nas duas últimas consultas.

Os lábios da rapariga fixam-se numa linha reta.

– Tens a certeza?

– Sim, sem problemas. – Abre um sorriso torto. – Espero aqui fora. Já pude sentir o bebé, que é a melhor parte.

A Monica não me diz uma palavra no caminho para a sala de exame, nitidamente irritada comigo por estar aqui quando o Sam não está. Faz questão de caminhar vários passos à minha frente, para nem ter de olhar para mim. E, ao chegarmos à sala de exame, olha-me com frieza e diz:

– Importa-se de sair para eu poder trocar de roupa?

– Claro que não – respondo, sem referir o facto de que não se importou que eu lá estivesse quando mudou de roupa durante a sua primeira visita.

Saio da sala, mas é óbvio que não me vai dizer para entrar até a médica chegar. O que não faz mal, porque a última coisa que quero é estar desconfortavelmente plantada com ela naquela sala.

A Dra. Wong desce o corredor, com a sua bata branca a pender-lhe desleixadamente dos ombros. Vê-me parada à porta e arregala os olhos de surpresa.

– Oh! – consegue dizer.

– Olá. – Esboço-lhe um aceno pouco convicto. – Sou a Abby. Não sei se se lembra de mim da primeira visita...

– Sim, sim, claro. – O seu sorriso é tenso. – Desculpe, eu só... de algum modo, não me apercebi de que continuava envolvida.

Pestanejo.

– Como assim?

– Bem. – Coram-lhe as faces. – O marido da Monica esteve cá nas últimas visitas, por isso pensei...

– O... marido da Monica?

A Dra. Wong assente.

– Sim. Talvez na casa dos trinta, com cabelo castanho, óculos e bastante, hã... atraente.

– O Sam?

Faz estalar os dedos.

– Sim, isso mesmo! Sam.

– Não, o Sam é *meu* marido – corrijo-a.

– Oh! – exclama, rindo. – Bem, suponho que isso faz mais sentido, não é? Mas podia jurar que disseram que era marido dela.

Quero dizer à Dra. Wong que compreendeu mal, no entanto, não consigo fazer as palavras saírem. Subitamente, sinto um pressentimento terrível a revolver-me o estômago. Consigo imaginar a Monica a dizer à médica que o Sam é marido dela – parece consistente com o seu comportamento recente. Seja como for, o meu homem jamais teria alinhado numa coisa dessas. Se a médica lhe tivesse perguntado, ter-lhe-ia dito que não é o marido daquela rapariga. Tê-la-ia corrigido.

Não teria?

Quando a Monica entra no meu gabinete esta manhã com o meu café, já não há como negar – está visivelmente grávida. As pessoas no trabalho vão começar a reparar muito em breve, se é que não o fizeram já.

Não é de admirar. Está de sete meses. É espantoso que tenha conseguido esconder isto durante tanto tempo, mesmo com as suas escolhas de vestuário criativas. Ouvi algumas secretárias sarcásticas na casa de banho das senhoras a sussurrar sobre como a Monica precisa de «reduzir no chocolate». E ouvi ainda outras a gracejar sobre quem poderá ser o pai. O segredo está decididamente acabado.

– Como se sente? – pergunto-lhe cautelosamente.

A rapariga pousa delicadamente a mão na barriga.

– Um pouco cansada, mas, de modo geral, bastante bem.

– Isso é ótimo. – Mordo o lábio, ponderando cuidadosamente as minhas próximas palavras. – Quer, hã... quer sentar-se?

A Monica lança-me um olhar estranho, mas instala-se na cadeira à minha frente. Levanto-me e vou fechar a porta para que possamos ter alguma privacidade.

– Oiça – digo-lhe, ao voltar a sentar-me na minha cadeira de cabedal. – Estou certa de que compreende que se está a tornar muito óbvio que está grávida.

– Suponho que sim – responde-me.

Baixa a cabeça. Pela primeira vez, noto que, apesar de ter o cabelo preto esverdeado, como eu, as raízes são claras. Um dos argumentos que invocou quando sugeriu ser minha barriga de aluguer foi o nosso aspeto semelhante, contudo, agora já não tenho a certeza de que a Monica seja naturalmente morena. Será que pinta o cabelo de preto?

Por que raio haveria de o fazer?

Pigarreio.

– Portanto, segundo o nosso acordo, acho que está na altura de se despedir. Posso começar imediatamente a procurar uma substituta para si.

A jovem arregala os olhos.

– Despedir-me?

– Sim – assinto rigidamente. – Foi esse o acordo. Quando se comesse a notar, despedia-se.

Por um momento, fica a olhar para mim, boquiaberta.

– Isto é por eu ter tido uma ideia melhor do que a sua naquela reunião com a Cuddles?

Au. Reconheço que sinto um ressentimento latente pela minha funcionária por causa dessa reunião. Desde então, a Denise tem vindo a agir como se ela fosse o novo prodígio do escritório. Mal me consigo lembrar da última vez que recebi esse tipo de mentoria da parte da minha chefe. Numa reunião de ontem, disse à Monica que «ia longe» na Stewart Advertising.

– Não é por isso – garanto, baixinho. – Foi esse o nosso acordo desde o início, Monica.

– Mas não está no contrato.

– Perdão?

– Não está no contrato – repete. – Disse que talvez saísse, mas não assinei nada a dizer que o faria de certeza.

É agora a minha vez de ficar a olhar para a miúda.

– Mas combinámos...

Encolhe os ombros.

– Sim, mas mudei de ideias. Gosto disto aqui. Quero ficar.

É como se tivesse acabado de me dar um murro no estômago. Nem sei o que dizer. Era este o nosso acordo e está a recuar. O que suscita a questão: em que mais o irá fazer?

– Monica. – Tento manter um tom calmo. – Se continuar a trabalhar aqui, posso ter muitos problemas por causa do nosso acordo. Pode parecer que eu... a pressionei a isto.

– Bem, talvez devesse ter pensado nisso antes. – Espeta o queixo. – Não quero abdicar do meu emprego, Abby. Não devia ter de o fazer.

Apetece-me saltar por cima da secretária e abaná-la, contudo, isso seria má ideia por inúmeras razões. Tenho de me manter nas boas graças da Monica. Há muita coisa que depende dela.

– Se é realmente isso que quer – digo em voz baixa –, arranjaremos maneira de o resolver. Podemos ir aos recursos humanos e explicar a situação. Desde que confirme que não a coagi a nada.

Estudo-lhe o rosto. Sinto pavor de que se recuse a alinhar, mas então os seus lábios curvam-se num sorriso.

– Claro, Abby. Com certeza.

Graças a Deus. Vai ser na mesma um verdadeiro desastre, no entanto, talvez haja maneira de mitigar os danos.

Não sei por que raio sou tão má a abrir envelopes. Tendo em conta a quantidade de correio que recebo todos os dias, seria de esperar que tivesse adquirido uma destreza razoável nisto, mas parece que cada envelope que abro resulta numa probabilidade de 25% de um corte de papel grave.

Onde diabos está aquele abre-cartas que o Sam me comprou?

A gaveta de cima, onde geralmente o guardo, só tem papéis. Vasculho-a, tentando encontrá-lo. Uau, a minha secretária está a tornar-se um caos. Costumava ser sempre tão organizada, no entanto, de algum modo, o tampo da minha secretária tornou-se um furacão de papéis. Não sei como deixei que isso acontecesse. Tenho tantas coisas na cabeça...

Ainda ando à procura do abre-cartas quando a Denise entra no meu gabinete sem bater. Ergo o olhar e a sua expressão inquieta-me. Não é como se a minha chefe não parecesse sempre um pouco irritada comigo, mas, neste momento, tem um círculo róseo em cada maçã do rosto e veias a projetarem-se-lhe do pescoço.

– Abigail – chama-me, enquanto uma veia lhe pulsa no pescoço. Espero que não lhe rebente um aneurisma mesmo à minha frente.

Bem, mais ou menos.

– Sim, olá – respondo. – O que se passa, Denise?

Ela fulmina-me com o olhar.

– Esperava que me pudesse explicar o significado deste *e-mail*.

Estende o telemóvel na minha direção e eu pego-lhe. Reconheço imediatamente um *e-mail* que *julgava* que tinha enviado à Shelley, a pedir-lhe a sua opinião sobre o mais recente conteúdo que escrevi para a Cuddles. Só que acontece que enviei acidentalmente a mensagem também para a Denise Holt.

Além disso, prefaciei-a, escrevendo: *Diz-me o que te parece. Claro que, seja como for, a Denise vai, provavelmente, ser outra vez uma cabra e obrigar-me a refazer tudo.*

– Hã... – digo.

Isto é fantástico. Chamei cabra à minha chefe num *e-mail* e depois encaminhei-o acidentalmente para ela. De todas as coisas estúpidas que fiz nos últimos tempos, esta tem de levar o prémio.

A Denise tira-me o telemóvel da mão. Põe os punhos nas ancas e fita-me, à espera de uma explicação. Tem o rosto visivelmente corado por baixo do corretor. Pergunto-me que idade terá. Eu e a Shelley discutimo-lo inúmeras vezes e não conseguimos descobrir. Parece rondar os meados dos quarenta, contudo, já parecia ter essa idade quando começámos a trabalhar aqui... há dez anos. Por isso... meados dos cinquenta? Sessenta? Setenta? Quem sabe?

– Peço imensa desculpa por isso – lamento, tentando soar o mais genuína possível, tendo em conta que queria dizer exatamente o que escrevi à Shelley. –

Estava só a descarregar alguma pressão e... bem, como é óbvio, não tencionava que visse.

– Não tencionava, portanto, enviar-me um *e-mail* a chamar-me cabra? – retorque.

Olho para o chão. Vai despedir-me? Oh, meu Deus, não posso ser despedida agora. Nem nunca. Nenhuma altura é boa para ser despedida.

E então, quando parecia que esta situação não podia piorar, eis que a Sonia Watson, dos recursos humanos, bate à porta do meu gabinete. Inicialmente, tenho a certeza de que a minha chefe a chamou cá para me entregar o meu aviso de demissão, contudo, rapidamente se torna evidente que não fazia ideia de que ela vinha.

– Olá, Abby – diz a Sonia, com as mãos apertadas diante do corpo. – Denise. Ainda bem que estão as duas aqui. Podemos conversar na sala de reuniões?

Cai-me o coração aos pés. A Sonia dos recursos humanos quer falar comigo e com a Denise na sala de reuniões? Esta manhã não está a melhorar.

A minha chefe semicerra os olhos. A mulher não gosta de surpresas.

– A que se deve isto?

A Sonia puxa a sua saia justa bege.

– É melhor virem comigo.

Sinto-me como se a estivesse a seguir para a minha própria execução. E não me sinto nem um bocadinho melhor ao ver nada menos do que a Monica Johnson já sentada na sala de reuniões. Pela primeiríssima vez, veio para o trabalho com roupa de grávida. Traz um *top* azul-claro, que estreita abaixo dos seios e se estende confortavelmente sobre a barriga. Está linda, na verdade.

Ao vê-la, a Denise arregala os olhos de repente. Seria cómico se não fosse tudo tão horrível.

– Monica – arqueja. – Está... grávida?

– Sim – assente a rapariga. – Estou.

Deve dar com a minha chefe em doida, tendo em conta a forma como tomou a minha assistente sob a sua proteção nos últimos tempos, e que, como sabemos, odeia mulheres grávidas e crianças, bem como, provavelmente, animais, flores e neve no Natal.

– Por favor, sentem-se – pede a Sonia, falando para mim e para a Denise.

A minha chefe está claramente muito confusa. É interessante vê-la desnorteada, pois está sempre muito serena.

– O que se passa aqui? Precisamos de uma reunião para discutir gravidezes, agora?

– Não, não precisamos – responde a Sonia, dando ligeiros toques nas suas tranças, inibida. – Mas acho que precisamos de uma reunião para discutir as circunstâncias da gravidez da Monica.

Os olhos da Denise dardejам pela sala, tentando compreender tudo.

– Circunstâncias?

A mulher assente.

– Chegou ao meu conhecimento que a Monica e a Abby têm um acordo em que a Monica está a servir de barriga de aluguer à Abby, que vai adotar o bebé dela.

A expressão de surpresa no rosto da Denise é absolutamente impagável. Oxalá a pudesse fotografar. Não podia imaginar que pudesse ficar mais perturbada do que quando lhe chamei cabra, mas aqui a temos. Bem, foi bom trabalhar aqui.

– Abigail – arqueja a minha chefe. – Fez... fez...

– O acordo não tem nada que ver com a empresa – informo, num tom surpreendentemente firme, tendo em conta que tenho uns 80% de certeza de que vou ser despedida. Não, tenho 95% de certeza. – Foi algo que eu e a Monica combinámos fora do trabalho e, além disso, temos um contrato assinado.

– Admito que possa ser verdade – responde a Sonia. – Mas, visto que a Monica é sua assistente, está numa posição desfavorável aqui no que toca a fazer quaisquer acordos.

– Ela não trabalha para mim – saliento. – Não sou eu quem lhe paga o salário. Nem fui eu que a contratei.

– Mas é sua assistente – insiste a Sonia.

– É esse o cargo dela, sim – admito. – Mas, na prática...

– Não posso acreditar nisto – cospe a Denise. – Como foi capaz de forçar a Monica a fazer algo assim, Abigail?

Todas na sala estão a olhar para mim. Não sei o que dizer. Podia salientar que pensava que a Monica se ia despedir antes disto, contudo, não acho que isso fosse ajudar à situação.

– Monica – diz suavemente a minha chefe. Acho que nunca me falou com tanta simpatia desde que a conheço. – Lamento muito o que a Abigail lhe fez. Há alguma coisa que a empresa possa fazer...

– Foi ideia minha – declara a rapariga, subitamente.

A Sonia pestaneja algumas vezes, apanhada de surpresa.

– O quê?

– Foi ideia minha ser barriga de aluguer da Abby – revela a jovem. Lentamente, cruza as pernas, ajustando o peso da sua barriga. – Sentia-me pessimamente por ela depois de tudo o que passou, por isso ofereci-me para a ajudar. Ela não me pediu nada. Quero dizer, sabem que anda há muito tempo a tentar ter um bebé...

– Não deixou de ser inapropriado – atira a Denise, de olhos a faiscar.

– Pedi a um advogado para analisar os contratos – prossegue a Monica. – Temos um acordo muito justo. Como disse, foi ideia minha. Quis fazê-lo. A Abby não me coagiu de modo algum. Não devia ser castigada por algo que foi ideia minha.

A Sonia e a minha chefe trocam um olhar, mas não sei o que isso significa. Ainda assim, começo a ter um pequeno resquício de esperança de que possa não perder o meu emprego hoje.

– Monica – diz cuidadosamente a Sonia. – Não tem de a defender.

– Só estou a dizer a verdade. – Espeta o queixo. – Se vão despedir alguém hoje, então saio eu.

Uau. Com esta eu não contava.

– Ninguém vai ser despedido hoje – apressa-se a Sonia a dizer, apesar de a Denise lhe lançar um olhar. É óbvio que adoraria despedir-se de mim para sempre e ficar antes com a Monica.

Às vezes, temo que o Sam sinta o mesmo.

– Peço imensa desculpa por tudo isto – lamento. – Sinceramente, não tinha intenção de envolver a empresa no nosso acordo.

– Não tinha intenção de envolver a empresa! – explode a minha chefe. – Como pôde achar que...

A Sonia ergue a mão.

– Se a Monica insiste em que o acordo foi feito de forma justa, e se estiver disposta a assinar documentos que o atestem, acho que seria do nosso interesse não ir mais longe. Monica, sente-se confortável em assinar alguns documentos?

A rapariga pousa uma mão protetora na barriga.

– Com certeza.

A Denise fulmina-me com o olhar, como se quisesse estender os braços e estrangular-me com as próprias mãos. Provavelmente, não é a melhor altura para discutir a minha futura licença de maternidade.

— Parece que a Monica salvou o dia, então.
 Lanço um olhar fulminante ao Sam, que tem o seu avental «*I ate some pie*» posto, tentando fazer almôndegas. Tem-nas numa panela ao lume, a ferver lentamente em molho de tomate, mas está a cuidar demasiado delas. A cada trinta segundos, tira a tampa à panela para as mexer.

Enquanto cozinhava, contei-lhe toda a história do que aconteceu hoje, de como fui chamada aos recursos humanos graças à Monica. Infelizmente, ele não parece entender.

— Sim, «salvou o dia» — admito. — Mas não teria tido de o salvar se tivesse deixado o emprego, tal como era suposto. Deixou-me realmente em apuros. A Denise *odeia-me*.

Um sorriso repuxa-lhe os lábios.

— Talvez não lhe devesse ter enviado um *e-mail* a dizer que era uma cabra.

Gemo. Nunca me vou livrar dessa. Contei à Shelley o que aconteceu e ela não conseguia parar de rir. Isto não tem graça. É a minha *carreira*. Talvez tenhamos dinheiro que chegue para nos orientarmos sem o meu salário, contudo, isso não quer dizer que queira abdicar de tudo aquilo pelo qual trabalhei.

— Apenas acho que é mau sinal — concluo. — Se recuou no nosso acordo acerca do trabalho, em que mais vai recuar? Em dar-nos o bebé?

O meu marido abre a panela e espreita para as almôndegas.

— Ela não vai fazer isso.

— Como sabes?

— Disse que, neste momento, se quer focar na carreira. E talvez voltar a estudar à noite, afinal. Possivelmente Artes Gráficas ou talvez Matemática. Talvez ambas até. Seja como for, não pode fazer isso com um bebé.

Semicerrou-lhe os olhos.

— E quando foi que ela te disse tudo isso?

Qualquer rasto de sorriso desaparece-lhe dos lábios enquanto se apressa a ocupar-se de novo da panela.

— O quê?

— Quer-me só parecer que sabes muito sobre os planos dela para o futuro, só isso.

O Sam remexe no manípulo do fogão.

– Almoçámos juntos há alguns dias.

Bem, fantástico. O meu marido anda a almoçar com uma mulher jovem e atraente que, por acaso, está grávida do seu bebé. E, como se não bastasse, anda a mentir-me sobre isso.

– Tencionavas dizer-me, *Sammy*?

– Não foi nada de especial – murmura.

– Por que razão não me disseste, então?

– Porque sabia que lhe ias dar demasiada importância. – Abana a cabeça. – Olha, a Monica está numa encruzilhada profissional e quero ajudá-la, percebes? É parte do que eu faço, aconselhar os alunos.

– Sim, mas ela não é tua aluna! Trabalha na *minha* empresa. Não achas que, se quisesse realmente conselhos, recorreria a *mim*?

O meu marido olha para o chão.

– Acho que a intimidas um pouco.

– *Intimido-a?*

– Sim, foi o que ela disse.

– Oh, meu Deus. – Reviro os olhos. – São essas as tretas que te tem vindo a contar?

– Não são tretas. Tu *podes* ser intimidante, Abby.

– Oh, a sério? *Achas-me* intimidante?

– Quando te conheci, achei – admite. Esboça um sorriso torto. – Tinhas aquele teu visual poderoso, com a saia preta e o casaco curto a condizer, e o cabelo apanhado naquele coque elaborado. Era tão *sexy*. Deixaste-me *tão* nervoso. Nem sabia o que estava a dizer.

Não consigo evitar esboçar um sorriso.

– Basicamente, começaste a falar sobre matemática.

– Eu sei. É o que faço quando estou nervoso. Pensava que tinha feito uma perfeita figura de idiota. Não podia acreditar quando aceitaste ir jantar comigo. Quase não me dei ao trabalho de te convidar.

A minha raiva anterior começa a esbater-se.

– Ainda bem que convidaste.

– Também acho. – Tira novamente a tampa à panela e pesca uma almôndega com o garfo. – Queres provar?

– Hã, tu primeiro.

Com a mão livre, ele agarra-se ao peito.

– Estás com medo de provar as minhas almôndegas?

Olho para a bola cinzenta desigual pendurada no garfo.

– O que têm?

– Bem, carne picada, obviamente. Hã... pão ralado, queijo parmesão, um ovo...

Pão ralado, queijo parmesão e um ovo. Como poderia fazer asneira com isso?

Inclino-me para a frente e dou uma dentada na almôndega no seu garfo. E...

– Sam! – exclamo. – Isto tem cascas de ovo!

– Tem? – Olha para a almôndega, perplexo. Dá uma dentada hesitante. – Oh.

Pois tem. Raios.

Olha para a panela de almôndegas, abatido. Quero dizer-lhe que estou disposta a comê-las de qualquer modo, mas a verdade é que não estou. Almôndegas estaladiças não são agradáveis de se comer, nem mesmo para poupar os sentimentos do meu marido. Além disso, tenho quase a certeza de que ele também não as quer.

– *Pizza?* – sugiro.

O Sam suspira.

– Claro.

Mas, antes que eu possa pegar no meu telemóvel, estende o braço para me pegar na mão.

– Ei – diz.

– Sim?

Os seus olhos castanhos procuram os meus.

– Queria só dizer... Desculpa. Não devia ter ido almoçar com a Monica.

– Oh...

Aperta-me a mão nas suas.

– Pensei que... bem, não achei que fosse nada de especial quando me convidou; e, sinceramente, está a fazer tanto por nós que senti que estava em dívida para com ela. Mas então, quando lá estava, percebi que era um erro. Sabia que ias ficar magoada se descobrisses, e senti-me pessimamente com isso. Senti-me um sacana.

O meu marido é muito bom a pedir desculpa. É mais duro consigo mesmo do que eu alguma vez seria.

– Não faz mal – respondo. – Tens razão. Não tem assim tanta importância. Quero dizer, foi só um almoço.

– Não o volto a fazer. Prometo.

E agora sinto-me culpada por ter sido dura com ele.

– Tudo bem.

Suponho que estou a dar demasiada importância a tudo isto. Um almoço é um almoço – não um caso amoroso. O Sam não faria algo assim. Se há algo de que tenho a certeza é que o meu marido não é um traidor. E tem razão – a Monica defendeu-me hoje e salvou o meu emprego. Se quisesse, podia estar agora mesmo a esvaziar o meu gabinete. Suponho que não é absurdo que queira manter o emprego. Aos vinte e três anos, uma pessoa pode mudar de ideias sobre a sua trajetória profissional.

Vai correr tudo bem.

— **T**ruz, truz!
Ergo o olhar para a porta do meu gabinete e vejo um rosto a espreitar para dentro. Tardo um segundo a reconhecer a Gertie, a senhora que trabalhava comigo antes da Monica. Não tinha voltado cá nem uma vez desde que caiu daquelas escadas e partiu a anca. Entra no gabinete a coxear, com um prato de bolachas com pepitas de chocolate que consigo cheirar do outro lado da divisão. Traz uma bengala na mão que não segura as bolachas, apoiando-se pesadamente nela ao andar.

Tenho saudades das bolachas da Gertie. Aliás, tenho saudades da Gertie. Tenho saudades de ter uma assistente que não temia que se andasse a atirar ao meu marido. Não importa que não soubesse usar o *fax* e que, às vezes, até parecesse ficar confusa com o telefone. Neste momento, dava o braço direito por outra Gertie.

— Como está, Abby? — pergunta, sorrindo-me por cima do prato de bolachas. — É tão bom voltar a vê-la! Parece estar a trabalhar no duro!

Estou mesmo a trabalhar no duro. No ponto em que estou, não posso dar-me ao luxo de fazer outra asneira. Chego cedo, almoço no meu gabinete e fico até mais tarde do que todos os outros. Continua a custar-me um pouco concentrar-me, porque o meu sono continua a não ser muito bom, mesmo com a minha nova receita de comprimidos para dormir, mas estou a dar o meu melhor.

— Pois — respondo. — O que posso dizer? Estou perdida sem si, Gertie.

O seu semblante suaviza-se.

— Soube do que aconteceu. Da, enfim... da adoção que falhou. Lamento muito. Deve ter sido horrível.

— Sim — concordo. Se ao menos a Janelle não tivesse mudado de ideias... teríamos neste momento um bebé e eu estaria, provavelmente, exausta, como agora, no entanto, com um bom tipo de exaustão. — Mas estou bem. Vamos... hã, adotar a criança de outra pessoa.

Não há necessidade de entrar em pormenores.

A Gertie pousa o prato de bolachas na minha secretária e junta as mãos.

— Oh, é maravilhoso ouvir isso! Vai ser uma excelente mãe, Abby. Sei que sim.

– Obrigada. – Consigo esboçar um sorriso. – Enfim, sente-se. Como vai a sua anca?

A senhora senta-se cautelosamente numa das cadeiras à frente da minha secretária e encosta-lhe a bengala.

– Dias bons e dias maus. Estou outra vez de pé, e é isso que importa.

– Sem dúvida. Parece ótima.

Ela ri-se e tateia o seu tufo de cabelo branco.

– Bem, que querida!

– Há alguma hipótese de poder voltar?

Desta vez, ao rir-se, atira a cabeça para trás, como se eu tivesse dito uma piada hilariante. Só que não era uma piada.

– Oh, não me parece, Abby. Estou farta de viver a alta velocidade; estou farta de correr para cumprir prazos e de ser empurrada das escadas.

Começo a dizer algo mais, mas as suas palavras detêm-me.

– Empurrada das escadas?

A mulher sacode uma mão.

– Era só uma piada. Foi um acidente, obviamente.

– Mas... – Agarro-me aos braços da minha cadeira, com o coração a palpar. – Foi empurrada das escadas?

– Não, não! – Abana a cabeça. – Estava muita gente na escadaria e... bem, *pareceu* um empurrão, contudo, foi obviamente um acidente. Quem empurraria uma velhinha como eu escadas abaixo?

Talvez alguém que queria o seu emprego.

Olho para a Gertie, boquiaberta. Sei que acha que é tudo uma grande piada, mas eu não tenho assim tanta certeza. Disse que pareceu que alguém a tinha empurrado das escadas. E então, quase logo a seguir ao acidente, a Monica apareceu para ocupar o seu lugar.

Tem de ser coincidência.

Tem de ser.

– Abby, sente-se bem? – pergunta a Gertie. – Está terrivelmente pálida! Tem comido bolachas que cheguem?

– Hã, suponho que não.

– Bem, tire uma! Fiz-lhe um prato inteiro. Para si e para aquele seu marido encantador.

Certo. Eu e o meu marido encantador.

Estendo a mão e tiro uma bolacha do prato. Sabe a cartão.

Estou na casa de banho das senhoras, a passar corretor extra debaixo dos olhos. Estou absolutamente exausta, pois há uma semana que não tomo os meus comprimidos para dormir. Vão fazer os rastreios de drogas anuais hoje e não quis que houvesse hipótese de aparecerem. Tenho um atestado do meu médico e tudo, mas não posso dar munições à Denise para se livrar de mim.

Pareço muito cansada, como se tivesse mais dez anos do que realmente tenho. Esta manhã, o Sam foi à casa de banho enquanto eu estava a escovar os dentes e, quando me beijou, não pude evitar perguntar-me como se poderia sentir atraído por mim, tendo em conta que tem uma versão mais jovem e bonita de mim a enviar-lhe mensagens de cinco em cinco minutos. Não lhe vou dizer isso, ainda assim. Não preciso de dar ideias ao homem.

A Shelley apanha-me a meio de uma passagem do corretor. Arregala os olhos.

– Abby – diz. – Estás bem?

Fecho o meu espelho compacto.

– Sim, estou ótima.

– Estás com um ar *muito* cansado.

– Caramba, obrigadinha.

– Desculpa. – Retrai-se. – Não era nesse sentido.

Deixo descair os ombros.

– Não, desculpa ter explodido. É só que... tem sido um mês difícil.

Isso é um eufemismo. A barriga da Monica cresceu imenso nas últimas semanas, e andam todos à volta dela com «Oohs» e «Aahs». Só algumas pessoas sabem a história toda de ela ser minha barriga de aluguer – reparei que não anda a espalhar essa informação, o que é pelo melhor. De certeza que vou receber muitos olhares estranhos quando a verdade se souber.

Mas a boa notícia é que a gravidez da Monica vai acabar em breve, e, quando isso acontecer, não terei de lidar mais com esta rapariga. Deixo a empresa, se for preciso – não é como se estivesse a chegar a algum lado com a Denise como minha chefe. Talvez fique só em casa com o bebé. Pelo menos, o dinheiro não será problema.

– Não faz mal – diz a Shelley. – Eu percebo. E a Monica... bem, anda a agir de forma estranha. Não te culpo por estares preocupada.

Franzo o sobrolho.

– A agir de forma estranha?

– Bem... – Hesita. – Não te queria dizer nada...

– Oh, meu Deus, por favor, diz-me só.

– É só que... sei que é desconfortável para ela admitir que vai dar o bebé. Mas, se falasses com ela, nem num milhão de anos adivinhavas. Age mesmo como se fosse ficar com ele.

Sinto um nó na garganta.

– Como assim?

A minha melhor amiga baixa a voz uns quantos tons:

– Tipo, ouvi-a ter uma longa discussão com a Mia sobre nomes para o bebé. Disse-lhe que estava praticamente decidida a chamar-lhe «David».

Essa atinge-me como um murro no estômago. Sobretudo porque «David» é um dos nomes favoritos do Sam para o bebé – era o nome do pai dele. Tem vindo a insistir muito no nome, apesar de eu lhe ter dito que namorei com um tipo chamado David e que era um pouco cretino.

– E então ouvi-a pedir conselhos à Lucy sobre berços – continua a Shelley. – Tipo, estavam a discutir isso mesmo a fundo. Foram a um *site* e tudo.

– As... as pessoas acham que ela é casada?

A minha amiga abana a cabeça.

– Ouvi-a dizer a alguém que tem um namorado sério.

Um namorado sério? Nem pensar. Se há coisa da qual tenho a certeza é que a Monica não tem um namorado sério. Para começar, a sua colega de casa, a Chelsea, disse-me que não tinha e...

A Chelsea.

Uma ideia enraíza-se no meu cérebro: talvez devesse ligar à Chelsea. Parecia relativamente simpática, e é óbvio que conhece muito bem a Monica. Talvez me possa dar uma ideia do que se passa com a sua colega de casa. Podia dizer-me, por exemplo, se o apartamento dela está cheio de tralha para bebés ou se ela anda a dizer coisas inapropriadas sobre o Sam. Pode ter relutância em trair a colega de casa, no entanto, sei ser bastante persuasiva. Posso pô-lo no contexto de tentar ajudar a Monica.

– Desculpa. – A Shelley faz um esgar ao ver a expressão no meu rosto. – Não te devia ter dito nada disto, provavelmente. Já tens preocupações que cheguem sem mim a pôr-te ideias na cabeça.

– Não, é bom saber – respondo. – Se a Monica planeia voltar atrás, quero saber com antecedência.

Tenho de ligar à Chelsea.

Espero até chegar a casa para tentar ligar para o número da Chelsea, lembrando-me de como a Shelley me disse que viu a Monica à escuta à porta do meu gabinete. Além disso, não tenho o número à mão. Felizmente, o Sam guarda toda a nossa papelada na segunda gaveta da sua secretária, pois é ridiculamente organizado. Tem tudo sobre a Monica numa pasta etiquetada como «Monica Johnson». O número da Chelsea ainda lá está.

Enquanto o meu marido está a fazer o jantar, vou ao quarto e introduzo o número no meu telemóvel. Sinto o coração a palpar enquanto prima o botão verde para fazer a chamada.

Antes que o telefone toque sequer do outro lado da linha, oiço uma voz gravada:

– O número para o qual ligou não se encontra atribuído.

Olho para o telemóvel. O número da Chelsea já não está operacional. Que... interessante.

O Sam entra no quarto com o seu avental «*I ate some pie*», que está pontilhado por molho *pesto*. Tem também um pouco de *pesto* no queixo, coisa que suponho que não sabe. Parece muito orgulhoso de si mesmo.

– O jantar está servido – anuncia.

Não me mexo.

– Desta vez, provei – tranquiliza-me. – E está decididamente comestível. Juro.

Nem consigo esboçar um sorriso.

O meu marido franze o sobrolho e olha para o telemóvel na minha mão.

– Com quem estavas a falar?

– Com a colega de casa da Monica, a Chelsea – respondo. – Ou estava a tentar, pelo menos. O telemóvel dela foi desligado.

– Oh – diz.

– Não te parece estranho?

Encolhe os ombros.

– Talvez se tenha esquecido de pagar a fatura do telefone.

Talvez, mas, por alguma razão, não me parece.

– Por que razão estavas a ligar à colega de casa da Monica, afinal? – questiona-me.

– Porque sim. – Mudo de posição na cama. – A Shelley disse-me que a Monica anda a falar sobre o bebé como se estivesse a fazer planos para depois de ele nascer. Até tem um nome escolhido.

– Ah, sim? Que nome?

– David.

– Ei, tem bom gosto! – exclama, sorrindo-me.

Fulmino-o com o olhar.

– Sinto que não estás a levar isto a sério. É do *nosso* bebé que estamos a falar. Não tem graça.

O meu marido senta-se ao meu lado na cama, fixando os seus amáveis olhos castanhos em mim.

– Desculpa. Tens razão, não tem graça. Mas a sério que não acho que haja hipótese de a Monica ficar com o bebé. É só conversa.

Só conversa. Parece muito seguro de si, contudo, eu não estou assim tão confiante.

– Ei – digo.

Ele arqueia as sobrancelhas.

– Disseste à Monica que querias chamar David ao bebé?

– Hã... – Fica com as orelhas vermelhas. – Suponho que... devo ter-lho referido.

– Estou a ver. Pensava que tinhas dito que só falavam sobre o *desenvolvimento profissional* dela. – Cruzo os braços sobre o peito. – De que mais falas com ela, então?

– Olha, está grávida do meu bebé. Seria estranho *nunca* falar sobre isso.

Olho para o chão.

– Do *teu* bebé.

– Queria dizer do *nosso* bebé.

– Então, por que motivo não o disseste?

– Não sei... simplesmente... saiu-me.

– Porque é assim que o vês: como o *teu* bebé.

O Sam passa uma mão pelo cabelo.

– Abby, vou lembrar-te, mais uma vez, que isto foi tudo ideia *tua*. Eu queria adotar, lembras-te?

– Na verdade, foi ideia da Monica.

– Tudo bem. – Consigo ouvir a raiva a crescer-lhe na voz enquanto se levanta da cama. O Sam raramente se zanga. – É a Monica a vilã aqui. É do pior.

Olho para o meu marido, com o seu cabelo desgrenhado e a *sexy* sombra de uma barba. Há uma semana que não fazemos sexo, o que tem de ser algum tipo de recorde para nós. Tenho andado muito stressada com o trabalho e a verdade é que ele também não iniciou nada. E, ao olhar para o Sam neste momento, sei que também não vai acontecer nada esta noite.

– Queres jantar ou não? – pergunta-me, impaciente.

Assinto e sigo-o para a sala de estar.

Tenho de encontrar a Chelsea Williams.

Ligar-lhe está obviamente fora de questão, visto que já não tem um telefone funcional. Seja como for, vive com a Monica. Enquanto subo no elevador até ao meu gabinete, ocorre-me que podia procurar a sua morada no computador e fazer uma visita à velha Chelsea. Talvez faça isso durante o almoço, uma hora a que tenho a certeza de que a Monica não estará por perto.

Só que, quando estou a dirigir-me ao meu gabinete, encontro a Denise à porta, com uma expressão sombria no rosto.

Cristo, o que foi agora?

– Abigail – diz, incisivamente – Posso falar consigo no meu gabinete?

– Agora? – pergunto.

A minha chefe olha para mim como se eu fosse idiota.

– Sim, agora.

Mudamente, sigo-a pelo corredor até ao gabinete. Os seus tacões matraqueiam sonoramente contra o chão, ecoando pela divisão relativamente silenciosa. Olho em volta e noto que todos parecem estar a olhar para nós. O que se passa aqui?

– Sente-se, por favor – diz-me a Denise, apontando para a cadeira diante da sua secretária.

Sento-me na cadeira, com o meu coração a palpar-me audivelmente no peito. É impossível que me venha trazer boas notícias. Não me vai decididamente dizer que acabo de receber uma promoção e um aumento enorme.

– Como sabe – começa, de olhos azul-gelo fixos no meu rosto –, completámos ontem as análises à urina para rastreio de drogas a toda a empresa. Fui informada esta manhã de que o seu teste deu positivo para metanfetaminas.

O meu... *O quê?*

– Isso... tem de ser algum tipo de erro – arquejo.

– Será? – A Denise arqueia-me uma sobrancelha. – O seu comportamento tem sido cada vez mais errático nos últimos meses. Há já algum tempo que suspeitava que houvesse drogas envolvidas. Isto só confirmou as minhas suspeitas.

É como se alguém me tivesse dado um murro no estômago. Como pode ter havido *metanfetaminas* na minha urina? É impossível! Eu não consumo metanfetaminas. Nem

sei *como* as consumir! Snifam-se? Fumam-se? Mastigam-se? Misturam-se com bananas e iogurte numa liquidificadora?

A única coisa que tenho vindo a tomar é o ocasional comprimido para dormir. Mas há uma semana que não tomo nenhum... e, seja como for, tenho quase a certeza de que os comprimidos para dormir não têm metanfetaminas. Invalidaria o propósito.

– Eu não tomo metanfetaminas – consigo dizer. – Isto é um grande erro.

A minha chefe revira os olhos.

– Bem, seja como for, as leis do estado de Nova Iorque permitem-nos ditar a nossa própria política sobre rastreios de drogas positivos, e a Stewart tem uma política de tolerância zero. Portanto, a partir deste momento, está despedida.

Estou... despedida?

Não posso acreditar que isto está a acontecer. Nunca consumi drogas na vida. Nunca fumei sequer um charro! Sou demasiado quadrada para tudo isso. Sei que há rumores sobre empresários que consomem cocaína, e depois há aquela epidemia dos opioides, mas eu nunca faço nada disso! Que raio, nunca fumei sequer um cigarro!

– Juro-lhe – insisto, num tom de voz estrangulado –, eu nunca... Quero dizer, seria incapaz... A Denise *conhece-me*...

– Conheço? – A mulher que, há mais de uma década, me contratou recém-saída da universidade arqueia uma sobancelha. – Dei-lhe uma oportunidade incrível, Abigail. Pus a minha confiança em si. Foi você quem decidiu deitar tudo a perder. – Por um momento, falha-lhe a voz. – Estou muito, muito desiludida.

Lembro-me do dia em que recebi a chamada da própria Denise Holt, a dizer-me que era a sua nova assistente. Mal pousei o telemóvel, desatei aos saltos pelo quarto e a gritar como uma louca. Era o meu ídolo. E, nesses primeiros anos, foi tão boa para mim – ensinou-me tudo o que sabia. Não só sobre o setor da publicidade, mas sobre a vida. Ouviu-me quando admiti que as coisas estavam a ficar sérias com o meu namorado matemático. «Parece ser um bom partido, Abigail.» Ensinou-me a vestir-me, a sorrir e a ser confiante.

Ainda me lembro de estar na casa de banho das senhoras com a minha chefe, as duas a rirmo-nos como rapariguinhas enquanto eu tentava torcer o meu cabelo num *chignon*. Duvido que muitas pessoas além de mim tenham visto esse lado da Denise Holt. Eu não o vejo há anos.

– *Por favor*, Denise. – Estou disposta a pôr-me de joelhos. – Tem de acreditar em mim.

Quando ergue os olhos azuis, o laivo de emoção desapareceu.

– Lamento, Abigail.

Terei de passar por cima dela. Terei de falar com o *seu* chefe e de descobrir se há algo que possa fazer. Mas não pode ser agora, pois chegou um segurança para me escoltar ao exterior do edifício. Nem me deixam voltar ao meu gabinete. O segurança conduz-me diretamente aos elevadores, diante de todos. Consigo ouvi-los sussurrar.

Todos sabem.

Apercebo-me então de que nunca poderei voltar à Stewart Advertising. A minha reputação está irreparavelmente maculada. E que tipo de emprego conseguirei arranjar com isto no meu historial?

Mal saio do edifício, apanho um táxi para casa, apesar de, geralmente, ir de metro. Preciso de um táxi. Acho que não me consigo impedir de chorar durante a duração de uma viagem de metro. Na verdade, vou todo o caminho para casa a soluçar no banco de trás. O taxista não tece comentários.

Quando regresso ao apartamento, oiço a água a correr na casa de banho. O Sam ainda deve estar em casa. Graças a Deus. Preciso de alguém com quem falar sobre isto. Ele saberá o que fazer.

Sai da casa de banho, com o cabelo ainda molhado do duche, o rosto liso e a cheirar a *aftershave*. Os seus olhos iluminam-se ao ver-me.

– Abby! O que fazes em casa?

Tarda mais meio segundo a aperceber-se das lágrimas nos meus olhos vermelhos e inchados. Atravessa o quarto a correr, de sobrolho franzido.

– O que se passa? O que aconteceu? – Antes que eu possa responder, continua. – A Monica está bem?

– A *Monica* está bem? – Quase grito com ele. – É essa a primeira coisa que perguntas ao veres-me a chorar?

– Bem, eu... pensei só... – O seu rosto fica vermelho-vivo enquanto gagueja as palavras. – Pensei que talvez fosse algo com o bebé...

– Não, a Monica está ótima – replico. – O bebé está ótimo. Mas eu...

Franze o sobrolho, olhando para mim.

– O quê?

– Fui... fui despedida! – soluço.

O meu marido puxa-me para si, apesar de lhe estar a sujar a camisa com lágrimas e ranho. Não se parece importar. Abraça-me até os meus ombros pararem de tremer.

– Aquela Denise é inacreditável – comenta. – Tens de lutar contra isto. De os levar a tribunal por despedimento ilícito. Que razão da treta invocaram para te despedir?

Afasto-me dele, limpando os olhos.

– O meu rastreio de drogas deu positivo para metanfetaminas.

O Sam fica boquiaberto. Baixa o braço do meu ombro e dá um passo atrás.

– *O quê?*
– A Denise disse-me esta manhã – revelo. – Fizeram umas análises à urina ontem e, ao que parece, deram positivo para metanfetaminas.
Recua outro passo, abanando a cabeça.
– Não estás a falar a sério.
Oh, meu Deus, acha que andava mesmo a consumir metanfetaminas? Não pode ser.
– É um falso positivo, Sam. Eu não ando a tomar metanfetaminas!
Mas o meu marido não diz nada, limitando-se apenas a olhar para mim.
– Sam! – Sinto o coração a palpitar. – Não achas realmente que sou viciada em metanfetaminas, pois não?
– Não... – Semicerra-me os olhos através dos óculos. – No entanto... tens de admitir que explica muito do teu comportamento recente. Como todas as noites te pões a deambular. A paranoia.
– Sim, mas a insónia é provocada pelo *stress*. – Franzo-lhe o sobrolho. – E não estou paranoica.
– Estás decididamente paranoica.
– Não, não estou!
– Abby. – Volta a abanar-me a cabeça. – Lançaste-te num longo monólogo ontem à noite, porque estavas a tentar ligar à colega de casa da Monica e não conseguiste. Achaste que se passava algo terrível.
– Não achas isso minimamente suspeito?
– Não, não acho! E não pareces conseguir manter-te a par das tuas reuniões. Confundiste as horas das consultas da Monica. Além de que estás sempre a falar de como achas que a Monica anda a tramar alguma...
– Quase fez com que eu fosse despedida!
– Não. – Dá outro passo atrás. – *Tu* fizeste com que fosses despedida.
Cai-me o coração aos pés.
– Sam, juro-te que não ando a tomar metanfetaminas.
Ele não diz nada.
– Por favor. – Sobem-me novamente as lágrimas aos olhos. – Tens de acreditar em mim. És o meu marido. Se *tu* não acreditas em mim, então...
O Sam pestaneja algumas vezes.
– Eu... tenho de ir trabalhar, Abby.
– Acreditas em mim?
Exala um longo suspiro.
– Sim. Suponho que sim.

Tento estender novamente os braços para ele, mas este recua bruscamente. É óbvio que, apesar do que disse, não acredita realmente em mim. O meu próprio marido acha que sou viciada em metanfetaminas.

Passo a maior parte do dia a vaguear sem rumo pela cidade. Vou a todas as minhas lojas favoritas, ver roupas, roupa de cama e perfumes, no entanto, não compro nada. Nem sequer almoço. A Shelley envia-me um monte de mensagens, mas não quero alimentar os seus mexericos. Só quero estar sozinha.

O Sam chega a casa depois das nove, o que é inédito nele. Geralmente, está em casa às cinco e, se por alguma razão for chegar depois disso, envia-me uma mensagem. Enviei-lhe eu uma, a perguntar onde estava, mas nunca respondeu. Limita-se a aparecer já depois do pôr do sol, com o cabelo em desalinho e a cheirar ligeiramente a álcool. E – talvez seja a minha *paranoia* a falar – também cheira ao perfume de lavanda da Monica.

– Queres jantar? – pergunto-lhe, quando entra pela porta. – Mandeir vir *pizza*.

– Já comi – murmura.

– Onde?

Encolhe os ombros.

– No apartamento da Monica? – questiono, mordazmente.

Lança-me um olhar fulminante. Talvez não devesse ter dito aquilo, mas o que mais hei de dizer quando o meu marido chega a casa tarde e a cheirar ao perfume de outra mulher? Não fiz nada de errado. Não consumo drogas, e ele devia saber isso.

– Vou para a cama – informa-me, enquanto tira a gravata, que trazia já larga à volta do pescoço.

– Mas ainda só são 21h30.

– Sim, bem, não importa.

Só que não vai direto para a cama. Vai para a casa de banho e oiço o duche a correr durante cerca de meia hora. Ponho a televisão nas notícias, porque é basicamente a única coisa em que me consigo concentrar neste momento. Foi um dos piores dias da minha vida. Aquele dia em que perdemos o bebé foi mau, mas este não lhe fica atrás. Quando isso aconteceu, tinha pelo menos o apoio do Sam. Não sei como pode acreditar que sou viciada em metanfetaminas. Não tenho andado a agir de forma assim *tão* estranha.

Pois não?

Quando estou prestes a levantar-me para ir também para a cama, o Sam sai pesadamente do quarto, com o cabelo húmido, em *boxers* e camisola interior. Traz um saco de plástico na mão.

– Que diabo é isto? – pergunta.

Olho para o objeto na sua mão. É um saco de plástico com fecho que parece estar cheio de pequenos cristais brancos.

– São joias?

– Estás a gozar comigo, raios? – Está praticamente aos gritos. Sacode-me o saco junto ao rosto. – Vais dizer-me que não sabes o que isto é?

Tiro-lhe o saco da mão. Parecem cristais. Tipo de açúcar ou assim. Não faço ideia do que isto é. Mas...

– Oh, meu Deus, são *metanfetaminas*? – murmuro.

– Diz-me tu – retorque. – Encontrei-as na *tua* gaveta!

– Andaste a bisbilhotar as minhas gavetas?

– Sim, andei. – Fulmina-me com o olhar. – Acabas de dar positivo num rastreio de drogas no trabalho e, como se não bastasse, andas a agir como uma louca ultimamente, por isso sim, revistei-te as gavetas. Seja como for, não acho que seja essa a questão mais importante aqui.

– Juro, Sam – insisto. – Nunca tinha visto isto antes.

– Bem, por que razão estava na tua gaveta?

– Não sei.

– Somos as duas únicas pessoas que cá vivem. E *eu* não o pus lá. Portanto, se não foste tu, quem foi?

– Eu... não sei. – A raiva no rosto dele faz-me estremecer. – Mas tens de acreditar em mim. Isto não é meu.

– Certo. – Resfolega. – Está na tua urina e na tua gaveta, mas não é teu. Consegues perceber porque me custa um pouco a acreditar nisso?

– Alguém o deve ter posto lá.

– Quem? O Pai Natal?

Junto os punhos.

– Não sei. Mas nunca tinha visto este saco na vida.

O meu marido arranca-me o saco da mão e olha para ele, repugnado.

– Vou despejar isto pela sanita.

– Não faças isso!

– Porque não? – Abana a cabeça.

– Porque é uma prova. Pode ter impressões digitais.

– Deves estar a gozar comigo. – Revira os olhos. – Sabes o que acontece se fores apanhada com isto? Vais para a prisão. Vai para o cano. Lamento. Terás de arranjar a

tua próxima dose noutro lugar.

Fico a olhar para o Sam, incrédula. Olho para as mãos, que tremem violentamente. Não sei o que se passa aqui. Será possível que eu seja viciada em metanfetaminas e não saiba? Talvez tenha uma dessas doenças em que apago por completo e tenho toda uma outra vida à parte. Será possível? Porque o meu marido tem razão – só há uma explicação lógica para tudo isto.

E não me faz sentir muito bem comigo mesma.

Pela primeira vez em muito tempo, durmo como uma pedra. É surpreendente, dada a ansiedade com que passei o dia inteiro. Pensava que ia ficar acordada até às duas da manhã, com pensamentos a correrem-me pela cabeça, o que se tornou regra ultimamente. No entanto, em vez disso, mal pouso a cabeça na almofada, aterro por completo, apesar de não ter tomado um comprimido para dormir. Nem acordo durante a noite para fazer chichi, o que é praticamente um milagre.

Quando me levanto, o Sam já não está na cama. Não dormiu no sofá nem nada do género, mas dormiu do seu lado, o mais longe que podia, sem estar numa cama completamente diferente. Nunca tinha discutido assim com o meu marido desde que nos conhecemos. É deprimente.

Cambaleante, saio da cama e dirijo-me à casa de banho. Ao ver-me ao espelho por cima do lavatório, quase arquejo. Estou *horrrível*. O meu cabelo tem aquele ar de Noiva de Frankenstein com que sempre fica quando durmo demasiado, e tem algumas cãs novas que não estavam lá da última vez que olhei para mim. Profundos círculos púrpura margeiam-me os olhos e, como se isso não bastasse, tenho as faces encovadas. Sinceramente, se alguém me mostrasse uma foto de uma mulher com o meu aspeto e me dissesse que era uma viciada em metanfetaminas, eu acreditava. Não é de admirar que o meu marido esteja desconfiado.

Prescindo do duche, pois estou subitamente esfomeada. Dirijo-me à cozinha para ir comer qualquer coisa... e paro bruscamente ao ver o casal sentado no meu sofá.

O Sam e a Monica.

O que faz *ela* aqui?

– Estás acordada – observa o Sam, com um sorriso claramente forçado nos lábios.

Está vestido para ir para o trabalho, com uma impecável camisa branca e gravata, e, além disso, fez a barba. Embora possa não estar a usar *Prada* ou *Armani*, está muito bonito neste momento. Esta é a versão do Dr. Adler que faz com que todas as universitárias se apaixonem por ele. A Monica traz um vestido de grávida azul que realça o abundante decote, e o seu cabelo parece luxuriante e sedoso. Formam um casal muito atraente. Penso no meu reflexo no espelho da casa de banho e estremeço.

Além disso, estou com uns calções de pijama e uma *T-shirt* larga, sendo que nenhum dos dois me favorece.

– Hã, o que se passa? – pergunto.

– Podes sentar-te por um minuto, Abby? – pede o Sam.

Passo os dedos pelo ninho de ratos na minha cabeça.

– Posso tomar um duche primeiro?

– Não, tenho de ir para o trabalho e precisamos mesmo de falar contigo. – Os seus olhos castanhos procuram os meus, contudo, o afeto habitual está ausente. – Isto não vai demorar.

Não sei o que têm para me dizer, mas é óbvio que não é nada de bom. Ainda assim, sento-me na poltrona diante deles. A rapariga cruza as pernas, sorrindo-me afavelmente. Apetece-me dar-lhe um murro no rosto.

– Eu e a Monica tivemos uma longa discussão ontem – começa o meu marido. Ah, eu sabia que ele cheirava ao perfume dela! Que raio esteve esta mulher a fazer com o meu homem a noite inteira? – E ela tem algumas preocupações muito válidas.

– Preocupações? – repito.

O Sam lança um olhar à jovem e prossegue.

– Está preocupada com a adoção, atendendo aos teus recentes problemas com... enfim, drogas.

– Eu não tenho um problema com drogas! – expludo. – Isto não passa de um enorme equívoco!

Ambos trocam um olhar. Estes olhares significativos que lançam um ao outro não me agradam nada. A Monica mal o conhece! E eu sou a *mulher* dele!

– Acho que as preocupações da Monica são muito válidas – continua. – E... bem, chegámos a um compromisso. Gostaríamos que frequentasses um programa de internamento para reabilitação de toxicodependentes.

Fico boquiaberta.

– Queres que faça *reabilitação*?

O meu marido assente.

– Sim. Há muitos programas ótimos. Liguei para uns quantos ontem e...

– Eu *não* vou fazer reabilitação! – Isto é de loucos. Não vou fazer reabilitação quando nunca consumi drogas na vida!

A rapariga pousa a mão na do Sam. Apetece-me estender os braços sobre a mesa de centro e estrangulá-la com as minhas próprias mãos.

– Eu disse-te que ela não ia querer.

– Isto não é negociável, Abby – insiste o meu marido. – Se não fizeres isto, deixo a Monica rescindir o contrato.

Não posso acreditar que isto está a acontecer. Como posso estar nesta situação? Eu não consumo drogas. A única forma de terem podido aparecer na minha urina é se alguém mas tiver dado. Mas como poderia isso acontecer? Nem me consigo lembrar de nenhuma altura em que...

Esperem lá...

– O meu café! – arquejo, apontando para a minha antiga assistente. – Leva-me o café todas as manhãs. Deve andar a misturá-las com ele!

A jovem arregala os olhos. O Sam, por outro lado, fica vermelho-vivo.

– Abby, por favor, estás a armar um escândalo – diz-me o meu marido.

– Não vês?! – exclamo. – É a única explicação! – Fulmino-a com o olhar. – E, provavelmente, tirou-me as chaves da bolsa e fez uma cópia, para depois vir plantar as metanfetaminas na gaveta.

O Sam enterra a cabeça nas mãos.

– Abby...

Levanto-me da cadeira, com as pernas a tremer debaixo de mim.

– Revista-lhe a bolsa, Sam. Aposto que vais encontrar uma cópia das minhas chaves lá dentro.

O meu marido também se levanta.

– *Enlouqueceste*, Abby? Não lhe vou revistar a bolsa!

– Não me importo que examines a minha bolsa – intervém a Monica.

– Não – responde o Sam, cruzando os braços sobre o peito. – Estás descontrolada, Abby. A sério. Quero que penses no que te disse sobre fazeres reabilitação, porque senão... bem, simplesmente não sei.

Olho para ele.

– O que quer *isso* dizer?

Por um momento, fica calado, com o silêncio pesado entre nós. Finalmente, olha para a Monica.

– Mon, podes sair? Preciso de falar com a Abby a sós.

– Claro, Sammy – responde a rapariga, baixinho. – Eu... hã, vemo-nos depois.

Mon. Sammy. Oh, e *depois*. O que significa «depois»?

A Monica deixa o nosso apartamento, fechando silenciosamente a porta atrás de si. Não a tranca, ainda assim, embora pudesse, porque tenho a certeza absoluta de que tem as nossas chaves na maldita bolsa. Sabia que o Sam nunca aceitaria revistá-la. Esta miúda é inteligente.

Faz-se um grande silêncio quando ficamos a sós. Apesar de tudo, o meu marido está muito bonito com a sua camisa e a gravata. Oxalá pudéssemos pôr todo este assunto das drogas de parte e me beijasse. No entanto, começo a perguntar-me se algum dia me voltará a beijar.

– Abby. – Toma-me uma das mãos nas suas. Isso é promissor. – A Monica já foi

embora. Somos só nós. Por favor, diz-me a verdade.

– Sam...

– Por favor. – Pestaneja algumas vezes, como se estivesse a tentar conter as lágrimas. – Não me vou zangar contigo. Quero ajudar-te, Abby. Sê só... sincera comigo. Mereço isso, depois de tantos anos.

Uau. Quase me faz desejar ser viciada em metanfetaminas.

– Eu estou a dizer-te a verdade – garanto. – A Monica anda a drogar-me.

– Raios me partam – diz, em surdina. Baixa a cabeça. – Compreendes a posição em que estou, certo, Abby? Isto não é só uma adoção normal. É o *meu* filho.

– *Nosso* filho.

– Não – corrige-me. – *Meu* filho. É metade do meu ADN, portanto, é *meu* filho. Se decidires que não queres fazer isto ou se a Monica recuar, o que tem todo o direito a fazer, dadas as circunstâncias, continuo a ter a obrigação de estar lá para ela. Não vou virar costas a isto.

Sinto-me capaz de vomitar.

– O que estás a dizer?

– Estou a dizer... – diz. – Por favor, pensa neste programa de reabilitação.

– Sam...

– Pensa nisso – repete. Solta um longo suspiro. – Tenho de ir trabalhar. Falamos sobre isto depois, está bem?

Assinto, não confiando em mim mesma para falar. Dou-me conta de que, chegada a este ponto, não consigo convencer o meu marido de que não tenho um problema com drogas.

Não vejo saída para isto.

Ninguém acredita em mim em relação à Monica. Ninguém.

O Sam adora-a. Acredita em tudo o que ela diz sem questionar.

A minha antiga chefe, a Denise, acha-a um prodígio. Provavelmente, aquela miúda vai ficar com o meu emprego em breve.

Tenho de descobrir uma forma de provar que a Monica não é tão fantástica como dá a entender. Preciso de algum tipo de prova de ilicitude da sua parte. Mas qual? A única pessoa que visou fui eu. Bem, com exceção da...

Gertie.

Quando me foi visitar, referiu que achava que tinha sido empurrada das escadas. Alegou que estava a brincar, contudo, não tenho assim tanta certeza disso. E se a Gertie foi mesmo empurrada das escadas? E se a Monica a queria tirar do caminho para poder ocupar o cargo dela?

É um tiro no escuro, mas, por outro lado, não é como se tivesse algo melhor para fazer hoje.

Procuro o número de casa da Gertie no meu telemóvel. Quando lhe ligo, o telefone chama várias vezes e, depois, começo a recear que a Monica possa ter acabado com ela para eliminar todas as pontas soltas.

Uau, talvez esteja mesmo a ficar paranoica.

– Estou? – grita a voz da Gertie para o telefone. Quando está ao telefone, parece incapaz de modular o volume da voz. Era algo que costumava dar comigo em doida em relação a ela, no entanto, até tenho saudades disso neste momento. Preferia os gritos da Gertie à eficiência seca da Monica. – Quem fala?

– Olá, Gertie. É a Abby.

– QUEM?

Isto é outra coisa: a mulher parece não conseguir ouvir nada do que sai do telefone; o que talvez explique o porquê de gritar.

– A ABBY ADLER! DO TRABALHO! A ABBY!

Faz-se um longo silêncio.

– Oh! Abby! Que bom ter notícias suas, querida!

– Escute, Gertie – digo. – Perguntava-me se lhe podia fazer algumas perguntas.

– O QUÊ?

Cerro os dentes.

– Podemos encontrar-nos em algum lado? Vou a qualquer restaurante que queira.

– Oh, isso é tão querido, mas acabei de almoçar, querida!

– Gertie – insisto, pacientemente. – Preciso só de falar consigo. Um café, talvez?

– Oh! Bem, isso seria encantador!

Suspiro de alívio. É um tiro no escuro, contudo, talvez a Gertie se lembre de ter visto a Monica na escadaria nesse dia. Não sei se alguém no trabalho vai acreditar, mas talvez o Sam acredite. Estou desesperada por o pôr do meu lado. Não estou só a ser paranoica em relação à Monica. *Não* estou.

A Gertie escolhe um pequeno café logo ao fundo do quarteirão do seu apartamento. Chego antes dela e peço um café simples, apesar de ser um *shot* de *whisky* puro que realmente me apetece. Seja como for, provavelmente é melhor não me embebedar a meio da tarde. Além disso, suspeito que este café não vende *whisky*; o mais certo é nem ter licença para vender bebidas alcoólicas.

Sento-me a uma pequena mesa redonda, entre um homem com uma pera, a digitar furiosamente no computador, e uma mulher mais velha, a olhar melancolicamente pela janela. Bebo um longo gole do meu café simples, estremecendo ante o gosto amargo.

A Gertie chega ao café alguns minutos depois, apoiando-se pesadamente na sua bengala de quatro pernas. Coxeia tanto que me dá vontade de desatar a chorar. Antes da sua queda das escadas, a mulherzinha andava sempre a cansar-se pelo escritório, uma pequena bola de energia. A sua lesão saiu-lhe nitidamente cara. Pergunto-me se algum dia voltará a ser a mesma.

Quando chega à nossa mesa, levanto-me e abraçamo-nos. Provavelmente por demasiado tempo. Tanto que a Gertie sente a necessidade de comentar:

– Está tudo bem, querida Abby? Parece tão triste.

Respiro fundo, lutando para não chorar. São as primeiras palavras amáveis que ouvi ao longo do dia.

– Vou ficar bem. Como está?

– Oh, enfim... – A senhora sorri e dá palmadinhas no seu tufo de cabelo branco.

– A reforma tem os seus benefícios. Tenho podido passar mais tempo com o meu netinho. Não dá um minuto de descanso!

– Isso é maravilhoso.

– Ontem, passámos três horas a brincar com *Legos*! – Suspira. – Nunca pensei que fosse capaz de passar tanto tempo a brincar com *Legos*! Mas são bastante divertidos, na verdade. Que ótima ideia para um brinquedo. Ainda que não saiba muito bem como conseguiram fazer tantos filmes sobre eles. Quero dizer, são só blocos, não é?

Forço um sorriso.

– Sim.

– Enfim, não vai ter mãos a medir com esse novo bebé, Abby! Estou tão feliz por si.

Cresce-me um nó na garganta. *Não chores. Não chores, Abby.*

– E como está o seu marido, o Samuel? – pergunta. – Era um homem tão doce. Também deve estar muito entusiasmado.

Sei que acha que está a ser educada, contudo, não aguento mais isto.

– Escute – digo. – Há algo que preciso de lhe perguntar.

– Com certeza, querida. – A Gertie pousa a mão enrugada na minha. – O que é? Respiro fundo.

– Lembra-se do dia em que caiu das escadas no trabalho?

– É claro que sim. – Estremece. – É difícil esquecer algo assim.

Sinto uma pontada de culpa. A última coisa que quero é desenterrar más memórias, no entanto, preciso de saber.

– Disse-me que achava que alguém a tinha empurrado.

– Mas não estava a falar a sério. Foram só, enfim, os encontrões e empurrões do costume. – Dá uma ligeira gargalhada. – Mostre-me um jovem que *não* ande aos empurrões e encontrões!

– Se eu lhe mostrar uma fotografia – começo –, pode dizer-me se essa pessoa lhe parece familiar?

A Gertie nunca teve oportunidade de conhecer a Monica. Se reconhecer quem está na foto, isso quer dizer que é possível que a minha antiga assistente estivesse na escadaria naquele dia. E talvez também lhe refresque a memória para outras coisas.

Como o facto de... ter sido a Monica que a empurrou.

Pego no meu telemóvel e abro a única fotografia que tenho da rapariga, tirada na sala de espera da nossa primeira consulta de obstetrícia. Quis tirar uma foto para comemorar toda a situação. Em retrospectiva, parece tão estúpido. Quem diria que ia correr tudo tão horripelantemente mal?

Bem, tirando o Sam, a Shelley, a minha mãe... bem, todos exceto eu.

Empurro o telemóvel sobre a mesa na direção da Gertie, que pega nos seus óculos de leitura. Céus, tinha-me esquecido por completo dos óculos de leitura da Gertie. Tem uns óculos gigantescos de armação púrpura, que traz sempre guardados na bolsa. Quando lhe pedem para ler algo, leva cerca de cinco horas a tirar aqueles estúpidos óculos. Começo a lembrar-me de quão irritante a Gertie costumava ser.

Finalmente, tira os óculos de leitura e espreita através deles para a imagem no meu telemóvel. Semicerra ligeiramente os olhos e ergue o aparelho no ar para ter mais luz. E então vira-o. Ao fim de uns sessenta segundos, estou capaz de a abanar.

– Bem? – pergunto.

– *Parece* um pouco familiar – admite.

– Acha que já a viu antes, então?

– Sim, acho que sim.

O meu coração acelera.

– Acha que é a pessoa que a empurrou das escadas?

A mulher ergue bruscamente o olhar. Tira os seus enormes óculos de leitura e junta as sobrancelhas.

– Abby, está bem?

– Não! – E não me consigo conter por mais tempo. Agora, estou realmente a soluçar. Tinha tanta esperança em relação a este encontro, mas foi uma estupidez. Como poderia a Gertie lembrar-se de algo que aconteceu há um ano, quando nem se conseguia lembrar de que era preciso premir «enviar» no *fax* para mandar um? – *Não* estou bem. Alguém misturou droga no meu café no trabalho e fui despedida, e, como se isso não bastasse, o meu marido acha que sou toxicodependente e...

A mulherzinha arregala os olhos. Por um momento, fica a olhar para mim, embasbacada, mas então puxa-me para um abraço.

– Vai ficar tudo bem, Abby. Prometo.

– Não, não vai! Como pode ficar bem?

– Confie em mim. – Di-lo com tanta convicção que quase acredito. – A Abby é boa pessoa. Toda a gente sabe que não fez nada de errado. Tudo acabará por se resolver.

Enquanto a Gertie me abraça, oiço uma vibração vinda da minha bolsa. Afasto-me do seu abraço e procuro o meu telemóvel lá dentro. Arregalo os olhos ao ver o nome no ecrã.

A Denise Holt está a ligar-me.

Por que raio haveria a Denise Holt de me estar a ligar? Não faz sentido. A mulher já me despediu. Quer despedir-me *outra vez*?

Não... provavelmente, é algo estúpido, como uma complicação com o meu último pagamento. Mas...

– Desculpe – digo à Gertie, que tem uma expressão de perplexidade no rosto. – Vou... atender esta chamada lá fora.

Corro para o exterior do café com o meu telemóvel, tocando no ecrã para atender a chamada assim que saio. O meu coração já está acelerado.

– Estou?

– Abigail? – A voz seca é inconfundível. Posso apenas imaginar os seus olhos azul-gelo a lançarem-me olhares fulminantes do outro lado da cidade. – Fala a Denise Holt.

– Sim – respondo. – Eu sei.

– Certo. – diz a Denise. E então hesita, o que é muito atípico dela. A minha antiga chefe nunca hesita. Nunca questionou qualquer decisão ou pensamento que tivesse tido em toda a vida. Ou, pelo menos, é isso que gostaria de fazer crer ao resto do mundo. – Escute, Abigail... Eu... Podemos ter cometido um erro...

Quase deixo cair o telemóvel. Um erro? A Denise Holt cometeu um *erro*? E está a *admitir*?

Isto não pode ser real. Tem de ser algum tipo de alucinação alimentada por metanfetaminas. Devia beliscar-me para ter a certeza de que não estou a sonhar.

– Tudo o que sei é que nunca consumi drogas, Denise – digo. – Juro pela minha vida.

– Sim... – Oíço-a suspirar do outro lado da linha. – Temo que as coisas se tenham tornado um pouco mais complicadas do que isso.

Prende-se-me a respiração na garganta.

– Como assim?

– Bem – começa, lentamente. – Tomei a Monica como minha assistente pessoal depois da sua partida, e... bem, esta manhã, apanhei-a a esquadrihar a minha secretária enquanto estava fora do gabinete. Não podia acreditar no que os meus olhos viam.

– O que disse ela?

– Disse que andava à procura de fita adesiva, se é que pode acreditar! – responde a Denise, com um resfôlego. – Não lhe disse nada, mas toda essa interação deixou-me incrivelmente desconfortável. Por isso, enquanto estava fora, a almoçar, revistei-lhe a secretária.

Quase me rio da ideia de a minha antiga chefe fazer buscas no pequeno cubículo da Monica. Não que haja alguma graça em tudo isto.

– O que descobriu?

– Bem – diz –, a parte que lhe diz respeito foi o frasco de comprimidos.

Franzo o sobrolho.

– Frasco de comprimidos?

– Tinha um frasco de um medicamento chamado «*Adderall*». Fiz uma pesquisa e é, basicamente, uma forma de anfetamina. – Pigarreia. – A Monica não lhe levava café todas as manhãs? E também lhe comprava o almoço, não é verdade?

– Sim – murmuro.

Até agora, não passava tudo de especulação, mas, afinal, eu estava certa. O teste de drogas não foi um erro. A Monica drogou-me para se assegurar de que me despediam.

– Tudo isto é um pesadelo para os recursos humanos – lamenta-se a Denise. – Não sei o que vamos fazer, tendo em conta a gravidez dela e o vosso pequeno acordo. Pode processar-nos até ao limite.

– Lamento – murmuro.

Por um momento, a minha antiga chefe fica calada. Sustenho a respiração, perguntando-me se me irá passar um dos seus célebres sermões à Denise Holt.

– Não, eu compreendo – acaba por dizer. – Estava... estava a passar por muito. E eu... podia ter lidado melhor com a situação. Enquanto sua empregadora. – Hesita. – E enquanto sua amiga.

Deixo descair os ombros. Nem num milhão de anos teria chamado à Denise de «minha amiga». *Odiava-a*. Contudo, antes de os meus problemas de fertilidade terem cavado um fosso na nossa relação, éramos amigas, de facto. Não – mais do que amigas. Era a minha mentora. Era a pessoa que mais admirava de todas as que alguma vez conhecera.

– Escute – diz-me. – Quero falar consigo sobre isto pessoalmente. Temos de planear como vamos lidar com esta situação, e a sua ajuda seria... bem, agradecia-lhe.

– Sim, claro – murmuro.

– Pode vir ao escritório esta noite?

– Claro. A que horas?

– Pode ser às oito. Sabe que já todos terão saído por essa altura. – Quase consigo ouvir o sorriso na sua voz. – Aqueles mandriões saem sempre antes das sete.

Lembro-me de todas as noites no gabinete da Denise, com um festim de comida chinesa espalhado pela sua secretária, enquanto trabalhávamos.

– Isso é certo.

– Vejo-a esta noite, então?

– Lá estarei.

A minha antiga chefe hesita por mais um instante.

– Não se preocupe, Abigail – acrescenta. – Vamos corrigir isto.

Assim que desliguei a chamada à Denise, dei uma desculpa à Gertie e saí do café. Tinha a cabeça à roda.

Claro que talvez a razão pela qual tinha a cabeça a roda fosse a Monica andar a pôr-me anfetaminas no café.

Ao chegar a casa, enviei uma mensagem ao Sam: *Precisamos de falar quando chegares a casa.*

Ele respondeu: *Está bem.*

Queria transmitir-lhe tudo o que a Denise me tinha contado, no entanto, não o quero fazer por telefone; quero dizer-lhe na cara. Só que, às 19h30, o Sam ainda não está em casa. Não sei onde está. Não quero pensar sequer onde estará. Julguei que lidaria com ele depois da minha discussão com a minha antiga chefe.

Preciso que acredite em mim. Acima de tudo.

São quase oito horas quando chego ao prédio de escritórios, e a maioria das pessoas já foi para casa. Por um momento, enquanto rondo à porta do prédio, ocorre-me que, visto que fui escoltada ao exterior pelos seguranças, pode haver algum tipo de nota para não me deixarem entrar. E, além disso, não estou propriamente com roupa de trabalho. Trago uma blusa bonita e umas calças, mas não o típico visual poderoso à Abby Adler.

Oh, bem, cá vai disto.

Entro no edifício com confiança. Como disse, a confiança ajuda muito. Reconheço imediatamente o Patrick de todas as minhas noites na Stewart. É o segurança da maioria das noites – um homem desengonçado com um sorriso fácil. Espero que me desafie, contudo, em vez disso, abre-me um grande sorriso.

– Olá, Abby! – Acena-me. – Outra vez a trabalhar até tarde, é?

– Sim, é isso – respondo.

O segurança pisca-me o olho.

– Bem, não fique até *demasiado* tarde.

Costumava achar que o Patrick tinha um fraquinho por mim, antes de a minha autoconfiança ser estilhaçada pela mulher que me anda a tentar roubar o emprego e o marido. Seja como for, talvez os possa recuperar. Finalmente, a Denise está outra vez do meu lado, pela primeira vez em muito, muito tempo. Tenho esperança de poder sair disto com a minha carreira e o meu casamento intactos.

Quando chego ao piso da Stewart Advertising, está tudo muito silencioso. Foram todos para casa, o que não é de admirar. Tal como a minha antiga chefe salientou, eu e ela éramos as únicas duas pessoas a trabalhar regularmente até tarde. Os meus tacões matraqueiam contra o chão enquanto percorro o trajeto familiar até ao seu gabinete, ao canto.

A porta do gabinete da Denise diz «DENISE HOLT» em letras douradas resplandecentes. Geralmente, mantenho a minha porta parcialmente entreaberta, mas ela mantém sempre a sua bem fechada. Posto isto, bato.

Não obtenho resposta.

Não terá ido embora, pois não? Não, nunca. Se há algo que se pode dizer sobre a Denise é que é cuidadosa. Não diria a alguém para aparecer para uma reunião para depois se baldar. Isso não seria nada típico dela.

Por impulso, testo o puxador – aberto. Provavelmente, foi à casa de banho. Abro a porta para esperar no interior.

Mas a minha antiga chefe não está na casa de banho. Está sentada à sua secretária, com a cabeça nos braços. Como se estivesse a dormir uma sesta, a chorar ou algo parecido.

– Denise – chamo.

Ela não me responde.

Que diabos se passa aqui? É impossível a Denise estar a dormir à sua secretária. Mais facilmente esperaria ver um porco a voar do outro lado da janela. Por que raio não levanta a cabeça? Por que raio não se dá conta de que estou à sua frente?

– Hã, Denise? – repito.

Não obtenho resposta.

Aproximo-me da secretária e ponho-lhe a mão no ombro, mas a mulher nem estremece. Abano-a, então, mas, em vez de se endireitar, cai ao chão.

E é então que vejo o sangue.

Há fita amarela à volta do gabinete da Denise, que foi isolado pelos polícias que encham agora o gabinete. Eu estou sentada na cadeira de escritório de alguém, abraçada ao corpo, incapaz de parar de tremer.

A minha antiga chefe está morta. Não sei bem o que lhe aconteceu, no entanto, quando a virei no chão, tentando ajudá-la, encontrei os seus olhos azuis sem vida a

fitarem o vazio. Não sou médica, contudo, naquele instante, soube que era demasiado tarde para uma ambulância.

Provavelmente, soa terrível, mas, por um momento, ponderei fugir. Depois de toda a animosidade entre mim e a Denise, o último sítio onde queria ser apanhada era no local do seu homicídio. No entanto, o Patrick tinha-me visto entrar – nada me faria parecer mais culpada do que fugir. Além de que havia a pequena questão de estar coberta do seu sangue.

Mas, mais do que tudo isso, não a podia deixar assim. Em tempos, a Denise foi o meu ídolo. Estava a tentar ajudar-me. Não podia deixar o seu cadáver ficar ali a noite inteira, a apodrecer no chão do gabinete. Merecia melhor do que isso.

– Senhora Adler?

É a voz de uma detetive, que me disse o seu nome, que, no entanto, esqueci de imediato. Está parada à minha frente, a erguer um saco de plástico com um reluzente objeto de metal.

– Sim? – consigo responder.

– Este objeto parece-lhe familiar?

– Nem por isso – murmuro.

– Pode ver melhor?

Semicerro os olhos ao objeto ensanguentado dentro do saco. Tardo um segundo a distinguir o que é. É um abre-cartas.

Com o nome «ABBY» gravado.

– Isso é meu! – arquejo.

Bem, isto parece cada vez pior. Começo a ansiar por quando o meu único problema era uma alegada dependência de metanfetaminas.

A agente volta a ir falar com os outros. Não me agrada a forma como não param de olhar para mim enquanto falam. E agora estão a apontar para mim. Fantástico.

Oh, meu Deus, e se me prenderem?

A detetive volta para junto de mim. Sinto o coração a palpar-me no peito. Isto é tão mau.

– Senhora Adler, gostaríamos que viesse à esquadra para responder a algumas perguntas.

– Estou detida? – crocito.

Há uma longa pausa.

– Não, gostaríamos só de lhe fazer algumas perguntas.

– Devo... – Engulo em seco. – Devo chamar um advogado?

– Pode fazê-lo, se quiser – responde. – Mas vamos só fazer-lhe algumas perguntas. Gostaríamos de descobrir quem matou a senhora Holt o mais rápido possível, por isso agradecíamos a sua colaboração.

– Está bem – assinto, monocordicamente. – Eu vou.

– Há alguém a quem queira que liguemos para a ir buscar à esquadra? – pergunta.

– Ao meu marido – respondo.

Enquanto recito o número do Sam, nem consigo imaginar o que ele vai dizer sobre tudo isto. Já era suficientemente mau quando eram só drogas; agora, há uma possível acusação de homicídio à mistura.

É óbvio que fui incriminada. Se havia a menor dúvida disso no meu pensamento, aquele abre-cartas confirmou os meus receios. Alguém queria fazer com que eu fosse acusada de homicídio. Alguém que temia que a Denise soubesse demais.

E temo que esse alguém vá conseguir o que deseja.

Na esquadra, a agente volta a apresentar-se como detetive Sweeney. Instala-me numa sala de interrogatório, que, apesar do nome, não é nem de longe tão assustadora como soa. É uma pequena divisão pintada de azul-celeste, com uma mesa de metal ao centro e uma cadeira de plástico de cada lado. Preferia não ficar muito tempo aqui dentro, contudo, não me assusta.

Sento-me numa das cadeiras e a detetive Sweeney senta-se à minha frente. Tem um rosto agradável com um sorriso desarmante, o que suspeito que pode ser o objetivo. Esperam que lhes diga algo que me incrimine, no entanto, não o vou fazer.

Porque eu não matei a Denise.

– Senhora Adler – começa a agente. Hesita. – Posso tratá-la por «Abby»?

– Sim.

– Ótimo. Abby. – Esboça outra vez aquele sorriso desarmante. – Esperava que me pudesse esclarecer algumas coisas.

– Hã, está bem.

Cruza as mãos à sua frente.

– Foi despedida pela senhora Holt ontem, não foi?

Assinto.

– Qual foi a razão do seu despedimento?

Pondero mentir, mas isso seria estúpido. Seria relativamente fácil descobrir a verdadeira razão.

– Fiz um rastreio de drogas que deu positivo para metanfetaminas, embora tenha sido um falso positivo. Eu não consumo drogas.

– Compreendo. – A Sweeney assente, contudo, algo se altera na sua expressão. – Então, visto que foi despedida, por que motivo estava no edifício?

– A Denise pediu-me para passar por lá.

– Com que propósito?

– Disse que achava que alguém tinha manipulado o meu rastreio de drogas e queria discutir isso.

A agente arqueia uma sobrancelha.

– Ligou-lhe a dizer isso?

– Sim.

– Disse quem achava que tinha manipulado o rastreio?
Hesito por um instante antes de anuir.

– A Monica Johnson. A minha antiga assistente pessoal.

– Compreendo. E por que razão achava ela que a senhora Johnson tinha manipulado os rastreios de drogas?

– Encontrou um frasco de *Adderall* na secretária da Monica... hã, da senhora Johnson. É uma anfetamina. Acreditava que a senhora Johnson tinha drogado o meu café com isso.

– Por que motivo revistou a senhora Holt a secretária da senhora Johnson?
Junto as mãos.

– Disse-me que tinha visto a Monica a bisbilhotar na secretária dela e... acho que queria ter a certeza de que não andava a roubar coisas.

A Sweeney inclina a cabeça, pensativa.

– O *Adderall* é um fármaco receitado para o THDA, sabia? Porque chegou ela à conclusão de que a senhora Johnson a andava a envenenar? Não podia ser uma medicação receitada?

– Eu... não sei...

– E sabe – prossegue – que é muito improvável que o *Adderall* resulte numa análise à urina positiva para metanfetaminas?

Não, não sabia.

A agente não espera pela minha resposta. Salta rapidamente para uma linha de interrogatório completamente nova, o que me faz recear que a outra não tenha corrido muito bem para mim.

– Diz então que a senhora Holt lhe ligou para o seu telemóvel...

– *Sim*, ligou. Tenho a chamada no meu histórico.

– Posso ver?

Anuo e tiro o telemóvel da bolsa. Tenho ao menos provas da chamada da Denise. Abro o registo de chamadas e entrego-o à detetive Sweeney, que o estuda pensativamente.

– Mais alguém assistiu a esta chamada? – questiona.

– Não. – Penso em como saí a correr do café mal vi o nome da Denise no ecrã. – Mas ligou-me. Pode vê-lo no ecrã.

– Certo – assente. – A questão é: o que disse?

– Já lhe contei o que disse.

– Sim – concorda. – Pois contou.

O que quer *isso* dizer?

– E a senhora Holt falou das suspeitas que tinha sobre a senhora Johnson a mais alguém além de si?

– Bem, não – admito. – Pelo menos, acho que não.

– Mas não acha isso estranho? Se acreditasse que uma funcionária sua andava a envenenar outra, não iria falar com os recursos humanos?

Subitamente, sinto as palmas muito suadas.

– Bem, julgava que podia ser um problema porque, bem... a Monica está grávida. Sei que acabará por se saber, contudo, não posso dizer à detetive que a rapariga é a nossa barriga de aluguer. Nem posso imaginar o que essa revelação me fará parecer. Não quero pensar nisso. Lidarei com isso quando acontecer.

– Agora, Abby – prossegue a detetive –, quando foi a última vez que viu aquele abre-cartas?

– Há algumas semanas? – Sinto-me juntar as sobrancelhas. – Pensava que o tinha perdido.

– Perdido? – Inclina-me a cabeça. – Tinha-o tirado do seu gabinete?

– Não. Mas... não estava na gaveta onde geralmente o guardo. Talvez alguém o tivesse levado emprestado.

Ou roubado, porque me queria incriminar por um homicídio.

– Até ao seu despedimento ontem – continua –, como descreveria a sua relação com a senhora Holt?

– Hã, era boa.

– Dava-se bem com ela?

– Mais ou menos. – Custa-me a engolir e sinto-me como se estivesse a sufocar. – Toda a gente tem as suas diferenças, não é?

A detetive sorri-me.

– Isso é verdade.

Quanto tempo tardará a saber da história do *e-mail* da «cabra»?

– Era habitual a senhora Holt ficar a trabalhar até tão tarde? – pergunta-me.

– Hã, sim. Geralmente.

– E, fora isso, o escritório costuma estar vazio por essa altura?

– Basicamente, por isso é que se quis encontrar comigo às oito.

– Perguntou à senhora Holt se se podia encontrar consigo?

Franzo o sobrolho.

– Não, já lhe disse. Foi ela que *me* pediu.

– Não lhe enviou um *e-mail* a pedir para falar com ela, então?

– Não...

Sinto o coração a palpitar enquanto a detetive Sweeney leva a mão ao bolso de dentro do seu casaco e tira um papel dobrado. Desdobra-o cuidadosamente e examina o conteúdo.

– Não enviou um *e-mail* à senhora Holt, então? A dizer: *Tenho informações sobre si que a podem arruinar. Se não quer que se saibam, sugiro que se encontre comigo esta noite às oito.*

Olho para a agente.

– Não. Tenho a certeza de que não enviei nada disso.

A detetive empurra a folha impressa sobre a mesa para eu a poder ver melhor. Vejo que o endereço do remetente no topo do *e-mail* é o meu, e que está dirigido à Denise. E, por fim, vejo as palavras que a Sweeney acaba de ler: palavras ameaçadoras, palavras que nunca escrevi.

A menos que esteja a enlouquecer.

– Eu não escrevi esse *e-mail* – declaro, com toda a convicção que consigo invocar.

– Estaria disposta a dar-nos acesso à sua conta de *e-mail* do trabalho para o podermos procurar?

– Sim, claro.

Contudo, tenho um pressentimento terrível do que vão encontrar quando verificarem o meu *e-mail*. Porque ocorre-me agora que não sou a única pessoa com acesso à minha conta. A minha antiga assistente também tinha acesso ao meu *e-mail*.
A Monica.

Estou prestes a dizer esse pormenor à agente, mas ela inclina-se para a frente, como que para me dizer algo em confidência. Abre-me aquele seu sorriso desarmante.

– Escute, Abby – diz. – Sei que foi muito duro para si perder o seu emprego ontem. É devastador para qualquer um. E, quando acontece algo assim, as pessoas podem fazer coisas desesperadas.

Paraliso. O que está ela a dizer?

– Eu compreendo – continua a Sweeney. – Já é difícil que chegue arranjar outro emprego nesta economia, mesmo sem as acusações de toxicodependência a pairar sobre a sua cabeça. E, supondo que não tenha tido culpa, tendemos a culpar a pessoa que empunhou o machado.

– Eu... não culpava a Denise...

– Não? – Arqueia uma sobrancelha. – Vou ser sincera consigo, Abby. Neste momento, as provas são esmagadoras. Vão mandá-la para a prisão por isto, garantolhe. No entanto, se confessar agora, talvez possamos chegar a um acordo.

Fico a olhar para a detetive.

– Eu não a matei.

A mulher lança-me um olhar de pena.

– Há muito tempo que faço isto, Abby. Estou a dizer-lhe o que vai acontecer. Parece ser uma boa pessoa que cometeu um erro muito grave, e quero ajudá-la.

– Eu não a matei – repito.

– Ora, ambas sabemos que isso é mentira. – Os seus olhos fixam-se nos meus. – Se confessar agora, posso oferecer-lhe um acordo. Mas, assim que sair desta sala, esse acordo desaparece. E, quando a prendermos, será por homicídio qualificado. Isso dá prisão perpétua.

Sinto-me doente. Sinto-me literalmente capaz de vomitar em cima desta mesa limpa e agradável à minha frente. Acha que sou uma assassina. Toda a polícia acha que fiz isto. E o mesmo pensará o resto do mundo.

– Quero falar com um advogado – digo.

É quase meia-noite quando saio da esquadra. Não me prenderam, o que encaro como um bom sinal. Não devem ter provas que cheguem, sendo assim. E talvez fosse por isso que me estavam a pressionar tanto para me fazer confessar. Depois da Sweeney, apareceu outro agente para falar comigo, e a seguir um terceiro. No entanto, mantive-me de boca fechada. Não ia dizer uma maldita palavra que fosse sem um advogado.

Um agente acompanha-me à sala de espera da esquadra, onde há duas longas filas de cadeiras de plástico de aspeto desconfortável. Imagino que, durante o dia, as cadeiras estejam maioritariamente cheias, contudo, agora há apenas algumas pessoas aqui, incluindo um homem que parece ter aterrado com a bebedeira. A meio da segunda fila, vejo uma figura familiar, curvada para a frente, com a cabeça nas mãos.

O Sam.

– Senhor Adler? – chama o agente. – Aqui está ela.

O meu marido ergue a cabeça das mãos. Tem círculos púrpura por baixo dos olhos, como os que eu tinha esta manhã. Não sorri ao ver-me. Nem sequer olha para mim – não realmente. Levanta-se com dificuldade, atrapalhando-se com o casaco.

– Estacionei ao fundo do quarteirão – diz, em voz rouca.

– Está bem – murmuro.

Mudamente, sigo-o até ao seu *Highlander*. Não faço ideia do que lhe terão dito ao certo, mas, a julgar pela sua reação, é óbvio que ouviu muitos dos pormenores. Pergunto-me se o interrogaram. Se sim, pergunto-me o que lhes terá dito.

A minha mulher tem um problema com drogas. Tentei arranjar-lhe ajuda, no entanto, ela recusa-se a admitir que tem um problema. Odiava a chefe e é provável que a tenha matado.

Não dizemos mais nada um ao outro durante todo o caminho até ao carro. Quando entramos, espero que o Sam ligue o motor, mas, em vez disso, deixa descair a cabeça contra o encosto, de olhos vidrados.

– Sam – chamo.

Ele esfrega o rosto com as mãos.

– O que foi?

Não sei o que quero dizer. Quero perguntar-lhe se acha que matei a Denise, contudo, temo a resposta a essa pergunta. Assim, opto antes por perguntar:

– A polícia interrogou-te?

Abana a cabeça em negação.

– Só me disseram o que aconteceu. Queriam interrogar-me, mas eu recusei. Não vou falar com ninguém sem um advogado, e quem me dera que tu também não o tivesses feito.

– Pois – murmuro. – Só me apercebi de como era mau depois de estar lá dentro.

– Vamos arranjar-te um advogado amanhã – garante-me.

Sinto um laivo de esperança. Diz que «vamos» arranjar-me um advogado, o que significa que ainda está comigo. Não está a arrumar os meus pertences e a atirá-los pela janela.

– Eu não a matei – digo. – Juro-te.

O meu marido não diz nada.

– *A sério*. Achas sinceramente que sim?

Abana a cabeça.

– Se me tivesses feito essa pergunta há alguns meses, diria que não. Certamente que não. Nem pensar. Mas agora...

– Sam! – Sobem-me lágrimas aos olhos. – Estás a dizer que achas que sou uma assassina? Achas realmente que fiz isso?

Por um momento, ele fica calado. Volta a esfregar o rosto.

– Não. Suponho que não.

Os meus ombros descaem de alívio. Afinal, o meu homem acredita em mim.

– Acho que fui incriminada, Sam. Parece que alguém enviou um *e-mail* a...

– Não quero falar sobre isso.

– Mas tens de saber que...

– Não quero ouvir isso agora. – A sua maçã-de-adão agita-se. – Só quero ir para casa, está bem? Falamos sobre isso amanhã.

O silêncio enche o carro. Não digo mais nada. Apesar de o Sam alegar que acredita em mim, não tenho assim tanta certeza disso. No mínimo dos mínimos, há dúvidas no seu pensamento.

Sempre senti que o meu marido era um homem que ficaria do meu lado acontecesse o que acontecesse. De algum modo, em oito curtos meses, perdemos isso.

—Essas acusações são absolutamente ridículas. Do que tu precisas é de um bom advogado.

A minha mãe, em forte contraste com o meu marido, está absolutamente convicta da minha inocência. Tanto que acha que, se me prenderem, a polícia terá um processo por detenção ilegítima em mãos. A minha mãe gosta muito de processos. No ano passado, comprou um fato de calças que não lhe agradou na *Saks Fifth Avenue* e ligou ao seu advogado para ver se os podia processar. (A resposta foi não, contudo, *conseguiu* devolvê-lo. O porquê de não ter feito isso primeiro é pouco claro.)

Estamos sentadas no restaurante a um quarteirão do meu prédio, onde a minha mãe me vai pagar o almoço. O espaço está cheio, devido à hora de ponta de almoço, mas a minha mãe passou uma nota qualquer à anfitriã e conseguimos uma mesa muito depressa. Alegro-me pelo burburinho baixo das conversas no restaurante, porque não quero que ninguém oiça o que estamos a dizer.

— O Sam já me arranjou um advogado — informo.

— Ah, sim? — responde-me, com um resfôlego. Aos seus olhos, o meu marido continua a ser aquele miúdo de vinte e seis anos que lhe bateu na caixa do correio com o seu velho e ultrapassado *Honda*, derrubando-a. Nunca esquecerei a expressão abatida no rosto do Sam quando fez isso. Foi como se soubesse que esse único ato tinha consolidado a sua aversão por ele para sempre.

— É um advogado muito bom — revelo. — Vai custar-nos uma fortuna — acrescento, pois sei que esta informação valerá o seu respeito.

— Vai custar-*te* uma fortuna, queres tu dizer — corrige-me, perscrutando-me por cima do rebordo do copo de água.

— Eu e o Sam não pensamos no nosso dinheiro dessa forma.

— Bem, isso é conveniente para ele, não é? — diz, rindo.

— Pára com isso. *Sabes* que o Sam não se importa com o dinheiro.

— *Toda a gente* se importa com o dinheiro, Abby.

Cerro os dentes e amarroto o guardanapo no meu colo entre os dedos. Não vou fazer uma birra neste restaurante, embora seja tentador.

– Então – começa a minha mãe. – Fala-me desse advogado «maravilhoso» que o teu marido te arranjou.

Finjo que não ouvi as aspas irónicas na sua pergunta.

– Há trinta anos que é advogado de direito penal. Tem um histórico incrível em julgamentos. O Sam diz que é o melhor que há.

A minha mãe não me está a ouvir. Está distraída com algo do outro lado da sala. Sigo-lhe o olhar até onde um homem atraente, com um fato às riscas e uma poderosa gravata vermelha, está sentado sozinho a uma mesa para dois, de olhos colados ao *smartphone*.

– O que achas dele? – pergunta-me.

Arqueio-lhe uma sobrancelha.

– Como assim?

O sujeito endireita a gola do seu casaco às riscas. *Brioni*, creio. Caro. Ergue o olhar e apanha-me a observá-lo, o que me faz sentir as faces a aquecer. Antes que possa desviar o olhar, o tipo pisca-me o olho.

– Piscou-te o olho! – exclama a minha mãe, triunfante.

– E então?

– Então... devias ir falar com ele.

Olho para ela, boquiaberta.

– Não vou fazer isso!

– Porque não?

– Porque sou *casada com outro homem*?

– Sim, bem, é bom ter um plano de reserva, não é?

Oxalá pudesse dizer que é a primeira vez que a minha mãe diz algo assim desde que eu e o Sam demos o nó. Não compreendo. E, sinceramente, estou farta.

– Por que motivo odeias tanto o meu marido? – pergunto subitamente.

Ela pestaneja algumas vezes, apanhada de surpresa.

– Eu não odeio o Sam.

– Então por que razão estás a sugerir que saia com outro homem?

A minha mãe contempla esta pergunta. Bebe outro gole do seu copo de água, ainda a pensar nela.

– Sempre pensei que podias conseguir melhor – diz, por fim. – És rica, és linda e tens uma carreira incrível. Podias ter tido qualquer homem que quisesses.

– Mas foi o Sam quem eu quis. E tem sido um excelente marido.

– Tem?

– Sem dúvida. – Reprimo a vontade de bater com o punho na mesa. – E arranjou-me um ótimo advogado. Vai ajudar-me a corrigir este erro terrível.

– Bem – diz a minha mãe. – Espero que tenhas razão.

— **Q**uinze anos seria uma dádiva, Abby.
As palavras do meu advogado, o Robert Frisch, ecoam-me nos ouvidos. As paredes do seu escritório parecem estar a fechar-se sobre mim. O sorriso do Obama na foto goza comigo. Isto não pode estar a acontecer. Quinze anos. Não. Nem pensar.

— Não fui eu — digo, pelo que me parece ser a milionésima vez.

O Frisch suspira. É tão óbvio que não acredita em mim. Sei que é um dos melhores advogados de direito penal da cidade, contudo, neste momento, trocava-o por um advogado novato que acreditasse na minha história. Mas ninguém acredita em mim. Nem o Sam. Nem o Frisch. Nem mesmo a Shelley, a minha melhor amiga, me devolve as chamadas.

E a Monica... bem, é a única que sabe a verdade.

Matou a Denise e fê-lo com o objetivo de me culpar pelo homicídio — o derradeiro prego no meu caixão. Não bastava ter feito com que eu fosse despedida pela droga que plantou na minha urina. Não bastava ter o meu marido a trocar mensagens com ela de manhã e à noite. Nada disso era suficientemente bom para aquela rapariga. Quer-me atrás das grades, onde não haja hipótese de poder recuperar o que é meu.

— Acho que devias aceitar o acordo — diz o Sam. — É a tua melhor hipótese.

— Não vou passar o resto da vida na prisão por algo que não fiz!

— Não é o resto da tua vida.

Está a gozar comigo?

— São quinze anos!

Tenho agora trinta e sete. Daqui a quinze anos, terei cinquenta e dois. Qualquer hipótese de ser mãe terá desaparecido para sempre por essa altura. A minha carreira terá desaparecido. E o meu casamento...

O meu marido olha fixamente em frente, para a secretária do Frisch, recusando-se a olhar para mim. Se for para a prisão, está tudo acabado entre nós. Algumas pessoas conseguem fazer com que o seu casamento resulte atrás das grades, mas nós não o faremos — acha que sou algum tipo de monstro. Se aceitar este acordo, acabará por ir viver com a Monica. Talvez não logo, mas mais cedo ou mais tarde. Criarão o seu filho juntos. Um final feliz para os dois.

Talvez os devesse deixar ter o seu felizes para sempre. O Sam ficou comigo durante todos os problemas de infertilidade, mesmo sabendo que era tudo culpa minha. É boa pessoa. Merece ser feliz.

Mas não com a Monica.

Esqueçam tudo o que ela me fez, apesar de ser bastante difícil fazer isso. Se me importo minimamente com o meu marido, não o posso deixar envolver-se com a Monica. É uma psicopata. É uma *assassina*. Mal o Sam lhe queimar as torradas, provavelmente, dar-lhe-á uma facada no peito.

– Pense nisso, Abby – diz-me o meu advogado. – Esta opção não vai existir para sempre. A polícia tem um caso muito sólido contra si.

Sinto a cabeça à roda quando me sento no carro do Sam para a viagem de regresso ao nosso apartamento. Tem de ir trabalhar, mas eu vou passar o dia em casa, visto que é onde passo agora o meu tempo todos os dias. Espera até irmos a meio do caminho para dizer:

– Acho que devias aceitar o acordo.

– Sim, já sei o que tu achas.

– O Frisch sabe do que fala.

Olho pela janela, para as montras a passar rapidamente. Se for para a prisão, vou ter saudades disto. Se isso acontecer, tudo o que verei à minha volta serão grades, o pátio da prisão, guardas e...

Oh, boa, agora estou a chorar.

– Abby. – A voz do meu marido suaviza-se. – Não chores.

Não. Continuo a chorar. Acho que não consigo parar.

Tem graça, porque não sou de chorar. Nunca choro. Talvez uma vez por ano, tenho um grande e épico ataque de choro, só para tirar toda a frustração do meu sistema, e então fico bem para os trezentos e sessenta e quatro dias seguintes. Odeio a falta de controlo que sinto quando estou a soluçar. Ultimamente, porém, pareço uma torneira. Já não faço mais nada a não ser chorar.

Provavelmente, o Sam pensa que é das metanfetaminas. E talvez seja.

– Escuta – diz-me, suavemente. – Se queres ir a julgamento, então... vamos a isso. Está bem?

Limpo os olhos com as costas da mão.

– Se eu fosse para a prisão, irias viver com a Monica.

– Não, não ia.

– Ias, sim.

– Pára com isso. Não ia nada.

Não acredito nele, contudo. Vejo nos seus olhos que está farto de mim. Toda a bondade dele para comigo desapareceu. E quem o pode culpar? Afinal de contas, acha que fiz algo horrível.

Volto a limpar os olhos com a manga da minha blusa. Olho novamente pela janela, tentando não pensar no que poderá acontecer nos próximos dias: Ir presa. Não consigo assimilar.

Pergunto-me se me irão algemar. Fazem sempre isso? Se aceitar ir pacificamente, têm de me pôr as algemas? Não quero nada ser algemada. Parece tão... medieval. Talvez devesse ir só à esquadra e entregar-me. Na verdade...

Esperem.

Com um caracas.

– Sam! – grito. – Pára o carro!

– O quê? – pergunta. – Porquê?

Felizmente, está já a abrandar num sinal vermelho. Mal pára por completo quando abro a porta e salto do carro. Nem lhe dou uma explicação. Por esta altura, de certeza que está a atribuir isto ao meu comportamento errático alimentado pelas drogas. Não importa. Isto é mais importante do que a possibilidade de o meu marido pensar um pouco pior de mim. Afinal, não se pode ir abaixo de zero.

Ou talvez possa. Números negativos e tal. O Sam saberia isso.

Uma vez fora do carro, desato a correr pela Broadway o mais rápido que posso. Não é fácil, porque estou de saltos altos, mas nunca me perdoarei se perder esta rapariga de vista. Esta é a minha única oportunidade de limpar o meu nome.

– Chelsea! – grito, quando chego suficientemente perto para ela me ouvir.

A rapariga não se vira. O seu cabelo louro é sacudido pelo vento enquanto desce a rua a passos largos, com um saco da *Hot Topic* na mão. Estou a ficar seriamente sem fôlego ao persegui-la. Além disso, o meu tacão fica preso numa racha do passeio e quase saio a voar, contudo, miraculosamente, consigo endireitar-me. Leva-me mais um segundo, no entanto, acabo por chegar suficientemente perto para a agarrar pelo braço.

– Chelsea – arquejo.

A jovem vira-se, piscando os olhos azuis, surpreendida. É a mesma rapariga, pois. A mesma que me falou da pessoa maravilhosa e altruísta que a Monica Johnson é. E então o seu número de telefone foi inexplicavelmente desativado.

– Desculpe? – diz.

– Eu... – Ainda estou a arfar para recuperar o fôlego. Uau, estou mesmo em baixo de forma. Ainda bem que vou ter quinze anos para ganhar músculos na prisão. Não é sobretudo isso que as pessoas fazem por lá? Exercício e tatuagens de caveiras? – Sou a Abby Adler. Nós... falámos há algum tempo sobre a Monica Johnson.

– Quem? – Pestaneja mais algumas vezes.

O quê?

– A Monica Johnson – repito. – A sua *colega de casa*.

A miúda abana-me a cabeça, de sobrolho franzido, como se estivesse realmente a

tentar perceber. E agora acho mesmo que estou a enlouquecer. Terei imaginado toda a conversa? Terá sido tudo isto uma fantasia alimentada pelas metanfetaminas?

Mas então os seus olhos iluminam-se.

– Oh! É aquela senhora que queria o bebé!

Não estou louca. Graças a Deus.

– Como correu, então? – pergunta-me.

– Deduzo que já não viva com a Monica.

– Hã... – Coça o nariz arrebitado com a mão que não segura o saco da *Hot Topic*. –

A verdade é que...

Arqueio-lhe as sobrancelhas.

– Eu e a Monica nunca fomos colegas de casa. – Abre-me um sorriso de esguelha.

– Só me pediu para dizer que sim.

O quê?

– Então... – Semicerrou-lhe os olhos. – Como conhece a Monica?

Encolhe os ombros.

– Éramos mais ou menos amigas na universidade. Bem, na verdade, nem por isso.

Costumava ser próxima da colega de casa dela.

– Porque não me deu então o número da *verdadeira* colega de casa para eu poder falar com ela?

Ri-se tão alto que algumas pessoas na rua se viram para olhar para nós.

– Oh, não ia querer que fizesse *isso*.

Revolve-se-me o estômago. Era este o propósito do plano do Sam de investigar a Monica – descobrir se era maluca. Mas então ela deu-nos amigos e familiares inventados. Nunca voltei a tentar ligar para a mãe dela, contudo, agora pergunto-me se a mulher ao telefone era sequer realmente a verdadeira mãe.

Talvez tenha sido por isso que a Monica disse que era fã dos Red Sox. Porque a história de ser do Indiana era uma grande treta.

– Quer dizer então que a colega de casa da Monica não gostava dela?

A Chelsea resfolega.

– Isso é um eufemismo.

– Mas a Chelsea também não gostava dela. Pois não?

– Não, mas...

– Mas o quê?

Baixa a cabeça.

– A Monica pagou-me duzentos dólares para dizer que era colega de casa dela e que ela era incrível.

Oh, meu Deus. Isto não é uma questão de a Monica se ter apaixonado pelo Sam depois de ter engravidado. Tencionava enganar-me desde o início.

Terá sido a Monica que empurrou a Gertie das escadas? Estava a tentar livrar-se dela para se poder infiltrar na minha vida?

Que raio? Por que motivo haveria de fazer isso? Porquê *eu*?

A Chelsea – ou seja qual for o seu verdadeiro nome – vê a expressão no meu rosto e retrai-se.

– Ei, desculpe lá isto. Não achava que nada do que eu dissesse nesse dia fosse fazer diferença. Além disso, sou, tipo, uma atriz esfomeada e estava *mesmo* a precisar do dinheiro.

– A culpa não é sua – digo, apesar de, na verdade, estar bastante irritada com esta rapariga pelo que fez. Toda a minha vida está destruída por duzentos dólares. Não podia ter pelo menos exigido quinhentos? – Mas preciso da sua ajuda.

– Claro – responde. – O que quiser.

A primeira coisa que extraio à Chelsea, cujo verdadeiro nome é, aparentemente, Taylor Reynolds, é o seu verdadeiro número de telefone. O Sam não acredita numa palavra do que eu lhe disse sobre a Monica, mas talvez acredite noutra pessoa. Acima de tudo, estou decidida a convencê-lo de que sou inocente. Não vou aguentar isto se não o tiver do meu lado.

A segunda coisa que a Taylor faz por mim é pegar no telemóvel e ligar à Cynthia Holloway, a rapariga que costumava ser colega de casa da Monica. A informação da Taylor pode ser incriminatória, no entanto, parece que a Cynthia tem muitas mais coisas a dizer. Se conseguir provar que a Monica é atestadamente louca, como estou convencida de que é, talvez me possa salvar.

Talvez.

– Muito obrigada por isto – digo à Taylor, enquanto procura o número da Cynthia no telemóvel. Lembro-me dos dias em que sabia os números de todos os meus amigos de cor. Agora, tenho sorte em saber o meu próprio número.

– Sem problemas – responde, esboçando-me um sorriso. Está fascinada com toda a situação. Provavelmente, estou a dar-lhe uma história para contar a todos os seus amigos na *happy hour* desta noite.

Estamos juntas na Broadway, a desviarmo-nos do caminho para deixar passar as pessoas com os seus sacos de compras. Localiza o número e prime o botão verde para fazer a chamada. Eu fico parada, com uma bolha a latejar no dedo grande do pé. É a última vez que corro de saltos altos. Se existe alguma hipótese de vir a fazer trabalhos pesados, preciso dos meus pés em bom estado.

Não. Não posso pensar assim. Vou resolver isto.

– Cynthia? – O rosto da Taylor anima-se. – Olá, é a Taylor! Como vai isso?

E então – juro por Deus – passam as duas uns cinco minutos a conversar. Como se eu não estivesse mesmo ao lado da Taylor, com toda a minha vida em jogo. Estou convencida de que se esqueceu de que estou sequer aqui. Quando se lança numa descrição de tudo o que comprou numa excelente promoção na *Anthropologie*, dou-lhe finalmente um toque no ombro e pigarreio alto.

– Oh! – diz a Taylor. – Ei, escuta, Cyn, lembras-te da Monica Johnson?

Mesmo a trinta centímetros de distância, consigo ouvir a voz feminina do outro lado da linha.

– Oh, meu *Deus* – responde a outra.

A Taylor ri-se.

– Então, tenho aqui uma senhora que anda a ter alguns problemas graves com a Monica e que esperava poder falar contigo.

– Pessoalmente, se possível – acrescento.

– Sim, pessoalmente – completa a Taylor. Põe-se à escuta por um momento e, então, olha para mim. – Não, não parece maluca. Quero dizer, parece simpática. Parece que a Monica lhe fez das boas.

Aguardo, mudando o meu peso de um pé para o outro. Espero que esta mulher esteja disposta a falar comigo. Se conseguir que uma antiga colega de casa da Monica fale de como ela é louca, talvez pelo menos o Sam esteja disposto a considerar que posso estar certa. Sei que é difícil para ele pensar mal dela, tendo em conta que está grávida do filho dele, contudo, se tiver provas suficientes mesmo à vista dos olhos, tem de ver a razão. *Tem* de ver.

A Taylor afasta o telemóvel do ouvido.

– A Cynthia diz que tem de ir trabalhar daqui a uma hora, mas que está disponível até lá. Vive na Village.

Assinto.

– Dê-me a morada dela.

A viagem de táxi até ao apartamento da Cynthia leva meia hora e, como tal, faço o motorista ir o caminho todo a acelerar, prometendo pagar a conta se for multado. Todas as pessoas que conheço parecem pensar que a Monica é uma santa – será uma validação conhecer mais alguém que reconhece que ela não é o que parece.

Espero que seja disso que se trata, em todo o caso. Se a Cynthia não tiver mais do que apenas histórias sobre como a Monica comia os *Frosted Flakes* todos e não comprava uma caixa nova, vou ficar desiludida.

A Cynthia vive num edifício de tijolo castanho na West Village, com escadas de incêndio a zigzaguear para a frente e para trás pela fachada. Procuro o apelido «Holloway» e primo o botão. Passado um instante, ouve-se um forte zumbido e a porta do prédio destranca-se.

O apartamento fica no quarto andar e seria pedir demasiado que tivesse elevador. Subo as escadas a arfar, as bolhas nos meus pobres dedos dos pés a multiplicarem-se. Ignoro a dor, ainda assim. Preciso de falar com esta mulher. É ela a chave para tudo – tenho a certeza.

A Cynthia Holloway acaba por se revelar uma rapariga baixa, mais ou menos da altura da Monica, com um moderno corte à duende no cabelo preto e um anel no nariz. Abre-me um grande sorriso ao abrir a porta, revelando um incisivo torto.

– É uma vítima da Monica, então, hã?

– Abby – apresento-me, tentando recuperar o fôlego.

– Certo. – Assente e lança um olhar ao fundo do apartamento. – A minha outra colega de casa, a Ellie, também está cá. Quer juntar-se a nós para falar mal da Monica.

– Vamos trocar histórias sobre a Monica? – pergunta outra voz, do fundo do apartamento. Uma rapariga de cabelo castanho-claro, apanhado num puxo naturalmente desgrenhado, aparece, limpando as mãos às calças de ganga justas. – Posso começar eu?

A Cynthia pisca-me o olho.

– E que tal sentar-se, Abby?

Sento-me num pufe no meio da sala de estar. Não sei se alguma vez me tinha sentado num. Cautelosamente, instalo-me no meio dele, apertando a minha bolsa no colo, e afundo-me imediatamente entre os grânulos. Não sei como me vou levantar desta estúpida coisa. É bastante confortável, ainda assim.

– Então, como conhece a Monica, Abby? – pergunta-me a Cynthia, instalando-se numa cadeira *papasan*.

A história toda levaria mais tempo a contar do que aquele que tenho. Vale-me mais ser rápida.

– Trabalhava com ela. Até que me meteu em apuros com a nossa chefe e perdi o emprego.

As duas raparigas trocam um olhar.

– Parece a especialidade da Monica – comenta a Ellie.

Tusso para a mão.

– Então, qual foi, hã, a vossa experiência com ela? Era... uma colega de casa difícil?

A Cynthia ri-se amargamente.

– «Difícil» é um eufemismo. Era uma psicopata. Sinceramente, quando tudo terminou, tinha medo de que nos fosse matar enquanto dormíamos.

O meu coração salta-me no peito. Bem, isto parece promissor.

– Não nos ia nada matar enquanto dormíamos – protesta a Ellie, com um revirar de olhos. Reprimo a vontade de lhe dizer o que sei. – Mas sim, era maluca.

– Estávamos no nosso ano de finalistas da universidade quando arrendei este sítio com a Ellie e outra amiga nossa – explica a Cynthia. – Mas, à última hora, a nossa outra amiga decidiu ir viver com o namorado. Pus um anúncio no jornal da universidade e, uma semana depois, a Monica veio viver connosco.

– E... – Mordo o lábio. – Era... má?
– Nas primeiras semanas, não – esclarece-me. – Mas então começaram as loucuras.
– Coça pensativamente o joelho. – Tipo, acusava-me de lhe ter comido o iogurte todo ou algo parvo do género. Nada de especial, certo? Não o tinha comido, a propósito. Odeio esse estúpido iogurte que nos faz obrar. Mas, enfim, ficava tão zangada. Começava a vasculhar o lixo, à procura das embalagens, e, por fim, saía de rompante, deixando o lixo todo no chão. Diga-me: quem *faz* isso?

– Oh, e acusava-nos de lhe revistarmos o quarto. – A Ellie inclina-se para a frente, entrando na história. – Pôs uma fechadura na porta, por isso, como poderíamos fazê-lo, não é? No entanto, estava convencida. Disse que ia pôr uma câmara lá dentro, para saber se entrávamos. – Abana a cabeça. – Ficava *tão* zangada por causa disso. Quero dizer, estávamos sentadas aqui fora, com alguns amigos, e ela simplesmente saía e começava a gritar connosco a plenos pulmões.

– Para não falar de quando chamou a polícia – acrescenta a Cynthia. – Repetidamente. Tipo, acha que estamos a fazer demasiado barulho, por isso, em vez de nos bater à porta e nos dizer para baixarmos o volume da música, chama a polícia e faz queixa do ruído. Quase tive um ataque cardíaco quando a polícia nos apareceu à porta. Mais do que uma vez!

– Ou o administrador do condomínio – completa a Ellie.

– Certo – assente a Cynthia, estremecendo. – Oh, e também quase fez com que *eu* fosse despedida. Ligou ao meu chefe a dizer que eu andava a roubar material de escritório.

A Ellie sorri.

– Bem, tu *andavas* a roubar material de escritório.

– Sim, mas não precisava de me denunciar! – Bate com o punho na mesa de centro. – A sério, quem é que faz uma coisa dessas? Confrontei-a com isso e começou logo a dizer coisas do tipo: «É errado roubar. Merecias ser apanhada.»

– Louca da Monica.

– Sim, louca da Monica. – E então a Cynthia arregala os olhos. – Então e o cheiro? A Ellie arqueja.

– Certo, tinha-me esquecido completamente disso! – Vira-se de novo para mim. – Então, foi a coisa mais sinistra de todos os tempos. Durante alguns meses, namorou com um gajo, mas era uma relação como que tumultuosa. Tipo, estavam sempre aos gritos um com o outro. Podíamos ouvi-los através das paredes. E então, um dia, estão a ter uma discussão muito alta e, de repente, ouvimos um enorme estrondo e a discussão pára.

– E então – continua a Cynthia –, na semana seguinte, começámos a notar um cheiro horrível vindo do quarto dela. Tipo, mesmo muito mau. Como se houvesse

algo a apodrecer lá dentro. Estava convencida de que tinha matado o gajo e o tinha deixado a apodrecer no quarto.

– Não tinha nada.

– Tinha, pois!

Se eu fosse um terceiro imparcial a ouvir esta história, diria que estavam a ser ridículas. No entanto, sabendo o que agora sei sobre a Monica, aposto que matou o pobre homem. Provavelmente, está no fundo do rio Hudson.

– Tentámos procurá-lo nos jornais – revela a Cynthia. – Mas não sabíamos como se chamava, por isso... enfim, não pudemos. Seja como for, de certeza que o deve ter matado.

A Ellie revira os olhos.

– Era maluca, mas não era uma assassina.

– Sim, bem, e quanto àquela estaca que encontrámos debaixo da cama dela? – A Cynthia vira-se de novo para mim. – Depois de se mudar, encontrei um cabo de vassoura, que ela tinha afiado numa estaca, escondido debaixo da cama. Juro que planeava acabar connosco. Temos sorte em estarmos vivas.

Mordo o lábio, tentando decidir se isto chega. Sim, faz a Monica parecer uma lunática, contudo, não é nada de decisivo. Não sei se estas duas raparigas excêntricas serão suficientes para convencer o Sam de seja o que for. E era esse o objetivo de estar aqui – pô-lo do meu lado.

– Oh, e a pior parte – diz a Cynthia – era a mãe da Monica. Oh, meu Deus, essa senhora era *tão* sinistra. E passava a vida aqui.

– Sim, era do piorio! – concorda a Ellie. – Cyn, falei-te daquela noite em que saí do quarto para ir buscar um pouco de água e a mãe da Monica estava simplesmente... tipo, parada à minha porta? Eram duas da manhã!

– Era boa cozinheira, ainda assim – continua a Cynthia. – Alguma vez provaste os *brownies* dela?

– Hã, não. Não comia nada que aquela mulher cozinhasse! Provavelmente, estava temperado com, sei lá, cianeto!

Sinto a cabeça a andar à roda. Falei ao telefone com uma mulher chamada «Jean Johnson», que alegou ser a mãe da Monica, contudo, desconfio de que a Jean Johnson era tão falsa como a Chelsea Williams.

– Quer dizer então que a mãe da Monica *não* vivia no Indiana?

– Céus, *oxalá* – responde a Ellie, rindo. – A Monica era originalmente de Boston, mas a família dela mudou-se para a cidade e têm uma casa no centro. Ou pelo menos tinham, na altura.

A mãe da Monica. A sua *verdadeira* mãe – não aquela impostora com quem falei no ano passado, que, provavelmente, tinha embolsado algumas centenas de dólares.

Aposto que o que quer que ela tenha para me dizer será muito mais convincente do que a palavra destas duas raparigas.

– Por acaso, têm o número de telefone dos pais dela? – pergunto.

– Não – diz a Cynthia. Cai-me o coração aos pés. – Mas tenho a morada. Tivemos de reencaminhar o correio da Monica para lá durante algum tempo.

Bem, isso serve.

O meu telemóvel não parou de vibrar dentro da minha bolsa durante toda a viagem até ao apartamento da Cynthia Holloway, no entanto, tinha medo de ver do que se tratava. Tinha deixado o Sam pendurado enquanto estava preso no trânsito, sem lhe dizer o porquê – devia estar a passar-se. Depois de deixar o apartamento da Cynthia, atrevo-me, finalmente, a tirar o telemóvel da bolsa. Como era de prever, tenho seis chamadas não atendidas do meu marido e mensagens de texto suficientes para encher vários ecrãs.

Onde estás?

Abby, onde estás??

Podes dizer-me onde estás?????

Saltaste de um carro em andamento. Podes pelo menos dizer-me se estás bem??????

Não era um carro em andamento. Estávamos parados num semáforo, por amor de Deus.

Abro o número do Sam no ecrã. Estou mortinha por premir o botão verde e fazer a chamada, mas algo me detém. Se lhe disser o que ando a tramar, o meu marido vai achar que sou completamente louca; tal como achou que eu era louca quando acusei a Monica de adulterar o meu café. Dirá: «É assim tão importante que tenha tido algumas colegas de casa que não gostavam dela?» E não estará totalmente errado.

É por isso que tenho de obter mais informações. O facto de a Monica não querer que eu falasse com os pais dela é um bom sinal de que têm muitos pormenores sumarentos para me contar. Tenho um pressentimento de que a mãe e o pai Johnson são a chave para tudo.

Os Johnson vivem no centro da cidade, o que significa que tenho de apanhar outro táxi para lá chegar. Não lhes posso ligar nem dar qualquer tipo de aviso de que estou a caminho, contudo, talvez isso seja bom. De certeza que não vão adorar que eu apareça para lhes dizer que acho que a filha é uma assassina, sobretudo tendo em conta que, a julgar pelo que a Cynthia e a Ellie disseram, parece que o fruto não caiu longe da árvore.

O edifício dos Johnson é um prédio de aspeto modesto, com um toldo verde e um porteiro à entrada. O átrio está pontilhado por mesas de mármore e sofás vermelho-

vivo de aspeto foleiro. Aliso a blusa que vesti esta manhã para a minha visita ao Frisch, esboçando o meu melhor sorriso profissional.

– Desculpe – digo, na mesma voz confiante que utilizo com os nossos clientes. – Ando à procura dos Johnson.

Devo parecer importante, porque o porteiro não parece desconfiar minimamente de mim.

– Estão no 6B. Posso perguntar o seu nome?

– Abigail Adler – respondo. – Por favor, diga-lhes que sou a chefe da filha.

Passei a viagem de táxi para cá a refletir no que devia dizer. Acabei por decidir cingir-me a algo próximo da verdade. Desconheço o que a Monica diz aos pais. A acreditar nas suas antigas colegas de quarto, pode ser muito próxima da mãe, no entanto, suspeito que a maioria das pessoas deixaria a chefe da filha subir, especialmente se parecer respeitável.

Sustenho a respiração, à espera de que o porteiro ligue para cima. Ainda que a minha história seja sólida, estamos a meio da tarde – os pais da rapariga nem estão necessariamente em casa; tudo isto pode ter sido em vão.

Mas, felizmente, o porteiro consegue falar com alguém do outro lado da linha. Repete o que eu lhe disse, fica um momento à escuta e, por fim, sorri e faz-me sinal para que suba.

Desta vez, há pelo menos um elevador, contudo, sinto o estômago às cambalhotas durante toda a subida. Não faço ideia do que esperar. Os pais da Monica podem ser perfeitamente normais ou completamente loucos. Tanto quanto sei, a Sra. Johnson vai apontar-me uma faca à porta. É improvável, mas quem sabe?

Assim, quando bato à porta do 6B, não me sinto lá muito bem com toda a situação. Sinto os joelhos fracos e estou enjoada.

É a Sra. Johnson que me abre a porta. É três ou quatro centímetros mais alta do que eu, com o cabelo castanho banal afastado do rosto num simples rabo de cavalo e com uns óculos sem aro. Parece andar na casa dos cinquenta, a julgar pelos padrões das rugas no seu rosto. Parece...

Muito normal.

Ao ver-me, desce-lhe uma expressão de cansaço sobre o rosto. Perscruta-me por cima dos óculos em meia-lua.

– Desculpe, não fixei o seu nome.

– Abigail Adler – lembro-lhe. – A Monica trabalha para mim numa agência de publicidade.

Espeta a mão na minha direção. O seu aperto de mão é firme.

– Louise Johnson.

Tal como eu suspeitava – a Jean Johnson era outra personagem de ficção.

– Então. – A Sra. Johnson suspira. – O que fez a Monica desta vez?

As suas palavras apanham-me desprevenida. Por alguma razão, pensava que ia ser mais defensiva em relação à filha.

– Hã, posso entrar? – pergunto.

A mulher exala outro suspiro e faz-me sinal para entrar no pequeno apartamento. É modesto – a sala de estar é mais pequena do que a nossa e a mobília parece gasta. Sento-me num sofá puído e a Sra. Johnson senta-se a uns sessenta centímetros de mim. Não me oferece uma bebida.

– Estava tudo a correr tão bem. – Tira os óculos e esfrega os olhos. – Há mais de um ano que não tinha notícias da Monica. Pensei... bem, que talvez a fase má tivesse acabado. – *Fase má?* – Mas, no fundo, sabia que era só uma questão de tempo. As pessoas não mudam.

Não sei o que responder a isto.

– Diga-me, então – pede a Sra. Johnson. – O que fez ela? De que precisa?

Hesito, perguntando-me até que parte da história devo chegar. É muito evidente, ao falar com a mulher, que a mãe da Monica não faz ideia do acordo que temos.

– Quando foi a última vez que falou com a sua filha?

– Como disse, há mais de um ano. – Abana a cabeça. – Hoje em dia, eu e o meu marido só intervimos quando é necessário. Não é como quando era mais nova.

– Houve alguns roubos no trabalho – informo. É melhor não referir o homicídio. Não quero pôr esta senhora em alerta máximo. – Estamos a tentar chegar ao fundo da questão.

– A Monica está sempre no fundo da questão – responde, com um suspiro. – Desculpe, não devia ter dito isto, mas chega a um ponto em que ficamos simplesmente cansados de tudo. Desde que era adolescente...

Interrompe-se, nitidamente a dar-se conta de que seria do interesse da filha não continuar.

– Senhora Johnson – digo, no meu tom mais profissional. – Gosto muito da Monica. É uma excelente funcionária. Quero ajudá-la. E ajudar-me-ia a *mim* saber pelo que está a passar, porque... bem, tudo se vai saber em breve, de qualquer modo.

Sustenho a respiração, esperando para ver se a mulher vai acreditar nas minhas mentiras. Semicerra os olhos.

– Uma excelente funcionária? – Resfolega. – Custa-me a crer.

– É verdade. É muito competente, organizada e...

– Sim, mas é louca! – Arregala os olhos castanhos e, por um momento, parece também um pouco louca. – Lamento se isto prejudica a Monica, mas, provavelmente, é do seu interesse dispensá-la, antes que cause ainda mais danos. Oiça o conselho de alguém que sabe aquilo que está a dizer.

– O que quer dizer com isso? – pergunto, cuidadosamente.

– Não é inteiramente culpa dela, compreende? – A Sra. Johnson deixa descair os ombros. – Acho que tenta agir da forma certa. Bem, às vezes, pelo menos. Mas é... bem, os psiquiatras discordam um pouco em relação ao diagnóstico... – *Psiquiatras?* – A maioria concorda em que tem um transtorno de personalidade limítrofe grave.

Fico boquiaberta. Fomos tão meticolosos a verificar o historial médico da Monica. Como nos escapou um transtorno psiquiátrico grave?

– Transtorno de personalidade limítrofe?

A mulher assente.

– Como a Glenn Close em *Atração Fatal*? Aquele filme em que matou o coelho?

Oh, boa. Escolhi uma psicopata assassina de coelhos para ser a mãe do meu filho.

– Os médicos testaram tantos medicamentos para a tentar ajudar – continua. Medicamentos? Tipo, plural? – Mas nenhum deles resultou. Às vezes, ajudam um pouco, contudo, não o suficiente para fazer diferença.

Lembro-me de quando, no consultório da Dra. Wong, ela perguntou à Monica se tomava alguma medicação. A rapariga disse que não. Claro que não tomava. Está *grávida*.

– Mas o que a torna perigosa – continua a Sra. Johnson – é a inteligência. Tem um QI de génio, segundo os testes. Sabia?

– Eu... Não me surpreende.

– Um génio da matemática. – Pela primeira vez, vejo um laivo de orgulho. – Se se conseguisse concentrar, aposto que podia ganhar um Prémio Nobel. Mas... bem, isso está fora de questão neste momento.

Não existe Prémio Nobel da matemática – algo que sei graças ao Sam. Em vez disso, há a Medalha Fields, que só é atribuída de quatro em quatro anos e muito raramente a matemáticos acima dos quarenta. O meu marido é realista quanto às suas hipóteses de ganhar uma, sobretudo agora que tem trinta e oito anos, embora admita que nunca foi um verdadeiro candidato. «Acho que a minha Medalha Fields fugiu pela janela», graceja, às vezes.

– Disse que é perigosa. – O meu coração acelera-me no peito. – Perigosa em que sentido? Parece perfeitamente normal.

– Oh, é boa a representar o papel. – Ri-se sem alegria. – Mas não se deixe enganar. Eu e o meu marido começámos a trancar as nossas portas à noite, se é que me entende.

Fico a olhar para a mulher.

– Começaram?

– Oh, sim. – Olha para a distância. – Sabia que tinha problemas, no entanto, nunca pensei que fosse perigosa até quando andava no 10.º ano. Ela e a melhor amiga, a Sandy, andavam a discutir pelo mesmo rapaz. Parvoíces, percebe? Mas as

raparigas são muito emotivas nessa idade, como tal, tiveram uma desavença, e então...

Sinto um aperto horrível no peito. Não sei se quero ouvir o fim desta história, mas como posso não o fazer?

– Então o quê?

Por um momento, fecha os olhos.

– A Sandy desapareceu.

É tal a força com que aperto os joelhos que me doem os dedos. Não posso acreditar que convidei esta louca para a minha vida. Como pude ser tão estúpida?

– Talvez tenha só fugido? Há raparigas que fazem isso.

– Não, não fugiu. – Os olhos da Sra. Johnson ficam distantes, olhando para o vazio. – Encontraram-na a flutuar no rio Charles uma semana depois.

Cubro a boca com a mão. Acho que vou vomitar. A sério que sim.

– Senhora Johnson, pode... pode dizer-me onde é a casa de banho?

A mulher aponta com um longo dedo esquelético para o fundo do corredor e, depois, eu pego na minha bolsa e corro. Chego à sanita a tempo, contudo, tudo o que consigo é vomitar em seco. Saltei o almoço, de tão ansiosa que estava por causa do meu encontro com o Frisch, por isso não tenho nada no estômago.

Sinto a cabeça à roda quando me endireito e olho para o espelho. O meu rosto está de uma palidez sepulcral e o meu cabelo preto está desgrenhado. Passo os dedos pelo cabelo e borrifo o rosto com água, no entanto, nada disso ajuda. Pondero retocar a minha maquilhagem, mas para quê?

Quando saio da casa de banho, a Sra. Johnson está a mexer no telemóvel. Ergue o olhar ao ver-me, com uma expressão apática.

– Procurei um artigo sobre a Sandy, se quiser ver.

Ergo uma mão.

– Não, hã... deixe estar.

Ela arqueia-me as sobrancelhas.

– Sente-se bem, senhora Adler?

Assinto, tentando esboçar um sorriso débil enquanto me volto a sentar no sofá.

– Sim. Claro.

Com um encolher de ombros, pousa o telemóvel na mesa.

– O homicídio foi algo muito sério, como deve imaginar. E quase todos acreditavam que a minha filha tinha tido algo que ver com ele, apesar de nunca o terem conseguido provar. Foi por isso que saímos de Boston e nos mudámos para cá.

Sinto um calafrio. A Monica matou alguém quando era adolescente e saiu impune. Não só é uma assassina como parece ser boa nisso. Era-o na adolescência, portanto, atualmente deve ser fantástica.

A Sra. Johnson encosta-se ao sofá.

– Desculpe. Não lhe devia ter dito tudo isto. Devia defender a Monica, eu sei. Costumava ir a um terapeuta e a única coisa da qual falávamos era dela. Monica, Monica, Monica...

Parece-me ser do que eualaria se tivesse um terapeuta.

– Posso fazer-lhe uma pergunta, senhora Johnson? – peço.

– Claro – assente.

– Como perderam o contacto com a vossa filha?

– Oh. – Abana a cabeça. – Começámos a discutir por causa do caso amoroso. Isso foi há cerca de três anos. E, a partir daí, as coisas só se deterioraram.

– Caso amoroso?

Ela revira os olhos.

– Envolveu-se no que, na minha opinião, era uma muito imprudente aventura com o seu professor de Matemática da universidade. Disse-lhe isso, mas ela não quis ouvir.

As suas palavras petrificam-me.

– Professor de Matemática?

– Oh, sim. – Assente. – Bem, devia ver o homem. Era muito atraente. Quase não a podia culpar. Mas, claro, era bastante mais velho do que ela. E casado, como é óbvio.

– Casado...? – Engulo o nó na minha garganta. – Em que universidade andou a vossa filha?

Quando a mulher refere a universidade onde o meu marido dá aulas, é como um murro no estômago. Não. *Não*. Não pode ser.

Não pode ser.

– O professor estava claramente a aproveitar-se de uma rapariga muito nova – continua. – Mas a Monica não o via assim. Estava incrivelmente apaixonada e viu todas as minhas críticas a ele como um ataque pessoal.

Cerro os punhos suados sobre a minha saia.

– Lembra-se... lembra-se do nome dele?

– Steve – responde, pensativa. Franze o sobrolho. – Não, não é isso. Simon? Não...

– Sam? – guincho.

Estala os dedos.

– Certo. Sam. Era isso. Nunca a tinha visto tão fascinada por um homem. Ao que parece, estavam *apaixonados*. Imagina?

Nem consigo fazer de conta que não está a falar do meu marido. Um professor de Matemática chamado Sam? É impossível que isto seja coincidência.

– Sabe... sabe o que se passou com eles?

Abana a cabeça.

– Como disse, a partir daí, a nossa relação deteriorou-se. Não faço ideia do que tem andado a fazer. Imagino que tenha seguido em frente quando não o conseguiu fazer deixar a mulher. Ou talvez tenha feito com que fosse despedido. Seria merecido.

Ou talvez...

Talvez tenham os dois arranjado uma maneira de ficarem finalmente juntos.

O Sam e a Monica andam a ter um caso. A cronologia que a mãe da Monica me deu significa que esse caso dura há *pelo menos* três anos. Três anos em que se andou a escapulir nas minhas costas – algo bastante fácil de fazer com a sua agenda flexível e o meu horário longo. Aquele sofá maltrapilho que tem no gabinete na universidade, provavelmente, foi um excelente lugar para se enrolar com ela.

Parece impossível, em certos sentidos. Nos últimos dez anos, o meu marido foi o meu pilar, contudo, ao mesmo tempo, há algumas partes que fazem bastante sentido. Afinal, tem alunas atraentes a atirarem-se a ele desde há anos. Não é de pedra. É compreensível que tenha cedido, a certo ponto. Bem, não é propriamente compreensível, mas sim *concebível*. Isto que teve com a Monica não foi seguramente a sua primeira aventura.

A minha mãe tinha razão – é demasiado bonito. Que erro.

Sempre me pareceu que o Sam me amava por quem sou. Quanto muito, sempre pareceu detestar que eu tivesse tanto dinheiro – nunca me deixava esbanjar em coisas que podíamos pagar, como um lugar na garagem. Contudo, por outro lado, adorava o apartamento que jamais teríamos podido pagar sem o meu dinheiro. Portanto, resumindo e concluindo, é óbvio que não me amava *apenas* por quem sou.

E, se queria muito ter um filho, deve ter sido frustrante como o raio ver todas aquelas raparigas jovens e férteis nas suas aulas e saber que qualquer uma delas lhe podia dar o bebé que eu não podia. De certeza que foi isso que a Monica lhe salientou da primeira vez que estiveram juntos, quando estavam a engendrar este plano diabólico.

A Janelle – a rapariga que nos tinha prometido o bebé – nunca deu a impressão de que fosse voltar atrás. Estava ansiosa por nos dar a criança. Mas, agora que penso nisso, nunca falei com ela. O Sam disse-me que tinha recuado e pronto. Confiei nele.

E, claro, foi o meu marido que fez a verificação de antecedentes da Monica, que tenho a certeza de que nunca fez realmente. Foi ele quem me deu os números da «Chelsea» e da «mãe» da rapariga. Alegou ter verificado tudo. Sim, pois.

De certeza que o Sam e a Monica se divertiram muito a conspirar para evitar que eu fosse às consultas de obstetrícia. A baralhar as horas no meu calendário – qualquer

um deles pode ter sido o responsável. Ou a adulterar-me a comida com drogas – o que também pode ter sido um esforço conjunto. Oh, e os cristais de metanfetaminas que o meu marido «encontrou» na minha gaveta – isto resolve *esse* mistério.

Aquele abre-cartas que matou a Denise... foi um presente do Sam. Achei que era um doce e atencioso presente de aniversário de casamento, mas, afinal, estava a dar-me a arma do crime.

E agora está a pressionar-me para que aceite o acordo. Quem sabe o que terá dito ao Frisch para o fazer aconselhar-me nesse sentido? Tudo o que quer é tirar-me do caminho com o mínimo de prejuízo possível, e, quando isso acontecer, pode finalmente ficar com a Monica.

Só há um problema.

Ao ter feito tudo isto, o Sam não seria apenas um sacana. Não seria apenas um marido adúltero. Seria um verdadeiro psicopata. Quero dizer, podia ter-se divorciado de mim, se quisesse. Teria sido duro e teria perdido o meu dinheiro, mas não é como se fosse um falhado qualquer sem emprego – poderia sustentar-se depois do divórcio. Mesmo que não tenha matado pessoalmente a Denise, tramar-me com uma acusação de homicídio é obra de alguém gravemente perturbado.

Há mais de uma década que conheço o Sam. Ontem, diria que o conheço melhor do que qualquer outra pessoa no mundo. Não acho que seja assim. Nunca pensei que fosse capaz de algo deste género.

No entanto, por outro lado, não se pode subestimar a influência de uma mulher perversa. E da minha grande conta bancária.

E do sexo. Também tem bastante influência.

Para desanuviar a cabeça, regresso a casa a pé. Ao chegar ao apartamento, a primeira coisa que faço é vasculhar as gavetas da cómoda do meu marido e o roupeiro dele. Não sei o que procuro ao certo. Manchas de batom que não sejam minhas? Cartas de amor da Monica? O perfume de lavanda da rapariga agarrado aos seus *boxers*? Não faço ideia. Seja o que for, não o encontro. Encontro apenas camisas, calças e roupa interior, tudo a cheirar ao nosso detergente para roupa e um pouco ao seu *aftershave*.

Depois de completar a minha busca exaustiva ao nosso quarto, deixo-me cair no sofá e soluço. Sim, estou a chorar *outra vez*. Não posso acreditar que o meu marido foi capaz de me fazer isto. Eu *amo-o*. Pensava que ele me amava. Quando me pegou na mão naquele dia, diante do juiz, me olhou nos olhos e me disse que me ia amar até que a morte nos separasse, terá sido tudo mentira?

Lembro-me da forma como o disse. Tão sério. Com a mesma seriedade que punha em tudo na nossa relação. Como se, ao dizer essas palavras, as sentisse na própria alma.

Merda.

Pego no telemóvel. Abro a minha lista de favoritos e vejo o nome do Sam no topo. Pu-lo lá depois do nosso terceiro encontro. Seja como for, não lhe posso ligar agora. Ainda não estou pronta para o confrontar. Em vez disso, primo o nome da Shelley.

Chama três vezes, e tenho a certeza de que não vai atender. Tem vindo a evitar-me desde o homicídio da Denise, o que só pode significar que acha que fui eu. Contudo, depois de alguns instantes, oiço a voz dela do outro lado da linha. Parece contida, mas ao menos atendeu.

– Olá, Abby. – O tom com que fala é cauteloso. – Como estás?

Contra a minha vontade, os meus olhos voltam a encher-se de lágrimas.

– Shelley, por favor, podes parar de agir como se eu fosse uma assassina?

Faz-se silêncio do outro lado da linha. O meu estômago revolve-se enquanto espero para ouvir o que vai dizer. Acho que não aguento ser rejeitada por mais uma pessoa com quem me importo.

Finalmente, a minha amiga suspira.

– Desculpa, Abby. É só que... bem, tens de admitir que é tudo muito estranho.

– Achas que não sei?

– E odiavas a Denise mais do que ninguém...

– Eu não a odiava – digo sinceramente. – Apenas tivemos... um desentendimento. Mas não a odiava. – Hesito. – E, seja como for, há uma diferença entre odiar alguém e apunhalar essa pessoa com um abre-cartas.

A Shelley solta uma gargalhada estrangulada.

– Sim, suponho que isso é verdade.

– Escuta – digo. – Há alguma hipótese de te poderes encontrar comigo para um café? Preciso mesmo de falar contigo.

– Claro, Abby. Diz-me só quando e onde.

Demoro cerca de meia hora a contar a história toda à Shelley, do início ao fim. Quando termino, culminando com a minha visita ao apartamento da Cynthia, está boquiaberta. Não sei se a choquei ou se acha que estou louca. Espero que seja a primeira opção.

– Uau – murmura. – Isso é...

Baixo a cabeça, olhando para as profundezas da minha caneca de café.

– Eu sei. Dizias sempre que o Sam era um pouco perfeito demais. Suponho que tinhas razão.

– Bem – começa, pensativa –, não era assim *tão* perfeito. Era *simpático*. Mas...

Franzo o sobrolho.

– Mas o quê?

– Bem, era aborrecido, às vezes, não era? – Bebe um gole da sua bebida espumosa.
– Quero dizer, às vezes, estava bem, mas havia outras em que lhe fazias uma pergunta inocente e ele fazia dela um grande problema matemático. Como daquela vez em que fomos comer sorvete italiano e eu lhe disse para ter cuidado para não encher demasiado o cone porque senão caía, e ele começou a tentar calcular a que altura tinha de o encher antes de tombar.

Sorrio para comigo. A minha melhor amiga ficou tão irritada quando o Sam pegou na caneta e começou a fazer cálculos num guardanapo da loja de iogurtes.

– A Monica iria adorar isso.

– E as piadas sobre matemática? Enfim.

– Também gosta dessas. – É tanta a força com que aperto a minha chávena de café que me queima a mão. A Monica é tão perfeita para o Sam em tantos sentidos. Nem o posso culpar por se ter apaixonado por ela.

Não, isso não é verdade. Posso culpá-lo, sim. Sacana traidor.

Apaticamente, mexo o café com a colher.

– Achas que é mesmo verdade, então? Isto do Sam e da Monica?

A Shelley hesita.

– Sinceramente?

– Pois claro que sinceramente!

– Sim. Acho.

Aperta-se-me o coração. A minha amiga conhece muito bem o Sam e, se acredita que pode ser verdade, é mau sinal.

– A sério?

– Bem... – Suspira. – Não sei. Sempre houve algo de estranho nele que não podia identificar...

– Nunca me tinhas dito isso!

– Sei lá. Pensava que eram coisas da minha cabeça.

O meu telemóvel vibra na minha bolsa. Tiro-o e vejo uma mensagem de texto do Sam:

Onde estás? Acho que devíamos falar.

Ergo o olhar e vejo a Shelley de sobrancelhas arqueadas.

– É o Sam?

Assinto.

– Quer falar.

– Tens a certeza de que é seguro estares no apartamento com ele? – Bebe um gole do seu café, perscrutando-me por cima do rebordo do copo.

– O que queres dizer com isso?

– Quero dizer – diz – que, se conspirou com a Monica para matar a Denise, é capaz de tudo. E se ele e aquela maluca estiverem agora mesmo no apartamento,

armados com uma faca e fita isoladora?

– Oh, meu Deus, ele não faria isso!

– Não?

Olho para a mensagem de texto do meu marido. Já não sei o que pensar. Hesito antes de responder:

Vou chegar tarde esta noite. Falamos amanhã.

Eu e a Shelley acabamos por ficar fora até muito tarde. Depois do café, vamos jantar a um restaurante. E depois vamos a um bar beber um copo. Bem, mais do que *um*, para ser sincera. Digo incessantemente a mim mesma que tenho de parar, que é mais importante do que nunca manter a cabeça lúcida, no entanto, o álcool é a única coisa que entorpece a dor da traição do Sam. Quando entro aos tropeções em casa, já passa da meia-noite e todas as luzes no apartamento estão apagadas.

Esgueiro-me para o quarto às escuras, praguejando baixinho ao tropeçar num dos sapatos do meu marido, que deixou caído no meio do quarto. Está *sempre* a deixar os sapatos em sítios onde facilmente posso tropeçar neles – costumava dar comigo em doida. Por amor de Deus, é assim tão difícil atirar os sapatos para o roupeiro?

Lembro-me de quando esse costumava ser o maior dos nossos problemas.

O Sam dorme profundamente na cama. Está de camisola interior e *boxers*, e desfez-se da maioria dos cobertores enquanto dormia. É outra coisa que faz sempre: começa impecavelmente coberto por duas camadas de roupa de cama, mas, em menos de uma hora, acaba todo destapado.

Os seus óculos estão na mesa de cabeceira ao lado da cama, e respira fundo, num quase rressonar. Tem aquela sua sombra de uma barba e, ao olhar para as suas feições, é difícil culpar a Monica por se ter apaixonado por ele. Eu também não lhe consegui resistir quando nos conhecemos. Ainda não consigo. Nem mesmo agora que sei a verdade.

Pouso os olhos no telemóvel dele, que está a carregar na mesa de cabeceira. Disse-me o código do aparelho e não creio que o tenha mudado. Em princípio, devo conseguir aceder-lhe. E então verei do que tem vindo a falar com a Monica durante todo este tempo. Sei que disse que não queria violar a privacidade do meu marido, contudo, isso foi antes de haver uma acusação de homicídio envolvida.

Tenho de saber a verdade.

Recolho o telemóvel da mesa antes que possa mudar de ideias. Introduzo os seis algarismos que formam o código do Sam e, para minha surpresa, o aparelho desbloqueia-se.

Rapidamente, clico no ícone das mensagens de texto. O nome da Monica está mesmo no topo – não fez o menor esforço por o esconder. Clico na sequência de mensagens, lendo as últimas linhas da conversa entre ambos.

Sam: *Não sei mesmo o que fazer em relação à Abby. Isto é mau.*

Monica: *Eu sei.*

Sam: *Recusou-se a vir para casa esta noite, portanto esse plano está cancelado.*

Plano? Que plano? O que é que ele tencionava fazer se eu tivesse aparecido esta noite, como era suposto? Envolvia-me com fita isoladora?

– O que estás a fazer?

Quase deixo cair o telemóvel. O meu marido acordou e está a olhar para mim no escuro. À luz do aparelho, consigo distinguir os seus olhos castanhos. O meu coração começa a acelerar-me no peito.

– Hã... – respondo.

Ele franze o sobrolho.

– Esse é o meu telemóvel?

– Sim...

Senta-se na cama, piscando-me os olhos enquanto volta a pôr os óculos.

– Estás a bisbilhotar no meu telemóvel?

Não adianta negar. O que estava a fazer é dolorosamente óbvio. Devia ter levado ao menos o maldito aparelho para o outro quarto em vez de o examinar a trinta centímetros dele. Qual é o meu problema? Seria a pior espia de sempre.

– Eu... suponho que sim.

– Porquê? – Parece genuinamente abismado.

Não sabe o que sei. Acha que ainda estou completamente às escuras. Hesito, sem querer pôr as cartas na mesa antes de ter mais informação. Mas, em última instância, não consigo evitar.

– Andas a ter um caso com a Monica?

Os seus olhos ficam enormes. Por um momento, fica a olhar para mim, pasmado, e então levanta-se da cama e arranca-me o telemóvel da mão. Por um instante, fica parado, e tomo súbita consciência de como é muito maior do que eu. Não descreveria o Sam como um homem «grande», no entanto, tem mais de um metro e oitenta – mais quinze centímetros do que eu – e músculos tensos projetam-se dos seus braços devido a todas aquelas horas no ginásio. Enquanto se ergue sobre mim, os seus olhos ensombram-se, o que me faz dar um passo atrás.

Se quisesse, podia atirar-me para o outro lado do quarto como uma boneca de trapos. Podia fazer-me o que quisesse.

Mas, em vez disso, puxa a sua almofada da cama e passa por mim.

– O que estás a fazer? – pergunto.

– Vou dormir no sofá – anuncia. – Não quero partilhar uma cama contigo agora.

– Oh – murmuro.

Ao chegar à entrada do nosso quarto, hesita e vira-se para olhar para mim.

– Já nem te reconheço, Abby – admite.

– Posso dizer o mesmo de ti – respondo.

Semicerra-me os olhos.

– Além disso, cheiras a *whisky*.

Bem, isso pode ser verdade.

– Boa noite – diz-me, batendo com a porta atrás de si. Se não andava a ter um caso antes, acho que remediei isso.

Mas o lado positivo é que, pelo menos, não me amarrou a uma cadeira com fita isoladora.

Arrependo-me amargamente do meu consumo de álcool ontem à noite, ao acordar de manhã com uma dor de cabeça latejante e a boca a saber a lixa. Viro-me na cama e vejo o espaço vazio ao meu lado. Foi a primeira vez em todo o nosso casamento que o Sam foi dormir para o sofá. Tenho um mau pressentimento de que não será a última.

Enquanto estou deitada na cama, o tilintar da campainha ecoa pelo apartamento. Esfrego os olhos, estremecendo ante o som. Nem consigo imaginar quem viria cá numa manhã de semana. Não estou certamente à espera de ninguém.

Oh, meu Deus, será a polícia que me vem prender?

Sinto o coração a palpitar-me no peito enquanto corro para a porta, descalça. Inclino-me para espreitar pelo óculo e quase desmaio de alívio ao ver a minha antiga assistente, a Gertie, do outro lado. Traz um saco de compras do supermercado numa mão e a bengala na outra, sorrindo à porta.

Abro-a e o seu rosto abre-se num sorriso ao ver-me. Bem, até me dedicar um olhar mais atento. É perturbadora a forma como arregala os olhos e dá um passo atrás. Oxalá tivesse olhado para um espelho antes de sair a correr.

– Abby! – arqueja. – Parece que não dorme há semanas.

Não, estou só de ressaca. Seja como for, não lhe digo isso.

– Sim, os últimos tempos têm sido difíceis.

– Bem, é por isso que cá estou! – Ergue o saco de compras. – Estava tão triste da última vez que a vi que quis vir fazer-lhe o pequeno-almoço.

– Isso é muito querido, mas...

Aparentemente, a mulherzinha não vai aceitar um não como resposta. Passa por mim e põe-se rapidamente à vontade na nossa cozinha. No espaço de segundos, está a abrir a água e a bater panelas.

– Posso fazer alguma coisa para ajudar? – pergunto.

– É claro que não! – Enxota-me com um aceno. – Vá, hã... refrescar-se.

Sei captar uma dica.

Cambaleio em direção ao quarto para examinar os estragos. Quase arquejo ao ver as olheiras por baixo dos meus olhos e o meu cabelo espetado, desafiando a gravidade. Quando tinha vinte anos, podia deitar abaixo um monte de bebidas e

continuar a parecer deslumbrante de manhã, mas já não é bem assim. Passo uma escova pelo meu cabelo preto e ponho um pouco de maquilhagem.

Pronto. Assim está melhor.

Quando regresso à cozinha, sinto o cheiro a ovos fritos, o que faz o meu estômago roncar, apesar da semirressaca. Lembra-me a tentativa do Sam de fazer uma omeleta para o pequeno-almoço há alguns meses. Pôs demasiados ovos na frigideira e o centro da omeleta ficou completamente cru, enquanto as orlas estavam castanho-escuras. Demos-lhe a alcunha de «Salmonelose Surpresa». Rimo-nos muito nessa manhã. (E comemos flocos de milho ao pequeno-almoço.)

Não posso acreditar que o Sam anda a dormir com a Monica. Como foi capaz?

– Sente-se, querida Abby – diz a Gertie. Pôs o avental «*I ate some pie*» do Sam e está a mexer ovos na frigideira. Ergue-a e raspa os ovos para dois pratos. Traz o meu para a mesa de jantar e volta para trás, a coxear, para me trazer um copo de sumo de laranja. – O pequeno-almoço está servido!

Não sei se tenho fome, contudo, não quero parecer ingrata, portanto, sento-me. No mínimo, estou com uma sede incrível, por isso deito abaixo o sumo de laranja em três grandes goles. O líquido faz a minha dor de cabeça latejante ficar ligeiramente melhor.

Ataco os ovos com um pouco mais de relutância, contudo, depois da primeira garfada, começo a enfiá-los na boca. Estão muito bons, na verdade. Muito melhores do que a Salmonelose Surpresa.

– O que acha? – pergunta a Gertie, sorrindo-me do outro lado da mesa.

– Tem de ensinar o meu marido a fazer isto – respondo. Embora desconfie de que o Sam nunca mais me vai tentar fazer ovos. Esses dias acabaram.

– Teria todo o gosto. – A mulher pisca-me o olho e não posso deixar de notar que, ao perto, não tem tantas rugas em torno dos olhos como seria de esperar. Sempre pensei que andasse pelos setenta anos, mas agora acho que está, provavelmente, mais perto dos sessenta. É uma pena que se tenha magoado tão gravemente na anca quando ainda é tão nova. Continuo a perguntar-me se terá sido a Monica a responsável. O mais provável é que nunca venha a saber a verdade.

Quando a campainha volta a tocar, já quase limpei o meu prato dos deliciosos ovos.

A Gertie ergue o olhar do seu próprio prato.

– Está à espera de alguém, Abby?

Abano a cabeça em negação. Talvez desta vez seja mesmo a polícia. Limpo a boca ao guardanapo que ela me trouxe e, então, levanto-me para ir à porta. Ao ver a Monica diante dela, quase finjo que não estou em casa.

Não quero ficar a sós com esta maluca. Ainda tenho as histórias aterradoras da Sra. Johnson a ecoar-me nos ouvidos. Não confio nesta rapariga nem por um

segundo. Quase de certeza que matou a Denise a sangue frio.

Mas, por outro lado, a Gertie está aqui. Não ia tentar fazer nada diante de uma testemunha.

Pois não?

Rodo as fechaduras da porta e entreabro-a, contudo, deixo a corrente posta. A Monica está deslumbrante, com um vestido vermelho-vivo e o cabelo preto a cair-lhe, solto e sedoso, à volta dos ombros, no entanto, é para a sua barriga que os meus olhos são imediatamente atraídos. Meu Deus, está enorme. Deve estar pronta para ter o bebé a qualquer momento.

– O que faz aqui? – questiono.

– Pode deixar-me entrar, por favor? – Agarra-se à barriga com as duas mãos. – Precisamos de falar.

– Ah, precisamos?

Hesita.

– O Sam pediu-me para vir cá falar consigo.

– Quem é? – grita a Gertie, da mesa de jantar.

Olho pela fresta, mais propriamente para a Monica, que, por esta altura, parece ter dificuldade em manter-se de pé. Pode ser perigosa no seu pior, contudo, não creio que o seja neste momento. Provavelmente, podia derrubá-la, mesmo que tivesse uma faca. Ou um abre-cartas. E, seja como for, a Gertie está aqui – seriam duas contra uma.

– Tudo bem. – Fecho a porta, solto a corrente e abro-lha. – Entre.

A rapariga cambaleia para dentro do apartamento. Bem, mais ou menos. Apesar de estar muito grávida, o seu andar não é inteiramente desajeitado. Pergunto-me o que pensará o Sam de tudo isso. De certeza que acha que está incrivelmente *sexy*. É óbvio que anda a fazer sexo com ela, pois não o faz comigo há um mês.

A Monica repara na Gertie sentada à mesa de jantar e pára bruscamente.

– Não me tinha apercebido de que tinha companhia.

– Oh! – A mulherzinha levanta-se com dificuldade. – Posso ir andando, se quiser, Abby.

– Não – apresso-me a dizer. Faz-me sentir segura que a Gertie esteja aqui, ainda que seja uma velhota com uma bengala. – Por favor, fique.

A minha antiga assistente lança um olhar à jovem, hesitando. Talvez seja egoísta da minha parte pedir-lhe para ficar, sobretudo se tiver sido a Monica a empurrá-la das escadas. Não quero pôr a sua vida em perigo. Mas não, vai correr tudo bem. A miúda não vai tentar nada com as duas aqui.

– Vou arrumar a cozinha – decide a mulherzinha, por fim.

A Monica instala-se numa das cadeiras enquanto a Gertie coxeia em direção à cozinha, onde não nos pode ouvir. Atira o cabelo preto por cima do ombro e, mais

uma vez, capto um vislumbre das suas raízes claras. Os seus olhos negros encontram os meus e, involuntariamente, estremeço.

– O Sam teve uma aula cedo esta manhã, mas prometi-lhe que íamos ter as duas uma conversa franca. – O sorriso não lhe chega aos olhos. – As coisas ficaram um pouco descontroladas, não acha?

Olho para o meu prato de ovos.

– Não sei do que está a falar.

– Não preciso de lhe dizer que o seu comportamento de ontem à noite foi muito perturbador para o Sam, Abby. – Faz estalar a língua contra o céu da boca. – Vasculhar-lhe o telemóvel? Que falta de classe.

Ergo o queixo.

– Tive os meus motivos.

Por um momento, a rapariga fica calada.

– Sim – acaba por responder. – Suponho que sim.

A sua resposta não me faz sentir melhor.

– O que quer dizer com isso?

– Acho que sabe a resposta – diz, baixinho.

Ergo o olhar.

– O quê?

– Abby – chama-me. – Acabou.

Fico a olhar para a miúda.

– Desculpe?

– A Abby e o Sam. O vosso casamento. Acabou.

O sumo de laranja e os ovos no meu estômago ameaçam voltar a subir.

– Do que está a falar?

– Pense bem, Abby. – Lança-me um olhar de pena. – Está um caco. *Olhe* para si. É uma drogada. Está prestes a ser presa por *homicídio*. – Abana a cabeça. – Eu e o Sam sentimos que seria melhor para si procurar outro sítio para viver... para que possamos viver aqui e cuidar do bebé.

Com estas palavras, pousa uma mão protetora na barriga. Aquele era o bebé que eu devia criar com o meu marido. Agora, ele vai na mesma criar esse filho, mas eu estarei fora de cena.

– Eu... – Olho para o prato vazio, sentindo-me doente. – Gostaria de ouvir isso da boca dele.

– O Sam não tem coragem para lho dizer. Isto é muito difícil para ele.

– Oh, a sério?

A jovem resfolega.

– Sinceramente, nunca devia ter estado com ele. Quase não é atraente, e, além disso, a nível intelectual... bem, não há comparação. Não sabe a diferença entre

números reais e *Real Housewives of Orange County*.

Sei, sim. Sei o que são números reais. São números que são... bem, reais. Tipo, não imaginários.

Mas é melhor não dizer isto, até porque posso estar enganada.

– O Sam casou consigo por dinheiro – informa-me. – Pelo seu fundo fiduciário. Pura e simplesmente. E agora ultrapassou a sua utilidade.

Terá razão? Terá o meu marido casado comigo só pelo meu dinheiro? Se alguém me dissesse isso há um ano, não teria acreditado. Mas agora...

Sinto um zumbido na parte de trás do crânio. Abano a cabeça para o dissipar, contudo, este não desaparece. Olho para a Monica e, por um segundo, vejo-a a dobrar. Mas então, ao pestanejar, volta a ser só uma. Esfrego o rosto.

A rapariga franze o sobrolho.

– Sente-se bem?

– Eu... – Fecho os olhos com força e volto a abri-los. – Sinto-me um pouco... zozna.

Ela olha para o prato dos ovos à minha frente e reclina-se na cadeira para espreitar para a cozinha.

– Estavam nos ovos? – grita.

A Gertie sai da cozinha, limpando as mãos a um dos meus panos. Estranhamente, não traz a bengala, apesar de mal parecer conseguir dar um passo sem ela quando chegou.

– Não – revela. – Estavam no sumo de laranja. Bebeu-o há cerca de dez minutos.

Fico de boca aberta.

– Gertie?

– E puseste o frasco todo lá dentro? – pergunta a Monica.

– Até ao último comprimido.

A jovem sorri à mulherzinha – desta vez, um sorriso genuíno.

– Obrigada, mãe – responde.

S into a cabeça à roda. Não sei se é do que estava no sumo de laranja ou do facto de a Gertie e a Monica serem subitamente coconspiradoras, e, possivelmente, até mãe e filha. Será isto um sonho? Estou a alucinar? Não pode certamente ser real!

– É... – Obrigo o meu olhar a focar-se na Gertie, o que se torna cada vez mais difícil. – É a mãe da Monica?

– Oh, é rápida – responde a mulher, rindo. – Talvez *seja* suficientemente inteligente para estar com o Sam.

– Mas... – gaguejo. – Eu *conheci* a mãe da Monica. Estive no apartamento dela no outro dia. Não... é você.

A rapariga abre-me um sorriso escarninho.

– Essa era a minha *madrasta*, a Louise. Como pôde achar que era a minha mãe? Não é nada parecida comigo!

Olho para ambas, e agora vejo-as finalmente – as parecenças. Estão nos olhos e no queixo. Seja como for, começo a ter a sensação de que há mais semelhanças do que apenas o superficial. Lembro-me do que a Cynthia disse, sobre a «mãe louca» da Monica estar sempre a aparecer.

– Devia agradecer-lhe, Abby – começa a Gertie, com os olhos a brilhar. – Quando o Sam foi ao trabalho para a ver e me disse que era professor de Matemática na mesma escola que a minha filha frequentava, disse-lhe logo que era alguém que tinha de conhecer. Não foi, Monica?

A miúda assente.

– Inscrevi-me na disciplina dele logo no semestre seguinte. E... bem, a minha mãe estava certa, como habitual. Eu e o Sam apaixonámo-nos instantaneamente.

– Depois de arquitetar a minha reforma antecipada, disse à minha filha o que dizer para ser contratada – revela a Gertie, com orgulho. – Disse-lhe que, se referisse os anúncios aos iogurtes de fibra, a Abby não se pouparia a esforços para a contratar.

Manipularam-me por completo. Uma vaga de tonturas abate-se sobre mim e tenho de me agarrar à mesa para evitar cair da cadeira.

– Sabia como estava desesperada por um bebé – continua a mulher. – Depois de conseguir organizar aquela adoção, receei que fosse prender permanentemente o Sam,

mas... bem, arranjàmos maneira de tratar disso. E, depois de a adoção falhar, estava disposta a fazer... bem, tudo. E, se tivesse alguma dúvida, sabia que seria capaz de a dissipar quando falássemos ao telefone.

A minha visão tolda-se por um momento, e pestanejo até se voltar a focar.

– Ao telefone?

Os lábios da Monica arreganham-se num sorriso.

– Pediu para falar com a minha mãe. – Aponta com a cabeça na direção da Gertie.
– Por isso, falou.

A mulher com o indicativo de fora do estado era a Gertie. Como pude não reconhecer a sua voz?

– Mas então a Denise descobriu-a – concluo. – Portanto, teve de se livrar dela.

A Monica resfolega.

– Por favor. A Denise não me descobriu. Sou tão mais inteligente do que ela, do que qualquer uma das duas, aliás. *Quis* que me apanhasse a vasculhar-lhe a secretária. E então saí para um almoço prolongado para que me pudesse revistar o cubículo e encontrar aqueles comprimidos.

– Mas... porquê?

– Porque sabia que lhe ia ligar. – Revira os olhos. – Talvez não soubesse isto, mas a Denise pensava o mundo de si. Quando não estava por perto, era sempre: «Bem, a Abigail faz isto assim, portanto, por que motivo não pode fazê-lo?» Ou: «A Abigail nunca sai cedo, como tal, por que razão vai para casa juntar-se à sua família?» Dava para ver que estava arrependida do que aconteceu.

Ouvi-la dizer estas palavras sobre a minha antiga chefe é como uma facada no peito. A Denise nunca me odiou. Mesmo quando estava desiludida com as minhas opções de vida, continuava a achar que eu era uma das suas melhores funcionárias.

E a Monica matou-a por isso.

– Aqueles *Adderall* eram completamente legais, a propósito – acrescenta. – Qualquer polícia podia confirmar isso. E não foram eles que a fizeram dar positivo nas análises à urina. Isso foram mesmo metanfetaminas.

A Monica pensou em tudo. A madrastra tinha razão – é mesmo um génio.

– Por que motivo está a fazer isto? – consigo perguntar.

Sinto a cabeça à roda, mas pelo menos ainda estou consciente. Os comprimidos ainda não fizeram totalmente efeito. Talvez me consiga obrigar a vomitar. Sinto que isso é capaz de acontecer, de qualquer modo, contudo, caso não consiga, espero que me diga ao menos com o que me drogou.

– Não é óbvio? – pergunta a rapariga.

– Não – respondo. – Já arranjou maneira de eu ir passar os próximos quinze anos na prisão. Porquê matar-me?

– Isto é muito melhor do que qualquer outra opção. – Junta as mãos e sorri, como que satisfeita consigo mesma. – Está deprimida com tudo o que fez e não vê saída, por isso toma o frasco inteiro dos seus comprimidos para dormir.

Os meus comprimidos para dormir. Raios. Não admira que o Sam quisesse tanto que eu pedisse outra receita.

Mexo os tornozelos, notando que as minhas pernas ainda parecem intactas. Poderei fugir? A Monica está grávida, por amor de Deus. E a Gertie está... bem, está em melhor forma do que eu pensava. Seja como for, talvez o pudesse fazer, ainda assim.

– Temos de a amarrar. – Os olhos da Gertie semicerram-se na minha direção. Deve saber o que estou a pensar. – Não quero que haja qualquer hipótese de ela tentar fugir.

– Não. – Cerro os dentes. – Não me vão amarrar. Não vou deixar.

A Monica ri-se.

– Oh, acho que vai.

Vasculha a sua bolsa, pendurada na beira da cadeira. Fico boquiaberta quando tira uma pistola. Uma *arma*. Não ma aponta, no entanto, basta a sua presença para me fazer paralisar. Parece tão *perturbadora*.

– Tínhamos uma carreira de tiro mesmo ao lado de minha casa quando eu era pequena – conta, casualmente. – Tenho bastante boa pontaria, na verdade. Não que fosse precisar dela, a esta distância.

Olho da Monica para a Gertie, com o coração a palpar. Se me der um tiro, acabou. Não tenho hipótese.

A rapariga volta a remexer na bolsa e tira uma folha de papel branco. Fá-la deslizar sobre a mesa de jantar para que eu a veja. Olho para as palavras na página, escritas numa imitação perfeita da minha letra, feita por alguém que teve um ano para estudar as minhas notas manuscritas e praticar. A assinatura está perfeita – só um especialista em caligrafia poderia ver a diferença, e duvido que vá ser chamado um.

É uma confissão total de tudo: da minha toxicodependência que se descontrolou; de ter matado a minha antiga chefe quando se recusou a alinhar no meu esquema de chantagem, culminando num pedido de desculpa ao meu marido e no qual lhe dou a minha bênção para seguir em frente com a sua vida.

– As suas últimas palavras. – Sorri-me e eu estremeço. – É poético, não é? Não fica feliz por ser assim que vai ser lembrada?

Aponto com a cabeça para a arma na sua mão.

– Se me alvejar, isso estraga o seu plano de suicídio, não estraga? Se me der um tiro na minha própria casa, como o explicará?

– Oh, estou preparada. – Pousa a mão direita na arma, num gesto protetor. – Ainda tenho acesso ao seu *e-mail* do trabalho. Esta manhã, enviou-me um *e-mail* a convidar-me para vir cá a casa «conversar». E então, quando cheguei, apontou-me uma arma, porque o ciúme lhe tinha levado a melhor. Houve uma luta e... bem, infelizmente, aí fui eu quem levou a melhor. E aqui a pobre Gertie assistiu a tudo.

– Sim, mas por que raio haveria *eu* de ter uma arma?

A miúda nem pestaneja.

– Não sei. Talvez precisasse de a ter à mão por ter tantos traficantes a vir ao seu apartamento. Quem sabe? Não está registada. Provavelmente, é roubada. Provavelmente, comprou-a no mercado negro.

Estou sem palavras. Pensou em tudo.

– Acho que o suicídio seria muito mais respeitável, ainda assim, não lhe parece? – Aponta a arma na minha direção, o que me mete um medo dos diabos. Nunca tinha tido uma arma apontada a mim. Nunca tive uma na mão sequer. Sinceramente, nem sei se alguma vez tinha estado tão perto de uma. – Por falar nisso, vamos fazer isto no quarto. – Quando não me mexo, semicerra os olhos. – A não ser que queira ir pela opção número dois.

As minhas pernas parecem borracha quando me levanto. Não sei se é o efeito dos comprimidos para dormir ou se estou só fora de mim devido ao terror que sinto. Seha como for, quase caio a caminho da cama, desabando gratamente no colchão.

– Fique aí – ordena a Monica, sacudindo-me a arma diante do rosto.

Enquanto estou aqui deitada, agarra-se à barriga e estremece. Por um momento, pergunto-me se teria alguma hipótese de tentar tirar-lhe a arma. Está grande e o seu equilíbrio é provavelmente terrível. Talvez esteja até em trabalho de parto – quem sabe? Não é ridículo pensar que o podia fazer. Seja como for, vou morrer. Talvez valha a pena o risco de não cair sem luta.

No entanto, por outro lado, custou-me a chegar à cama. É óbvio que não estou em posição de lutar. E, mesmo que dominasse a rapariga, teria ainda de passar pela Gertie. Não me consigo imaginar a ser bem-sucedida nisso, tendo em conta a forma como me sinto.

E então a Monica tira um rolo de fita isoladora da bolsa e começa a prender-me os tornozelos. Raios, eu sabia que havia fita isoladora no meu futuro. Reconheço-a como a fita barata do armário de material do trabalho. Provavelmente, roubou-a. Que irónico. Manter-me dominada, aparentemente, não valia sequer o preço de um rolo de fita isoladora.

Quando me prende os pulsos, compreendo que qualquer hipótese que tivesse de escapar voou pela janela. Nem tentei. Li tantos livros e artigos de jornal sobre pessoas que souberam estar à altura da situação quando estavam em perigo, e depois histórias de pessoas que ficaram simplesmente sentadas a deixar-se matar. Sempre

achei que estaria na primeira categoria. Se chegasse a esse ponto, acreditava que seria uma heroína.

Talvez tenha que ver com a vontade de sobreviver. Mesmo que sobreviva a isto, o que tenho? A minha carreira está destruída. Tenho uma acusação de homicídio a pender sobre a minha cabeça. E sou casada com um homem que enviou a namorada para fazer com que parecesse que eu me tinha suicidado.

Mais vale deixar-me ir.

– É o mais correto – diz-me a Gertie, enquanto a Monica me prende os membros.
– Estava a impedir o Sam de ser feliz. Foi isto que ele sempre quis. Um filho. Uma mulher que partilhasse da sua paixão. Impediu-o de ter tudo isso. Tinha tanta pena dele quando trabalhava para si.

Mas amava-o.

E pensava que ele me amava.

– É tão egoísta. – A rapariga quase cospe as palavras. – Qualquer mulher decente se teria afastado.

– Como se a Monica fosse melhor – murmuro, baixinho.

A jovem arregala os olhos.

– *Desculpe?*

– Estou só a dizer – respondo – que há muitas mulheres mais novas e bonitas nas turmas dele. O que tem a Monica que elas não têm?

– Serei a *mãe do filho dele* – silva, colando o rosto ao meu. O que é assustador, tendo em conta que, neste momento, não consigo mexer os braços nem as pernas.

– Certo, isso é verdade – admito. – No entanto, provavelmente, estará demasiado ocupada e cansada de tomar conta do bebé para lhe dar a atenção que merece. E ouvi dizer que é terrivelmente difícil perder esse peso da gravidez...

A Monica parece ter vontade de me esbofetear. Espero que o faça. Se me bater com força suficiente para deixar uma marca, haverá alguma prova de que a minha morte não é um simples suicídio. Mereço isso. Redenção depois da morte.

Mas, antes que possa dizer mais alguma coisa para a provocar, oiço a fechadura da porta da frente rodar.

— **M**erda — diz a Monica, em surdina.
— Quem é? — pergunta a Gertie.
— Como hei de saber? — replica a rapariga, irritada.

Sei tanto quanto elas. Quem *será*? O superintendente do prédio? A polícia, para me prender? Qualquer dessas opções seria ótima. Seja como for, presumo que qualquer uma dessas pessoas bateria à porta antes de irromper simplesmente no apartamento.

Antes que possa perguntar quem é, a Monica rasga outro pedaço de fita isoladora do seu rolo e cola-mo sobre os lábios. E, depois, empurra-me com tanta força que rebolo da cama para o espaço de trinta centímetros que a separa da parede. O meu ombro bate no chão com força, fazendo-me arquejar sob a fita isoladora. O radiador que se projeta da parede é afiado, e sinto o metal frio cravar-se no meu antebraço.

— Abby? Estás em casa, Abby?

É o Sam. A voz do Sam.

Que raio?

A Monica debruça-se por cima da cama para o espaço onde estou entalada, entre o colchão e a parede. Tem o rosto rosa-vivo.

— Não mexa nem um músculo. Senão...

Por precaução, atira-me um cobertor para cima. Esbate os sons e faz com que seja um pouco difícil respirar, contudo, ainda consigo ouvir através dele. Oiço a Monica dizer à Gertie:

— Mãe, esconde-te no roupeiro, está bem?

Escuto a porta do roupeiro junto à cama abrir-se e depois fechar-se com firmeza. Mas agora estou confusa. Por que razão foi a mulher esconder-se no roupeiro? Não é como se o Sam não soubesse que ela existe.

Pois não?

— Olá, Sammy. — A voz da jovem viaja pelas paredes finas do nosso apartamento.

— Monica? — Parece perplexo. — O que fazes aqui?

— A Abby ligou-me para vir cá conversar — responde. — Mas então começou só a... a gritar e a barafustar. E acabou por sair a correr.

— Saiu... a correr?

– O que fazes aqui, afinal? Pensava que ias dar uma palestra.
– Cancelei-a. – Oiço-o suspirar. – Tive uma espécie de confronto com a Abby ontem à noite e não conseguia parar de me sentir mal com a forma como deixámos as coisas. Preciso muito de falar com ela. Temos de resolver isto.

O meu coração dilata-se. O meu marido não está a conspirar com a Monica contra mim. Está do *meu* lado. E, mesmo depois de tudo o que acredita que fiz, quer tentar resolver as coisas comigo. Claro que teria sido bom se tivesse acreditado logo em mim, contudo, tenho de admitir que as provas eram bastante incriminatórias.

– Sabes para onde foi? – pergunta-lhe.
– Não faço ideia. Sinceramente, estava quase ininteligível. Completamente pedrada, provavelmente.

O Sam fica calado. *Não acredites nela. Por favor, não acredites nela.*

Oiço novamente a voz da Monica:

– Disse qualquer coisa sobre sair da cidade. Estava a ligar para o aeroporto.

– Para o *aeroporto*?

Acalmo a minha respiração pesada para os poder ouvir melhor. O radiador começa a fazer-me doer muito o braço. Não me surpreenderia se estivesse a sangrar.

– Sim, chamou um *Uber* para o LaGuardia, por isso...

– Jesus Cristo. Está bem... eu, hã... vou ver se consigo ir para lá, talvez, e procurá-la. Não fazes ideia de para onde podia estar a comprar bilhetes?

– Não, lamento.

– Está bem.

Oh, meu Deus, o meu marido acredita nela. Vai-se embora! *Por favor, não vás, Sam! Não acredites nela!*

– Deixa-me só ligar-lhe rapidamente para o telemóvel – informa. – Talvez a consiga chamar à razão.

– Não, Sam. – Há uma urgência na voz da Monica. – Não vais conseguir chamá-la à razão. Não *vais*.

E é então que o oiço. O toque de um telemóvel. Do *meu* telemóvel.

– Monica? – Parece tão confuso que me apetece correr para ele e abraçá-lo. – Por que razão estão a bolsa e o telemóvel da Abby ainda aqui?

– Hã... – Sustenho a respiração, esperando para ouvir o que ela vai dizer. – Estava em tão mau estado, Sam... que deixou simplesmente tudo para trás.

– Até o *telemóvel*?

– Aparentemente...

– Desculpa – começa o meu marido –, mas, se sei algo sobre a Abby, é que *jamaiz* sairia de casa sem o telemóvel. Onde está ela, Monica?

– Já te disse: não sei!

– Abby! – Está agora aos gritos. – Abby! Estás aqui?

Estou aqui! Estou aqui!

– Abby! – A sua voz soa agora mais alto. Vem em direção ao quarto. – Abby!
Onde estás?

– Sammy, ela não está aqui...

– Abby! – A porta do quarto está agora aberta. A sua voz soa muito mais alto. –
Abby!

Com todas as minhas forças, pontapeio a lateral da cama. O som faz o Sam calar-se. Oíço as molas da cama ranger. Passado um segundo, o peso dos cobertores ergue-se do meu corpo e o meu marido está a olhar para mim, com uma expressão de horror crescente no rosto.

– Abby – arqueja, dobrando-se sobre mim. – O que... o que se passa?

Chama a polícia!

Mas é demasiado tarde para isso. Demasiado tarde.

— **L**evanta-te, Sam.
 Não consigo ver a Monica, mas consigo imaginar o seu aspeto. A barriga saliente sob o seu marcante vestido vermelho, o cabelo preto a cair-lhe solto à volta do rosto, os olhos a faiscar. A arma apontada ao rosto do meu marido.

— Monica. — A voz sai-lhe rouca. — O que estás a fazer?

— Mandei-te *levantar*.

O seu rosto desaparece de vista. Ergo a cabeça, apenas o suficiente para o ver parado, com as mãos no ar. Consigo mexer-me um pouco se me retorcer, mas não muito. Desvio-me para o lado, de modo a que a aresta do radiador deixe de me cortar o antebraço. Estúpido radiador. É tão afiado que podia cortar...

Oh, meu Deus, poderá cortar a fita isoladora?

— És inacreditável, Sam. — A voz da rapariga está cheia de veneno. — Eis-me aqui, a oferecer-te *tudo*, e tudo o que queres é *ela*.

— Mas é a minha *mulher* — insiste o Sam. E di-lo de forma tão simples, como se o casamento selasse um vínculo eterno do qual já não há regresso. Ao ouvi-lo dizer aquelas palavras, não compreendo como pude alguma vez duvidar da sua fidelidade. É isso que o meu marido é: eternamente fiel.

— Mas não te pode dar nada do que queres! — A miúda está agora praticamente aos gritos. — Não satisfaz nenhuma das tuas necessidades!

— Acredita, Monica. Satisfaz as minhas necessidades, sim.

Volto a retorcer-me, movendo o corpo para cima até a aresta afiada do radiador ficar encostada ao meu pulso. É difícil, tendo em conta que tenho os pulsos e os tornozelos amarrados, e, além disso, os comprimidos para dormir começam a fazer efeito. É um esforço manter os olhos abertos e, como se isso não bastasse, o meu corpo parece muito pesado.

Dolorosamente pesado.

— Mas eu posso dar-te mais — insiste a rapariga. — Estou pronta para te dar isso.

O meu marido baixa um pouco a voz:

— Já falámos disto na outra noite, Monica, no teu apartamento. Disse-te que *não*.

Já nem me consigo focar no que dizem, porque os meus pulsos estabeleceram contacto com o radiador. Se algo sei sobre a fita isoladora do trabalho é que é uma

porcaria barata. Se conseguir pô-la no ângulo certo...

– Não estou a falar da outra noite, Sam. – E então a sua voz suaviza-se. – Estou a falar de há três anos. Na universidade.

– Na universidade?

– Estava na tua turma de Álgebra linear – revela. – Ia a todas as tuas horas de atendimento.

– Oh.

Não se lembra dela. Nem lhe estou a olhar para o rosto, contudo, oiço-lho na voz.

– Tinha o cabelo louro – continua. – Pinteí-o quando vi aquela fotografia da Abby que tens no teu gabinete. Ia lá todas as semanas. Disseste que achavas que era muito promissora.

– Eu... de certeza que estava a falar a sério, mas...

– E tomámos café daquela vez, depois das aulas – acrescenta, com a sua voz a aumentar de volume. – No *Starbucks*. Pagaste-me um *cappuccino*.

O Sam tosse alto.

– Tu e eu... tomámos café juntos? *Sozinhos*?

Ela hesita.

– Bem... não estávamos propriamente *sozinhos*. Estava com duas outras alunas e tu... ofereceste-nos o café a todas. Seja como for, passaste o tempo todo sem conseguir tirar os olhos de mim.

– Eu... não sei se...

– E, então, um dia – prossegue, sem esperar pela resposta –, quando estávamos sozinhos durante a tua hora de atendimento, tentei beijar-te e tu... – A sua voz sai tensa de emoção. – Afastaste-te imediatamente. Como se me estivesses a *evitar*.

O meu marido fica calado.

Quando volta a falar, a Monica parece furiosa.

– A sério que não te lembras de *nada* disso?

– Bem... hã... esse tipo de coisa... a modos que acontece... muito.

– E nunca te sentes sequer *tentado*?

Ele resfolega.

– É claro que não. Sou *casado*.

O meu marido merece uma medalha. Era capaz de me levantar de um salto para lhe dar um abraço, se não fosse o facto de estar completamente imobilizada.

Mas então sinto a fita rasgar-se sob a aresta afiada do radiador. E, um segundo depois, os meus pulsos estão livres! Posso novamente mexer os braços! As minhas pernas continuam imobilizadas, mas é meio caminho andado, desde que a Monica mantenha os olhos fixos no Sam e não em mim. E desde que não adormeça, o que, neste momento, se começa a tornar uma clara possibilidade.

– Sam. – O seu tom suaviza-se. – Não é tarde demais para nós. Olha para mim. Vou ter o teu bebé. E dá para perceber que te sentes atraído por mim.

– Monica, vá lá...

Cerro os dentes. Matava-o fingir que está interessado nela por alguns minutos, só até lhe podermos tirar a arma? As pessoas passam a vida a fazer isso nos filmes, e parece resultar, pelo menos às vezes. Só preciso de mais um minuto. Mais um minuto para libertar os tornozelos.

– Nem terias de fazer nada – insiste a rapariga. – A Abby já tomou um frasco inteiro de comprimidos para dormir, portanto, provavelmente, já está inconsciente.

Não, não estou. Estou a soltar os meus malditos tornozelos. Ainda que a verdade seja que, se não tivesse um monte de adrenalina a circular-me pelo corpo neste momento, já estaria inconsciente, certamente.

– Um frasco de comprimidos para dormir? – arqueja o Sam. – Tu... envenenaste-a? Abby...

– É pelo melhor – diz. – Não vês? Não é a mulher certa para ti. Seria tão fácil deixá-la ir...

– Jesus Cristo...

– Sabes que é o mais certo a fazer, Sam. Já não tens de te sentir culpado. Fiz a parte mais difícil.

E agora os meus tornozelos estão livres. Só que isso não me ajuda tanto quanto seria de esperar. Estou entalada neste espacinho minúsculo e meio adormecida por causa do frasco de comprimidos, por isso não sei como vou saltar daqui e dominar alguém. Não creio que possa.

– Monica. – O tom do meu marido é calmo, contudo, conheço-o suficientemente bem para ouvir o pânico subjacente. – Temos de levar a Abby para um hospital. Juro que vamos arranjar maneira de te ajudar com... bem, tudo. Mas, por favor, Monica. Não... – E agora falha-lhe a voz. – Por favor, deixa-me levá-la para um hospital.

– Céus. – A voz da rapariga está cheia de repulsa. – És patético. Mesmo quando algo um milhão de vezes melhor te aparece à frente, não o queres. A minha mãe estava completamente enganada a teu respeito. – Resfolega. – Bem, é pena que não importe. É demasiado tarde para ela. Para os dois.

Em todo o tempo desde que conheço o Sam, nunca o tinha visto dar um soco. Correção: nunca tínhamos estado numa situação em que ele esmurrar alguém fizesse o menor sentido. Não é um bêbedo que se envolve em lutas de bar. Sim, está em boa forma física, graças àquela inscrição no ginásio para baixar o prémio do seguro, no entanto, não anda por aí a esmurrar pessoas.

Seja como for, consigo sentar-me mesmo a tempo de o ver atirar-se à Monica.

No momento em que o faz, a arma dispara, o tiro a ecoar pelo apartamento. Uau, tão alto. Não sei se foi ou não atingido, contudo, tem a mão esquerda a agarrar-lhe o

pulso direito e ela está aos gritos. Tarda alguns segundos, mas, entre a sua força muito superior e o perímetro abdominal dela, consegue fazê-la cair ao chão.

Mas ainda tem a maldita arma.

Consigo endireitar-me, embora exija todas as minhas forças. Sinto-me como se estivesse a atravessar lama. Não sei como vou conseguir fazer o que quer que seja para ajudar o Sam. E, mal fico de pé, vejo o sangue no chão. Muito sangue, na verdade. Além disso, vejo a mancha carmesim a alastrar pela camisa do meu marido.

E é então que vejo a porta do nosso roupeiro entreabrir-se.

A Gertie.

Horrorizada, vejo-a arriscar-se a sair e a ver todo o sangue no chão. Provavelmente, não faz ideia de que é todo do Sam. Vejo o pânico crescer-lhe no rosto. Vai tentar tirar o meu marido de cima da filha. Se se envolver, serão duas contra um. E a Monica ainda tem a arma firmemente apertada na sua mão direita.

Não me interessa que só reste um resquício de força no meu corpo. Não posso deixar que aquelas duas vençam. Tenho de acabar com isto.

Mexe-te, Abby. Mexe-te!

O meu corpo obedece-me. Relutantemente, de início, mas, depois, lanço-me pelo quarto em direção à Gertie. Sinto que já nem controlo inteiramente os meus braços e pernas, mas, contra todas as probabilidades, fazem o que eu quero. Atiro-me à Gertie, empurrando-a contra a parede. E, mesmo antes de o fazer, os meus olhos cruzam-se com os da Monica por uma fração de segundo e ela ergue a arma que tem na mão...

O som de um disparo ecoa pelo quarto pela segunda vez. O meu coração palpita enquanto o mesmo carmesim na camisa do Sam jorra de um buraco na têmpora esquerda da mulher. Os seus lábios formam um «oh» chocado, dois segundos antes de cair ao chão.

– Mãe! – grita a Monica.

O meu marido, sobressaltado pelo tiro, deixa-a, de algum modo, sair de debaixo dele. Em silêncio, vemo-la correr para junto da Gertie o mais rápido que pode, dado o peso que carrega. Baixa-se junto à mãe, com lágrimas a brotar-lhe nos olhos.

– Mãezinha...

O Sam parece chocado. Está mais pálido do que alguma vez o vi. Ergue a mão esquerda para tocar na testa, a tremer violentamente. Tem a manga da camisa encharcada em sangue.

– Com um caraças – murmura.

– Sam – consigo dizer.

Sinto a cabeça à roda e, passados segundos, desabo no chão como uma boneca de trapos. Estou tão fora de mim que nem me apercebo do que está a acontecer até estar no chão. Não vou conseguir manter os olhos abertos por muito mais tempo.

– Abby? – Num meio gatinhar, o meu marido arrasta-se pelo quarto até mim. Pega-me na mão suada. – Estás acordada.

– Sim – respondo. – Por pouco.

– Aguenta-te aí – diz. – Vamos levar-te para o hospital. – Afasta-me alguns fios de cabelo suados do rosto. Está branco como um lençol. Pergunto-me quanto sangue terá perdido. – Prometo. Tenho só de ir à sala de estar buscar o meu telemóvel. Está bem?

– Não me deixes sozinha – sussurro.

– Será só por meio minuto. Volto já.

– Não. – A voz da Monica interrompe-nos. – Não voltas.

Uso as minhas últimas forças para erguer o olhar para a miúda. Os seus olhos húmidos e vermelhos fitam-nos com um olhar fulminante. A arma – ainda tem a arma. Tinha-me esquecido por completo dela. Já não consigo raciocinar. Estou tão cansada. Estou tão, tão cansada...

– Está morta – silva-nos. – A minha mãe está morta.

– Foste tu que a alvejaste – salienta o Sam.

– Estava a apontar para *ela*. – Os olhos da Monica são como punhais enquanto ergue a arma. – E, desta vez, não vou falhar.

O meu marido arregala os olhos ao ver o que ela está a fazer. Sinceramente, não sei como alguma vez duvidei da sua lealdade a mim, porque a primeira coisa que faz é atirar-se para a minha frente, de modo a que, se a Monica disparar realmente uma bala, tenha de o atravessar primeiro. Quero dizer-lhe que não se sacrifique por mim, mas não consigo. Os meus olhos estão a fechar-se – formar palavras exigiria demasiado esforço.

– Terás de me matar primeiro – diz-lhe.

– Não sejas estúpido, Sam.

Ele não diz nada, mas sinto a sua mão apertar a minha.

– É mesmo isso que vais escolher? – pergunta, incrédula. – *Ela*?

– Isso mesmo – responde. – Escolho a Abby.

O meu herói.

Vou morrer a saber o quanto o meu marido me ama. Isso vale alguma coisa.

As minhas pálpebras pesam demasiado para as manter abertas. Oíço o estalido da arma a ser armada, e, depois, a explosão de um terceiro disparo.

A cordo num quarto branco.
De início, penso que é possível que tenha morrido e esteja no céu. Mas não, o céu não seria assim. No céu, não haveria tantas rachas no teto. Nem haveria um estrondoso ar condicionado junto à minha cama. E, provavelmente, também não teria um cateter no braço.

Acho que devo estar num hospital.

Tento engolir, contudo, é difícil fazê-lo com a garganta tão ressequida. A última coisa de que me lembro é do tiro. A Monica tinha a arma e premiu o gatilho. Disparou contra o Sam.

Oh, não...

Deve estar morto. Alvejou-o a custa distância.

Só que, se a Monica matou o Sam, como cheguei eu ao hospital? *Ela* não teria certamente chamado uma ambulância.

Oiço um gemido e olho para a direita, o que desperta uma dor latejante na minha têmpora. Está uma poltrona reclinável azul junto à cama e, deitado nela, coberto por uma manta leve, está o meu marido, a dormir. Murmura algo enquanto dorme e muda de posição, tentando pôr-se confortável.

Está vivo.

Oh, meu Deus, está *vivo*. E não está ligado às máquinas. Está suficientemente bem para estar a dormir no *meu* quarto de hospital.

– Sam – sussurro. Ele agita-se, mas não abre os olhos. – Sam!

Desta vez, os seus olhos castanhos abrem-se de repente. Endireita-se na poltrona, com um sorriso a alastrar-lhe pelo rosto.

– Estás acordada.

– Sim – assinto. – Estou acordada.

Estende o braço e pega-me na mão. A sua está quente e é reconfortante, o que me deixa inibida com o quanto a minha parece suada.

– Graças a Deus que estás bem. Estava tão preocupado, Abby...

Esfrego os olhos com o braço que não tem um cateter.

– O que aconteceu?

– Do que te lembras?

Olho para o seu braço esquerdo, que parece mais ou menos intacto.

– Levaste um tiro.

– Oh, isso? – Solta a mão da minha para esfregar o braço. Estremece. – Foi uma ferida superficial. Ligaram-me nas Urgências. Estou bem.

– Mas a Monica... – Mordo o lábio. – Estava a apontar-te a arma. Ia alvejar-te outra vez.

O meu marido solta um longo suspiro e baixa a cabeça.

– Não me alvejou. Ela...

Franzo-lhe o sobrolho.

– O quê?

– Alvejou-se a ela.

Fico boquiaberta.

– Alvejou-se a *ela*?

Ele olha para as mãos.

– Pensava que ia disparar contra mim. Pensava que me ia *matar*. Julguei que era o fim. Mas então... virou a arma contra ela. Pô-la debaixo do queixo e premiu o gatilho. Suponho que, quando percebeu que a mãe estava morta, simplesmente... sei lá... passou-se.

Apesar de tudo o que a Gertie me fez, sinto uma pontada de tristeza pela sua morte. Trabalhou comigo durante anos – só a conhecia como sendo uma velhota querida. Tenho de acreditar que não pode ter sido tudo uma farsa. Vou ter saudades do seu sorriso e das suas bolachas.

Não tenho assim tanta certeza de que tenha sido a morte da Gertie a razão pela qual a Monica se alvejou, ainda assim. Vi a expressão no seu rosto quando o Sam me tentou proteger. Estava devastada por causa da mãe, no entanto, não foi isso que a empurrou para lá do limite. Alvejou-se porque sabia que eu tinha vencido.

– Preciso que saibas – diz o meu marido, baixinho – que nunca aconteceu nada entre mim e a Monica. *Nada*. Nunca lhe toquei. Juro.

– Eu acredito em ti.

Os seus ombros descaem.

– Acreditas?

– É claro que sim.

Passa uma mão pelo cabelo.

– Bem, então és a única. A polícia olhou para mim como se eu fosse um monte de merda, a tua mãe ameaçou tirar-me «tudo o que tenho», seja o que for que isso signifique, porque não tenho nada, e a madrastra da Monica até me deu uma bofetada. Aparentemente, ninguém acha plausível que não tenha dormido com ela. – Abana a cabeça. – É realmente assim tão absurdo que não queira trair a minha mulher?

Consigo esboçar um sorriso.

– Parece que sim.

– Tramou-me mesmo. Disse a toda a gente que eu era o namorado ou o marido. Não fazia ideia. Sinto-me um idiota por ter deixado que isso acontecesse.

– Bem – começo –, era bastante boa a manipular as pessoas. E tu não querias avançar com nada daquilo. Eu é que te convenci.

– Eu sei, mas...

Estendo-lhe a mão, que volta a tomá-la na sua.

– Ouvi tudo o que disseste à Monica no nosso quarto. Sei que não andavas a dormir com ela. E... – Engulo em seco, sentindo um ardor na minha garganta ressequida. – Sei que saltaste para a minha frente para impedir que me alvejasse. O meu marido baixa a cabeça, apertando-me os dedos.

– Significas tudo para mim, Abby. Se algo te acontecesse...

– Pois – digo. – Sei o que queres dizer. – Foi a ideia de perder o Sam que me moveu a atirar-me para a frente da Gertie no nosso quarto.

Ele muda de posição na poltrona.

– E desculpa por não ter acreditado em ti quanto às drogas. Devia ter sabido que jamais farias algo assim.

Assinto, apesar de a dor continuar lá. Oxalá tivesse acreditado em mim.

– Nunca achei que tivesses matado a Denise – continua. – A sério. Não sabia que raio se passava, mas não acreditava nisso. – Abana a cabeça. – Foi a Monica que me disse para te comprar aquele abre-cartas, sabias? Cruzei-me com ela, num dia em que te fui buscar ao escritório, e pedi-lhe ideias para um presente de aniversário de casamento. Não posso acreditar que já andava a planear isto na altura...

– Ela e a Gertie andavam a planear isto há *anos*...

Sinto-me doente ao pensar nisso. Enquanto eu achava que a Gertie era uma velhota querida a dar o seu melhor, o que ela passou todos esses anos a fazer foi apenas procurar um marido para a filha. Soube desde cedo que eu e o Sam andávamos a ter problemas de fertilidade, e sabia o quanto eu queria um bebé. Tencionava tirar-me do caminho e ficar com o meu dinheiro e o meu marido para a filha.

E ocorre-me então um pensamento. Tinha o cérebro tão enevoado quando acordei que nem pensei nisso.

– Sam, o bebé... – Sinto-me como se estivesse a sufocar. – O bebé está... morto?

Um fantasma de um sorriso toca-lhe os lábios.

– Não, conseguiram fazer o parto em segurança. Está nos Cuidados Intensivos Neonatais. A evoluir bem.

– Oh.

Suspiro, imaginando o nosso bebezinho ligado a monitores numa incubadora. Sonhei tanto tempo com este bebé. Já o amo um pouco, apesar de nunca o ter visto sequer. Mas depois do que a Monica nos fez...

– Não faz mal – diz o Sam, de repente.

– Não faz mal o quê?

Os seus olhos castanhos estão tristes.

– Se não o quiseres... eu percebo.

– Sam...

– Não, a sério – insiste. – Depois de tudo o que aconteceu, compreenderia se... bem, tu sabes. Enfim, arranharemos alguma solução.

Tento endireitar-me na cama, contudo, a minha cabeça começa a latejar. Volto a deitar-me, sabendo que vou ficar pelo menos mais um dia acorrentada a esta cama.

– Tu queres ficar com ele?

– É claro que quero.

É claro que quer.

Por um momento, fica calado. Quando volta a falar, é com um laivo de entusiasmo na voz:

– Queres ver uma foto?

Anuo.

O Sam pega no telemóvel e, em segundos, abre a imagem no ecrã. Ergue o aparelho para mim e eu semicerro os olhos ao bebé recém-nascido no ecrã.

É minúsculo. Dolorosamente minúsculo, indefeso e adorável, como o recém-nascido com o qual sempre sonhei. Tem uma cânula de oxigénio no narizinho e um gorro e uma camisola brancos muito pequenos, mas que não deixam de lhe ficar impossivelmente grandes. Consigo distinguir cinco dedinhos perfeitos na sua mão esquerda.

– É parecido contigo – digo ao meu marido.

Sempre achei ridículo quando as pessoas diziam que os bebés eram parecidos com adultos. Todos os bebés parecem velhotes em miniatura. (Já o inverso não se aplica – os velhotes não parecem bebés.) No entanto, na verdade, este bebé é mesmo parecido com o Sam. Há semelhanças no nariz e nos lábios.

– Também achei. – Sorri-me. – Deixaram-me pegar-lhe esta manhã. Só por um minuto, mas foi...

Vira a cabeça. Está a tentar não ficar demasiado entusiasmado. A mãe desta criança tentou matar-nos aos dois, afinal. Mas a verdade é que só há uma coisa certa a fazer.

– Eu também o quero – anuncio.

Os olhos do meu marido iluminam-se.

– Sim?

– É claro que sim. É adorável, é lindo e é parecido contigo.

Não digo a última coisa que estou a pensar: *E não tem mãe.*

– Assim que te sentires melhor – diz o Sam –, tens de vir comigo vê-lo. Está bem?

Não consigo conter um sorriso.

– Está bem.

– Além disso... – Pisca-me o olho. – Temos de pensar num nome.

É verdade. Vamos escolher um nome para este bebé que é agora nosso – vamos levá-lo para casa, algo que ainda há poucos dias parecia um sonho impossível.

– Estou tão feliz por termos finalmente o nosso filho. – Suspiro.

Ele assente.

– Sei o que queres dizer.

– É o que queríamos há tanto tempo.

– Sim...

– É só que... é difícil saber que só vamos ficar com ele porque a mãe dele está morta.

O meu marido fica calado. Tem uma expressão estranha no rosto que me deixa inquieta.

– O que foi? – acabo por lhe perguntar.

Esfrega a parte de trás do pescoço.

– Eu nunca disse que a Monica estava morta.

Epílogo

UM ANO DEPOIS

O David está a aprender a andar. Eu sei – não queria que se chamasse «David», contudo, o Sam insistiu muito no nome – afinal, era o nome do pai. No entanto, não fala da falta que sentiu do pai depois de um ataque cardíaco o ter arrancado à família; ainda assim, era muito importante para ele dar ao filho o nome daquele homem. E o nome pretende também, em parte, honrar a Denise, que fez de mim a mulher que sou hoje.

E agora o David tem um ano e está a apoiar-se na mesa de centro para dar os seus primeiros cautelosos passos em direção ao abismo da nossa sala de estar. É cauteloso e sério – como o pai. É também doce como o pai. Em muitos aspetos, o David é um clone do Sam.

Adoro-o. Amo-o mais do que julgava ser possível amar outro ser humano. Amava os meus pais e o meu marido, claro, mas isto é diferente. Passo horas a admirar as suas mãozinhas perfeitas. Quando o abraço, sinto que não há força que chegue para o apertar. Quando me custa a dormir à noite, basta ir ao seu quarto e olhar para o seu doce rostinho adormecido, ouvir a sua respiração profunda e regular, e toda a tensão se esvai do meu corpo.

Este menino mudou a minha vida.

O Sam entra na sala de estar com um recipiente de plástico de comida para bebés. Depois de tanto me ouvir queixar de como a comida para bebés tinha um sabor horrível, decidi fazer a sua. E, acreditem ou não, ainda que nem para salvar a vida fosse capaz de fazer comida para adultos, as refeiçãozinhas que faz para o David são absolutamente deliciosas. Até eu acho isso. É como se tivesse um talento. Disse-lhe que tinha de criar a sua própria empresa, no entanto, diz que se vai cingir à matemática.

O David também adora a comida. Mal avista o recipiente, as suas bochechinhas gorduchas distendem-se num sorriso. Esse sorriso toca-me sempre o coração.

O meu marido despenteia-lhe afetuosamente o cabelo antes de o içar para a sua cadeira alta. Aí está algo em que o David não se parece com nenhum de nós – tem cabelo louro. O Sam alega que era louro em pequeno, contudo, vi fotos e sei que está

a mentir. O seu cabelo era de um castanho mais claro do que agora, mas não era dourado como o do David. Esse cabelo é todo da Monica.

Graças ao meu filho, não há um dia em que eu não pense nessa rapariga. Não há um dia em que não lhe procure no rosto vestígios das suas feições. Nunca pararei de observar o seu comportamento, perguntando-me se acabará por sair louco, como ela.

Tive sorte porque, quando a polícia revistou o apartamento da Monica depois de ela se ter alvejado, encontrou numerosas provas que a ligavam, bem como à mãe, ao homicídio da Denise Holt. Descobriram também que andava a roubar dinheiro da empresa – algo que temo que me teria sido imputado, se as coisas tivessem corrido de outra forma naquele dia fatídico. Era seguramente por isso que queriam encerrar o assunto de forma limpa, dando a ideia de que me tinha suicidado – sabiam que, se a rapariga alguma vez fosse investigada, a verdade viria ao de cima.

Descobrimos ainda que, antes de se oferecer para ser minha barriga de aluguer, a Monica tinha entrado em contacto com a Janelle para a convencer de que nós os dois não seríamos pais apropriados. Foi ela a responsável por nos tirar o bebé que devia ter sido nosso.

Além disso, ainda está viva.

– Nham, nham – diz o Sam, estendendo a pequena colher de plástico ao David. – Puré de peru saboroso.

O menino devora-o como se fosse lagosta escalfada. E, para ser sincera, é bastante bom. Provo tudo o que o meu marido faz, pois ainda há uma parte de mim que não confia nele depois da Salmonelose Surpresa, no entanto, é tudo ótimo.

– Nham, nham – balbucia o David.

O Sam ri-se. É tão bom com o filho. Adora-o mais do que poderia imaginar. E o David adora o Sam. Às vezes, entristece-me que tenhamos tido de esperar tanto tempo por isto. E ainda estaríamos à espera, se não fosse pela Monica.

Portanto, sim, essa maluca ainda está viva.

Viva, mas em estado vegetativo. Da última vez que a vi, estava deitada numa cama de hospital, a respirar com a ajuda de um ventilador, com a baba a escorrer-lhe pela lateral do queixo. Tinha o couro cabeludo atravessado por agafos. Lesão cerebral grave, disseram. Com poucas probabilidades de recuperação significativa.

Soube recentemente que lhe tiraram o ventilador, pelo menos, mas continua a não comer, falar ou andar. Não sabe o que se passa à sua volta. Continua em estado vegetativo. Ao fim de um ano, seria considerado permanente.

O Sam acaba de dar o recipiente de comida para bebés ao David, que a espalhou por todo o lado. Tem comida para bebés no babete, mas também nos bracinhos gorduchos, no cabelo, nas bochechas e uma gota na pálpebra.

– Como fica sempre tão sujo? – interrogo-me.

– Sai a ti.

– Oh, a sério?

– Sim – assente o meu marido, de olhos arregalados. – Estou sempre a tirar-te comida do cabelo depois de jantares. Sinceramente, é tão chato, Abby.

Dou-lhe uma palmada no braço e ele sorri-me. Toda a gente diz que ter um bebé mata a vida sexual a uma pessoa e... bem, não posso dizer que sejamos tão intensos como dantes. Estamos ambos muito mais cansados do que costumávamos – o David não tem o melhor sono do mundo. No entanto, ao mesmo tempo, continuamos a arranjar tempo um para o outro. Temos saídas à noite regulares. Continuamos a dar uns amassos no sofá enquanto o menino dorme no berço. Houve alturas em que ter um bebé exigente trouxe tensão à nossa relação, mas, mais do que tudo, completou a nossa família.

– Queres que lhe dê banho? – pergunto.

O meu marido abana a cabeça.

– Não, eu trato disso. – Vira-se para o David. – Pronto para um banho, grandalhão? O que me dizes?

O bebé ergue os braços, entusiasmado.

– Ba!

Este miúdo adora tanto banhos como a comida para bebés do pai.

O Sam ergue-o da cadeira alta, esforçando-se ao máximo para limpar alguma da comida para bebés, contudo, é um caso perdido. Desaparecem os dois pelo corredor rumo à nossa casa de banho. Não consigo evitar um sorriso. Tecnicamente, talvez o David tenha os genes da Monica, mas mal vejo traços dela nele, tirando o cabelo. É todo Sam, para já.

Enquanto me dedico a limpar o desastre que o pequenote deixou na cadeira alta, o intercomunicador toca, alertando-me de que há uma visita no rés do chão. Dirijo-me rapidamente ao lava-loiça para lavar o puré de peru dos dedos antes de premir o botão na parede para ver quem lá está.

– Senhora Adler? – A voz metálica do porteiro emerge do intercomunicador. – Tem aqui uma visita para si. É a Louise Johnson.

A Louise Johnson. A madrastra da Monica.

O que faz *ela* aqui?

– Mande-a subir – digo, antes que possa pensar demasiado.

Falei com a Louise Johnson uma mão-cheia de vezes desde que a Monica se alvejou. Ela e o pai da rapariga aceitaram levá-la para casa quando se tornou evidente que não ia melhorar. Surpreende-me que o tenham feito, depois de tudo o que os fez passar quando era mais nova. Pareceram ser pessoas simpáticas e, contra o meu parecer, o Sam ofereceu-se para os deixar visitar o David de tempos a tempos. Mas a Sra. Johnson disse-me, em tom amável, mas firme, que não estavam interessados. Fiquei aliviada.

Pergunto-me o que quererá. Pergunto-me se a Monica está bem.

E se acordou? E se abriu os olhos, se sentou na cama e exigiu ver o filho?

Bem, isso é muito improvável. Disseram-me que a rapariga nunca iria acordar. «Impossível», disseram os médicos.

Mas nunca se sabe...

Quando a Louise Johnson toca à nossa campainha, estou num estado de absoluto pânico. Abro a porta e encontro o seu rosto familiar, com vários cabelos grisalhos a mais do que antes e rugas profundas entre as sobrancelhas. Deve ser difícil cuidar da Monica.

– Olá, senhora Johnson – digo, com toda a calma que consigo invocar.

– Olá, senhora Adler – responde.

Aparentemente, não temos familiaridade para primeiros nomes.

– Como está? – pergunto rigidamente.

– Bem, obrigada. – Consegue esboçar o mais ténue dos sorrisos. – E a senhora?

– Estou bem. – Engulo o nó que tenho na garganta. – Como está, hã... como está a Monica?

– Na mesma. – Desvia o olhar. – Sem alterações.

É horrível que o meu primeiro pensamento seja «Graças a Deus»? Sou uma pessoa terrível por não querer que a mulher que quase matou toda a minha família volte a andar por aí? É um alívio que a Monica Johnson seja algo com a qual já não temos de nos preocupar.

Mas então a mulher acrescenta:

– Exceto...

O meu coração falha-me um batimento no peito. Exceto? Exceto *o quê?* A Monica está em estado vegetativo. Disseram-nos que era permanente. Que nunca iria acordar. Está «como se estivesse morta», disseram os médicos. *Exceto o quê?*

Pigarreio.

– Exceto o quê?

– Oh. – A minha pergunta parece surpreendê-la. Abana a cabeça. – Nada. Esqueça.

Nada? *Esqueça?* Apetece-me abanar a mulher até me contar exatamente o que queria dizer com «exceto», contudo, de alguma forma, consigo controlar-me antes que faça alguma estupidez.

– Então, escute... – A Sra. Johnson olha para o chão e começa a remexer na bolsa. Retraio-me, lembrando-me de como a Monica tirou uma arma da bolsa da última vez que estive aqui. Seja como for, esta mulher não é assim. Não tenho nada com que me preocupar. Ainda que só relaxe quando ela tira um pequeno e gasto cobertor amarelo de dentro da bolsa. – Estava a vasculhar algumas caixas velhas no fundo do

roupeiro ontem e encontrei... bem, encontrei lá isto. Era... costumava ser da Monica.

Olho para o cobertor como se me tivesse dito que está coberto de sarna.

– Era o cobertor favorito dela em pequena. – Suspira. – Mesmo em adolescente, costumava mantê-lo na cama. Significava... muito para ela.

– Oh – digo, porque, por amor de Deus, o que mais posso dizer a isso?

– Olhe, Abby. – A Sra. Johnson ergue os olhos ao encontro dos meus. – Sei como se deve sentir em relação à Monica. Eu... passei por muitas das mesmas emoções. Seja como for, deu-lhe a maior dádiva que se pode dar a alguém.

Não discordo dela.

– Sei que a Monica queria que o filho tivesse este cobertor. – Olha para o tecido amarelo gasto e ergue-os de novo para mim. – Obviamente, a decisão é sua, no entanto, espero que lho dê. Para que tenha pelo menos uma pequena parte da mãe biológica com ele.

Já tem o sangue dela a correr-lhe nas veias! Não basta que, de cada vez que olho para o meu filho, esteja à procura de traços daquela mulher perversa? Amo muito o David, mas nunca poderei apagar o facto de que metade dos seus genes são *dela*.

Quando a Sra. Johnson estende o cobertor na minha direção, pego-lhe, apesar de todos os meus pensamentos. Não vale a pena discutir. Vou deixá-la acreditar que vou dar o cobertor ao David, se isso lhe dá paz. Seja como for, o único sítio para onde este cobertor vai é para o caixote do lixo.

Quando estou mesmo a fechar a porta atrás de mim e a pôr a trava, o Sam aparece com o bebé, que está agora impecavelmente limpo e embrulhado numa toalha verde. O meu marido traz-mo sempre depois dos banhos, pois sabe como acho que fica giro quando está assim, todo embrulhado. O menino sorri-me, mostrando os seis dentinhos minúsculos.

– Quem estava à porta? – pergunta o Sam.

– A madrastra da Monica. – Estremeço ao dizer as palavras.

O rosto do meu marido empalidece no que estou certa de que é um reflexo do meu.

– Como está a Monica?

– Na mesma – respondo.

Exceto...

– Oh. – Os seus ombros descaem. – Isso é reconfortante.

– Além disso – acrescento –, trouxe-nos este cobertor que costumava ser da Monica.

Ergo o cobertor para o nariz e recuo a cabeça ante o cheiro. O perfume de lavanda da rapariga agarra-se a ele, misturado com o ligeiro aroma a detergente para roupa. Como se eu precisasse de mais razões para odiar este cobertor.

– Cristo, para que achou ela que haveríamos de querer isso? – O Sam estremece também, abraçando o David com força contra o peito. – Livra-te dele. Já.

– *Cobetô* – diz o menino, apontando para o cobertor com uma mão gorducha.

– Isso mesmo – assinto. – É um cobertor asqueroso e vamos livrar-nos dele.

Viro-me para o deitar ao lixo, contudo, no momento em que a minha mão paira sobre o caixote, o David torce o rosto.

– *Cobetô!* – grita.

– Não, companheiro – diz pacientemente o pai. – Aquilo não é para ti.

– *Cobetô!* – Lágrimas escorrem pelo rosto do meu filho. Sacode de tal modo o corpo que o Sam tem dificuldade em segurá-lo. Está a ficar inconsolável rapidamente. – *Cobetô! Cobetô, mamã!*

Continuo com o cobertor apertado entre os dedos. Afasto-me do caixote do lixo e o rosto do David enche-se de alívio.

– *Cobetô* – implora-nos.

– Não lho dê – diz-me o meu marido. – Não o quero em minha casa.

O bebé tem a mão estendida, esforçando-se ao máximo para chegar ao cobertor. Nem com o camião de brincar que recebeu no seu primeiro aniversário ficou assim tão empolgado (ainda que, em boa justiça, tenha gostado muito mais da caixa que o trazia). Está mesmo perturbado. Tudo isto por causa de um *cobertor*?

– Vou deixá-lo ficar com ele, só por agora – acabo por dizer.

– Abby, não...

– Em menos de um dia, perderá o interesse por ele – acrescento. – Garanto-te.

O meu marido abana a cabeça, no entanto, é difícil para mim dizer que não ao David quando se põe assim. É o meu único filho e estrago-o com mimos. Assim, em vez de o deitar fora, estendo-lhe o cobertor amarelo. Ele pega-lhe alegremente, enterrando o rosto no cheiro persistente do perfume da Monica.

FIM

AGRADECIMENTOS

Tendo em conta que a escrita parece ser um processo solitário, é espantosa a quantidade de pessoas de quem recebo ajuda antes de terminar um romance!

Gostaria de agradecer à minha mãe por ser a primeira pessoa a ler este livro e a primeira a dizer «Uau» depois de o ler. Às vezes, todos precisamos de um «Uau».

Obrigada à Kate pelos conselhos sobre o enredo e pela edição cuidadosa e brilhante. Estou muito agradecida à Catherine por me emprestar o seu conhecimento sobre o ramo da publicidade e pela ajuda com a delicada cena final. Obrigada à Rhona pelos conselhos perspicazes sobre a capa e ao Zack pelos conselhos de *marketing*. Obrigada à Jenna pela leitura *beta* e por me informar de que os *Christian Louboutin* estão agora mais na moda do que os *Jimmy Choo*. (Quem diria?) Obrigada à Jessica pelos seus comentários sempre amargamente sinceros ao longo dos anos. Obrigada às minhas outras leitoras *beta* mais recentes – Kate, Laura, Sarah e Liz – cujos conselhos e pensamentos foram incrivelmente úteis. Obrigada ao meu novo grupo de escrita pelos comentários fantásticos.

Além disso, às vezes também temos de agradecer a pessoas que não tiveram nada que ver com o processo de escrita. Por isso, obrigada ao meu marido por ser um matemático de bom coração e no qual pude basear o marido de bom coração, que é o meu protagonista. (Vamos todos presumir que apanhaste mononucleose daquela vez, por vias totalmente inocentes, como andar de monocarril.) E obrigada, desde já, ao meu pai por não se queixar de eu não o ter referido nos agradecimentos.

E obrigada a todos os meus leitores. São vocês a razão pela qual faço isto, por isso, por favor, continuem a ler!